



SOM EM MIM

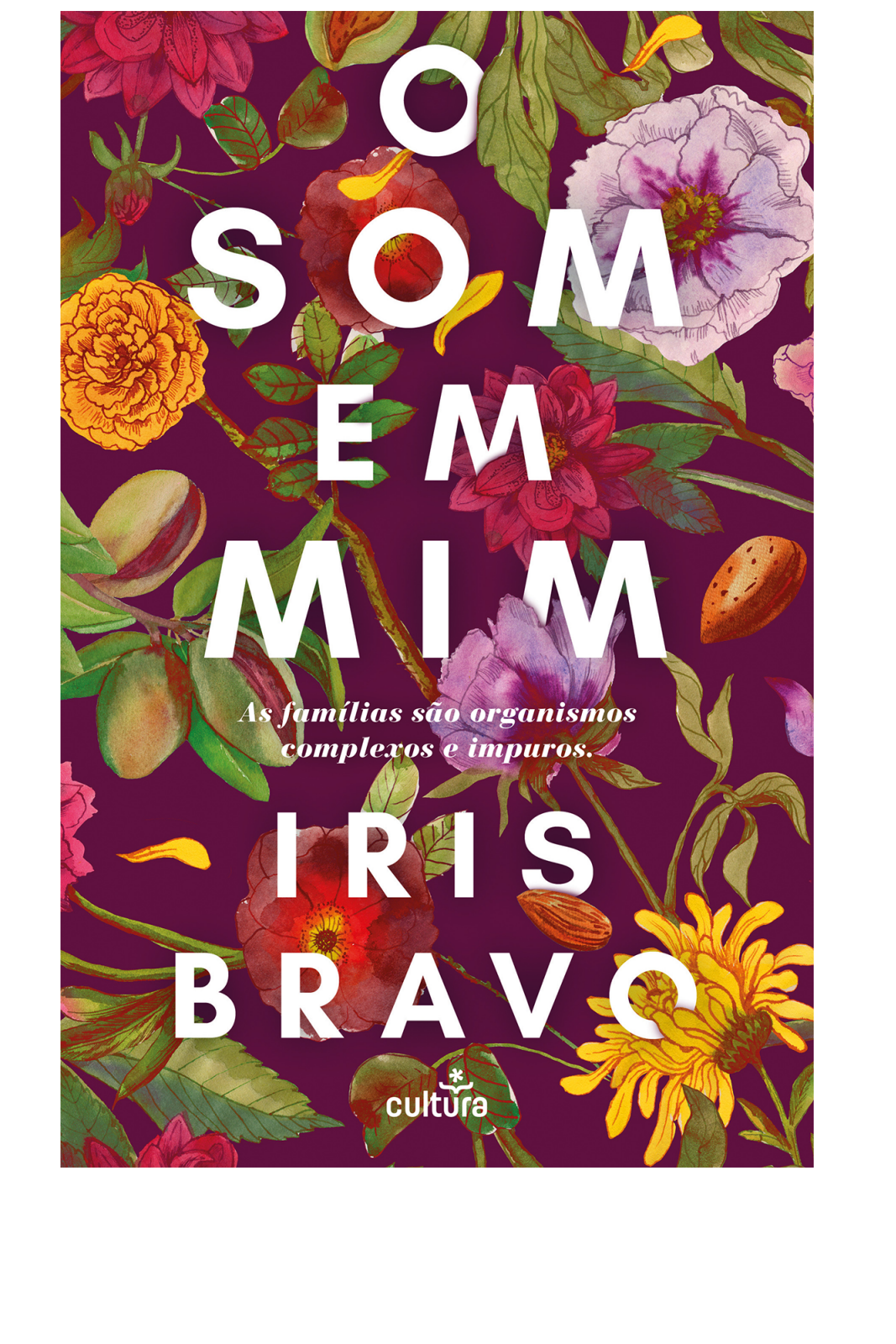
*As famílias são organismos
complexos e impuros.*

IRIS BRAVO


cultura

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SOM EM MIM

*As famílias são organismos
complexos e impuros.*

IRIS BRAVO


cultura

“

Queria-me de volta. As saudades do meu
eu de antes perfuravam-me a pele para sair.

O
S O M
E M
M I M

**O
S O M
E M
M I M**

**I R I S
B R A V O**

© Iris Bravo e Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título: *O Som em Mim*

Autoria: Iris Bravo

Revisão: Lugar Incomum

CAPA: Vera Braga

Imagem de Capa: © iStock, © Shutterstock

PAGINAÇÃO: Marta Pedroso

ISBN: 978-989-577-139-4

1.ª edição em papel: julho de 2024

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do editor.

Cultura Editora é uma chancela


infinito particular

Criatividade à medida

info@particular.pt | www.particular.pt

*Para os meus três amores,
Frederico, Filipe e Diogo.*

Descolagem

Braga, 23 de outubro de 2011

Dez e um quarto, a hora a que ele terminava o pequeno-almoço e saía de casa. Senti que um suor fino me humedecia a nuca enquanto caminhava até ao portão gradeado da Escola Secundária Sá de Miranda.

Cumprimentei a D. Palmira e perguntei-lhe pelo *Timon*, o seu minicaniche que ela tratava por filho. Era importante que ela se lembrasse de mim.

A Mariana apareceu logo a seguir, tinha a voz embargada ao despedir-se dela antes de atravessar o portão, mas a D. Palmira não reparou, atenta à conversa dos alunos mais velhos na escada.

A mão da minha irmã procurou a minha, trémula e também pegajosa.

— Tens a certeza?

Não tinha, mas não via outra saída.

— Claro que sim. Vai correr tudo bem. — Quase nada iria correr bem. — Confia em mim.

Para não dar azo a mais dúvidas ou perguntas que nos enfraquecessem, transformei a curta viagem de carro até à zona do Nogueiró numa verificação dos procedimentos feitos e dos que nos faltavam fazer. Dois pilotos a correr os passos da *checklist* de segurança antes da descolagem, prestes a levantar um avião com metade do combustível e sem um motor.

Confirmámos que o carro desportivo dele não estava, a Mariana abriu os portões que davam para o nosso jardim e avancei com a carrinha usada pela minha mãe.

A Ana também não estava. Depois de vinte anos a tempo inteiro, devido ao encurtamento do ordenado, fora encorajada a procurar outras casas e passara a vir apenas dois dias por semana.

Pedi à Mariana que começasse a encher o porta-bagagens com os sacos guardados na garagem, cheios de roupas «que iríamos doar numa feira de

caridade organizada pela minha universidade».

Quando vi a minha mãe, a taquicardia de ter subido a escada a passo de corrida agudizou-se numa dor fina que me penetrou nas costelas. Estava demasiado pálida e a cabeça apoiava-se de forma pouco natural nas almofadas.

Aquietei um pouco a minha angústia ao notar-lhe a pele quente e a respiração tranquila. Fiz-lhe uma festa no cabelo para a acordar, que não surtiu nenhum efeito. Fui aumentando o vigor com que lhe tocava na cara, até que abriu os olhos.

— Mãe, é hoje, mãe. Tens de te levantar, por favor.

Não sei se me ouviu. Fez um esgar de desconforto com a luz que acendi, virou-se para o outro lado e voltou a dormir.

Abri as persianas até cima e depois as janelas, na esperança de que descer a temperatura do quarto me facilitasse a tarefa de a reanimar.

Remexi a roupa que ainda sobrava no guarda-vestidos e escolhi umas calças e uma camisola larga que não foram para os sacos de supermercado que a Mariana devia estar a transportar. Destapei-a, passei-lhe as mãos por baixo das axilas e ajudei-a a sentar-se. Comecei a vesti-la, ao mesmo tempo que frisava, em contínuo, tanto para ela como para mim, a importância do dia, de sermos rápidas, de seguirmos o plano, de não hesitarmos nem perdermos tempo.

— Não sei se é boa ideia. Abandonarmos a nossa casa. Levar a Marianinha para longe da escola e dos amigos. Isto se calhar não foi bem pensado. Vai tu, Kika. Vai tu, filha.

Falava de forma tão lenta e entaramelada que eu não lhe reconheceria a voz se não a tivesse à minha frente, curvada e sonolenta, renitente às minhas súplicas para que me ajudasse a vestir-lhe as calças.

Despedaçou-me por dentro, mas obriguei-me a dizer-lhe as palavras que usaria como último recurso.

— A Cecília pediu-me para te dizer que, se não saíres daqui hoje connosco, vais sair num daqueles sacos pretos em que se levam os cadáveres para a morgue. E quando isso acontecer, ela não só vai faltar ao teu funeral, como ainda vai contar à Mariana que foi por tua culpa que morreste.

Cobriu a cara com uma mão e pensei que fosse começar a chorar, mas, em vez disso, encheu os pulmões com golfadas lentas, como que a estimular os músculos respiratórios atordoados.

— Preciso de tomar banho, e não sei se consigo andar...

O banho não era importante, só caminhar, um pé atrás do outro depois dos

sapatos calçados. Descemos a escada num passo moroso e periclitante, o meu braço a rodear-lhe a cintura e a sua mão no meu ombro, até chegarmos até ao carro.

Quando a sentei, respirei fundo e liberei-me da incerteza que me consumira o pensamento nas últimas duas semanas. Ela viria. Soube-o quando me mandou ir buscar o seu ouro, escondido numa caixa de cartão dentro da cómoda do quarto, e mais dois caixotes no roupeiro do quarto de visitas, com pratas, heranças de família e os diários do avô Genvellier. Trouxe os caixotes e arrumei-os no banco de trás porque a bagageira já estava cheia. Depois, fui ao meu quarto, guardei o computador, alguns objetos mais importantes que cabiam em duas mochilas e a minha viola de mogno brasileiro.

A Mariana fez o mesmo no seu quarto, mas precisou de três mochilas grandes mais uma mala de viagem, e temi que não houvesse sequer espaço para ela no banco de trás. Apesar de a viagem ser pequena até ao Intermarché na saída de Braga, não podíamos arriscar ser paradas pela polícia, não naquele dia.

Certifiquei-me com a minha mãe de que tínhamos tudo o que era importante, e depois voltei a casa por uma Nossa Senhora da Conceição e um Menino Jesus de porcelana, uma edição antiga de capa dura da *Mensagem* e outra de *A Cidade e as Serras*, dois álbuns de fotografias, um tabuleiro de xadrez de marfim e uma espécie de lanterna de bronze que ela não guardara na garagem com medo de que ele notasse a sua falta.

A Mariana encaixou os últimos artigos entre as pernas e no colo e a minha mãe choramingou uma despedida à casa que nos viu crescer, o que fez minha irmã equilibrar a Nossa Senhora nos livros com uma mão e esticar a outra para lhe acariciar o ombro. Transpus o portão, saí para o fechar, lancei um último olhar às paredes que a tanto assistiram e arranquei.

Meio-dia e meia. A nossa prima Cecília esperava-nos à hora combinada no estacionamento do hipermercado com a sua carrinha de mercadorias onde transportava os cães e as rações. A minha mãe fora ganhando acordo de si e ajudou-nos a acondicionar tudo na parte traseira da carrinha, forrada com mantas. Quando nos preparávamos para sair, lembrou-se de que lhe faltavam os antidepressivos. Não podia passar sem eles, nem sem o *Victan*, para se acalmar, e o *Zolpidem*, para dormir.

A Cecília enervou-se e falou-lhe com rispidez, zangada porque ela era uma viciada, abusava dos comprimidos para dormir e chegara ali completamente drogada. Só lhe faria bem deixar de os tomar e desintoxicar-se. Sem ele para atormentar, os antidepressivos deixariam de lhe fazer falta.

A minha mãe não fez caso e pediu-me a chave do carro para voltar a casa, os olhos lacrimejantes. Só ela sabia o martírio que seria parar a medicação de um dia para o outro. Tinha a certeza de que não dormiria noites a fio, e, se lhe desse uma crise de nervos, passaria por uma sensação de morte iminente, mais valia...

Não a deixei terminar e pedi-lhe para me dizer onde guardava os comprimidos. A Cecília impacientou-se, mas, quando a minha mãe se desmoronou em prantos a pedir-nos perdão por todas as suas fraquezas, aconselhou-me a ir sozinha e a despachar-me o mais depressa possível.

O próximo ponto de encontro seria o estacionamento do Via Nova Shopping. Ficar ali mais tempo era arriscado, alguém podia aparecer.

Convenci a Mariana, que continha as lágrimas, a entrar para a carrinha, para o lado da minha mãe, e sosseguei-as, lembrando-lhes de que ele só chegaria ao fim da tarde e de que eu estaria de volta em meia hora.

Estacionei o carro no passeio à frente da nossa moradia. Enchi uma mala de mão da minha mãe com todos os comprimidos que ela guardava na mesa de cabeceira, e, ao constatar todo o recheio que deixávamos para trás, fui assolada por uma onda de ganância. Corri até à despensa, abri um saco do lixo de cinquenta litros, regressei ao roupeiro, enchi o saco com as malas de marca mais caras e a coleção de anjos e bonecas de *biscuit* em cima da cómoda. Desci, abri outro saco do lixo e esvaziei a vitrina onde ele guardava as pistolas antigas de coleção; depois, preenchi o espaço que faltava no saco com objetos de cristal e de porcelana aleatórios que atirei à pressa, uns em cima dos outros, sem me preocupar se os partia. Preferia fazê-los em pedaços a deixá-los para ele. Concentrei-me na tarefa de arrastar os sacos e içá-los até à bagageira, um de cada vez porque eram demasiado pesados, sem pensar nas consequências da perda de tempo.

Sentei-me ao volante e vi o carro desportivo dele a virar a esquina.

Estacionou atrás de mim.

Estúpida.

Girei a chave na ignição. Os batimentos cardíacos martelavam-me o corpo com tanta intensidade que nem ouvi o arranque do motor. Ele fechou a sua porta e caminhou na direção da minha janela.

Podia acelerar a fundo.

Ele podia deixar-me ir ou vir atrás de mim, impelido pelo destempero e para me castigar pela falta de respeito. Aquele carro familiar não teria a mínima hipótese contra o motor do carro dele.

Estúpida. Deitei tudo a perder pelas tralhas na bagageira. Estúpida.

Abri o vidro, mas não desliguei o motor. Ele apoiou a mão na janela. Passou-me pela mente a ideia de que podia arrancar enquanto lhe segurava na manga do casaco. Se conseguisse arrastá-lo alguns metros e o magoasse, isso iria atrasá-lo, caso viesse atrás de mim.

— Onde é que vais nessa figura e com o carro da tua mãe?

Devia estar a referir-se ao meu estado descabelado e transpirado. Passei a mão pela testa e limpei gotas de suor.

Eu previra muitos cenários possíveis para aquele dia, era uma obsessão que eu não controlava, fazer previsões. Ele encontrar-me sozinha com a bagageira cheia dos nossos pertences em sacos do lixo não fora uma delas.

Pensa.

— Vamos fazer uma atuação num evento no Claustro do Espaço Vita. A mãe emprestou-me a carrinha para trazermos alguns materiais do *campus* de Gualtar.

— A faculdade não tem carrinhas para vos transportar os instrumentos e essas coisas todas?

Claro que tinha. Em nenhum dos eventos em que cantei no âmbito da pós-graduação, fora necessário transportar materiais.

— Isto é uma coisa privada, só para um pequeno grupo. A universidade cedeu alguns equipamentos, mas não se responsabilizou pelo transporte.

Fez um esgar depreciativo na minha direção.

— Espero que te paguem alguma coisa de jeito, para variar. Já que a gasolina vai ser à minha custa.

— Sim, as condições são boas.

Fiquei na dúvida se mencionar que lhe pagaria a gasolina poderia aplacá-lo e deixar-me ir ou se acionaria uma reação repentina de indignação.

Optei por me calar.

— Estiveste com a tua mãe? Vim almoçar a casa para ver como ela está. Fiquei preocupado hoje de manhã, ela estava tão adormecida que nem deu acordo quando saí. Anda a abusar daqueles medicamentos para a depressão e aquilo não lhe faz bem nenhum. Só quer dormir, mal fala, afeta-lhe o raciocínio e até lhe tira o apetite. Devias entrar comigo, almoçávamos e tentávamos chamá-la à razão.

Adiantei-me, antes que ele alcançasse o manípulo da minha porta.

— A mãe não está.

Surpreendeu-se e pareceu desagradado. Sem a Ana e sem a minha mãe, ninguém lhe poria a comida no prato.

Precisei de ser verosímil e ganhar tempo.

— A mãe não sabia que vinhas. Foi almoçar com a avó Angelina.

A voz e a postura tornaram-se amargas.

— Claro que foi, passa a vida com a mãezinha dela! Já a minha mãe podia morrer que ninguém dava conta. Nem a tua mãe, nem vocês. Um dia destes, o coração da tua avó Natália vai falhar e vocês as três vão arrepender-se de a terem deixado ao abandono, ou se calhar não vão, os jovens de hoje em dia não têm respeito nenhum e estão-se nas tintas para toda a gente! Bem, já que aqui estou, queres vir almoçar comigo?

— Desculpa, não posso. Estão à minha espera e já estamos em cima da hora para conseguir montar tudo a tempo do espetáculo.

Abanou a cabeça num gesto de desprezo.

— Claro que não podes. Idiotice minha ter perguntado. Deixa estar. Vou almoçar sozinho, como um cão. Se calhar, se fosse um cão, faziam-me mais companhia, sobretudo a tua irmã, que passa a vida a trazer rafeiros e eu que os alimento até ela lhes arranjar novos donos. Se eu soubesse, não tinha tido filhos. Cambada de ingratas.

Baixei os olhos para o volante. Qualquer contacto visual poderia ser interpretado como um desafio e o mote para ele galgar na fúria e nos insultos. Além disso, ele retirara a mão da janela para esbracejar, pelo que a hipótese de o arrastar, que eu provavelmente nem seria capaz de levar avante, estava fora da equação.

Só me restava esperar que daquela vez ele se acalmasse. Estarmos em público jogava a meu favor, mas, depois de tudo o que vivera, nada era garantido.

— Estou a falar contigo.

Era o mote para o encarar, fi-lo a pisar a embraiagem e deslizei a mão até ao manípulo das mudanças.

Foi um silêncio longo, ele gostava de criar expectativa. Prendi a respiração nos instantes decisivos enquanto ele soprava.

— Bem. Sendo assim, vou voltar para a empresa e como qualquer coisa por lá. Vai-te embora. Não te esqueças do que eu te disse. Preciso mesmo que fales com a tua mãe sobre a carrada de comprimidos em que ela se anda a encharcar. Pode ser que ela te ouça, já que de mim ninguém faz caso.

Abandonámos o carro à saída de Braga com os nossos telemóveis antigos lá dentro. Três dias antes, adquirira um pré-pago, com o qual ligámos à avó Angelina, a avisar que estávamos bem, que não se preocupasse com nada do que lhe dissessem sobre o nosso desaparecimento e não contasse a ninguém

sobre aquele telefonema. A chamada foi um martírio, ela tentava demover-nos com a voz embargada pelo choro, recusando-se a aceitar que iríamos desaparecer, mas foi o preço a pagar para ela não ser apanhada de surpresa, fazer queixa na polícia, pensar algo pior ou ter um colapso nervoso, como quando o meu avô morreu.

Fomos por estradas nacionais até Castro Laboreiro para evitar as câmaras das autoestradas. Era mais seguro e só nos custava um aumento de tempo de viagem.

A quinta da prima Cecília, refúgio das nossas férias onde a Mariana se deleitava com os bichos e a natureza, nunca lhe deve ter parecido mais desoladora do que quando chegámos. A minha irmã deixou-se ficar dentro da carrinha, o olhar triste por detrás do vidro, a ver-nos descarregar os nossos pertences debaixo de uma chuva fina que nos gelava a cara e as mãos.

Fiz menção de tocar na janela para a resgatar daquele marasmo, mas a minha mãe impediu-me.

— Só agora é que ela se deu conta do que fizemos e de como a vida dela vai mudar. Deixa-a ficar no carro, a interiorizar. Quando formos para dentro, já a chamo.

Assenti, um pouco magoada pela forma como a minha mãe falou, não deixava claro que a vida da Mariana, ou de nós as três, fosse mudar para melhor. O objetivo do êxodo era esse.

Num silêncio pesado, orientámos os caixotes e sacolas pelos quartos enquanto a Cecília nos preparava algo para comer. Acabámos as arrumações e rumámos à cozinha, as três amparadas umas nas outras até à mesa posta, canja de galinha e presunto fatiado, comida de conforto para as refugiadas em que nos tornáramos.

Antecipei-me, para que a Mariana, vegetariana e guardiã dos direitos dos animais, com os olhos prestes a transbordar, não precisasse de se manifestar.

Perguntei pelo queijo para lhe fazer uma sande ou então por ovos, para cozinhar uma omeleta. Tinha a certeza de que a Cecília nunca adquirira *tofu* ou seitan. Ovos e leite, apesar de obtidos através de exploração animal, de acordo com os sermões que a Mariana me dava, não implicavam a morte direta dos bichos.

Decide-me pela omeleta de ovos das galinhas felizes que andavam à solta pela quinta, o que a Mariana poderia confirmar mais tarde. Ela recusou a oferta, assim como o queijo das cabras bem tratadas que se passeavam ali perto.

— Não finjas que está tudo bem. Feliz e contente, como as galinhas e as

cabras que nunca viste. Pões e dispões, pensas que resolves tudo, mas não resolves. É impossível! Há coisas que não têm solução! Eu não sei se queria fazer isto!

A minha irmã desabou, como uma boneca linda e revoltada, a quem retiram as pilhas. A cabeça pendeu-lhe sobre o braço que apoiava na mesa e o corpo contorceu-se em soluços silenciosos, que gradualmente se tornaram sonoros e me espetaram por dentro.

A minha mãe impediu-me de a alcançar, levantou-a e encaminhou-a para o quarto onde iria dormir.

— Anda, Marianinha. Vamos, chora tudo que precisares.

Fiquei com a Cecília, que desistiu da canja e pegou no prato de presunto, alcançou uma garrafa de licor de mel e levou-a para nos sentarmos à lareira.

Aceitei o licor de mel e um cigarro que ela enrolou, porque ficavam mais baratos do que os L&M. Em tempo de crise, não lhe compravam os cães de raça que criava e as reformas constantes na quinta eram um sugadouro de dinheiro.

— Agora estão as duas a chorar, zangadas comigo, como se a culpa fosse minha.

— A Mariana não está zangada contigo. É adolescente. Dispara em todas as direções. Não te lembras de ser assim?

Lembrava-me de uma revolta constante, mas só contra ele, e contra quem não acreditava em mim, e contra quem gostava dele...

— Eu se fosse a ti, pensava melhor antes de levares isto avante. Podias ir-te embora sozinha para Lisboa, para fora do país, ou para onde quiseses. Tens vinte e três anos e uma vida inteira à tua frente, elas iam compreender se seguissem o teu caminho. Eu ficava cá com elas. É certo que ele vai acabar por aparecer. Se bem o conheço, vai aparecer mansinho como um cordeirinho, até acabar por convencer a tua mãe a voltar. Como fez todas as outras vezes em que ela se refugiou cá, desde que vocês eram pequenas. Ele não pode viver sem ela... E ela é adulta, tem de decidir a vida dela.

Fiz um gesto subtil de negação, suspeitava de que havia esferas da vida da minha mãe em que ela não se comportava como uma adulta. A Cecília não me contrariou.

— Elas vão ser um fardo para ti, duas bocas a mais para alimentar. Além disso, não sei se a tua mãe aguenta viver sem ele. Quem sabe, se as deixares cá durante uns tempos, ele se aperceba de que as pode perder e muda. Tenho a certeza de que elas compreendem se te fizeres à vida sozinha.

Apaguei o cigarro e voltei a encher o cálice. A Cecília mentia, não

acreditava que ele mudaria, ou se acreditava, era porque não presenciara o que se passava amiúde na minha casa, e as palavras eram fracas para descrever as imagens gravadas na minha mente.

— Não foi na última discussão, em que ele a arrastou pelos cabelos, com a Mariana em prantos atrás deles. Foi na antes dessa. Começou por uns papéis importantes que ele não encontrava. Acusou-a de o distrair quando ele o levava ou trazia do carro, qualquer coisa assim. Ela defendeu-se, atreveu-se a dizer que a culpa não era dela. Estavam na entrada, porque ela lhe imitou o percurso enquanto também procurava os tais papéis. De repente, ele deu-lhe um sopapo. — Era estranho que eu continuasse a pensar que as agressões eram de repente, quando depois de tantos anos era absolutamente previsível que iriam acontecer, eram o desfecho inevitável. — Ela caiu desamparada, parecia um objeto que alguém atira ao chão. Aconteceu tudo tão rápido que eu nem consegui fazer nenhum som até a ver estatelada. A cabeça dela passou a esta distância do primeiro degrau da escada. — Exemplifiquei dez centímetros com os dedos indicadores, os dez centímetros que pouparam o crânio da minha mãe.

— Se eu as deixar aqui, mais tarde ou mais cedo, ela vai voltar para casa com ele. E vai morrer. É uma questão de tempo, Cecília. É só deixar correr os dias e os acessos de fúria. Ele vai matá-la. Pode demorar semanas ou meses ou anos, mas vai acabar por acontecer.

A Cecília, pouco dada a palavras meigas e manifestações de afeto, massajou-me a coxa num movimento desajeitado.

Dois dias depois, ao fim da tarde, ele apareceu.

Ouvimos o carro a aproximar-se, e depois, o desaustino dos cães, delatando quem não era da casa e receava abrir o portão.

Eu soube-o assim que ouvi o som do motor, mas não resisti ao masoquismo de subir ao 1.º andar e espreitar por uma nesga da cortina, a minha mãe atrás de mim. Ela não o viu, mas os seus dedos nervosos enterrados nas minhas costas eram prova de que também o sabia.

— Percebes alguma coisa? Do que estão a dizer?

Era impossível distinguir-lhes as vozes, com o vidro fechado e os cães a ladrarem a intervalos irregulares.

Vi a Cecília a abanar a cabeça, não o iria deixar entrar, e ele, por muito determinado que estivesse, não iria passar dali. Sobressaltava-se de cada vez que o *Ringo* e o *Jambo* se empoleiravam no portão. Nunca gostei tanto de cães

como naquela tarde.

Só restava saber se ele desistiria e sairia dali sem encontrar a Mariana, que andava a passear-se sem rumo, com as galochas da Cecília, a verificar se as cabras e as galinhas das redondezas eram, de facto, bem tratadas.

Arrastei a minha mãe comigo até à janela que dava para o outro lado da casa, para escrutinar o horizonte em busca da minha irmã, como se o meu frenesim a analisar a paisagem pudesse impedi-la de aparecer.

Durante uns penosos minutos, desesperei várias vezes ao vislumbrar a Mariana na sombra de uma árvore ou confundindo-a com a silhueta de um pastor, até que o som do motor do carro me aplacou a ansiedade crescente, e descemos em busca da Cecília.

A minha mãe interrompeu-lhe os insultos corridos.

— Como é que ele estava?

— Não me digas que estás com pena desse grande filho da puta?! Sim, não me olhes assim, aquela puta da mãe dele é que nem devia ter nascido! Não acredito, Teresa! Sabes do que é que eu tenho pena? De ele não ter entrado e de os cães não o terem estraçalhado! Estás com pena deste cabrão?! Coitadinho, não tem ninguém para maltratar! Pode sempre dar uns sopapos na parede, a ver se a consegue derrubar!

Tive vontade de lhe dizer que parasse e que não atacasse assim a minha mãe, mas era graças à Cecília que estávamos longe dele. Viéramos na sua carrinha. Estávamos quentes, a comer a sua comida e debaixo do seu teto.

— Não, não estou com pena dele. Só te fiz uma pergunta. Estou no direito de perguntar, e tu estavas no direito de não responder, em vez de armares um escândalo.

A Cecília recuou na hostilidade ao ver a minha mãe pegar no casaco e anunciar que iria procurar a Mariana. Eu ofereci-me para a acompanhar, mas ela recusou.

— Fica com a tua prima, Kika. Eu quero ir sozinha.

Insisti, porque queria que soubesse que a minha lealdade estaria sempre com ela, e a Cecília também lhe pediu que me levasse.

— Deixam-me ir sozinha? Ou estou aqui presa? Ou sob vigilância? Tenho de andar de mão dada com a minha filha adulta? Digam-me as regras todas, o que posso fazer, o que posso e o que não posso perguntar, para ficar explícito.

Assim que a minha mãe fechou a porta atrás de si, a Cecília fez um estalido com a língua e encarou-me, descontente.

— Ele vai correr todos os outros sítios onde vocês possam ter pedido guarida e depois vai voltar aqui. Vai rondar a casa ou pedir a alguém para o

fazer. Se não queres mesmo que ele vos encontre, têm de se ir embora.

O único trabalho onde podia entrar de imediato era num *call center* de uma empresa de alarmes em Lisboa. Não era apelativo, mas era o possível. Também encontrara um T2 numa zona limítrofe chamada Olaias, com uma renda baixa e que não pedia fiador.

— A conjuntura não está a vosso favor. Não sei se vocês vão aguentar as despesas. E olha que ele, apesar de estar falido, ainda tem muitos amigos em muitos sítios. Vai ser difícil manterem-se escondidas, basta um passo em falso e ele encontra-vos.

Lembrei-me da distância entre o crânio da minha mãe e a esquina do primeiro degrau da escada de pedra.

Fui buscar um bloco e uma caneta; a Cecília, os cigarros e o licor de mel.

Ele tinha amigos em vários bancos, incluindo no Banco de Portugal. Alguém poderia avisá-lo assim que aparecesse uma conta nova em nosso nome. A Cecília cedeu-me uma das suas contas, deu-me um cartão de débito e o NIB, para que a empresa de alarmes me depositasse o ordenado.

As finanças também não eram seguras. Era inevitável a nossa empresa ser executada, e ele conhecia várias pessoas que o avisavam regularmente dos trâmites do processo. Era inseguro mudar a nossa morada fiscal.

Inscrever a Mariana noutra escola não parecia perigoso. Pessoas ligadas ao ensino não faziam parte da sua rede de contactos.

Corríamos sempre o risco de ele reportar o nosso desaparecimento à polícia, e aí a inscrição da Mariana na escola seria de imediato notada, bem como estarmos a «raptar» uma menor. A Cecília estava convencida de que ele não o faria.

— Ele não se vai expor dessa forma. Tens de ter muito cuidado é com a minha tia Angelina, a tua avó é a pessoa mais provável de fazer queixa às autoridades. Vai ser difícil, mas tens de a sossegar para ela aceitar o vosso desaparecimento. Ao contrário dela, o teu pai tem a consciência pesada, sabe que se fizer queixa e a polícia entrar em campo, os podres vêm-lhe todos ao de cima. Por muito que ele vos queira encontrar, valoriza demasiado a sua imagem e a liberdade, não se vai atrever a perdê-las...

Percorridas várias estratégias sobre como desaparecer e mantermo-nos na segurança da clandestinidade, ouvimos a voz da Mariana a afofar o «*Jambinho*» e o «*Ringuito*», como se fossem duas miniaturas de peluche e não uns canzarrões castro-laboreiro que lhe davam pela cintura. Fechei o caderno e a Cecília concluiu em modo de reflexão.

— Estás a escolher uma vida complicada. Não sei mais o que te diga, tenho

muitas dúvidas, mas também... o pior que te pode acontecer é passarem fome e terem de voltar.

Não era.

Uma pequena luz interior

Lisboa, 13 de novembro de 2013

Tinha fome.

Eram quase sete da tarde e só comera um iogurte com cereais à hora do almoço, não quisera gastar quatro euros numa empanadilha num café à saída das Amoreiras.

Mudei de passeio para evitar o restaurante indiano, o cheiro a caril iria acentuar-me a sensação de vazio no estômago e gastar nove euros e noventa e nove num *menu tikka masala* também não era opção. Em casa, havia empadão de atum que sobrara da noite anterior.

Pedi indicações pela segunda vez desde que saí da Estação de Metro do Rato e lamentei-me mentalmente da geografia caótica de Lisboa, encontrei a travessa e memorizei o sinal de perda de prioridade, ponto de referência para regressar à perpendicular da Rua da Escola Politécnica.

Encontrei o número quinze, deparei com a porta fechada e senti uma guinada de derrota, mas toquei à campainha.

A porta larga de madeira verde-escura entreabriu-se, revelando um homem alto e de constituição corpulenta, de olhos azuis e cabelos claros muito curtos, surpreendido pela minha presença.

— Venho para as audições.

Lançou-me um olhar reprovador e consultou o relógio.

— As audições acabaram há duas horas, mas podes voltar amanhã, das duas às cinco, é o último dia. — Mordi os lábios a acusar a crítica e ele acrescentou mais condescendente. — Não te atrasares, é um bom começo para te correr bem.

Não o deixei fechar a porta. Teria tido mais receio se, em vez de se tentar livrar de mim, me convidasse a entrar com um sorriso afável.

Também não conseguiria chegar a horas no dia seguinte. Faltar ao trabalho

que nos pagava a renda estava fora de questão.

— Posso falar com o responsável pelas audições? — Ele não parecia ser o responsável e mostrou-se indeciso em deixar-me passar. — Trabalho numa loja de roupa e só saio às seis, por isso é que só cheguei agora. Amanhã também não me vão deixar sair mais cedo para vir aqui. Posso entrar e explicar isto à pessoa responsável, por favor?

Encaminhou-me para o interior do Clube Álibi, explicando-me ao longo do percurso que era o segurança, e que, apesar de ter cedido, não iria servir de nada eu falar com o Pedro porque os músicos que davam apoio às audições já se tinham ido embora.

Passei a entrada decorada com um espelho grande e um bengaleiro de madeira escura, percorri o espaço com o olhar e soube quem era o Pedro antes de o segurança apontar. Um homem na casa dos trintas estava sentado numa das mesas mais próximas do bar, descontraído como só os «responsáveis» podem estar. Bebia um copo de vinho e tinha uma sande à sua frente, meio abandonada, que se revelou uma tosta assim que lhe pousei os olhos esfomeados em cima, muito queijo, tomate e orégãos, parecia deliciosa e cheirava ainda melhor do que o *tikka masala*.

Expus-lhe as razões do meu atraso e pedi-lhe que me desse uma oportunidade, garantindo que nunca chegaria atrasada às atuações, uma vez que o clube só abria às dez da noite.

O responsável ouviu-me com uma expressão neutra enquanto eu quase suplicava por uma oportunidade. Esperou que eu terminasse e fez-me um gesto de negação.

— Desculpa, mas os músicos já saíram e arrumaram os equipamentos, colunas, microfones, tudo. Foi uma pena teres feito a viagem em vão. O Augusto acompanha-te à saída.

O homem que me deixara entrar encolheu os ombros, aproximando-se com o intuito de me escoltar de volta. Esquivei-me, dei mais um passo na direção do Pedro e elevei a voz, numa atitude que tive consciência de que poderia ser interpretada tanto como perseverante ou inconveniente.

Não tinha nada a perder.

— Não preciso de músicos, nem de microfones, posso cantar à capela. Quer que cante aqui à sua frente? — Virei-me e sinalizei a outra ponta da sala. Mesmo sem assistência, aquele pedaço de madeira quarenta centímetros acima do chão chamava-me, como se sussurrasse o meu nome numa frequência que só eu podia ouvir. — Ou posso ir ali para o palco?

Ele fitou-me com mais atenção e tentei não pensar que a minha insistência

rasava o desespero. Desviei a atenção para a decoração elegante do Álibi, o clube, tipo discoteca, da moda com música ao vivo, que anunciara nas redes sociais a vaga para uma cantora e respetivo horário para as audições.

Ele levou o copo de vinho aos lábios, bebeu um gole sem pressa e perguntou-me como me chamava. Fê-lo com um brilho novo no olhar, que não discerni se era surpresa ou divertimento.

— Francisca.

O meu nome completo era Maria Francisca Teles Genvellier da Cunha Duarte, mas, quanto menos pessoas o soubessem, mais seguras estaríamos. A questão seguinte, sobre a minha idade, vinte e cinco anos, era inócua.

Recostou-se na cadeira e cruzou os braços.

— Eu sou o Pedro. Sendo assim, Francisca, podes começar, aí mesmo onde estás.

Recuei um pouco, engoli saliva e humedeci os lábios para me preparar.

— Diga-me que canção quer ouvir.

Passou a mão pelos cabelos que continuaram desalinhados e a sua postura tornou-se um pouco mais branda ao esboçar um pequeno sorriso. O tom de voz grave, os olhos castanho-claros, a expressão indecifrável e a barba de poucos dias formavam um conjunto atraente, mas isso era a última coisa que me interessava.

— Escolhe tu, deixo ao teu critério.

Arrependi-me por não ter visto mais vídeos de atuações anteriores e preparado uma música relacionada com o estilo do clube. Ter imaginado que haveria um rol de temas definidos de acordo com o alinhamento do Álibi não me desculpava de não ter duas ou três propostas bem ensaiadas.

Ainda por cima, ele mantinha os olhos em mim, expectante e avaliador, de braços cruzados, à espera de que eu avançasse depois de me ter proposto com audácia, o que esbateu da minha mente as muitas canções que sabia de cor. Antes de eu decidir se os clientes do Álibi seriam mais adeptos do Michael Bublé ou da Rihanna, uma mulher loura apareceu e falou-lhe em voz baixa, não o suficiente para que eu não ouvisse.

— Chegou duas horas atrasada no dia das audições, no dia das atuações nem quero imaginar. Além disso, disseste-me que já te tinhas decidido pela Susana. Não percebo, porque é que vais perder tempo a ouvir mais alguém?

As audições eram a uma hora diferente das atuações e o motivo do meu atraso era precisar do outro emprego, o que era irrelevante frisar, dado que seria uma Susana a ficar com o lugar. Fora ingénuo da minha parte pensar que tinha alguma hipótese.

Três outros empregados apareceram e alternavam a atenção entre a mulher loura, o Pedro, que se justificava com monossílabos em voz ainda mais baixa, e a minha pessoa.

— Já escolhi a canção, posso começar?

Não iria ficar com aquela vaga. Não iria pisar aquele palco que se transformara numa miragem, mas iria atuar, fora por isso que viera.

Encarei o Augusto, o segurança que não me expulsara apesar de saber que eu insistia num beco sem saída, e atirei-lhe o meu sorriso menos inocente antes de começar a *So What*, da Pink. Dei largas à minha voz, quando cantava deixava entrar outra pessoa no meu corpo, o som em mim era livre e destemido.

Na-na-na-na, na-na, na

Na-na-na-na na-na

I guess I just lost my husband

I don't know where he went

Cantei para o Pedro, o responsável, para a mulher que o lembrou de que o lugar estava destinado e para todos os empregados que se lhes juntaram, esforçando-me para não perder o compasso da música, o mais difícil de cantar à capela.

Os sons que eu criava levavam-me para outro tempo e lugar. Permitiam-me atravessar dimensões e desfrutar de outro mundo, impalpável, sonoro, no qual me podia esconder por horas. Ansiava por aquele momento, por fugir da clausura da minha dimensão, através das notas, dos decibéis e dos olhares atentos de quem me ouvia. Era vital, aditivo e viciante.

Não iria ser contratada, mas, só por ter cantado para aquela pequena audiência, a viagem já não fora um fracasso.

O Augusto bateu umas palmas discretas e a mulher loura, que devia ser mais ou menos da idade do Pedro e usava um vestido cinzento, falou num tom recriminador.

— Ó Pedro, mas esta miúda pensa o quê? Que isto é um bar *punk*, ou de moches?

Peguei na mala e preparei-me para sair, mas o Pedro antecipou-se.

— Tem calma, Andreia. — Disse-o com a mão direita apoiada no braço dela, passou os dedos pelos fios curtos da barba e dirigiu-se a mim. — Podes cantar outra canção?

A pergunta sugou-me o ar dos pulmões. Havia a possibilidade de me ter

precipitado ao assumir que o lugar estava atribuído. Ele não parecia querer divertir-se à custa do meu desespero. Ele queria ouvir-me, e eu, num acesso de insensatez e idiotice, «desperdiçara» a primeira atuação com uma escolha despropositada.

Percorri o meu pequeno público com o olhar, em busca de repúdio ou apoio.

— Querem escolher uma balada?

Um senhor mais velho, com cerca de cinquenta anos, de rosto moreno, onde sobressaíam uns olhos escuros e um sorriso simpático, pediu-me uma música da Celine Dion. Engoli em seco e preparei-me para o *My Heart Will Go On*.

— Não, Francisca, não queremos escolher uma balada. — O Pedro amenizou a postura com que se sobrepusera ao senhor moreno e balançou a cabeça num esgar que o tornava mais juvenil. — Canta uma música de que gostes e que tenha que ver contigo, um pouco menos... — fez uma pausa em que pareceu renunciar à primeira palavra que lhe ocorreu — ...enérgica.

Não pensei, se pensasse só me iria enervar ainda mais. Segui o meu instinto e avancei para a *Dog Days Are Over*, dos Florence + The Machine.

...

The dog days are over

The dog days are done

The horses are coming

So you better run

Aquela música não era fácil, mas saía-me sempre bem à capela, porque desde que a ouvi pela primeira vez, cantava-a constantemente, alto ou só na minha cabeça. Fazia-o e imaginava sempre as mesmas pessoas quando pensava nos *dogs*, queria vê-los, nem que fosse só em pensamentos, fracos e apavorados, a fugir dos cavalos que estavam a chegar e os fariam pagar. Nem precisara de pensar na letra porque já a absorvera, fluía-me sem esforço, como num transe em que libertamos os nossos desejos mais profundos.

Quando terminei, a Andreia saiu em direção a uma zona restrita ao público e os restantes estavam fixos em mim. Não me importava se eram cinco ou cinquenta pessoas, eu adorava aquele momento fugaz entre o fim da minha

atuação e a reação do público. Cantar tinha tanto de dar como de receber.

— Quer que cante outra?

A minha pergunta provocou um ligeiro sobressalto no Pedro, absorto em algo de que se desligou depressa, porque me respondeu recomposto.

— Não, está bem assim, ficamos por aqui. Deixa o teu número de telemóvel com o Augusto quando saíres, se fores selecionada, entramos em contacto contigo.

Regressei pelo mesmo caminho, vi a alusão a *takeaway* no cartaz do restaurante indiano e imaginei que, na improvável hipótese de conseguir aquele segundo emprego, talvez pudesse levar caril de gambas para três de vez em quando.

Uma hora depois, cheguei às Olaias e ao nosso prédio cinzento de três andares a precisar de uma reforma. Notei as calças de ganga na varanda que nos pertencia e soube que a minha irmã lavara as calças preferidas. Iria usá-las ainda húmidas na manhã seguinte e secá-las no corpo, e a mãe iria avisá-la pela milésima vez que se arriscava a apanhar uma pneumonia.

Se conseguisse aquele segundo emprego, também podia comprar-lhe outras, do mesmo modelo e noutra cor.

Subi os dois lances de escada, introduzi a chave na fechadura e empurrei a porta, produzindo o som áspero de madeira a rojar pelo chão.

O lado positivo de termos a porta empenada é que nenhum ladrão passaria em silêncio se usasse aquela via de entrada. Por outro lado, assim que a transpusesse, encontraria um dos escassos objetos de valor no nosso decrepito apartamento: o abridor de cartas de prata que a minha mãe herdara do avô Genvellier, com cabo trabalhado e uma pedra preciosa, pousado na mesa de pé de galo com as pernas compensadas com uma cartolina dobrada.

Tinha a impressão de que aquele era o único bem que a minha mãe jamais me deixaria vender. Depois dos bibelôs e das malas de marca, desfizera-se de anéis de ouro em detrimento daquele objeto ostensivo e quase de mau gosto, e, no meu entender, também inútil. Só recebíamos cartas com contas. Podíamos abri-las com as mãos, mais rasgão menos rasgão não faria diferença quando eu as levasse ao multibanco para fazer os pagamentos de acordo com o saldo disponível na conta que a Cecília me cedera.

Espreitei o meu reflexo no espelho comido pela ferrugem acima da mesa de pé de galo, o meu cabelo ainda mais revoltado do que habitual, uma linda e longa tempestade de cobre, era o que dizia a minha mãe, fã de metáforas e

palavras bonitas. O estado da minha juba provavelmente devia-se à atuação enérgica, assim como o brilho nos meus olhos, que não estava lá de manhã. Isso também se devia à atuação enérgica: cantar alimentava-me uma pequena luz interior, que sentia mirrar a cada dia que passava.

A minha mãe e a Mariana esperavam-me para dividirmos as sobras do empadão de atum e depois ficámos aninhadas no sofá, a ver o *remake* da *Gabriela, Cravo e Canela*, que a minha mãe insistia em comparar com a primeira versão, mais fiel ao maravilhoso livro do Jorge Amado.

Assim que a mãe nos deixou com um beijo, a Mariana aproveitou para ocupar o sofá inteiro e deitar a cabeça no meu colo. Percorri-lhe a testa e o perfil do nariz arrebitado com o meu indicador, desviando-me dos salpicos de pasta de dentes, que ela descobrira algures que era o melhor remédio caseiro para as borbulhas. Mantinha as mesmas feições de criança, os olhos verdes grandes rodeados de pestanas espessas e os lábios finos como uma boneca. Acariciei-lhe os cabelos ondulados e notei-lhe a expressão comprometida que usava quando perdia os meus brincos depois de os surripiar e quando se esgueirava para a minha cama depois de ter feito chichi na dela.

— Conta, Mariana.

Acedeu, depois de um revirar de olhos, que significava relutância em fornecer mais do que dez segundos de explicações.

— Tive falta de material a Físico-Química porque não tenho bata para as aulas de laboratório.

— Não sabias que era preciso bata? O professor não vos avisou? Estamos em novembro...

Depois de um bufar entredentes, respondeu num tom contrariado.

— Sim, avisou e na semana passada até me disse onde comprar, mas eu fui lá ver e custa vinte euros. Pensei que, se usasse uma camisa branca da mãe, podia passar despercebida...

Queria tê-la recriminado, mas não pude evitar uma gargalhada. Contra tudo o que seria expectável tendo em conta o que já tínhamos passado, os dezassete anos da Mariana e alguns dos seus raciocínios eram de uma infantilidade irresistível.

— O que foi? Até podia ter resultado, se o stor não andasse feito cusco de bancada em bancada...

Fiz-lhe cócegas por baixo das costelas, o sítio secreto que resultava sempre, para que ela se risse também.

— És tão palerma! Isso compra-se em segunda mão por menos de metade do preço. Amanhã procuro *online* e para a semana já levas. Não voltes a esconder-me coisas de que precisas para a escola, tenho dinheiro de reserva para despesas inesperadas. — Fiz uma pausa e sinalizei a mesa de pé de galo. — E não te preocupes que ainda temos artigos para vender, incluindo o abridor de cartas feioso que a mãe insiste que é uma peça com «valor sentimental».

Fiz um gesto coquete com as mãos, uma caricatura da mãe noutros tempos, quando éramos convidadas para festas da sociedade de Braga e do Grande Porto, em vez de vivermos escondidas num T2 na capital.

Regras de gramática

Três dias depois, abordei a minha mãe assim que a Mariana saiu para a escola. Ou aquele apartamento tinha as paredes finas ou a minha irmã tinha um superpoder auditivo para conversas das quais a tentávamos proteger, deixando-nos como única opção a sua ausência para debater assuntos dos quais a queríamos poupar. A maior parte das nossas conversas sigilosas versava sobre finanças, contas que precisávamos de pagar e a ordem de prioridades. Nesse dia, o assunto era diferente, mas o contexto era o mesmo.

— Mãe, parecia tudo encaminhado para ficares com o emprego. A minha gerente intercedeu por ti e tudo. A entrevista correu mal?

A cadeia de lojas de roupa na qual eu trabalhava precisava de um novo colaborador em *part-time* na Avenida de Roma. Propus a minha mãe e partilhei com a Mónica, a minha gerente, que precisávamos de um rendimento extra. Ela percebeu a minha urgência e até ligara à colega, a pedir-lhe que não se compromettesse com ninguém até falar com a Teresa Genvellier...

A minha mãe iniciou os esclarecimentos numa atitude evasiva.

— Hum... Não sei bem... Talvez eu tenha corrigido a entrevistadora e ela não tenha gostado, quando disse «medo que os clientes» em vez de «medo de que os clientes».

Aquele dinheiro suplementar era mesmo importante e ela devia ter evitado corrigir a futura empregadora, mas não me parecia motivo para não se contratar alguém.

— A sério? Só por isso? Essa gerente deve ter uma autoestima muito baixa ou então já se tinha decidido por outra candidata.

O modo como a minha mãe franziu os olhos, de uma cor indefinida entre o castanho e o verde, que eu também herdara, a juntar à forma como ajeitou os cabelos com as raízes grisalhas, levou-me a suspeitar de que faltavam partes da história.

Inquiri-a e ela desistiu de omitir informação.

— E também... «ontem houveram pessoas que se queixaram». A forma

correta é «houve pessoas que se queixaram». — Fitei-a, incrédula, enquanto ela continuava confiante, a explicar regras de gramática com as quais ninguém se importava. — O verbo haver só se conjuga na terceira pessoa do singular. Custa-me que uma pessoa com responsabilidades e que se deveria preocupar com a imagem que passa, que acaba por ser também a imagem de uma marca com algum prestígio, fale assim.

Provavelmente, seria um esforço vão, mas tentei convencê-la a ser mais tolerante com o uso da língua portuguesa, sobretudo em entrevistas de emprego.

— Mãe, percebo que as conjugações dos verbos sejam importantes para ti, que eras professora de português antes de eu nascer, mas já passaram vinte e cinco anos e a nossa vida agora é muito diferente. Por favor, não corrija os verbos a estranhos, principalmente se eles forem o gerente da loja para a qual estás a tentar conseguir uma vaga, e que depois passarão a ser teus superiores.

Abriu as mãos ao lado do corpo como se fosse óbvio o motivo pelo qual estragara a hipótese de aumentarmos o nosso rendimento.

— Exato, filha, tocaste no ponto! Uma pessoa num lugar de chefia não devia dar erros daqueles, e eu não aguento ouvir e não corrigir. É mais forte do que eu!

Olhei para o micro-ondas avariado, atrás do qual escondíamos da Mariana o pequeno caderno onde apontávamos as contas. Deixei sair um suspiro de desalento.

— Eu percebo que te custa ouvir dizer «houveram», mas devemos uma semana de mercearias ao Sr. Nazeed e não temos dinheiro para pagar a luz. Acho que é mais fácil ouvir «prontos» do que comer sopa à luz das velas e não termos aquecedor...

Ela não me respondeu. Baixou o olhar, sentida com as minhas palavras. Levou as mãos à nuca, retirou o fio de ouro com a medalha da Nossa Senhora da Conceição e pousou-o à minha frente, numa declaração de intenção que não pretendia verbalizar.

Suspirei ao mesmo tempo que mordia os lábios para evitar lágrimas. Era provável que algum dia precisasse de o vender, mas recusava-me a deixá-la tomar a decisão assim, ressentida comigo.

Peguei no fio, retirei-lhe a medalha da mão e levantei-me para voltar a pô-lo no seu pescoço.

— Estou à espera da resposta de um segundo emprego a que me candidatei, a EDP pode esperar um bocadinho, que não vai abrir falência com o nosso incumprimento.

Ela abanou a cabeça, o que me dificultou a tarefa de acertar com a argola no fecho.

— Não faz sentido teres outro trabalho e eu nem sequer ter um...

— Não te preocupes, se me chamarem, vai ser muito mais prazer «que» trabalho.

Apesar da baixa probabilidade de me chamarem, queria que ela ficasse descansada mais algumas noites. Abracei-a por trás e juntei a minha face à sua, o contacto com a sua pele macia a fazer-me sentir melhor.

— Peço desculpa, senhora professora Teresa. Se me chamarem, vai ser muito mais prazer *do que* trabalho...

Ouvir o seu riso aliviou-me os remorsos.

— Vês, saíste à tua mãe, exceto nas asneiras que às vezes dizes. — Encarou-me, cúmplice, antes de continuar. — Era um despedimento inevitável, acho que prefiro passar fome e frio a ouvir tanto atropelo à nossa língua. Se aquela gerente tivesse sido minha aluna, cobria a minha cara de vergonha! Como é que aquela rapariga pode tomar conta de uma loja a falar assim?

Sorri-lhe de volta, ao mesmo tempo que me lembrei de outra opção que poderia aumentar a nossa liquidez.

— Não sei, mas acabaste de me dar uma ideia. Vou imprimir umas folhas e espalhar nas redondezas: Explicações de Português nas Olaias.

A minha mãe ficou boquiaberta.

— Como assim? Vamos ter aqui uns miúdos desconhecidos? Que não sabemos quem são os pais e as mães?

— Claro que sabemos quem são os pais e as mães. São pessoas que nos vão pagar para os filhos não chumbarem a português. O que é que um miúdo de doze anos poderá fazer além de dar pontapés na gramática? Roubar o teu querido abridor de cartas?

Depois da sua declaração de estima pelo abridor, dei-lhe um beijo sonoro no topo na cabeça.

— Vou sondar, mas acho que uma hora de explicação, no segundo e terceiro ciclo, deve custar à volta de quinze euros. Secundário, achas que também consegues?

O seu esgar ofendido equivalia a mil recriminações.

— Claro que consegues. Que bom, no secundário pagam mais porque os exames contam para entrar para a faculdade. — Pisquei-lhe o olho e fui trabalhar, antes que ela me voltasse a contar como o seu abridor de cartas remontava ao início do século xix e fora dos poucos bens que o Napoleão não

saqueara a um dos seus ilustres antepassados.

Contrato

No dia seguinte, contra todas as expetativas, o dono do Álibi entrou em contacto comigo.

Quando devolvi a chamada perdida, ocorreu-me que poucas pessoas conheciam aquele número, e o medo de ser descoberta dominou-me os pensamentos até o ouvir referir-se à audição. Confirmei que era a Francisca e aceitei a marcação de uma reunião. «Para te explicar o funcionamento do espaço e rever os detalhes do teu pagamento. Gostava de te ouvir cantar duas noites aqui no clube, à experiência. Se correr bem, podem passar a atuações regulares.»

Ao fim da tarde, sentada no metro em direção ao Rato, revi mentalmente o meu plano de ação em relação à negociação do meu caché.

Número um: não demonstrar que tinha tantas saudades de cantar num palco que o faria de graça.

Número dois: não demonstrar o quanto as minhas finanças estavam afundadas, porque os patrões tinham tendência a oferecer menos por um serviço quando pressentiam desespero, a Magda, que trabalhou comigo no cruzeiro, garantiu-me que era verdade, e eu acreditei.

Número três: não houve negociação nenhuma.

A Andreia, que descobri ser a número dois e responsável pelos recursos humanos, recebeu-me e levou-me até à sala do Pedro, o proprietário.

Assim que entrámos, ele levantou-se da secretária atulhada de papéis, livros e revistas (a minha mãe não teria resistido a pôr-lhe alguma ordem) e apontou para uma mesa redonda onde nos sentámos os três.

O dono do Álibi era informal, voltou a tratar-me por tu e pediu-me para também o fazer porque era assim que todos os empregados o tratavam.

Retraí-me ao imaginar que ele iria adotar o número do padrão demasiado amigável, mas não foi o caso. O Pedro e a sua informalidade eram difíceis de tipificar. Era casual, mas mantinha uma distância confortável. O trato educado e afável, sem pretensões ou familiaridade forçada.

Quando avançou os valores a pagar-me, pareceram-me razoáveis e muito

definitivos, pelo que não me arrisquei a discutir preços e perder a valiosa oportunidade.

Pelas minhas contas, cento e vinte euros por dois concertos de uma hora à experiência, que passariam a cento e trinta euros às quartas e sábados, era um pagamento melhor do que o esperado, tendo em conta que ele tinha de pagar a mais três músicos e todo o equipamento pertencia ao clube.

Ensaiei a sequência de temas com o baixo e o baterista na segunda-feira seguinte e cantei pela primeira vez para os clientes do Álibi no dia 27 de novembro. Já contava com muitas atuações semelhantes no meu currículo desde que entrei para o Conservatório de Braga, até ser despedida do Cruzeiro Rainha D. Amélia, três meses antes, mas estava a tremer de nervos antes de começar, como se fosse uma novata desafinada ou não soubesse as canções de cor.

Não foi o dono do clube que me deixou ansiosa. O Pedro limitou-se a cumprimentar-me de longe e deixou-se ficar onde estava, muito tranquilo, a conversar com um cliente. Também não foi o António, o senhor simpático que gostava da Celine Dion e era empregado do bar, que me pôs assim. Foi a Andreia, quando me sugeriu usar um estilo mais festivo na próxima atuação, alinhado com a atmosfera do clube.

Baixei o olhar para as minhas calças de ganga e para o blusão de pele, nada glamorosos e bastante usados, e ainda ponderei interceder por eles, mas desisti porque iria aumentar ainda mais o meu estado de ansiedade, em crescendo, desde que a Andreia pronunciara a palavra vestido.

Ela não o fizera por mal. Apesar de ambas sabermos que ela tinha outra candidata em vista para o lugar, tratou-me num registo amistoso e profissional desde que assinei o contrato, e daquela vez não foi exceção.

Mesmo assim, um filme espesso de suor formou-se na minha nuca.

— Tens razão. Não me lembrei, estava concentrada nas músicas que ia cantar e nem pensei na roupa.

Esforcei-me para esboçar um sorriso enquanto mentia, mas devo ter feito um esgar trémulo antes de me concentrar na respiração. Não podia fraquejar antes do momento mágico em que subiria ao palco. Aqueles três degraus atraíam-me como se fossem a passagem para o mundo onde eu pertencia.

— Boa noite. É muito bom estar aqui. — E já não era eu, era outra pessoa, sem passado, só aquele presente, que vivia dos compassos das canções e também dos instantes solenes das pausas entre as músicas. Na minha voz, o som era criação e poder, guerra e paz. Era arte, única e inteira, até que,

depois dos dois *encores* combinados, Amy Winehouse e Adele, voltava para mim. — Muito obrigada, até à próxima!

Receber carinho do público também era bom, sorri a todas as pessoas que me elogiaram e dirigi-me ao bar do António. O Pedro já não estava com ele, e conforme a adrenalina da atuação se me evaporava das veias, comecei a sentir-me perdida e desconforme. Não pertencia ali, rodeada de pessoas felizes a divertirem-se, vestidas com roupas novas e brilhantes, a dançar coordenadas com as batidas do DJ que me substituiu.

— Gostei muito de te ouvir, Francisca. Queres beber alguma coisa? — Agradei o elogio ao António e fiz um gesto de negação. — Vá lá, tu mereces. É por conta da casa.

Voltei a recusar, a torcer para que ele me estivesse a oferecer a bebida porque tinha gostado de me ouvir e não por outro motivo, o que me provocou um calafrio, incitou a fechar os botões do casaco e dizer-lhe que tinha de ir para casa.

— No sábado, vou convencer a minha mulher a vir ver-te. Agora que temos os filhos crescidos e que ela podia aproveitar para sair, só me quer estar em casa a ver televisão. Ela vai adorar-te, e então se cantasses alguma coisa da Celine Dion...

Assumi a primeira hipótese, o António era um romântico.

— Posso enquadrar a *All by myself*. Gostas dessa?

Acenou a aprovar a minha escolha.

— Muito, essa música vai viver para sempre, daqui a cem anos ainda se vai ouvir. — A seguir, apontou na direção oposta à saída. — Se quiseses falar com o Pedro antes de te ires embora, ele está ali.

Num recanto lotado e bastante animado, o Pedro conversava com uma mulher de macacão de seda. Imaginei que seria apropriado despedir-me, dei alguns passos hesitantes e ele encaminhou-se para mim.

— Estiveste muito bem. — Foi simpático, mas não pareceu arrebatado como o António, deixando-me insegura quanto à longevidade daquele emprego. Ter-me perguntado se queria receber o dinheiro daquela noite de imediato ou tudo junto no sábado, sem acrescentar mais nada, plantou-me ainda mais dúvidas sobre a minha contratação.

Reconfortei-me enquanto atravessava o clube a abarrotar de gente animada. Não valeria a pena ficar demasiado infeliz, se não fosse contratada, iria procurar alternativas.

Ao recuperar o fôlego, depois de correr sem parar do Álibi até à Estação de Metro do Rato, lembrei-me de um estudo que lera numa revista da biblioteca

do Cruzeiro Rainha D. Amélia. Segundo os investigadores, a nossa felicidade era condicionada cinquenta por cento pela genética com que nascemos, dez por cento por ocorrências da vida e quarenta por cento pelas nossas atitudes e escolhas. Por um lado, suspeitava de que as pessoas do estudo nunca tinham passado por situações mesmo, mesmo muito terríveis, por outro, gostava de pensar que tinha pelo menos quarenta por cento de controlo.

Foi por isso que no sábado, depois de chegar da loja, vesti as minhas calças de ganga preferidas, que me faziam sentir segura, apesar de gastas, e a minha camisa larga verde-tropa, nada festiva, mas que eu achava que me dava muita pinta. Já alinhara os temas com os músicos no dia anterior, cheguei em cima da hora e fui direta ao palco.

Era a minha dose única de felicidade concentrada e não haveria outra tão cedo, eu precisava muito dela e aproveitei-a toda. A meio da atuação, saí do palco em direção ao António, que estava no balcão, e cantei-lhe o refrão do *All by myself* com toda a teatralidade que sabia fazer, enquanto ele me aplaudia como se eu fosse uma diva. Como sempre que cantava, o tempo fugiu-me entre as notas e as seis músicas que cantei a seguir passaram depressa, devolvendo-me à minha realidade demasiado cedo.

— Vocês são fantásticos. Muito obrigada!

O DJ abriu a pista de dança, apanhei o meu blusão no canto do palco e despedi-me dos músicos. Já passava da meia-noite, não ouvi as doze badaladas, mas soube que chegara o momento de voltar para a minha abóbora, quando a Andreia me pediu que a seguisse.

Entrei atrás dela na sala a seguir à do Pedro, vi-a sentar-se à secretária e recusei o convite para me sentar à sua frente. Preferia levar o meu dinheiro da forma mais rápida possível.

— Queres assinar o contrato de pé?

Ela encarava-me divertida e os músculos do meu abdómen contraíram-se de forma súbita, tornando os meus movimentos de alcançar a cadeira pouco harmoniosos.

— És ótima, claro que queremos ficar contigo. Tirei os teus dados do cartão de cidadão e da morada que nos deste na nossa reunião. O Pedro assinou antes de chegares, se concordares com tudo, é só assinares também, se preferires, podes levar para ler em casa.

Estendeu-me um molho de folhas onde constava um contrato de prestação de serviços, com a compensação combinada contra entrega de recibo verde, duração de três meses e renovável por iguais períodos. Tentei concentrar-me nas cláusulas, mas só pensava que ele assinara o contrato antes de me ouvir

uma segunda vez.

— É o nosso contrato-modelo, para todas as artistas.

Constava uma cláusula sobre apresentação, que desvalorizei para não perder a destreza manual necessária para escrever o meu nome.

Assim que voltei à zona aberta ao público e confirmei que ainda tinha algum tempo até ao último metro, atrevi-me a procurar companhia para partilhar aquela pequena vitória. Fui ter com o António, cruzei os braços no balcão e esperei que me abordasse.

— Fiquei com o lugar, se aquela bebida do outro dia ainda estiver de pé, hoje aceito.

Ele levantou a mão num gesto de vitória e chamou uma senhora sentada no banco alto na outra ponta.

— Qual era a dúvida? Tens um vozeirão e cantas nas horas! — Apresentou-me a sua mulher, Sílvia, voltou a elogiar-me e rematou. — Até o sotaque do Norte lhe fica bem na voz!

Fingi-me indignada e acentuei a minha pronúncia.

— *Eue? Sotaque na boz? Eu não tenho sotaque nenhue! Ide limpar os ouvidos, António.*

Só reparei no Pedro ao lado da Sílvia quando o ouvi rir, uma gargalhada curta, mas que lhe tornava os olhos mais bonitos, quase cor de mel.

— És de onde, Francisca?

— Braga. — Senti-me na obrigação de dizer mais alguma coisa, para justificar a vodca com laranja que tinha na mão e a palhaçada. — Estava a contar ao António que já assinei o contrato, obrigada pela confiança.

Fez um meio-sorriso, difícil de interpretar, mas que lhe assentava bem, assim como o sol entre nuvens numa manhã fria na minha terra.

— Não tens de agradecer. Ainda bem que ficaste contente. É justo que tenhas vindo comemorar com o teu maior fã. — Fez um gesto na direção do António, pediu-lhe um *gin* e passou o braço por cima dos ombros da Sílvia. — Até que enfim que apareces, mulher! Já não te via há uma data de tempo...

Ela respondeu-lhe, afetuosa e familiar, o que me fez deduzir que o António devia trabalhar ali há bastante tempo e ter uma boa relação com o patrão.

— E não vais voltar a ver tão cedo. Não me leves a mal, Francisca, gostei muito de te ouvir, mas estou deserta para chegar a casa, vestir o pijama e trocar estes sapatos pelas pantufas...

Meios de transporte

Era o sexto concerto que dava e parecia-me estar a correr bem. Até tinha a impressão de que às quartas e sábados o clube enchia cada vez mais cedo, mas podia ser o meu ego a tentar convencer-me de que as pessoas chegavam antes das onze porque me queriam ouvir cantar.

Eu também chegava cada vez mais cedo e saía cada vez mais tarde, o Álibi tinha uma atmosfera que me fazia sentir bem. Passava o tempo que não estava a cantar entre o Augusto, que ficava na porta, atento, enquanto eu corria para a estação de metro, a Vicky, a relações-públicas que parecia saída de uma revista, falava comigo sobre tudo um pouco e às vezes acompanhava-me na corrida até ao metro por sororidade, a Isabel, do bengaleiro, e o António, que me chamava para apresentar a «Celine Dion de Braga» a amigos e conhecidos.

Também conversava com o Pedro sempre que atuava, ele perguntava-me, nos seus modos afáveis, se estava tudo bem, se eu precisava de mais tempo para ensaiar, debatíamos questões técnicas e a acústica da sala.

Foi por isso que, quando me preparava para o meu *sprint* até ao metro, e o Augusto me informou de que o Pedro queria falar comigo, o meu peito se contraiu numa sensação igual à de quando o elevador desce demasiado depressa.

Entrei no estado de alerta do cérebro reptiliano. Os cabelos da nuca arrepiados e as palmas das mãos transpiradas, à espera de que o instinto decida se vamos lutar ou fugir. Devo tê-lo deixado transparecer, porque o Augusto me pousou uma mão no ombro.

— Não te preocupes, não vais ser despedida, nem nada do género.

Levou o rádio que usava à cintura para junto dos lábios, ouvi-o anunciar que eu estava ali e as instruções do Pedro para eu que fosse ter à sua sala.

Agarrei-me ao braço do Augusto, se calhar, com mais força do que seria apropriado.

— Porque é que ele não vem falar comigo?

O Augusto interpretou mal as minhas preocupações e retirou a minha mão

do seu antebrço.

— Tem calma. Já te disse que não vais ser despedida, podes ir que ele está à tua espera.

Caminhei por entre as pessoas que dançavam, sem ouvir a música, alienada do que me rodeava, concentrada em antever os cenários possíveis e atordoada pelas palpitações constantes contra o meu tórax e a minha garganta.

A porta estava aberta. Parei na ombreira e vi-o sentado à secretária cheia de tralhas. Ao ver-me, fez menção de se levantar ao mesmo tempo que me questionava.

— Queres sentar-te no sofá?

Mantive-me onde estava.

— Não. — Fui demasiado peremptória, quando me apercebi, a palavra já fora atirada.

Ele pareceu surpreendido pela minha rispidez, e fez sinal para que eu ocupasse a cadeira à sua frente. Medi a distância a que estava da porta, que deixei aberta, antes de avançar. Não era muita, e ele tinha a desvantagem de ter de rodear a secretária.

Recuei a cadeira um pouco mais do que estava. Já não era só na garganta que o sentia, o meu ritmo cardíaco disparava em todas as direções, ouvidos, nuca, tēmporas...

— Como é que vais para casa, Francisca? Quando saís daqui?

Iria ser a primeira pessoa da história a ter um colapso nervoso e a cair redonda enquanto o empregador lhe falava sobre meios de transporte.

— Vou de metro.

Assentiu, como se aquela fosse a prequela da pergunta que lhe interessava.

— E porque é que todas as noites, depois de saíres, desatas a correr, sem parar?

Porque estava em pedaços e refém do medo, o mesmo que me tornara o caminho até ali numa tortura.

— Não sei. Porque me parece... mais seguro, para não me acontecer nada de mal.

— Não tens carro? — Fiz um gesto de negação.

— Quando saís do metro, também vais a correr desalvorada até casa? É muito longe?

— Não, é um quarteirão a menos do que este primeiro trajeto.

Aquela conversa não fazia sentido nenhum para mim, mas estava a melhorar das palpitações e a sensação de medo visceral começava a abandonar-me. O seu meio-sorriso, muito discreto, também ajudava.

— Na quarta-feira passada, fiquei a ver-te ir embora com a Vicky e não sei como não torceste um pé, com a velocidade a que ias pela calçada irregular e com essas botas. Não era melhor ires de táxi?

Um táxi estava fora do meu orçamento, pelo que não tinha contemplado os prós e contras em relação à minha deslocação habitual.

— Achas que era? Eu vou a correr depressa da esquina até à estação, assim que desço a escada do metro, há um segurança na entrada, câmaras de vigilância e várias pessoas nas carruagens. Quando saio nas Olaias, são três quarteirões até minha casa e vou outra vez a correr sem parar. Se for de táxi, vou meter-me sozinha dentro de um carro com um desconhecido, que pode levar-me para outro sítio.

Olhou-me longamente, como se me lesse os pensamentos, para depois contrapor num tom confiante.

— Nunca refleti sobre o tema, mas tenho quase a certeza de que deve ser mais seguro ires de táxi. A Vicky também concorda comigo, a desgraçada ia morrendo na quarta-feira, depois de ir a correr contigo para te fazer companhia. Ainda demorou dez minutos a recuperar o fôlego, deste mesmo cabo dela. A Isabel do bengaleiro liga para a central e aponta a matrícula de quem te vier buscar. O taxista não te vai levar para outro sítio, porque sabe que no outro dia tem a polícia atrás dele. Por muito rápido que seja o teu *sprint* com botas, o táxi ganha.

Era um raciocínio lógico, fui obrigada a concordar.

— Tens onde apontar o NIF? Podes pôr o táxi nas despesas do Álibi, a empresa também beneficia se não tiveres uma rotura de ligamentos como acidente de trabalho, nem me lebares a relações-públicas à morte por exaustão.

Ele voltou a fazer aquela expressão subtil de troça, aproximei a cadeira da secretária sem avaliar a distância de segurança e pedi-lhe uma caneta para anotar o NIF.

Avó Angelina

14 de dezembro de 2013

O regresso a casa de táxi, em vez do meu triatlo de quatrocentos metros de corrida, viagem de metro e trezentos metros de corrida, acabou por se tornar numa regalia que aumentou bastante a minha qualidade de vida.

A Mariana fez questão de procurar significados ocultos nesse privilégio laboral, movida pelo tédio de uma sexta-feira à noite sem nada que a interessasse na televisão.

Quando lhe neguei tais significados, deitou-se a ocupar o sofá inteiro, a cabeça no meu colo e o nariz enrugado de insatisfação.

— Este filme é uma seca. A nossa vida é uma seca. Até tu eras muito mais divertida antes de seres despedida do Rainha D. Amélia.

A menção ao meu despedimento do cruzeiro onde trabalhara até agosto apanhou-me desprevenida, provocando-me um desconforto súbito que disfarcei.

— Agora que já cantas outra vez, podias voltar a ser divertida e contar-me histórias engraçadas. Fartavas-te de me mandar áudios a contar episódios do Rainha D. Amélia para eu me rir, como a velhota que fingiu que estava a afogar-se na piscina para se agarrar ao nadador-

-salvador, o Bruno... Agora só me envias áudios chatos com conselhos e coisas úteis para a escola, sinto falta das outras histórias e das tuas aventuras. Aposto que também devem acontecer coisas cómicas no Álibi...

Eu também ansiava por essa minha parte de volta, mesmo que defeituosa e tosca, recebê-la-ia de braços abertos quando ela decidisse voltar. Afugentei os meus demónios e recompus-me.

— A velhota não fingiu que se estava a afogar, fingiu que estava com vertigens... Uma péssima representação... — Imitei a D. Joaquina, que balançava os ombros e revirava os olhos com água pela cintura, até lhe ouvir a

primeira gargalhada.

Perante a sua insistência no tema *Álibi*, lembrei-me de um cliente que, na sua embriaguez, acreditou que se gatinhasse por entre os seguranças, sairia sem pagar, outro que adormeceu debaixo de uma mesa até ser encontrado pela equipa de limpeza e, o meu predileto, um cliente que dançava com uma arara no ombro que a mulher escondera na mala antes de entrar.

— E o dono, o Pedro? Conta-me as tuas conversas com ele.

Aquela curiosidade não era inocente. Ela já sabia que falava cada vez mais com ele, porque eu já lhe contara alguns assuntos que debatíamos e como ele ficava ofendido quando eu denegria os seus queridos U2 e outras bandas enfadonhas. Não lhe contara era como a sua indignação, que nem parecia muito sincera, me divertia bastante.

— Discutimos muito sobre música, ele leva muito a peito as minhas críticas às suas bandas preferidas, e eu defendo as minhas bandas de *hard rock* do coração, até eu o vencer devido aos meus conhecimentos musicais de nível superior. Uma das poucas coisas em que ambos concordamos é que o teu gosto por música latina podia ser bem melhor...

— Como é que ele é, exatamente?

— É uma pessoa normal.

— Não te faças de sonsa. Já percebi que ele é giro. Descreve-o como me descrevias o nadador-salvador, o Bruno, nos áudios que me mandavas.

Resignei-me a fazer-lhe a vontade, o que só lhe aguçou ainda mais a curiosidade.

Na noite seguinte, cheguei ao *Álibi* ainda não eram dez horas. Entreguei ao Pedro as faturas do táxi, mas não consegui corresponder ao diálogo sobre a Shakira, que ele sabia ser a artista latina preferida da minha irmã. Fui sentar-me no bar do António, peguei no telemóvel e voltei a confirmar o que tinha combinado.

Quando ele apareceu ao meu lado e me sobressaltou, foi por um triz que não soltei uma asneira das grandes.

— O que se passa, Francisca, porque é que estás tão nervosa?

Estava a roer a unha do polegar, o que descredibilizava a minha resposta.

— Não se passa nada. Não estou nervosa...

Fez sinal ao António ao mesmo tempo que se dirigia a mim.

— Deve ser a nona ou décima vez que vais cantar aqui, por isso, calculo que não seja medo do palco. — Pediu um *gin*, e, depois de me perguntar se queria alguma coisa, provocou-me num tom de gozo.

— O Braga vai jogar hoje, é isso?

Soltei uma pequena gargalhada que escondia muito mais ansiedade do que divertimento.

— Achas que era possível ficares só com um segurança na porta durante vinte minutos e dispensares o Augusto para vir comigo a um sítio? Se ele não se importar?

Encarou-me, confuso, e arrependi-me do pedido incomum.

— Acho que sim, é possível. Podes explicar-me o que se passa?

Venci a vergonha, mas minimizei a falta de liquidez em que me encontrava a quinze dias do Natal.

— Sabes aquele *sítio* de compra e venda de artigos usados? — Olhou-me, como que a encorajar-me para que continuasse. — Tenho lá um relógio à venda, que me ofereceram há uns anos e eu não uso. Há um tipo que o quer comprar, ligou-me ontem e não regateou nem nada. Disse-me que só lhe dava jeito encontrar-se comigo de noite, por isso, combinei aqui na porta às dez horas. Quando estava a chegar, ele mandou-me outra mensagem a dizer que está a jantar com amigos e não lhe dá jeito vir até aqui, e pediu-me para ir a este parque de estacionamento, a dez minutos a pé daqui. — Mostrei-lhe o telemóvel com as mensagens trocadas no WhatsApp e ele confirmou a existência do lugar. — Eu não conheço bem as ruas e... se o Augusto pudesse vir comigo, era mais rápido...

Franziu os olhos como se algo não lhe parecesse bem nas mensagens que lia, o que agudizou a minha ansiedade.

— Não sei se era mais rápido ires com o Augusto, duvido que ele te conseguisse acompanhar na corrida pela calçada. — A seguir, olhou para o relógio no seu pulso e desistiu do *gin*. — Eu vou contigo.

Recriminei-me mentalmente por o ter envolvido. Eu queria a companhia do Augusto, não a dele.

— Não, não te incomodes. Eu vou com o Augusto, ele já se tinha oferecido, se eu precisasse de um favor assim como este.

Inclinou a cabeça de lado e notei-lhe uma expressão ambivalente, indeciso na escolha de palavras ou atitude a tomar.

— Não me incomoda nada. Custa-me acreditar que estavas com medo de andar de táxi, mas ponderavas encontrar-te com um tipo que não conheces, num parque de estacionamento que deve estar deserto a esta hora da noite.

Lamentei ainda mais aquele desenvolvimento quando me sugeriu irmos de carro porque estava frio. Acalmei-me com a constatação de que eu tinha um concerto para dar no seu estabelecimento em menos de uma hora, mesmo

assim, insisti para que fôssemos a pé.

— *Okay*, vamos à minha sala, tenho de ir buscar o casaco e também a chave do carro, caso mudes de ideias, quando perceberes que estão dez graus lá fora.

Segui-o, ao mesmo tempo que enviava uma mensagem ao comprador, avisando de que ia a caminho com um amigo e que estaria no local em pouco tempo.

Ao contrário do que aconteceu nas outras mensagens que trocámos, o homem não respondeu logo. Sentei-me no sofá enquanto o Pedro tirava o casaco do armário e insisti.

Por favor, confirme, vamos sair agora e não temos muito tempo.

Nada.

Telefonei. Tocou várias vezes até ir para *voice mail*. Liguei outra vez e foi diretamente para o atendedor, assim como nas vezes seguintes.

O Pedro já estava de casaco vestido, à espera de que eu me levantasse, quando resolvi assumir que aquela transação não ia acontecer. Fi-lo com uma expiração forçada, atirei o telemóvel para o lado e mergulhei a cabeça nas mãos.

Senti o assento mover-se e percebi que ele também se sentara. Apesar de ele ter ocupado o lugar na ponta contrária à minha, com o telemóvel entre os dois, olhei em direção à porta. Confirmei que estava aberta, o que me sossegou, assim como a sua postura tranquila, a inclinar-se na direção oposta à do meu corpo, até se apoiar no braço de cabedal.

— Não fiques assim. Vai aparecer outra pessoa para comprar esse relógio que não usas...

Abri a mala para apreciar o relógio que pedi à minha avó Angelina quando fiz dezoito anos. Um modelo prateado com ecrã preto, cheio de *power*.

Ele manteve-se em silêncio enquanto eu apreciava o presente de aniversário de que me iria desfazer. O dinheiro seria bem-vindo, havia priorizado o Sr. Nazeed e saldado as contas da mercearia, mas ainda devíamos à EDP.

Esforcei-me por disfarçar todo o valor sentimental que aquele objeto frio encerrava e prendi-o no pulso para o usar durante a atuação dessa noite.

— Se estás a precisar de dinheiro, podes sempre pedir-me um adiantamento. Metade das pessoas que te contactam quando pões um anúncio na *internet* tem um esquema. Esse tipo tinha um esquema, ou então resolveu gastar o dinheiro em copos depois do jantar, agora não dá para saber porque ele te bloqueou, mas se quiseses vender mais coisas, combina a venda cá dentro e avisa-me para estarmos atentos.

Recostei-me contra o tecido suave do sofá e relaxei os músculos do pescoço,

em tensão aguda desde que o comprador me propusera encontrá-lo no parque de estacionamento.

— Não estou a precisar, obrigada. És sempre assim, tão disponível para os teus funcionários?

Fez um sinal afirmativo e estudei-lhe as feições. O rosto de traços equilibrados, a boca fina e o nariz reto, o acentuar das linhas discretas nos cantos dos olhos quando sorria.

— Por acaso, sou. Deixei de conviver com a maioria dos meus amigos na altura em que montei o *Álibi* e tornei-me bastante próximo do meu pessoal. O António já morou comigo quando teve uns problemas com a mulher, levei várias vezes o Augusto à fisioterapia quando se lesionou num joelho a jogar futebol e também ajudo a Andreia quando precisa de algumas coisas mais caras para o filho.

— Porque é que deixaste de conviver com os teus amigos?

— Porque sou uma pessoa fria. — Respondeu num esgar que era de troça, num tom que soava absolutamente honesto.

— Pois és. — Percebi que não deveria ter concordado tarde de mais, a adrenalina em queda tornara-me demasiado franca. — Não era isso que queria dizer, é só que às vezes tens uma expressão neutra e distante, não se percebe bem em que estás a pensar. — Endireitei-me e mudei o assunto antes de acrescentar mais disparates. — Estou a negociar a compra de uma calculadora gráfica que a minha irmã precisa para Físico-Química. Se o tipo aceitar os vinte euros que lhe ofereci e também quiser combinar em horário pós-laboral, a tua oferta para combinar no *Álibi* é só para vendas ou também engloba compras?

Fez-me um sorriso que nada tinha de neutro.

— Compras, vendas, cedências e alugueres, Francisca. Todo o leque sortido de negócios que fizeres pelas *internets*. — Apontou para o meu relógio antes de concluir. — Não aceites menos de cem euros, está quase novo.

O meu peito contraiu-se, regressei aos meus dezoito anos e ao dia em que o usei pela primeira vez, assim que saí da ourivesaria da Rua do Souto, de braço dado com a minha avó.

Deixei o Pedro na sua sala e caminhei pelo corredor da área reservada ao pessoal, até uma pequena reentrância junto da saída de emergência.

Eram quase onze horas, ela não iria atender, mas depois podia ouvir a gravação. Eram grãos de areia que não tapavam o fosso que se me abriu por dentro, mas era o que podia ter.

A minha avó Angelina era doce, dona do colo mais perfumado e meigo da minha infância. Merecera a sua vida privilegiada. O meu avô Francisco (de onde veio o meu nome e veia artística) dedicava-lhe poemas e mimou-a até ao dia em que uma pneumonia, atribuída ao vento frio que apanharam no Lago di Como, que afinal era uma leucemia aguda, os separou. Talvez fosse por ter tido um marido tão amoroso, ou porque a poupei aos pormenores mais sórdidos, ou porque o meu adversário era mais convincente, ela nunca alcançou a severidade da nossa situação. Sempre que a procurei para refúgio, ajuda ou ação efetiva, ela oferecia-se como apaziguadora e conselheira, defensora da família como um todo, unida e superando as dificuldades.

Marquei o número dela em chamada privada, deixei tocar, à espera de que fosse para as mensagens, e o meu coração disparou quando ouvi a sua voz aguda e gentil. Fiquei em silêncio, indecisa, era a primeira vez que lhe ligava sozinha.

— Teresa? És tu, filha?

A tremura que lhe notei na voz destroçou-me e fez-me quebrar a mudez.

— Não, avó, sou eu.

— Kika, ai, coração da avó, tenho tantas saudades tuas. Aconteceu alguma coisa? Está tudo bem? Onde é que vocês estão? A tua mãe e a Marianinha?

Há dois anos que lhe ligávamos sem lhe dizer onde estávamos, mas ela nunca desistiria de perguntar.

— Está tudo bem, avó, elas estão em casa. Eu estou sozinha.

— Porque estás sozinha? Elas estão bem? Onde é que tu estás? Por favor, eu prometo que não conto a ninguém, não aguento mais isto, este sofrimento de não saber de vocês está a dar cabo de mim.

Partiu-me o coração, mas depois do tanto que sacrificámos, não podia ceder. A minha avó era demasiado bondosa e um pouco ingénua, e eu não podia arriscar que a fizessem crer que entregar-nos era o melhor para nós.

— Elas estão bem, e eu também. Vim sair à noite com uns amigos, lembrei-me de ti e resolvi ligar-te.

— Estão mesmo bem? Ainda estão em Portugal?

Desde que o meu avô adoeceu em Itália, a minha avó ficara com fobia a viagens para o estrangeiro. Ficara de cama durante todos os dias que passaram entre ter ido à pastelaria de S. Vicente, onde lhe perguntaram se era verdadeiro o boato de que estávamos em casa de familiares na Bélgica, e o nosso telefonema de número privado a garantir que estávamos em Portugal.

— Sim, estamos em Portugal.

— Vocês estão a passar dificuldades? Vamos resolver isto entre as duas, dá-

me um número de uma conta e eu peço no banco para vos transferirem dinheiro. Sossegava-me tanto esta angústia, se vos pudesse mandar algum dinheiro, ainda por cima é Natal. Faz isso por mim, por favor, Kika.

Ela precisaria de ir ao banco e falar com um empregado da agência que podia contar a alguém. Depois de saberem o número da conta, podiam chegar à loja onde eu trabalhava e que me depositava o salário e a morada que constava no contrato. Não podia ceder e quebrar as regras combinadas com a Cecília, que nos permitiram viver ocultas nos últimos dois anos.

— Nós estamos muito bem, avó, não precisamos de dinheiro. A mãe arranjou emprego, não nos falta nada, podes ficar tranquila.

— Onde é que a tua mãe arranjou emprego?

O tom incrédulo fez-me sorrir enquanto pensava numa mentira que a sossegasse.

— Numa livraria. Estamos as duas a ganhar bons ordenados.

— Ah, bom, então, está como peixinho na água. E porque te lembraste de mim, assim de repente?

Que ternura, o pequeno laivo de orgulho que lhe descobri no meio da angústia.

— Elogiaram-me aquele relógio que me compraste quando fiz dezoito anos, na véspera do meu primeiro recital na universidade.

A seguir a saímos da ourivesaria, passeámos sem rumo pelas ruas à volta da Sé. Os nossos passos alinhados e os corpos juntos. Quase pude sentir o cheiro ao perfume *Poison* e o toque da fazenda do seu casaco. A parede à minha frente tornou-se turva e aquosa.

— Kika, escuta a avó. Eu estou muito arrependida por não ter acreditado em ti, muito. Passo as noites em claro a pensar no que podia ter feito de diferente para vocês não terem tomado uma decisão tão radical. — Fechei os olhos, deixei as lágrimas deslizarem-me até à ao pescoço e depois o corpo seguiu-as até ao chão. — Tem de haver outra solução. Vocês não podem ficar escondidas para sempre. Eu não posso conceber que nunca mais vos volto a ver. Sinto-me doente só de imaginar. Tem de haver outra maneira. Não é justo, Kika. Não é justo... Não pode ser, não aguento viver assim, sinto que tenho de pedir ajuda a alguém e fazer alguma coisa. O teu avô era muito amigo de um procurador que já se deve ter reformado, mas o filho...

Era por isso que era perigoso dar-lhe o nosso paradeiro. O seu amor por nós não a deixava resignar-se à nossa situação. Reprimi um soluço, e depois outro, porque a vida não era justa.

— Kika? Estás a ouvir?

— Desculpa, devo estar com pouca rede. Não podias ter feito nada de diferente, avó. Era impossível continuarmos em Braga. Nós tivemos de tomar aquela decisão, não havia alternativa, acredita em mim. Agora estamos bem e em breve vamos voltar a ver-nos, tenho a certeza. Estou a pensar numa solução.

— De verdade, Kika? Em breve? Não estás a enganar-me só para me deixar mais aliviada?

Estava.

— De verdade, avó. Queres que te ligue amanhã quando estivermos as três?

— Sim, Kika, por favor. E na noite de Natal, também me podem ligar?

— Claro, preferes antes ou depois de chegares da Missa do Galo?

— Pode ser antes, minha querida, para levar as vossas vozes frescas na cabeça enquanto peço por vós ao Deus Menino. Pode ser que Nosso Senhor me perdoe por tudo e tenha piedade de mim.

Ainda estava no chão quando a Andreia me encontrou e me perguntou o que se passava. Limpei as lágrimas que teimavam em correr e assegurei-lhe que estaria pronta em cinco minutos.

Ela agachou-se à minha frente, desviou o olhar para o telemóvel que eu ainda segurava e encarou-me, apreensiva.

— O que aconteceu?

Encolhi os ombros num gesto desvalorizador enquanto fungava.

— Nada de especial. Coisas normais da minha vida.

A Andreia manteve-se à minha frente sem aliviar a expressão preocupada e eu tentei tranquilizá-la.

— Assim que chegar ao palco e começar a cantar, passa-me, fico logo nova.

Levantou-se e ofereceu-me a mão.

— Anda comigo.

Sentou-me na sua cadeira, abriu uma gaveta da secretária e desatou a tirar cremes.

— Tens a cara feita num oito e esses olhos não enganam ninguém. És alérgica a corretor de olheiras, ou a base?

Perante a minha resposta negativa, iniciou a sua operação cosmética. Alguns produtos e várias pinceladas depois, tirando os raios vermelhos dentro dos olhos, era como se eu nunca tivesse produzido uma lágrima. Elogiei o seu trabalho de camuflagem e em troca recebi um conselho para a vida.

— Ele não vale este desgosto. Se te desiludiu, se te magoou, se te fez sofrer,

deixa-o já, esta noite. Seja o que for que ele fez, vai voltar a fazê-lo, mesmo que diga que não e te parecer que mudou, quando menos esperares, vai voltar a fazê-lo.

Assenti porque também o sabia.

Demissão

No sábado seguinte, assim que me viu, a Vicky abandonou os clientes com quem confraternizava. Muito animada, arrastou-me até à sala da Andreia e as duas entregaram-me um vestido preto curto.

A minha pulsação acelerou conforme passava o tecido brilhante entre os dedos.

— Andámos a pôr ordem nos arrumos. Organizámos vários eventos no ano passado e deixaram cá uma data de roupas, nem fazemos ideia de quem serão. Achámos que este era a tua cara. Fui buscá-lo hoje à lavandaria. — Deveria ter ficado tão contente como a Andreia, que me sorria, feliz com a oferta de marca. — Olha as mangas e as costas em «V», não é o máximo? Vais ser a cantora mais gira de Lisboa.

Aquele vestido era a cara do clube, *sexy*, requintado e *trendy*. Ao contrário das minhas calças de ganga e da camisola. Elas não mo diziam porque eram boas pessoas e não me queriam humilhar, e eu desejei estar à altura delas e do seu gesto amigo e generoso.

Troquei-me, elogiei o corte e a elegância do vestido. Controlei a angústia quando reparei nas minhas pernas nuas, desprotegidas até meio da coxa. A minha pulsação acelerou e a Vicky passou-me o braço à volta da cintura.

— Estás uma brasa, miúda! A cantora mais gatinha que eu já vi!

Limpei o suor da testa, neguei que o vestido fosse muito quente, voltei a agradecer e sorri.

Foi mais fácil acreditar que podia fingir ao pé delas do que a atravessar uma sala cheia desconhecidos. As luzes feriam-me os olhos e as batidas da música moldavam-me uma fenda no peito.

Nunca mais usara um vestido desde aquela noite. Voltei a ser presa, indefesa e estúpida. O vestido, as pernas nuas, vulnerável, estúpida. Puxei-o mais para baixo, mas o material era pouco elástico e não cedeu.

As minhas pernas nuas outra vez. Mudava tudo. Aquele lugar tornara-se inóspito e vi-me cercada de inimigos. Quando cheguei à escada do palco, o meu portal de felicidade, o suor escorria-me até ao interior das coxas, a pele

arrepiada no limite da dor. Inspirei, o ar não entrava. Forcei o diafragma mais para baixo e o ar continuou a faltar-me. Repeti o processo, quase frenética. Perante a sensação de asfixia, o palco tornou-se secundário. Vagueei o olhar pela sala, à procura de algo que me valesse e não iria encontrar, só vi rostos desfocados, luzes estranhas e padrões ameaçadores.

Não estava à altura. Nunca mais estaria. Era uma fraude. Uma imitação que jamais alcançaria o original, perdido para sempre.

O vestido apertava-me cada vez mais, tornou-se num garrote à minha volta, ou era a impressão de se me colar à pele húmida.

Voltei para atrás.

Despi-me perante uma Andreia incrédula.

— Não consigo, Andreia. Desculpa. Já não estou à altura. Desculpa. Eu não pertenço aqui.

As minhas calças de ganga devolveram-me o oxigénio.

— Diz ao Pedro que lamento muito. Não posso continuar a cantar aqui.

— Como assim?

Demiti-me, abracei-a e agradeci-lhe por tudo enquanto ela me pedia explicações. Nem me lembrei de como aquele dinheiro me fazia falta. Naquele momento, eu sabia que era uma impostora e não podia continuar ali, estavam em causa a minha sanidade e sobrevivência.

Saí a correr, como nos primeiros tempos, e só parei na Estação de Metro do Rato. Assim que encontrei o primeiro banco, deixei-me cair. Limpei as lágrimas o mais discretamente possível e amaldiçoei a noite de agosto que me deformou para sempre.

No dia seguinte, a versão mentirosa do meu despedimento, «já não vão precisar de mim, a cantora anterior regressou», fez crescer o desalento na minha casa. Voltarmos a depender apenas do meu ordenado da loja implicava termos de repensar em todas as despesas, sobretudo as não essenciais.

Para piorar aquela manhã de domingo, a minha irmã insistia em participar numa manifestação de alunos contra os cortes no ensino, com concentração marcada para o Marquês de Pombal e percurso até à residência oficial do primeiro-ministro. Expliquei-lhe que iria haver câmaras de televisão por todo o lado a filmar os manifestantes e ela corria o risco de aparecer num telejornal algures, denunciando o nosso paradeiro, mas ela continuava determinada.

Tentei um meio-termo, em que ela iria almoçar com as amigas, mas

evitaria a concentração, o que foi uma ofensa ainda maior.

— Não percebo porque é que me estás a castigar!? Eu quero manifestar-me pelos meus direitos! Não vou lá aparecer para almoçar e depois venho para casa com o rabinho entre as pernas. Prefiro não ir. Vou parecer uma idiota egoísta! Eu não fiz mal a ninguém! Não cometi nenhum crime! Porque é que tenho de andar escondida? Não quero viver incógnita para sempre! Estou farta disto tudo, e da tua paranoia também!

Tentei chamá-la à razão antes que se fechasse no nosso quarto, mas não fui bem-sucedida e sentei-me sofá. A minha mãe acompanhou-me e deixei cair a cabeça no seu ombro.

— Ela tem razão. Estou a ficar paranoica. Vêm autocarros com miúdos de Coimbra e do Porto, mesmo que ela apareça na televisão, não é certo que ela esteja em Lisboa. Podes ir lá dizer-lhe que ela pode ir? Se for eu, acho que ela nem me abre a porta...

A minha mãe passou um braço à volta da minha cintura e puxou-me para si.

— Claro que ela te abre a porta. Já lá vais e fazem as pazes. Agora parece-me que esta é a minha filha que mais precisa de atenção. — Acariciou-me os cabelos antes de continuar. — Não fiques triste por causa da *boîte*. Vais encontrar outro lugar para cantar. Até lá, vou arranjar emprego, vais ver, e a minha empregadora pode dizer o que quiser, «fostes», ou «vocês há dem de cá vir», que não me vou importar nadinha. — Movi a cabeça em concordância com aquela decisão sensata, e ela encarou-me, o seu rosto sofrido, um espelho do meu desânimo. — Estou preocupada e a achar-te muito abatida, filha. Por favor, não voltes àquele estado de tristeza e letargia em que ficaste depois de seres despedida do Rainha D. Amélia, não sei se consigo voltar a ver-te assim, acho que prefiro...

Impedi-a de continuar, mas não pude tranquilizá-la, porque nos sobressaltámos com o toque da campainha. Alguém que não esperávamos estava à nossa porta...

Tentei controlar a preocupação crescente enquanto me levantava. Podia ser um vizinho, o Sr. Nazeed ou uma amiga da Mariana que viera buscá-la e encontrara a porta do prédio aberta. O coração saltou-me em cada sílaba ao perguntar:

— Quem é?

— O Pedro. Uma vizinha tua que ia a sair deixou-me entrar.

Ainda não o vira em versão fim de semana, de calças de ganga, *sweatshirt*

cinzenta e um colete acolchoado.

— A tua morada estava no contrato que assinaste. — Passou por mim e pousou um envelope ao lado do abre cartas da minha mãe. — Isto é teu. — Não reagi, mantive-me com a mão na maçaneta, perplexa com o seu aparecimento. — O que se passou ontem à noite? A Andreia não me soube explicar e ficou muito preocupada contigo. Ela queria ter vindo, mas não tinha com quem deixar o Jaime.

Elaborei uma resposta que não denunciase a mentira contada à minha família.

— Estava muito enervada.

Ele apercebeu-se da presença da minha mãe, apresentou-se nuns modos mais formais e a seguir encaminhou-se para mim, ou para a porta, era impossível saber porque eu continuava com a mão na maçaneta.

Sinalizou a minha mãe com o olhar, como se descobrisse o meu dilema.

— Queres ir almoçar a qualquer lado?

Não soube o que responder, fiz um sorriso desconfortável e ele antecipou-se.

— Esquece, se calhar, não é boa ideia.

Fui percorrida por uma pontada de desilusão e justifiquei-me num tom hesitante.

— A minha mãe já fez almoço para mim e tu deves ter assuntos para tratar...

Abriu os olhos num trejeito de reprovação.

— Francisca, não tenho nada urgente para tratar e, sempre que convido alguém que trabalha para mim para uma refeição, sou eu que ofereço. — Tornou-se menos sério e esboçou um pequeno sorriso assimétrico. — Sem direito a reflexões sobre o tema.

Aceitei, no entanto, como não me podia ir embora sem fazer as pazes com a Mariana, pedi-lhe que esperasse um pouco, com a desculpa de ir buscar um casaco ao quarto.

Assim que me sentiu, a minha irmã levantou a cabeça da almofada e pediu desculpa com um beicinho irresistível, que me desarmava desde que ela usava as minhas maquilhagens e me partia batons. Reprimi a vontade de lhe cobrir as bochechas de beijos repenicados, algo que, ao contrário da minha concordância com a ida à manifestação, ela não iria apreciar.

Perguntou-me quem tocara à campanha, não resistiu a vir conhecer o Pedro e perdoei-lhe o acesso de coscuvilhice porque ainda lhe notava os olhos inchados. Ela não o mereceu, porque não soube disfarçar o descaramento

avaliador, nem os olhares cúmplices na minha direção, denunciando que eu lhe falara nele e confirmando o que lhe descrevi, mas era tão fofa quando se fazia de malandra que lhe perdoei isso também.

Apesar de ser proprietário de um clube onde as vodcas custavam oito euros, foi fácil convencê-lo a irmos ao Cantinho Mineiro, um lugar que me dava segurança e ficava a dois confortáveis quarteirões a pé de minha casa.

Sentámo-nos numa mesa na esplanada coberta, uma rapariga que não conhecia trouxe-nos a ementa e fez sinal ao Pedro para que não pegasse na sua.

— Queremos pão de queijo, acarajés e feijão-tropeiro.

Encarou-me de sobrolho franzido.

— Tu és mandona! Imagina que eu não gosto de queijo ou que sou alérgico? Será que posso ver a ementa e escolher outra coisa?

Percebi que não estava tão contrariado como fazia parecer.

— Isso seria estranho, uma vez que estavas a comer uma tosta de queijo quando fiz a audição no Álibi, e que eu saiba não fui eu que ta pedi.

Esfregou a barba muito curta, num gesto pensativo que pretendia ocultar o divertimento no olhar.

— Desta vez vou aceitar, mas só porque deixei os óculos no carro e estas letras da ementa são pequenas para mim.

Pouco depois, a rapariga trouxe-nos os pães de queijo e acabou-se a conversa de circunstância sobre gastronomia brasileira.

— Posso saber o que se passou? A Andreia contou-me que num momento estava tudo bem e no seguinte estavas a tremer como varas verdes e a despedires-te.

Só de pensar no percurso de vestido, a minha garganta secou.

— Eu não estou à altura do clube. Percebo que devia usar roupa de festa, vestidos e saias, mas eu não sou capaz. A Andreia e a Vicky são muito queridas e eu não as quis desapontar, mas não consegui. Acho melhor arranjamem outra pessoa, eu adoro cantar no Álibi, mas não posso cumprir esses requisitos...

A sua expressão tornou-se mais séria.

— Nunca te disse, e espero que nem a Andreia nem a Vicky, que tinhas de cumprir requisitos com vestuário. Acho que a ideia delas não era essa, era agradarem-te, porque pensaram que gostarias de usar um vestido como aquele e talvez não tivesses um de que gostasses.

Senti-me encurralada e fiz um gesto peremptório de negação.

— Não. Eu não gostaria de usar nenhum vestido, nem saias. Só gosto de

calças e deste tipo de camisas largas que uso, mas sei que não combinam com o ambiente sofisticado do Álibi, e também sei que assinei uma cláusula sobre apresentação no meu contrato. É normal.

O seu olhar fixou-se no meu, embrenhado em algo, talvez na busca do que a minha boca calava.

— Eu contratei-te para cantares, e tu cantas bem. Podes vestir-te como quiseses: calças, camisas ou o teu blusão roqueiro. Esquece a cláusula de apresentação. Só a pusemos porque houve uma antecessora tua que abusava dos decotes e das transparências, e isso... — fez um trejeito de desconforto antes de continuar — baixava um pouco o nível do clube. Há algum motivo para não gostares de vestidos e enervares-te tanto?

O meu corpo tornou-se mais leve e o ar prazeroso de respirar. Podia voltar e cantar com as minhas calças de ganga, o que tornava as minhas razões contra os vestidos irrelevantes. Além disso, o Pedro parecia-me demasiado atento e perspicaz, era provável que não acreditasse nas mentiras que ponderei inventar.

— Sabes que eu já trabalhei aqui? Foi o meu segundo emprego em Lisboa, por isso é que sei quais são os melhores pratos, vais ter uma surpresa muito boa com os acarajés.

Como que chamado pela confiança, o Júnior, dono do Cantinho Mineiro, apareceu e juntou-se a nós, primeiro ressentido por eu não ter entrado para o cumprimentar e depois ávido por novidades da «patricinha bracarense» que não aparecia «faz tempo».

Depois de o pôr a par dos meus dois novos empregos, deixei-os sozinhos e fui fazer uma visita às meninas na cozinha. Fui abraçada, posta a par de quem tinha novo «agarramento» e de quem tinha «desquitado», lembrei-me da pessoa brincalhona que fui e apercebi-me de que também tinha saudades, das meninas e de mim própria, quando «fazia a maior festa» por coisas simples, como ficarmos com a dose de batatas fritas que os clientes recusaram porque demoramos a entregar.

Quando regressei à mesa, o Júnior imitava o meu sotaque português do Norte:

— «Fico *barada* com tanta picuinlice» — e receei que levar o Pedro ao Cantinho Mineiro tivesse sido uma péssima ideia.

Apesar de ele se ter rido da «peripécia», confessei-lhe que não me orgulhava daquela tirada impulsiva e tentei justificar-me durante a sobremesa, uma fatia de rocambole oferecida pela casa.

— O restaurante estava a abarrotar e o senhor era mesmo picuinhas, pediu

um café curto pingado em chávena escaldada, café que voltou para trás porque estava demasiado curto, depois voltou para trás porque a chávena estava pouco quente e no fim reclamou porque tinha leite a mais. Foi logo ao princípio, eu ainda não tinha aprendido a lidar com os clientes, agora jamais faria algo assim...

Encolhi os ombros e não reprimi um sorriso, contagiada pela sua boa disposição e olhar malicioso.

— Acredito, mesmo assim, lembra-me de nunca te pedir para atenderes ao público no Álibi.

A nossa consoada foi a melhor nos últimos anos. O último Natal, passara-o a bordo do Rainha D. Amélia porque não me podia dar ao luxo de recusar o bónus muito apetecível; no penúltimo, estávamos em choque pós-fuga e os anteriores foram manchados por aquela apreensão aflitiva, constante nos dias festivos passados com o meu pai, na nossa outra vida.

A minha mãe riu-se alto quando entornei o prato de leite onde pretendia molhar as rabanadas e a Mariana decidiu cozinhar o bacalhau conforme uma receita que encontrou no YouTube. Alternava o vídeo de um cozinheiro bonito com os de músicas latinas, e imitava as coreografias a esbarrar em nós e nos armários da cozinha mínima onde a voz do Enrique Inglesias reverberava. E eu estava tão entretida a ver a sua atuação de *chef* dançarina que me esqueci das horas para ir levantar o bolo-rei que encomendei na pastelaria atrás da nossa rua e implorei às empregadas que limpavam o chão para me abrirem a porta.

Sem dúvida alguma, o melhor de tudo no nosso Natal a três era a inexistência de tensão. A ausência da possibilidade de que uma frase errada transformasse a ceia natalícia, ou qualquer outro jantar, numa carnificina, desequilibrada e com um fim incerto, parte de uma guerra infinda que jamais venceríamos. A inexistência desse risco era uma das sensações mais maravilhosas que alguém como eu poderia experimentar.

Aquela paz sabia-me a glória e não tinha preço, mesmo que o bacalhau estivesse desenxabido, mesmo que a Mariana não tivesse recebido as sapatilhas caras que pediu e mesmo que o meu pijama estivesse curto nas mangas. Ninguém mediu palavras e ninguém se exaltou, enchemos a barriga de rabanadas e adormecemos as três no sofá, depois de vermos o *Música no Coração* e cantarmos as músicas da família Von Trapp que sabíamos de cor.

Torturar a alma

Depois da minha demissão falhada, ganhei confiança com o Pedro e tornei-me mais interventiva. Após dias de negociações, convenci-o a tornar o meu reportório mais eclético e acrescentar canções *hard rock* das minhas bandas preferidas, quase como uma aposta em como tornaria o Álbi na discoteca com a seleção musical mais aclamada de sempre.

Em troca de eu fechar os olhos ao seu erro imperdoável de se referir a algumas das músicas que sugeri como barulho, ele permitiu-me mudar o alinhamento.

Pedi ao guitarrista e ao baterista uma tarde para ensaiarmos alguns temas com os quais eles estavam menos familiarizados, e o *Sweet Child O' Mine*, dos Guns N' Roses, estava a revelar-se o mais desafiante de todos, sobretudo a partir do solo de guitarra aos quatro minutos.

Aumentei o volume para entrarmos no *core* da música. Estava fora da realidade, naquele meu mundo sonoro, no momento em que o Pedro apareceu, a pedir-nos para tocarmos mais baixo.

Achei que lhe fizera um favor, tirá-lo dos seus papéis para apreciar aquela balada em ré maior, foi por isso que não reduzi o volume no amplificador, projetei a minha voz um pouco mais e sentei-me no palco.

Where do we go now

Naquele universo paralelo só existia som, o que trazia em mim, a minha voz à capela e a irreverência da banda, que também era a minha e extravasava em todos os graves da minha voz.

Where do we go now

O ato de cantar libertava-me, transportava-me para outra realidade, na qual não estava em fuga, não gravara memórias negras e nem sequer tinha aquele corpo. Nem medo...

O som em mim era destemido. Livre. Sem tempo, nem espaço.

— És muito engraçada.

Parei de cantar e a audácia abandonou-me de imediato.

Pareceu-me ver-lhe uma amostra ténue do sorriso assimétrico e arrisquei

uma justificação.

— Foi uma brincadeira, porque pediste para cantar mais baixo.

O Pedro assentiu numa expressão mais neutra do que eu desejaria, voltou para a zona privada e reduzimos o volume até darmos o ensaio por terminado.

Depois de arrumarmos o material e de os músicos saírem, uma pontada de arrependimento, leve, mas muito insistente, levou-me até à sua porta entreaberta.

Estava concentrado em frente ao computador. Ao notar a minha presença, levantou o rosto para me perguntar se precisava de alguma coisa. O meu embaraço aumentou, ele parecia embrenhado em algo sério, e eu vinha roubar-lhe mais tempo depois de me feito de tonta sentada no palco.

— Era só para te dizer que quando canto algumas canções de que gosto muito, às vezes dá-me assim uma espécie de frenesim e perco a noção. Estamos bem? Ou preferes que volte ao reportório anterior, porque este com as bandas que consideras «barulhentas» me provoca tendência para a rebelião?

Levantou o braço para apoiar o queixo na mão.

— Não há necessidade. Hoje acordámos cheias de sentido de humor... — A forma como me fitava, descontraído, incitou-me a avançar. Fi-lo porque ele não me convidou a entrar como os predadores fazem, e também porque ele nunca me instigava a tensão da presa. Algo não passível de explicação verbal, uma espécie de inquietação nas pernas e no peito, que aguça os sentidos e nos faz preparar a fuga.

— Naquele momento, achei que não deveria existir nada mais importante do que ouvires a *Sweet Child*, mas é óbvio que existe, e deve ser o que estás a fazer...

Perguntou-me se sabia guardar um segredo e eu assenti.

— Estou a avaliar uma proposta de investimento num negócio que está a florescer, os *Escape Rooms*. Parece rentável, mas ainda há algumas variáveis muito imprevisíveis.

Para mim, era incompreensível que alguém, de forma deliberada e à sua custa, se fechasse numa sala para viver uma situação falsa de stresse agudo. Talvez fossem apenas pessoas que estivessem aborrecidas porque a vida lhes corria demasiado bem.

— Não és fã do conceito, portanto... — Fiquei surpreendida pela leitura de pensamentos. — Vou fazer aqui uma nota nesse sentido. Cantoras de Braga com gostos musicais duvidosos não serão consumidoras do serviço. — Fez

uma pausa para se reclinar na cadeira. — Mas olha que é uma experiência gira de treino mental e concentração. Durante aquela hora só vives para os enigmas, deve ser uma sensação parecida à de cantar, em que só vives para a música e para o teu público...

O Pedro não me convidou para entrar, mas parecia recetivo a fazer uma pausa e conversar. Eu também me sentia com vontade de conversar e sobretudo de saber mais sobre ele. Uma das minhas principais curiosidades era como teria surgido aquele negócio, porque ele me parecia o oposto do típico empresário da noite.

Dei mais alguns passos, mas em vez de seguir na sua direção, fui atraída pela estante cheia de livros. Já reparara como ele tinha sempre vários em cima daquele caos a que chamava secretária, vira-o a ler algumas vezes e não controlei a curiosidade sobre os seus géneros literários.

Passei os olhos sobre a prateleira mais baixa e foi uma experiência muito desapontante: *O Capital*, *Freaknomics*, *Mercados e Investimentos Financeiros*, livros sobre macroeconomia. Tirei um chamado *End Game*, que erradamente julguei ser um *thriller*, mas que afinal era sobre como investir em mercados voláteis.

Aquelas filas enormes de livros haviam-me absorvido tanto que só notei o meu comportamento intrusivo quando o ouvi.

— Gostas de ler?

Arrumei o *End Game* no sítio.

— Sim, dantes lia muitos livros, mas não destes sobre dinheiro. — Tentei, sem sucesso, disfarçar o interesse. — Tiraste um curso de economia e estes são os teus livros de estudo?

Voltou a pôr os óculos e levantou-se para vir ao meu encontro, agradado por eu me intrometer na sua vida e analisar as suas opções de leitura.

— Tirei um curso, mas foi de outra coisa, estudei economia de uma forma autodidata. — Pegou no *End Game* e folheou-o. — Já nem me lembrava que tinha este, agora vai dar-me jeito relê-lo. — De seguida, voltou-se de novo para mim e dirigiu-me um olhar de censura. — Como assim? Dantes gostavas de ler? A leitura é um gosto que não se perde...

Uma vez que ele não se importava que eu lhe bisbilhotasse a estante, passei à prateleira de cima e comecei a encontrar biografias e romances históricos do Ken Follet.

— Pois, o gosto não se perde, mas os livros sim. Quando saí de Braga, não deu para trazer muita coisa, a biblioteca ficou lá toda. — Notei que lhe escurecia o olhar, detestei que ele me visse como um objeto de pena e acrescentei num tom mais entusiasmado. — Mas quando trabalhei no

cruzeiro, apesar de não podermos, li vários da biblioteca. Talvez até tenha surripiado alguns clássicos de que gostei mais. — Perante o seu assombro, e o meu, pela evocação do meu trabalho antigo com naturalidade, justifiquei-me com um sorriso malicioso. — Foi um escasso pagamento pelas muitas horas extraordinárias que fiz e que eles ignoraram.

Franziu a testa, repreendendo-me num acento amigável.

— Hum-hum. Normalmente essas questões não se resolvem assim. Quais é que surripiaste?

Sabia-os de cor porque já os tinha lido mais de três vezes.

— *O Monte dos Vendavais*, *Anna Karenina* e *Tess Dos D'Urbervilles*. Ah, e também trouxe *As Aventuras do João Sem Medo*, porque era o meu livro preferido quando era criança.

Encarou-me, cúmplice, como se os títulos roubados fossem reveladores de um segredo só nosso.

— Claro que gostas de drama e fins trágicos. Como todo o verdadeiro artista, precisas de torturar a alma, como a ostra precisa do grão de areia para fazer uma pérola... Não tenho a certeza se tenho alguma coisa dentro do género.

Pesquisou durante algum tempo, até que encontrou o que procurava.

— *Madame Bovary*. Acho que é o único que tenho desse estilo. Ainda não o li, só vi o filme, depois conta-me se gostaste.

Aquela estante era um enorme desperdício, tantos livros e alguns ele nem lera, enquanto a minha mãe, a pessoa mais devoradora de livros à face da terra, andava a repetir as sobras dos meus roubos e os livros do Plano Nacional de Leitura da Mariana. Foi a pensar nela que corri o risco de parecer abusadora.

— Eu leio muito depressa, e também gosto de policiais e livros históricos.

Fez um gesto que pretendia abarcar todas as prateleiras.

— Serve-te à vontade. — A seguir, voltou para o seu lugar atrás da secretária. — Se quiseres alguma opinião, é só perguntares.

Demorei algum tempo porque a maior parte dos livros não era o género da minha mãe, fiz-lhe algumas perguntas sobre autores que não conhecia e, quando dei por mim, tinha seis livros separados.

Ia obrigar-me a seleccionar, era um exagero levar *O Papalagui*, o *Retrato de uma Espia*, *A Queda dos Gigantes*, o *Aquívios dos Outros Mundos* e *A Sombra do Vento*.

Apesar de silencioso a maior parte do tempo que demorei a espiolar-lhe a estante, ele devia estar a prestar-me atenção porque pressentiu o meu dilema.

— Podes levar esses todos, sem problema.

Eram muitos, e de onde ele estava, não conseguia ver quais eram, podia estar a afastá-lo de um dos seus livros preferidos.

— Queres que te diga quais são, para apontares?

— Não. Eu confio em ti. — Piscou-me o olho antes de continuar. — Se achares que te devo horas extraordinárias, fala comigo antes de os surripiares.

Despedi-me a antecipar o êxtase da minha mãe no momento em que aquelas oferendas livrescas entrassem no nosso apartamento, ele inclinou o rosto de lado, o sorriso assimétrico e uma expressão reflexiva como se acabasse de ter uma boa ideia.

— Já agora e por falar em horas extraordinárias, gostava que viesses ouvir a banda de quinta-feira. O António acha que eles são muito fracos, pode ser que, se tu gostares deles, ele desista de me massacrar o juízo para os substituir. Podes trazer amigas ou amigos, e claro, o táxi de regresso está incluído.

Revoltada até à medula

Estava a ouvir a banda de quinta-feira no bar do António, não no meu banco preferido, porque um tipo de fato e gravata chegou primeiro e mo roubou, mas também via bem o palco.

— Então? Vieste sozinha? — Apontou na direção da banda com o olhar.
— Achaste que iam ser tão maus que ninguém que conheces os ia querer ouvir?

Falou-me perto do ouvido e, apesar de eu também me ter aproximado para que ele me ouvisse, dado o som da *Yellow*, dos Coldplay, de fundo, não me senti incomodada quando lhe respondi que, assim que a minha irmã fizesse dezoito anos, iria trazê-la, mais as duas amigas que ela fizera em Lisboa.

— Tens de as trazer num sábado, é o dia com melhor música ao vivo.

Aceitei o elogio e continuei atenta à banda, enquanto ele permanecia à minha beira, cumprimentando as pessoas que passavam.

Pouco depois, o António entregou-lhe dois copos de cobre e o Pedro fez-me sinal para que mudássemos de lugar. Segui-o em direção à zona das mesas, onde a música não se ouvia tão alto, uma curta distância que percorremos devagar, porque ele me apresentava a cada pessoa que o abordava e fazia um pouco de conversa.

O Pedro era um ótimo anfitrião e isso podia ser uma das causas para o Álibi estar em altas na noite de Lisboa.

Sentámo-nos e ele empurrou um dos copos na minha direção.

— *Moscow mule*. Já experimentaste? — Esperou pela minha resposta negativa. — O António disse-me que a única bebida, sem ser água, que aceitaste foi uma vodka laranja, há algum tempo.

Aprovei a escolha da bebida, o picante do gengibre combinava com o sabor da vodka.

— Podes pedir um ao António sempre que cá vieres. Todos os músicos têm direito a uma bebida, para descomprimir depois de atuarem. — Apontou na direção do palco. — E então? O que achas, desbobina tudo, pessoa *berdadeira* do Norte.

Não queria causar problemas à banda, mas tive de assumir que talvez o António não gostasse deles porque o baterista não respeitava os tempos.

— Dá-se muita importância ao vocalista e à guitarra solo, mas a base da banda é a bateria e o baixo, são eles que constroem as fundações das melodias. Sem um baterista a marcar o andamento e o ritmo certo, ficamos todos perdidos nos tempos, falta cadência, dissipamos a energia e não há atuação que sobreviva. — Obriguei-me a parar, arrependida de ter sido tão frontal. Os músicos deveriam ter famílias e contas para pagar, não queria ser a responsável se ele não voltasse a contratá-los. — A guitarra solo funciona bem e o vocalista também é bom. No geral, se não fores muito preocupado com os tempos, é uma banda agradável de ouvir.

Assentiu algo indeciso e desviou o olhar do palco para mim.

— Então aquela formação musical bastante impressionante é toda real? — Fiz um esgar de estranheza, confusa acerca da questão. — Da primeira vez que te reuniste comigo e com a Andreia, disseste-nos que andaste no Conservatório de Braga, tiraste uma licenciatura de música na Universidade do Minho, estiveste um semestre em Londres no Institute of Contemporary Music Performance e estavas quase a acabar uma pós-graduação?

Fiquei estupefacta por ele se recordar de pormenores específicos de uma conversa na qual havia participado pouco, e também pela falta de confiança nas minhas declarações.

Só lhe assinala a última, levemente ofendida por me achar o tipo de pessoa que mentiria sobre o currículo, mas ele desvalorizou.

— Não seria grave. Neste contexto, o mais importante é que as pessoas gostem de te ouvir, sobretudo o António. O crítico musical mais feroz deste estabelecimento...

Confirmei todos os «galões» musicais no meu currículo de apaixonada, ou, para ser mais sincera, de viciada em música. Não me imaginava a fazer outra coisa desde que ouvi a coleção que a minha mãe tinha da Elis Regina. Ainda antes de saber juntar letras e escrever, já fazia escalas musicais. Conte-lhe que aos onze anos, quando prestei provas no conservatório, achei que continuar a viver dependia de ser aceite e cairia morta no mesmo instante em que não me aprovassem.

Encolhi os ombros ao de leve e tentei justificar o meu dramatismo.

— Sim, eu fui uma adolescente muito emocional e exagerada, mas não me imaginava ser mais nada além de cantora.

Ao mesmo tempo que eu avançava na cronologia da minha formação, ele aprofundava o sorriso até quase morder o lábio inferior, fitando-me em

silêncio, como se a minha dissertação sobre os professores terem pouca flexibilidade para respeitar a interpretação do artista fosse fascinante. E eu sabia, porque já mo fora dito, que tendia a divagar demasiado e o tema não era assim tão interessante para a população não musical, pelo que fechei o assunto para não me tornar entediante.

— Então é como é que acabaste no restaurante do Júnior e depois a cantar num cruzeiro?

Foi como se água gelada substituísse o sangue morno que me corria nas veias. Era uma pergunta complexa, dolorosa e cheia de potencial para que aquela conversa agradável se precipitasse num rumo desastroso. Esperei que o meu ritmo cardíaco abrandasse, e, quando abrandou, foi como se os meus neurónios também abrandassem, mas para uma lentidão incompatível com elaboração de respostas.

O Pedro quebrou o momento angustiante. Sem insistir ou acrescentar mais nada, fez menção de se levantar, despedindo-se cordialmente para me deixar a ouvir a banda.

Impedi-o com um puxão leve da manga da camisa, como se a minha mente acordasse da latência de uma forma desajeitada.

Não era capaz de lhe contar a verdade completa. Uma versão censurada, mais leve teria de bastar.

— Abandonei a pós-graduação para vir com a minha mãe e a minha irmã para Lisboa. Precisávamos de dinheiro e o primeiro emprego que encontrei foi num *call center*, só depois é que fui trabalhar no Cantinho Mineiro... — A pouco e pouco, as palavras escapuliam-se, como que à espreita de uma brecha para fugir. — Talvez tenha hesitado em responder porque tenho dificuldade em admitir a escassez de dinheiro. Até acho que pode ser perigoso, não que eu pense que seria o caso contigo...

Deixei a frase no ar, bebi um gole do *moscow mule* e ansiei para que a sua postura reflexiva não produzisse frutos verbais.

— Ter problemas de dinheiro não é vergonha nenhuma. Se alguém te disse isso ou te fez mal por esse motivo, a culpa é dessa pessoa sem carácter. A tua família foi-se abaixo com a crise, foi?

O Pedro era inteligente. Não lhe podia mentir, mas não me podia expor além do limite.

— Sim. O meu tetra-nem-sei-quê-avô era liberalista, recebeu um título nobiliárquico e várias propriedades depois da guerra civil. O pai do meu bisavô montou fábricas de têxteis e durante muitos anos fornecemos tecidos para Portugal e para as colónias. Sobrevivemos ao 25 de Abril e florescemos

na década de oitenta, até que, a partir de 2002, tudo se conjugou para o desastre. O meu tio morreu, o meu avô ficou com Alzheimer e o meu pai tomou conta das empresas da família: e de mau em péssimo investimento, de venda desastrosa em venda desastrosa, o património foi-se todo. A crise de 2010 foi o golpe final e a antecipação do inevitável. As dívidas aos fornecedores, às finanças e à segurança social, mais a despesa avultada de muitas farras, ter-nos-iam levado à falência de qualquer maneira.

Não tinha mais a acrescentar, pelo que me limitei a aguardar pela reação à minha queda económica e social.

— Ouvi bem? Título nobiliárquico? Por acaso, tens esse tipo de aura. Quando te vi cantar pela primeira vez, cheia de *vibe punk*, *I'm gonna start a fight*, pensei logo: esta miúda só pode ter sangue azul.

Estava a meio de um gole na minha bebida, e por pouco não me saiu pelo nariz com a gargalhada que dei. O Pedro tinha o dom de fazer as piadas mais espirituosas nas alturas mais inusitadas.

— Não contes a ninguém. Pode parecer que sou presunçosa ou que quero sobressair.

Era um mistério porque estava a debitar toda aquela informação, talvez fosse a bebida a responsável, ou talvez fosse aquele sorriso cada vez mais amplo e que lhe marcava a pele à volta dos olhos de uma maneira diferente de quando cumprimentava os clientes.

— O teu pai foi sempre assim ou mudou depois de o teu tio morrer?

Talvez fossem as perguntas, descontraídas, certas.

— O meu pai foi sempre assim. A falta de senso nasceu com ele, mas só se revelou mais tarde porque foi protegido pelo irmão, por pessoas que querem ser vistas com ele e amigos que não sabem a pessoa que ele realmente é. Uma prima da minha mãe, que tem uma quinta em Castro Laboreiro e o conhece desde que ele namorava com a minha mãe, disse-me que o meu pai era assim por haver demasiada endogamia na família. Houve casamentos entre primos diretos e de tios com sobrinhas, o que leva a que nasçam indivíduos cada vez mais débeis. O ideal é juntar genes de pessoas completamente diferentes.

Ele ouvia com interesse, não me pressionava para dizer mais do que eu podia e contribuía de forma amistosa.

— Sim, conheço o conceito, foi a consanguinidade que levou à queda dos Habsburgos, uma família austríaca que controlou toda a Europa.

O coeficiente de consanguinidade do último rei Habsburgo, Carlos II de Espanha, era equivalente a se ele fosse filho de dois irmãos. — Perante a minha admiração pela lição de história, copiou a minha deixa. — Dá para

perceber pela minha estante que gosto de história, mas não contes a ninguém, pode parecer que sou presunçoso ou que quero sobressair. — Não mudou de assunto, nem se mostrou desconfortável pelo meu passado deprimente, continuou a fazer-me perguntas e apercebi-me de como o seu timbre era grave e harmonioso, alternando entre o semibarítono e o barítono.

— Deve ter sido complicado, perder todo um modo de vida a que estavas habituada.

Isso nem fora o mais difícil, mas de todas as minhas tempestades, aquela era a única que queria revelar.

— O pior foi ver a minha mãe e a minha irmã sofrerem. Ao princípio, sentia fúria pelo meu pai, mas depois já não me chegava, também odiava os nossos amigos próximos e as pessoas da nossa família que continuavam a defendê-lo. Ao fim de algum tempo, já disparava raiva para tantos lados que era um estado permanente. Já não era um sentimento ocasional, era constante. Como se a revolta me preenchesse até a medula, de manhã à noite. Precisávamos de nos afastar. Foi por isso que viemos para Lisboa, para começarmos de novo sem ele.

Calei-me, embaraçada tanto pela omissão da verdade como pelo excesso da partilha. Fora tomada por uma vontade irreprimível de desabafar, como uma chaleira que transborda.

— Revoltada até à medula. Compreendo o que queres dizer.

Percebi o seu olhar fixar-se nas minhas unhas roídas e nas pontas dos dedos, vermelhas e inchadas. Dobrei a mão para as ocultar e ele voltou-se de novo para a mim, com uma expressão afetuosa e um sorriso que me reconfortou.

Pelo formigueiro leve que eu sentia, era provável que estivesse a corar. Aquele era um dos «momentos prazenteiros antecipatórios» frequentes no meu passado e que julgara perdidos para sempre.

— A minha família, em vez de enveredar pela indústria dos têxteis, dedicou-se ao direito. Eu também tirei o curso, mas não exerço, sou a ovelha negra e ronhosa. — Piscou-me o olho e apontou para o espaço que nos rodeava. — Com um Álibi.

La perguntar-lhe sobre a sua história quando ele tirou um pequeno rádio que emitia ruídos do bolso, encostou-o ao ouvido e falou com alguma rispidez. A seguir, levantou-se porque tinha de resolver uma situação e seguiu-o até à pista, onde várias pessoas se amontoavam em volta de uma rixa.

Ele entrou nos tumultos, juntamente com seguranças que tentavam impedir vários homens de se agredirem, rodeados por outras pessoas que se

acotovelavam para intervir de forma física ou verbal.

Já não era a primeira vez que assistia àquele tipo de situações, o álcool, a testosterona e a estupidez eram três ingredientes frequentes na noite, no Norte e no Sul, em terra como no mar, em bares onde se bebia *shots* a um euro e clubes onde se serviam vodcas em copos de bronze.

Contornei a zona com alguma margem e assisti à evolução do desacato num banco do bar do António. Segui os movimentos do Pedro a imobilizar um tipo bastante alterado, que juntamente com outros dois homens, condicionados pelo Augusto e outros seguranças, foram «convidados» a abandonar o clube.

Pedi ao António que me pusesse a par do que estivera na origem da briga e fiquei a saber que eram sempre os mesmos três rapazes de boas famílias, um deles filho de uma pessoa com ligações importantes, que não convinha irritar proibindo a prole de entrar no Álibi. Estudantes universitários e jogadores de rãguebi, famosos por a meio da noite arranjam problemas com alguém que se «metia» com a namorada de um deles.

O Pedro regressou e interrompeu a explicação do António.

— Eles fazem de propósito, o objetivo é arranjam pancadaria. Deixam as miúdas sozinhas a noite toda e ficam a vê-las de longe, à espera de que um pobre coitado vá ter com elas. Basta que lhes tenha perguntado as horas, que no instante a seguir estão todos em cima dele. Já os topei há muito.

Fiquei atónita, a questionar-me o que levaria aqueles rapazes, em vez de se divertirem com as namoradas, usarem-nas como isco para dar largas à sede de violência. Nenhuma delas desconfiaria de que eles tinham problemas? Eles próprios não se aperceberiam da anormalidade daquele comportamento? Que gozo retirariam daquilo? E porque seria a agressão na forma masculina considerada lícita se houvesse uma aparente causa justificativa, que eles aprenderam a desencadear? Estes rapazes faziam-no contra desconhecidos e a vítima era sempre diferente, mas era impossível para mim não imaginar o futuro das pessoas que os rodeavam. Como seria a evolução daquela necessidade doentia?

Ele interrompeu os meus pensamentos deslizando o indicador na minha testa, franzida sem que eu me apercebesse.

— Não penses mais nisso. Está resolvido.

Inclinou o rosto num jeito brincalhão. Estava com os cabelos despenteados e imaginei qual seria a sensação de passar os dedos naqueles fios ondulados, com vários tons de castanho e também de louro-escuro, na madeixa mais próxima da cara. Aquela bebida devia ser forte e eu não me

apercebera, porque aquele era o tipo de pensamento que morrera em mim.

— Podias ter aproveitado a confusão, ias até à minha sala e pegavas em todos os livros com finais infelizes que conseguisses carregar. — Esboçou um sorriso a condizer com a provocação. — Vou-me embora daqui a pouco, queres que te deixe em casa?

Recusei em silêncio, porque, apesar de a sua proximidade me evocar memórias prazerosas e felizes, aquela oferta lançou-me num pânico emudecido.

Ele contraiu o rosto num laivo de desapontamento.

— Certo. Pede à Isabel para te chamar um táxi. — Continuei paralisada, o que não deve ter gerado boa impressão. — Até sábado.

Passei a viagem alheada, sem prestar atenção às ruas de Lisboa que passavam por mim qual tela cinzenta e desoladora. Sentia-me numa cela que só eu podia ver.

Saí do táxi, a chuva de janeiro atingiu-me e deixei-me ficar por instantes no passeio, estática, enquanto sentia as gotas frias na testa, no nariz e na boca, seria tão bom se pudessem atravessar-me, resgatar-me até ao meu centro.

12 de agosto de 2013

Gritei por ajuda.

Uma mão na minha boca apertou-me o maxilar.

A outra mão acertou-me na cara, um estalo e outro estalo.

Os estalos não eram assim tão fortes.

Continuei a debater-me.

Se fechasse as pernas com força e as mantivesse unidas, conseguiria impedi-lo.

Não. Não. Eu não era assim tão forte.

Entra, vamos beber qualquer coisa e falamos do assunto, foi assim que começou.

Não, não foi assim. Se fosse só isso, eu não teria entrado.

Começou com ele a reprovar-me por ter sido apanhada a fazer «trafulhices» com os clientes outra vez e eu a fazer-me de parva. Fingi que não imaginava que houvesse problema. O grupo estava muito divertido e ninguém se iria magoar num jogo em que se adivinha debaixo de que copo está uma pequena bola de esponja vermelha.

Ele não ficou convencido. Eu já tinha sido avisada quando a outra cliente cortou a mão.

Por favor, Luís Miguel, não aconteceu nada de mal e eu preciso mesmo deste emprego. Ele não manifestou simpatia pela minha aflição, mas também não pareceu irresoluto.

Estou ocupado, conversamos no fim da noite. Ou talvez tenha dito conversamos mais tarde.

Roí a unha do polegar, fiz sangue e arranquei pele, até que ele me fez sinal. Estava cansado de confusões, «nós» estávamos sempre a «inventar» e não lhe dávamos um minuto de descanso.

Preciso de um copo. Tenho uísque na minha cabina, anda.

Sorriu quando abriu a porta e me convidou a entrar, talvez não me fosse despedir por justa causa, sorri de volta, entrei. Aceitei um uísque, não gostava

do sabor nem do cheiro, mas bebi-o. Também não gostei quando se sentou demasiado perto, ou talvez nessa altura ainda não se tivesse sentado demasiado perto, não me recordo ao certo. Talvez se tenha aproximado a pouco e pouco, e eu só me tenha apercebido do desconforto da sua proximidade mais tarde.

Metes-me em cada uma, Francisca. O que é que eu faço agora? Foste avisada de que serias despedida.

Ele era o chefe dos recursos humanos. Achei que era estranho ele perguntar-me o que faria em relação à minha prevaricação, mas tentei agarrar-me ao emprego e ao ordenado.

Nunca mais volto a fazer nada assim. Garanto. Podes ter a certeza de que acabou, Luís Miguel, para sempre. Foi um erro que não se repetirá.

Não me pareceu convencido, mas continuava a sorrir, ou então só mostrava os dentes. Tentei apelar ao seu bom coração, que a Beatriz, a enfermeira de bordo, lhe gabava. Eu sei que foi uma estupidez, mas eu tenho a minha mãe e a minha irmã, sou a única que está empregada e as coisas não estão fáceis. Aparecem-nos despesas extra a toda a hora e estou sempre com a conta no vermelho. Precisava mesmo do dinheiro, precisava mesmo daquele emprego.

Não emitii uma decisão, deixou-me cada vez mais nervosa. Levantou-se e foi buscar a garrafa, afinal, foi só aí que se sentou mais perto. O momento em que o meu estômago se contraiu e essa impressão se sobrepôs ao medo de ser despedida. Relembrei-me do ordenado, mantive-me sentada e aceitei que me pusesse mais uísque no copo.

Como é que te lembraste de fazer aquela aposta com a faca a passar entre os dedos?

Vi num filme, o *Alien*, há algum tempo.

Percebi que era boa depois de suplantar o meu ex-namorado, mas não o disse, queria acabar o assunto.

E esta brincadeira das bolas?

Foi o Santiago que me ensinou.

O mágico panilas? O que foi despedido por foder com um cliente?

Sim, esse.

Uma tensão interior sobrepôs-se às outras. Imaginei-me a levantar-me como uma mola, correr até à porta e sair dali para fora, um instinto básico que, estúpida, reprimi.

Tens umas mãos muito rápidas, ou então essas mãos devem ser *muita* jeitosas. Consigo imaginar outras coisas muito melhores para lhes dares uso.

Uma gargalhada e uma mão com pelos em cima do meu joelho. Não teve

graça, não queria aquela mão ali, nem me queria rir. Senti o seu mau hálito misturado com o cheiro do uísque. Também não queria continuar ali. Hesitei.

Já pensaste noutras coisas que poderias fazer com elas?

Voltou a rir-se. Senti um asco irreprimível. Não iria ficar ali nem mais um minuto. Chegava. Ele podia despedir-me, haveria de arranjar outro emprego.

Levantei-me.

Estou cansada, vou dormir.

Senta-te, não vais a lado nenhum, ainda é muito cedo. Tentei recuar em direção à porta, ele agarrou-me com força e magou-me o braço esquerdo.

Não vais a lado nenhum.

Atirou-me de volta para cima do sofá.

O que é que eu hei de fazer contigo?

Continuava divertido, eu em pânico, o corpo num transe dormente, o cérebro em curto-circuito, sem perceber como acabara ali. No meu local de trabalho, atirada para o sofá pelo diretor dos recursos humanos, uma pessoa que conhecia há vários meses, o compadre da enfermeira Beatriz.

Estúpida e incauta, estúpida e ingénua, estúpida e idiota. A minha garganta fecha-se e não consigo gritar, ou talvez me tenham saído sons baixos, guturais. Não, não, não, por favor.

Liberto-me. Tento alcançar a porta outra vez. Ele agarra-me com força pela cintura, uma garra forte que me submete, o terror invade-me quando me arrastou. Esperneio e ele aperta-me com mais força, os braços à volta do meu peito e da cintura. Atira-me para cima da cama. Rastejo para fugir, puxa-me pelas pernas e o vestido curto sobe até à cintura. Não devia estar com aquele estúpido vestido. Vejo-lhe o olhar de predador. Enojo-me, mas o pânico impede-me o vômito. Suplico que me largue. Grito-lhe que me despeça. Grito mais alto que pare. Levo um estalo e depois uma mão na minha boca, ou talvez tenha sido ao contrário. Uma mão na minha boca e depois um estalo, e depois outro.

Suplico em silêncio, com os olhos, sinto lágrimas a escorrer. Continuo a debater-me.

Põe-te quieta. Estás armada em quê? Abriste as pernas a metade deste navio, que eu sei. É só mais uma vez, não te vai fazer diferença.

Esperneio, esperneio, e atinjo-o no tórax com o punho. Não o magoei, e ele usou a mão livre para desapertar o cinto e baixar as calças.

Queres que eu tenha pena de ti e que seja teu amigo. Também tens de ser minha amiga. Não é só receber, também tens de dar. Senti-lhe a pele despida onde desembainhou a camisa, enterrei as minhas unhas o mais que posso e

arrasto-as. Ele contorce-se com a dor.

Afasta-se, preparo-me para fugir. Um murro em cheio na barriga. A dor apanha-me de surpresa e deixa-me sem ar. Perco a voz e o respirar durante não sei quanto tempo. Os dedos que me cobrem a boca quase me tocam no nariz. Ele vai asfixiar-me. Tento chegar com as mãos à boca e ele alivia a pressão.

Gritei por ajuda. Não foi um grito tão alto como desejaria.

A mão voltou para a minha boca e aperta-me o maxilar.

A outra mão acertou-me na cara, um estalo e outro estalo.

Os estalos não eram assim tão fortes.

Continuo a debater-me. Imagino que, se fechar as pernas com todas as minhas forças e as mantiver unidas, consigo impedi-lo.

Eu não era assim tão forte.

Desvia-me as cuecas e investe. Uma, duas, três. À quarta, uma dor lancinante. Uma dor que me espeta e me rasga e me abocanha por dentro. Dentes afiados engolem-me.

Sou oca, sou dor. Choro, grito em silêncio, imóvel, enquanto ele não para de se mexer. E de falar. O meu corpo devorado pela dor e empurrado contra o colchão em batidas regulares.

Admite que gostas. Tu querias. Entraste aqui a pensar o quê? Que vinhas jogar às cartas? És uma puta. Sabias muito bem ao que vinhas.

Tem uma mão na minha boca e outra na minha mão direita, que o tentou socar.

Sabias, não sabias? Puta do caralho. A sacar dinheiro aos clientes debaixo das minhas barbas? Agora aguentas.

A minha mão esquerda arrepanha-lhe pele por baixo da camisa, que torci ou belisquei. Quero levar um soco, quero que pare, quero que me mate. Não, não quero que me mate, mas ao mesmo tempo não aguento mais.

Não te faças de púdica, que é pior para ti.

Tirou a mão da minha boca e agarrou-me a mão que o beliscava.

Eu dou cabo de ti, puta de merda, se não paras quieta. Eu sei que vais gostar. Deixa-te de merdas.

Resfolega. A boca perto da minha revolve-me as entranhas. Sou humilhação e dor e asco, tomada pelo desespero e pela dor que não para, arrepanha-me inteira. E o hálito, podre e a úisque.

Aproxima a cara. *Mata-me, penso. Mata-me e atira-me borda da fora. Não quero que devolvam este corpo à minha mãe.*

Gostas, não gostas? Diz que gostas.

Não fui eu. Foi a humilhação. Foi aquela dor. Foi a dor enlouquecedora que me içou a cabeça e cravou os meus dentes no seu queixo.

Enterrei-os e deixei-os enterrados, mesmo depois de ele começar a abanar a cabeça para se libertar. A minha dor enlouquecida alimentou-se daquele sabor a ferro e do cheiro a sangue. Senti-lhe o osso e o tecido mole a desprender-se debaixo dos meus dentes. Parou. Eu continuei. Ouvi gritar, não era eu. Levei um estalo, só abri a boca ao segundo murro.

Não respiro. Sangue a escorrer. Uma mão que amparou o queixo desfigurado, a outra tenta alcançar-me.

Fujo. Corro.

Sem olhar para trás. A minha cabina é no andar de baixo, dez metros até à escada. Encontro a Beatriz. Respiro. Grito que ele me atacou. Ele quem? Os seus braços tentam alcançar-me. Ela vai atrasar-me e ele vai apanhar-me. Corro. Entro na minha cabina, fecho-a por dentro. Ele deve ter uma chave mestra. Vai matar-me, dar cabo de mim, tal como ameaçou, e, depois, atirar-me borda fora.

Baixo o estúpido vestido arregaçado até à cintura. Ponho uma cadeira a bloquear a porta. Não, não pus. Queria ter posto, mas as mãos tremiam-me demasiado e não a consegui equilibrar como se vê nos filmes.

Entrei na casa de banho. Peguei no meu espelho com ampliação que usava para fazer o risco de *eyeliner*. Tenho sangue na boca, a escorrer-me pelo pescoço, desvio o olhar. Não quero esta cara que pertence a este corpo. Parto o espelho contra o lavatório. Alcanço o fragmento maior e mais aguçado, se calhar, tem mais de quatro centímetros, a distância ao coração, se lho espetar no peito.

Corto-me ao segurá-lo como um punhal, mais sangue a escorrer, agora da palma da minha mão. Enrolo a mão na toalha e volto a pegar no caco.

Fecho a porta da casa de banho. Sento-me de costas para a sanita e com os pés fincados na porta. Atenta aos sons, ao ruído das máquinas, à minha respiração. A dor continua, latejante, o meu corpo arde por dentro.

Horas depois, não sei quantas, quero tomar banho, mas receio que o som da água a correr mascare os passos de alguém a entrar. O medo sobrepõe-se ao horror da minha sujidade. Fico ali, o caco de espelho na mão cortada.

Eu e a dor vimos o sol nascer. Não sei por que motivo, mas ser de dia faz-me largar o caco. Ele não entrou. Eu não morri. Queria ter morrido. Afogada, perdida no Mediterrâneo, para não devolverem este corpo à minha mãe. Não, eu queria viver. Não sabia como, depois disto, mas queria.

Rastejo até ao duche, abro a torneira e deixo-me ficar, ainda no estúpido

vestido, deitada na base plástica do polibã, enquanto a água me leva as lágrimas e o sangue seco. Encolho-me. Dispo-me. Quero lavar a sujidade que me conspurca, mas não consigo, nunca conseguirei.

Tenho as mãos engelhadas quando fecho a água. Visto a camisola mais quente e umas calças de ganga que me atijam o ardor no meio das pernas. Continuo a sentir-me suja e gelada, sento-me na cama a olhar para a porta, minutos ou horas.

Quando batem, o coração salta-me da boca e procuro o caco. Era só a Filipa, estava farta de ligar, quer falar comigo. Não apareci para o pequeno-almoço.

Escondo o caco debaixo da almofada e deixo entrar a secretária do Luís Miguel.

Já sabes? Sabes, não sabes? Pela tua cara, vê-se que sabes, estende um envelope. Estás despedida, justa causa. Ainda por cima atacaste o Luís Miguel, tens sorte de te pagarem esta viagem. É para arrumares as tuas coisas e desembarcares.

Onde estamos?, pergunto.

Estás drogada?, pergunta ela. Estamos em Nice, onde é que havíamos de estar, estás parva ou quê?

Não reajo.

Reúno os meus pertences. Falta-me o telemóvel, que está dentro da bolsa que ficou na cabina do Luís Miguel, juntamente com um batom e o fio dental.

Passo com a mala e as pessoas fazem-me perguntas. Não tenho coragem de dizer a verdade. A dor continua lá, uma moinha, a humilhar-me, a amordaçar-me, a baixar-me a cabeça, a rasar-me os olhos de lágrimas.

Um passo em falso e desmorono.

Saio do barco dissociada, vejo-me de fora. Não posso ser eu, este corpo oco que segura na mala.

Gare de Nice, um autocarro; Barcelona, outro autocarro; Madrid; Lisboa.

Respiro, a dor passou.

Estou viva. Sinto-me morta. Quero morrer.

A minha cama foi o meu jazigo.

Deixem-me estar. Só mais um dia e outro e mais outro. Só mais um. Amanhã, como. Amanhã, levanto-me. Amanhã, falo com vocês.

Os olhos dela, piedosos, confusos, indecisos. Um beijo na minha cara que pertence ao corpo sujo.

Não podes continuar assim, vais definhar, vais adoecer.

Outro beijo.

Se calhar, é melhor voltarmos. Já não há nada para nós aqui. A Mariana pode começar o décimo segundo ano em...

Tento esboçar um gesto de negação, mas falho.

Vamos para casa da avó Angelina. Nem temos como continuar aqui sem...

Estendo a mão e peço ajuda para me levantar.

Respiro. Sinto-me morta. Quero viver.

Tinha de enterrar estas memórias num buraco tão fundo como aquela dor. Voltei a senti-la. Lutei contra o impulso de me voltar a deitar. Elas não tinham culpa.

O meu terror não justifica outro terror. A minha estupidez não as levará de volta.

Abraço-a. Preciso de tomar banho.

Uma pedra contida por elásticos de alta tensão

Subi ao palco, cantei e a noite decorreu tranquila, até àquele momento em que me era cada vez mais difícil controlar-me.

Fora um erro não ter regressado para o bar do António assim que aquele cliente me intercetou. Respondi mais brusca, pela terceira vez, que estava cansada e não queria cantar na festa privada que ele ia fazer em casa, para ter a garantia de que eu não aceitaria.

Aquele homem invadia o meu espaço, ignorava o meu nervosismo crescente e não fazia tenção de recuar, pelo contrário, aproximava o corpo e o hálito, cada vez mais, da minha taquicardia.

— Como assim, cansada? A noite é uma criança. Vai ser o máximo, nós somos muito divertidos, a Francisca vai adorar. E eu pago-lhe mil euros certos, para a ter na minha sala a cantar para mim.

Notei-lhe uma expressão salivante que me deu náuseas, disparei um «não» e marchei em direção à saída. Não iria abrandar, nem ouvir mais nada, iria fechar-me dentro do bengaleiro com a Isabel, e só sairia de lá quando o meu táxi chegasse.

Puxou-me pelo braço com força suficiente para me parar e também para me levar até uma memória mais do que negra, uma memória cor de carne viva.

Gemi com o calafrio de pânico e senti uma presença familiar ao meu lado. Já me tinham dito e confirmei-o, o Pedro tinha um sexto sentido para potenciais desacatos.

Interpôs-se entre mim e o homem que me agarrara, devolvendo-me o braço e o espaço, precioso à minha sanidade, ao mesmo tempo que cumprimentava o cliente.

Martim Teles e mais outro sobrenome que não fixei, olhou para mim como se eu fosse um selo que estava prestes a adicionar à sua coleção.

— Preciso que expliques à tua cantora quem eu sou. Acho que ela não acreditou quando lhe disse que lhe pagava mil euros em dinheiro para ela cantar hoje na minha casa. — Terminou com uma expressão arrogante e

ficou à espera que lhe obedecessem.

O Pedro não o fez. Limitou-se a virar-se para mim, contrariado e com um semblante grave, afastando-me um pouco mais daquele homem que me revolia o estômago.

A minha respiração aquietou-se e permitiu-me falar numa cadência quase controlada.

— Tenho de ir para casa.

O Pedro assentiu e o Martim ultrapassou-o, para me voltar a agarrar, com mais força do que antes.

O que aconteceu depois não ficou gravado com clareza na minha memória. Se na primeira vez que me segurou fui invadida por pânico, naquela segunda, foi como se uma pedra enorme dentro da minha cabeça, presa por elásticos de alta tensão, se soltasse e se estilhaçasse dentro do meu crânio, desapoderando-me dos sentidos e do raciocínio.

Calculo que me debati às cegas, o Martim largou-me e depois senti a mão do Pedro na minha, um toque diferente, firme e apaziguador.

Ouvi os gritos do Martim enquanto nos afastávamos, a debitar insultos à puta da cantora.

— Vais levá-la para onde? Devias era pô-la numa jaula, essa louca de merda.

Deixei-o guiar-me até à sua sala, em choque, enquanto ele me pedia uma calma que não estava ao meu alcance.

Senta-te.

Respira fundo.

Acalma-te.

Eu estava ali contigo, Francisca, assisti a tudo, mesmo ao teu lado.

Ele não te ia fazer mal, muito menos levar-te daqui à força à minha frente, para casa dele ou para outro lado qualquer.

Tenta respirar apenas pelo nariz.

Expira no dobro do tempo em que inspiras.

Esforcei-me, mas as suas palavras não surtiram nenhum efeito tranquilizante, pelo contrário, o meu desespero aumentava, furiosa comigo própria, pela minha reação enlouquecida e pela constatação de que deveria haver algo de errado comigo. Seria eu que atraía aquilo?

A imagem do Martim a falar comigo e a lambear o lábio decompunha-se noutras, que me atormentavam sem dó. Tentei manter alguma compostura e justificar o meu comportamento.

— Ele não tinha o direito de me segurar, queria rebaixar-me por rejeitar os

seus mil euros...

— Sim, ele não tinha o direito de te agarrar. — A sua racionalidade estava como combustível para um fogo que crescia dentro de mim, um fogo do qual não me orgulhava e que receava ser uma herança que pretendia repudiar a todo o custo. — Mas tu nem o deixaste falar e atacaste-o como um bicho.... Enfim, agora também não tem importância.

O meu mecanismo de autocontrolo já se desligara e a minha consciência não era plena, como se não fosse eu que protagonizasse a cena à qual também assistia, atónita e em desacordo com os meus atos. A pedra estilhaçada no meu crânio agia por mim.

— Um bicho?!

Aquela palavra trespassou-me, certa e real. Um bicho, acossado, hostil, irracional e indesejável.

Abandonei a sala, qual animal ferido que desiste de lutar.

Não sei quantas pessoas abalroei na minha retirada. Ouvi várias reclamações à minha passagem veloz, mas em pouco tempo estava próxima da saída. A adrenalina impulsionava-me. Em poucos minutos, estaria na estação de metro; em meia hora, abrigada na minha casa. Se aquela agonia não abrandasse, tomaria um dos calmantes que a minha mãe ainda guardava num esconderijo por cima do frigorífico.

O Augusto estava na porta a olhar para mim, desviei-me para passar, mas ele segurou-me pela cintura, impedindo-me de continuar, ao mesmo tempo que falava pelo rádio.

Resisti, alheia ao que me dizia e à voz que vinha do rádio. Levou-me para a sala de arrumos ao lado do bengaleiro e saiu no instante em que o Pedro entrou.

As minhas mãos ficaram dormentes, a cabeça latejava-me e imaginei que seria assim a insanidade.

— O que é que se passa? Que loucura é esta, Francisca?

Aquela loucura era a minha. O produto de um cérebro ferido num corpo a condizer.

Ele, perplexo, pendente de uma resposta; eu, na beira do precipício, para onde as cenas de terror que desfilavam na minha mente me empurravam.

Reprimi as lágrimas e a confissão de que era uma mulher defeituosa.

— Desculpa. O Martim... Fiquei cheia de medo... Em pânico... Não sei o que me deu...

Continuou à minha frente sem desviar o olhar.

— Medo do quê?

Avançou a mão direita, o tempo parou e o meu coração também, enquanto ele desenhava o contorno da minha face com o polegar, tão ao de leve que mal o senti, depois, segurou-me na mão, os seus dedos nos meus, como quando me levou para longe do Martim, mornos, firmes, confiantes, tranquilizaram-me mais do que quaisquer palavras.

Pelo tom, não parecia prestes a internar-me num hospício, como eu merecia.

— Quando saíste disparada da minha sala, também tive medo de que o Martim estivesse à tua espera lá fora, foi por isso que pedi ao Augusto para não te deixar sair. Não sabemos onde está o Martim, o Augusto não o viu e nunca se sabe o que um palerma, habituado a ter tudo que quer, pode fazer depois de ser rejeitado. — Fez uma pausa e amenizou a expressão. — E tu sabes como rejeitar um palerma...

Nenhuma outra pessoa me faria sorrir perante o descontrolo emocional daquela noite.

Senti que me acariciava a mão em movimentos suaves que me aqueciam por dentro. Levantei o rosto, nunca havia estado tão próxima, conseguia ver todos os detalhes do «V» marcado do seu lábio superior.

Reparei nos fios muito curtos da barba e imaginei que lhes tocava, se seriam mais ásperos ou mais macios.

— Não estás zangado? — A sua resposta negativa aprofundou-lhe a curvatura dos lábios e o brilho no olhar.

Retirou-me uma madeixa da frente da cara e arrumou-a atrás da minha orelha.

Inspirou fundo e puxou-me para si, uma mão na minha cintura e a outra na minha nuca, a impregnar-me de um fresesim bom.

Notei-lhe uma longa hesitação, como se não fosse só a mim, mas algo também o amedrontasse a ele, e depois, o espaço que nos restava desfz-se, os seus lábios estavam nos meus. Acolhi-os, ansiosa. O seu beijo percorreu-me inteira, como uma luz generosa e feroz, derramando-se em crescendo até aos meus recantos mais obscuros. Deixei-me levar, imersa naquela descoberta, até que a porta se abriu.

Não percebi se o Augusto nos viu porque não se mostrou surpreendido ao dirigir-se ao Pedro.

— Encontrei o Martim. Quer falar contigo porque foi agredido e vai fazer queixa.

Afastei-me e deixei escapar um gemido, preocupada com as implicações da

minha reação.

— Diz-lhe que é melhor para ele não falar comigo hoje. Ele que nunca mais volte a entrar no clube, mas que esteja à vontade para nos pôr um processo por ofensa à integridade física e pedir uma indemnização.

O Augusto garantiu que não iria repetir nomes tão complicados e bateu com a porta. Assim que ficámos a sós, eu a tentar adivinhar a quantidade de dinheiro que seria razoável pedir em troca de ofensas à integridade física, o Pedro emoldurou-me o rosto com as mãos e obrigou-me a encará-lo, o seu sorriso a contrastar com a minha aflição.

— Não te preocupes. Depois trato do Martim. Vamos embora antes que me leves à falência. Eu levo-te a casa.

E com as últimas palavras, a minha cobardia, momentaneamente ofuscada pelo seu beijar tão perfeito, voltava, um carrasco mental impiedoso que não me permitiu aceitar aquela oferta com naturalidade.

Segui-o até à sua sala, esperei que recolhesse o casaco e fui respondendo com monossílabos a todas as suas provocações, às quais certamente teria achado graça se não estivesse naquele estado de alerta que não me deixava usufruir de nada, nem do seu bom humor, nem do brilho terno do seu olhar, nem da forma querida como procurava os óculos no meio da selva de papel que era a sua secretária porque precisava deles para conduzir.

Atravessei o Álibi, sorri a algumas pessoas que me reconheceram e a outras que se dirigiram a ele, metendo conversa sobre os mais variados assuntos. A minha atenção tolhida pela intensa atividade cerebral que alternava entre não ofender e os riscos da situação em que me encontrava.

Depois de nos beijarmos daquela forma, que pretexto poderia usar para recusar que me levasse a casa? Procurei desesperadamente um, mas ainda não o encontrara quando a Isabel me sobressaltou.

— Queres que te peça o táxi?

Ele antecipou-se, sobrepondo-se à minha indecisão.

— Não. Eu levo-a a casa.

Duas passadas após a porta do Álibi, passou o braço por detrás das minhas costas e pousou uma mão no meu ombro.

Aquele gesto poderia ser o suficiente para lhe dar a sensação de legitimidade...

Não aguentei a linha de pensamento. Precisava de fazer algo que me assegurasse algum controlo, ou não conseguiria entrar no carro e ele iria tomar-me por uma doida sem salvação. Nunca mais me olharia com aquele sorriso em que prendia parte do lábio inferior e que lhe acentuava as linhas à

volta dos olhos. Nem voltaria a beijar-me. Numa atitude paradoxal e rasante da loucura que tentava ocultar, pedi-lhe um minuto e voltei para trás.

Caminhei até ao Augusto, que me encarou com uma hostilidade que nunca lhe vira. Compreendi-a assim que ele subiu a manga da camisa, evidenciando uma marca vermelha que só podia ter sido feita pelos meus dentes.

Pedi-lhe desculpa e tentei justificar-me com a minha tendência para reagir dessa forma quando me sentia presa.

Ele manteve a mesma postura fria e os modos desencorajadores, mas, apesar disso, insisti.

— Achas que me podes ligar daqui a meia hora? Só para me perguntares se estou bem?

Bufou exasperado.

— Deixa de ser doida! Ninguém te vai fazer mal nenhum, exceto eu, se me voltares a morder. Vou ficar com o braço marcado, por isso, não, não te desculpo e não te vou telefonar.

Voltei para junto do Pedro, que nos olhava com estranheza, e repeti as palavras do Augusto na minha cabeça, com esperança de que neutralizassem o instinto que me dominava.

Deixa de ser doida. Ninguém te vai fazer mal.

Quão diferente poderia ser a nossa vida se nos pudéssemos convencer de algo só porque o pronunciamos, foi o que pensei quando ele me abriu a porta do carro.

Fiquei em silêncio a vê-lo pôr os óculos e a ligar o carro, para depois gorar todas as suas iniciativas de diálogo. Ignorei o Restaurante Galeto, que ele apontou como um dos seus locais preferidos para comer fora de horas, porque estava demasiado atenta ao percurso. Depois de passarmos o Saldanha, seguimos pela Avenida João xxi e a seguir pela Afonso Costa, como os taxistas faziam, o que significava que ele estava mesmo a levar-me para casa e pelo caminho mais curto.

— Estás entregue. Boa noite.

No momento em que anunciou a nossa chegada, de uma forma inexpressiva e polida, dei-me conta do muito desagradável em que eu tornara aquela viagem e tentei remediar o clima tenso que pairava no ar.

— Aquela mercearia é do Sr. Nazeed, que mora no apartamento ao lado do meu.

Anuii, sem grande interesse, e desejei que ele voltasse a ser caloroso, que me perguntasse outra vez se já tinha ido ao Palácio Galveias ou que falasse noutro restaurante do qual gostava das batatas fritas. Eu era a personificação da incongruência, ansiei para que o carro chegasse ali, mas depois não abria a

porta.

Devo ter transparecido o meu intenso processo disfuncional, porque ele me olhou com uma expressão preocupada.

— Estás com pressa para subir?

Esbocei uma resposta negativa e lamentei-me internamente por me ter consumido em divagações mentais.

— Depois do que aconteceu entre nós, só queria deixar algumas coisas claras. Para evitar algum mal-entendido ou ressentimentos...

Ele não podia estar mais longe do teor das minhas cogitações, o que era bom, levava-me para longe dos terrenos pantanosos mentais e do medo.

— Quero que saibas que — respirou fundo, antes de proferir as palavras num acento mais sério —, se os motivos que te fizeram vir tão calada e pensativa durante a viagem são interrogares-te se o que aconteceu hoje vai ter alguma consequência no teu trabalho no Álibi, a resposta é não. Garanto-te que não existe nenhuma consequência, independentemente de não acontecer mais nada além do que se passou hoje, que pode ficar esquecido neste preciso momento.

Era amoroso que ele estivesse preocupado em frisar aquele ponto, depois de eu ter passado a viagem a imaginar até que velocidade seria relativamente seguro atirar-me de um carro em andamento.

— Não estava a pensar nisso. Foi uma noite agitada e estava a digerir, só isso.

Retirou os óculos e as suas íris castanho-claras com veios de mel analisaram-me, como se procurasse a verdade nas minhas feições.

— Custa-me um pouco acreditar nisso, porque esta viagem foi muito estranha...

Avançou a mão na minha direção e, sem que eu o pudesse evitar, o meu corpo afastou-se bruscamente.

Preparei-me para lidar com a sua estupefação, mas, apesar do meu comportamento bizarro, ele continuava com um olhar brando, disposto a ultrapassar os meus elevados níveis de estranheza e, quem sabe, a querer beijar-me.

Não o pude descobrir porque o meu telemóvel começou a tocar. Despedi-me apressada, fingindo não saber quem me ligava àquela hora da madrugada.

Fechei a porta do carro e ainda fui a tempo de atender o Augusto, que nem me deixou perguntar-lhe se o braço lhe doía e desligou o telemóvel assim que confirmei que estava bem.

Bicho

Gritei por ajuda.

Uma mão na minha boca apertou-me o maxilar.

A outra mão acertou-me na cara, um estalo e outro estalo.

Os estalos não eram assim tão fortes.

Continuei a debater-me.

Se fechasse as pernas com força e as mantivesse unidas, conseguiria impedi-lo.

Acordei empapada em suor. Confirmei que estava a salvo, nas Olaias, e não no Rainha D. Amélia. Levantei-me assim que a minha pulsação abrandou, troquei de pijama às escuras para não acordar a Mariana e fui fazer um chá, na esperança de que me acalmasse a náusea que se instalava depois daqueles pesadelos.

Tinha-os cada vez mais ténues e espaçados, o seu regresso tão nítido só poderia dever-se aos «acontecimentos» da noite anterior.

Deixei o fervedor ao lume e sentei-me na sala, a reprimir as imagens que me acordaram, sobrepondo-lhes o momento em que o Pedro entrelaçou a mão na minha, uma semicolcheia inserida no tempo exato, que transformava uma sequência banal numa obra-prima.

— Porque é que estás aqui às escuras?

Sorri na direção da silhueta que esfregava os olhos.

— Para poupar na conta de eletricidade.

Fez uma espécie de resmungo adorável, acendeu o candeeiro do teto e veio enroscar-se ao meu lado.

— Acordei-te? Ou também estás com insónias?

Fez um estalido com a língua típico de quando era contrariada e não resisti a cingi-la um pouco mais, reconfortando-me no seu corpo brando.

— Estou com insónias e farta desta cidade. Já cá estamos há muito tempo, não aguento mais! Em Braga tínhamos o jardim, árvores, cães, gatos, andava a cavalo e íamos à quinta da nossa prima. Aqui é tudo cinzento, prédios,

casas, estradas. Não há campo e nem sequer temos um cão ou um gato, e o pior de tudo é a escola. É insuportável... Sabes aquela sostra da Nádia? — Esperou que eu confirmasse para continuar num registo insurgente. — Que tu dissesse para eu ignorar, porque ela ia acabar por se fartar de me chatear? Pois, não se fartou. Essa grande *vacazola*, além de me chamar bimba e de gozar com a minha pronúncia, agora também goza com as minhas sapatilhas. Disse que eram imitações, à frente de toda a gente, e tentou descolar as tiras porque achava que tinha sido eu a colá-las! — Reprimi todos os insultos que me vieram à mente e não eram apropriados para chamar a uma miúda de dezassete anos. — Achas que se a mãe arranjar mais miúdos para dar explicações, vocês me podem dar umas *Gazelle* verdadeiras? É que não estou a aguentá-la, nem a ela, nem aos amiguinhos, que também se fartam de rir das piadinhas dela.

Morri por dentro, recuei no tempo e revi o que poderia ter feito diferente. Podia tê-la deixado com a Cecília. A Mariana adoraria morar numa quinta cheia de bicharada, mesmo que por pouco tempo, até ele a encontrar, mas voltaria a Braga, à nossa casa com um grande jardim, aos dois labradores e mais aos dois rafeiros que ela trouxe para casa, ao gato que encontrou no lixo, à gata que trouxe do parque e lhe dava desgostos profundos quando caçava pardais bebés, para depois os deixar no sótão, que chamávamos de forrinhos. Em Braga, apesar dele, ninguém a importunava na escola. Eram tantas as decisões alternativas que eu poderia ter tomado e que não a teriam conduzido ali, à infelicidade na Escola Secundária das Olaias, à irritante Nádia, à falta de amigos e de tudo o que gostava, de montar a cavalo, de campo e de animais...

— Eu vou falar com a diretora de turma, ela tem de chamar os pais dessa miúda ou interferir de alguma forma...

Franziu o nariz numa careta.

— A *stôra* Margarida não se vai meter no assunto. Tem coisas mil vezes mais importantes para resolver.

Prometi-lhe que lhe comprava as sapatilhas verdadeiras assim que estivéssemos mais desafogadas e que ia pedir uma reunião com a diretora de turma para ela controlar o *bullying* na escola, o que não lhe pareceu que fosse resultar. Dividimos o chá e levei-a para a cama, enquanto lhe enumerava algumas vantagens das Olaias e perguntava pelas outras colegas mais simpáticas com quem fora à manifestação, uma tentativa patética e frustrada para aliviar a minha consciência.

Fiquei atenta à sua respiração, cujo som e cadência conhecia de cor. Quando o seu ritmo abrandou e se tornou mais superficial, soube que a

minha irmã querida adormecera. Levantei-me sem fazer barulho e fui vomitar.

Quando voltei, decidi que o mais sensato era todos os «acontecimentos» ficarem por ali. Eu não estava no direito de atrair mais complicações para as nossas vidas.

No dia seguinte, apesar de ser sexta-feira e de eu não atuar, fui ao Álibi.

Quando cheguei de manhã à loja, a Mónica perguntou-me se podia ficar até às dez da noite para cobrir o turno de uma colega com o filho doente. A minha chefe deve ter ficado bem impressionada por eu aceitar trabalho extra, mas a minha atitude alheada ao longo do dia, o que levava as clientes a chamarem-me mais do que uma vez, ofuscou a minha diligência matinal.

Quinze minutos depois de entrar no metro, sem querer, talvez por ser de noite, vi-me na Estação do Rato em vez de ter ido em direção à linha vermelha e às Olaias.

Ao sair em direção ao Príncipe Real, imaginei que o meu engano poderia ter algum significado, como o meu subconsciente gostar do Álibi e do Augusto, que me ligara como lhe pedi.

Perdera muitos amigos. Não aceitava perder mais nenhum, e se dois anos antes o fizera por uma boa causa, no caso do Augusto, a culpa seria minha.

A sua expressão bem-humorada dissipou-se ao ver-me e avisou-me de que não se podia demorar.

Tentei desculpar a minha atitude com meias-verdades. Expliquei a tensão em que a insistência do Martim me deixara, o que me fizera reagir sem pensar por me terem acontecido situações difíceis, um eufemismo tão grande que me deu vontade de bater em mim própria por me atrever a fazê-lo.

Cada justificação parecia deixá-lo mais zangado, arregaçou a manga da camisa para me mostrar o antebraço e fiquei estupefacta perante a forma oval, em diversos tons de vermelho.

— Estou habituado a este tipo de coisas, são ossos do ofício. Nem é por isto que estou chateado contigo. Como é que pudeste pensar que eu te ia fazer mal? Eu, que não te deixei sair para te proteger, porque o Pedro me disse pelo rádio que o Martim podia estar lá fora à tua espera? Pensavas que eu te ia fazer o quê, mesmo?

Até o meu cérebro defeituoso sabia que o Augusto não me faria mal. Não me restava acrescentar mais nada, além de que entrara em pânico e fizera asneira.

— Sim. Tenho pena porque até gostava de ti, mas fizeste mesmo asneira.

— Retirou o braço em que eu tocava ao de leve, desejando apagar as marcas da minha loucura. Olhou por cima do meu ombro e percebi que se dirigia a alguém atrás de mim. — Tenho de voltar para a porta.

Senti a mão do Pedro nas minhas omoplatas e logo a seguir estávamos na sua sala, ele a perguntar-me o que se passava com o Augusto.

Pensei em não lhe dizer, mas ele abordaria o Augusto e veria a prova no seu braço. Era inevitável ele descobrir o quão desajustada eu podia ser. Sentei-me no sofá, envergonhada e à procura da versão menos psicopata da história.

— O Augusto está zangado comigo desde quarta-feira porque lhe mordi o braço quando ele me agarrou. Vim cá para tentar remediar as coisas, mas ele não me perdoou. Tem uma marca feia...

O Pedro fitava-me perplexo e eu escondi a cara nas mãos. Pouco depois, senti que o sofá afundava ao meu lado.

— Deste-lhe uma dentada? — Encarei-o para o confirmar, receosa da repulsa e condenação que iria encontrar. — Ele vai perdoar-te, deixa passar mais uns dias e volta a pedir-lhe desculpa. E eu tinha razão, tu és mesmo um bicho, um bicho que morde...

Fingiu que me analisava os dentes e acariciou-me a linha dos maxilares, até que a sua expressão se tornou grave.

— Estavas mesmo cheia de medo. Não sei do quê exatamente, mas fico doente só de imaginar. — Retraí-me de imediato e ele esboçou um gesto de negação, o que podia ser um pedido para que não me afastasse ou assegurar-me de que não insistiria no assunto. — E o pior é que sei que te devia deixar em paz, mas não faço mais nada senão pensar nessa noite.

Uma espécie de inquietação, que me enervava e ao mesmo tempo me reconfortava, tomou conta de mim. Contrariei as minhas decisões anteriores, levei as mãos até à sua cintura e aproximei-me.

Esperei o tempo de vários batimentos cardíacos descompassados, até que ele colmatou a distância que nos separava. Só pelo brilho terno no seu olhar, uma vaga de calor já se formava no meu umbigo e ascendia até ao meu rosto...

Beijá-lo era como uma canção. A letra, os tempos, as pausas e o ritmo, todos alinhados à procura de uma apoteose perfeita, a viagem era o destino. Voltei a ser a rapariga inocente que andava no sétimo ano do conservatório, que descobria impressões borbulhantes no estômago e se escondia no Parque das Goladas com o primeiro namorado, que lhe fez serenatas acompanhadas de guitarra clássica.

Beijá-lo era como uma canção, uma sinfonia que eu não queria que terminasse, quando o telemóvel dele tocou pela terceira vez. Apesar de não ter atendido, levou os lábios até à minha testa e a sua respiração ávida abrandou.

— Vou ter de voltar e fazer companhia a umas pessoas que vieram cá e são importantes. Gostava que viesses comigo e sei que eles também iam adorar conhecer-te, há duas semanas apreciaram muito a tua atuação.

Não me senti muito recetiva à proposta.

— Pessoas importantes como o Martim?

Fez um som enojado perante a referência e passou os dedos nos meus cabelos, ao de leve, num registo mais casto do que o seu toque anterior.

— Pessoas que não têm nada que ver com esse gajo e que são importantes para mim, amigos do meu pai e boas pessoas, mas que às vezes podem ser repetitivos com as suas histórias da juventude e tornarem-se um pouco enfadonhos, percebo se preferires ir embora. — Beijou-me os cabelos por cima da orelha e inspirou profundamente. — Faz como quiseres, bicho, eu gostava que ficasses.

Acedi, só para saber se me voltaria a chamar bicho e soar tão íntimo, e se me faria sentir outra vez aquela ansiedade boa, uma emoção que julgara perdida para mim quando não estava a cantar em frente a um público.

No percurso até às mesas, lembrei-me de uma questão importante.

— O teu pai também está com eles?

Parou para me responder, com a face colada ao meu ouvido, apesar de a música de fundo não ser tão alta que o justificasse. — Não, o meu pai morreu num acidente de vela quando eu tinha doze anos. — A seguir afastou-se e encarou-me melancólico. — É por isso que não me importo de lhes ouvir as mesmas histórias sempre que aparecem, porque ele também está incluído, e também porque gosto de ser o «miúdo do Jorge que tem aqui uma bela duma chafarica».

Alea jacta est

Domingo à noite, o meu telemóvel tocou quando estava a ver o *Factor X*, o programa que a Mariana insistia em ver religiosamente. Forçava-me a cantar as músicas escolhidas pelos concorrentes e insistia a cada intervalo que eu deveria participar, ignorando que era algo impossível dada a nossa condição.

Atendi no quarto para fugir das lamúrias da minha irmã, ressentida por eu preferir uma chamada ao seu importante ritual.

Aceitei jantar com o Pedro no dia seguinte, e também que ele me ensinaria as regras do *poker*, o seu jogo preferido e no qual, segundo os amigos do pai, era um especialista.

Assim que desliguei, reprimi a angústia de não ter ficado claro se o jogo de cartas seria na sua casa e desafinei em todas as canções que faltavam para o programa acabar.

Acabei a noite a dividir uma tablete de chocolate com uma Marianinha zangada, convicta de que eu desafinara de propósito (ela fazia uma cara de espanto demasiado engraçada sempre que eu saía do tom), para deitar por terra a sua teoria de que eu poderia ser a próxima vencedora do programa e resolver todos os nossos problemas financeiros.

Vinte e quatro horas depois, reclamei, conforme ele entrava na marginal, porque não fazia sentido nenhum ir ao Estoril quando havia um casino em Lisboa. Se uma bracarense o sabia, quanto mais um alfacinha.

— O Casino do Estoril fica num lugar mais bonito, tem um jardim, história e charme. Quero impressionar-te e prefiro levar-te lá, achas que podes relaxar e gozar a vista do Tejo à noite durante dois minutos seguidos?

Deixei-o encarnar o guia turístico, mostrar-me a praia do Tamariz e o Forte da Cruz depois de estacionar, e achei querida a sua preocupação com o frio, ao subimos pelo jardim, algo que neguei um pouco sobranceira, porque as gentes de Lisboa não sabiam o que era frio a sério, aquele que até congelava as pestanas.

No casino, a forma como se movimentou sem hesitações e o modo como

saudou o porteiro denotava regularidade, o que me fez temer que o nosso destino fosse uma sala onde se apostava muito dinheiro.

Questionei-o onde me levava e ele parou, levantei o rosto para o encarar e os meus pulmões contraíram-se perante a visão das suas feições masculinas equilibradas e os olhos com as íris castanho-claras raiadas de mel, brilhantes e calorosos. A cada segundo que passava na sua companhia, ele parecia-me mais atraente, de uma forma quase dolorosa.

A sua expressão tornou-se séria, acariciou-me os cabelos e beijou-me. O nosso primeiro beijo em público foi num casino, e a declaração que fez a seguir a condizer com o cenário.

— *Alea jacta est.*

Ao contrário de mim, estática como que atingida por uma seta envenenada que os índios lançam às pequenas presas, o meu coração disparava como se me quisesse saltar do peito.

— «A sorte foi lançada», foi o que Júlio César disse quando contrariou as ordens do senado e atravessou o rio Rubicão. — Desfez a postura solene e acrescentou mais brincalhão. — Não te preocupes. Vou levar-te às *slot machines*, denuncias-te tanto que não sei se alguma vez conseguirás safar-te com outros humanos. — Ignorou a minha indignação e impeliu-me a avançar. — Talvez se os teus parceiros forem cegos e as cartas em braille, e não disseres mais nada além de «passo» ou «vou a jogo».

As regras do *poker* não eram complicadas, complicado era tomar decisões com ele atrás de mim, a dar-me dicas com os lábios nos meus cabelos e as mãos nas minhas ancas, tocando-me de forma subtil e persistente.

Perdi pela terceira vez, e o desapontamento sobrepôs-se ao frenesim da sua proximidade.

— Será que o computador prevê qual será a minha escolha óbvia e já tem definidas as cartas que não me beneficiam? Se calhar, ganhava mais facilmente se tentasse jogadas menos prováveis, como ficar com cartas desiguais mais baixas e desfazer-me dos pares.

Virou-me para si, as mãos continuavam nas minhas ancas, provocando um calor que irradiava até ao meu centro, sensação que julgava roubada numa noite que não queria evocar.

— Será que podes desligar a tua mente maquiavélica, só para aprenderes as regras básicas? Depois, podes ligar logo o modo teoria da conspiração outra vez.

Sem grande convicção, preparei-me para inserir mais uma moeda na

ranhura, mas ele impediu-me.

— O que sentes quando estás no palco?

Era todo um conjunto, harmonioso e caótico em partes iguais, em que a maioria das emoções eram tão complexas que só as conseguia verbalizar de uma forma simplista.

— Sinto-me poderosa. Sem medo. Como se aquela fosse a minha vida principal e tudo o resto secundário.

Arrependi-me da alusão à palavra medo, que nos poderia levar num rumo desastroso...

— Quando jogo, também me sinto um pouco assim. Não é a compulsão da recompensa irregular que me move, é o percurso. Estudar o adversário, calcular as probabilidades e sentir a adrenalina quando tomo decisões difíceis.

— Dito assim, parecia-me perigoso e devo tê-lo deixado transparecer. — Existe risco, mas sei quando desistir. Para teres uma ideia, uma parte do capital que usei para montar o *Álibi* veio do jogo. Não só *poker*, foi sobretudo na bolsa, que no fim das contas é apenas outro jogo, só tens de dominar as regras e definir até onde queres ir.

Daí todos aqueles livros sobre economia, um curso que ele nem sequer frequentara. Pedi-lhe que fosse ele a jogar, e também perdeu.

Ganhei ânimo ao ver o senhor probabilidades sair derrotado, e três tentativas depois fiz um trio de setes, a máquina começou a apitar e a devolver moedas... doze.

— Boa, bicho, acho que já aprendeste!

Fiquei muito satisfeita com os meus ganhos e decidi investi-los em farturas na rulote junto ao Tamariz.

Tornou-se numa rotina, telefonemas e jantares, se bem que a antecipação pateta que me provocavam eram poucos compatíveis com a definição de rotina.

Resisti a admitir a verdade à minha mãe e aleguei reuniões de trabalho, não sei se por ele ser mais velho, meu patrão, ou se por vergonha de me atrever a seguir em frente apesar do que me acontecera e que eu não contara a ninguém, o que era irracional.

Passadas duas semanas, já conhecia os seus lugares de eleição, incluindo o Egos, o restaurante da moda do seu amigo Tomás, com pista de dança a partir da meia-noite, e que nessa sexta-feira contava com a atuação de um DJ famoso.

Não dançava há muito tempo e deixei-me levar pelas batidas tecno,

empolgada por me aproximar da Francisca do passado, uma versão menos desfeita de mim.

Acabei a vodka, mas o exercício deixara-me com sede e perguntei-lhe se podíamos voltar ao bar.

— Claro. — Acariciou-me ao de leve nos cabelos e falou-me ao ouvido. — Sem te querer pressionar nem julgar, que não é nada meu, estás a chegar àquele ponto de embriaguez em que, mesmo que me pedisses, eu não te levava para minha casa.

Piscou-me o olho com malvadez e eu defendi o meu estado de consciência.

— Como assim? Estou sóbria! — Inclinou-se, os olhos âmbar discordantes e próximos dos meus. — Que história é essa do ponto de embriaguez a partir do qual não me levas para tua casa?

Deu-me a mão e abriu caminho até ao bar, elucidando-me sobre a sua teoria, divertido e condescendente.

— Se trabalhares tempo suficiente na noite, ficas a saber de alguém que abusou do álcool e acordou numa casa que não era a sua e sem recordação de como tinha lá ido parar. — Sorriu malicioso e beijou-me. — E eu não quero isso para ti, apesar de ter sempre esperança de te levar para minha casa. — Uma sombra invadiu-me e concentrei-me na sua voz meiga e bem-disposta. — Mas a escolha, querido bicho, é tua. Peço-te uma água?

O som do «querido bicho», pronunciado com gozo e um tiquinho de superioridade, naquele seu tom grave entre o baixo barítono e o baixo, reverberou em mim.

Fiz um gesto de negação que lhe provocou uma gargalhada.

— É justo. Estás no teu direito de te embriagares numa sexta-feira à noite. Prometo que te deixo sã e salva na tua casa. Outra vodka?

Voltei a fazer o mesmo gesto de negação, maléfica e conspiradora.

— Não, uma *Coca-Cola* com gelo.

Abriu um sorriso que lhe acentuava ainda mais o brilho das íris. Recuei no tempo, para uma altura em que era ousada, usava saias curtas, dançava horas seguidas e ria alto. Queria-me de volta. As saudades do meu eu de antes perfuravam-me a pele para sair.

Era impossível voltar a ser inteira, mas podia ser menos incompleta.

Teste

Caminhámos sem pressa, apesar de termos deixado a animação decrescente do Egos, nenhum de nós desejava que a noite acabasse.

O seu braço ainda me rodeava os ombros quando me abriu a porta do carro.

— Então, para onde vamos?

Entrei sem responder, mordi o cantinho da unha do meu indicador já massacrado e retraí-me ao sentir-lhe a mão na minha coxa. Ele costumava fazê-lo e, ao retirá-la, devia estar a catalogar a minha personalidade como dupla e lunática.

— Acho que é melhor deixar-te em casa... — Respirei fundo, ansiando por alguma lucidez que me fizesse parecer menos instável. — Para de roer as unhas, vais fazer sangue no dedo e vou zangar-me contigo.

Notar-lhe a postura afetuosa devolveu-me a coragem. Acenei afirmativamente e elaborei uma estratégia para convencer o meu cérebro reptiliano a dar-me tréguas.

Recuperar a minha natureza implicaria um plano.

— Sim, deixa-me em casa. — Estiquei a mão à minha frente antes de continuar. — Eu não estou a roer as unhas, estou a arrancar as peles.

Fez um esgar reprovador e arrependi-me de imediato de ter exposto os dedos com as unhas demasiado curtas. Era provável que ele nunca tivesse visto nada menos apelativo.

Mesmo assim, levou-a aos lábios e deu a conversa por terminada.

Pouco falámos até chegarmos às Olaias, aceitei o beijo e uma festa no cabelo antes de sair do carro. Esperei que ele virasse na esquina e liguei-lhe.

Tinha de confiar nele, não só confiar na sua índole, mas também confiar-lhe quão estranha me tornara.

— Volta, estou aqui à tua espera. Mudei de ideias e quero ir contigo para tua casa.

Uma pausa longa e um suspiro não eram bom sinal.

— Francisca — o meu nome em vez de bicho também não pressagiava nada de bom —, há um limite para a figura de urso que um homem adulto deve fazer, por muito interessado que esteja numa mulher. Não fiques sozinha na rua, está frio. Vai dormir e amanhã falamos.

O Pedro, armado em sensato e a rejeitar-me, de uma forma apenas compreensível para um cérebro como o meu, tranquilizava-me e redobrava a minha vontade de que voltasse.

— Não estou na rua, estou na entrada do prédio. Perdes cinco minutos até estares aqui à minha beira outra vez. Assim que eu te vir chegar, saio logo a correr.

Como resposta, recebi o silêncio de quem já dera o assunto por terminado.

— Se voltares, explico-te porque fiz isto, mais ou menos.

Ele cedeu, mas não me recebeu com muito entusiasmo, e, sem tocar no assunto, esperou que eu cumprisse a minha parte.

Demorei a ganhar coragem, não devia faltar muito para chegarmos quando o fiz.

— Era só para garantir que aceitavas deixar-me em casa, mesmo depois de eu ter dado a entender, quando pedi a *Coca-Cola*, de que iria para a tua casa...

O ar dentro do carro tornou-se espesso.

— Querias saber como é que eu ia reagir se me desses expectativas e depois voltasses atrás? Estavas a testar-me?

Seria mau se dissesse que sim, mas seria pior dizer que estava a tentar silenciar o alarme que rugia na base do meu crânio. Era difícil fazê-lo acreditar que se podia sentir tanto desejo quanto medo.

Limitei-me a concordar e deixá-lo com a versão que imaginou.

— Gostava que um dia me contasses o que te aconteceu.

A forma sombria como o disse contrastava com a delicadeza com que me tocava no braço, e talvez tenha sido nesse exato momento que me apaixonei por ele.

O Pedro morava em Alvalade, mostrou-me a Igreja de São João de Brito, virou para uma rua secundária com prédios mais baixos e estacionou em frente a uma loja de chocolates.

Procurou a minha mão enquanto esperava o elevador e esforcei-me para não a tremer.

Eu queria-me de volta, e desconfiei que, se me mostrasse alterada, seria ele a recuar.

O apartamento ficava num terceiro andar com varanda e vista para o Jardim do Campo Grande. Imaginei como a Mariana se sentiria melhor se a tivesse levado para ali, onde poderia estudar a ver um pouco de «campo» e da sua adorada «natureza». Voltámos para a sala e fingi-me tranquila, comentei uma pintura enorme cheia de cor com duas velhinhas, uma tela com uma foto do Mike Tyson, as estantes de livros desarrumados e a guitarra clássica num suporte.

Ele foi buscá-la, sentou-se ao meu lado no sofá e tocou alguns acordes que demorei a reconhecer.

— Isso é a *Mysterious Ways* dos teus queridos U2?

Ignorou a troça implícita e continuou a sua tentativa de uma versão acústica aceitável, que caiu por terra quando falhou duas notas seguidas. Apesar da minha gargalhada, insistiu até chegar ao refrão.

— Não sou assim tão mau, só estou um bocado enferrujado.

Ele não era mau, era terrível, mas a forma adorável como franzia os lábios, num esforço de concentração, compensava todas as falhas.

— Vá, chica-esperta, faz melhor.

Aceitei o desafio, conseguia fazer uma prestação muito razoável da *Redemption Song* e, como o Bob Marley era um ídolo comum, ele quis aprender os acordes. Aos poucos, naquelas suas maneiras meigas insidiosas, estava atrás de mim, as mãos nas minhas e a respiração morna no meu pescoço, até que subiu a mão para me desviar os cabelos, e os seus lábios tocaram no meu pescoço.

Desisti da guitarra, deixei que me sentasse no seu colo e entreguei-me aos seus beijos, até que, quando me apertou as ancas num gesto carregado de sensualidade e desejo, fazendo menção de se levantar comigo para me levar para o quarto, o impedi.

— Achas que podemos ficar aqui no sofá? Assim?

Fez um aceno de concordância e passou os dedos pelos meus cabelos.

— Claro que podemos.

Senti a sua mão na minha nuca, mas reagi antes que me puxasse de novo para si.

— Fechaste a porta à chave?

A sua expressão modificou-se, esboçando um descontentamento evidente.

— Quem é que... — Tapei-lhe a boca com as mãos, uma súplica silenciosa para que renunciasse à pergunta e não matasse aquela oportunidade.

— Sim, mas a chave está na porta, é só rodar e podes sair.

Os olhos fixos nos meus, e as mãos desenhando círculos leves na minha cintura, afugentaram-me a tensão castradora. Saí do passado dentro da minha cabeça, voltei para o presente e permaneci, quando me voltou a beijar.

A combinação era mais do que a soma das partes. A voz grave, os beijos no meu pescoço, e depois no lóbulo da orelha, a respiração na minha pele, a mão por baixo do meu sutiã e a outra naquela zona ainda mais sensível. Ele sabia exatamente onde me tocar, quando me beijar na boca e quando me provocar com palavras sussurradas, num crescendo que se acumulava...

Tentei reprimir-me e afastar-me, porque não devia acontecer assim, mas ele encorajou-me a aceitar a vaga de prazer iminente e deixei-me levar, embalada pelo seu timbre quente, para longe do meu passado, numa viagem de libertação e reconquista.

Quando me recompus, ainda o desejava. Avancei as mãos na direção do seu cinto enquanto inspirava o seu cheiro bom, mas fui repelida com brandura.

— Quero muito, nem imaginas, mas não precisa de ser hoje, nem aqui no sofá, só porque achas que tens de retribuir. Não tenho pressa, Francisca. Quero-te na minha cama e saborear-te toda, cada pedaço...

A escolha de palavras lançou-me de novo em desejo e excitação.

— Saborear-me como?

Fitou-me com malícia e ofereceu-me uma amostra, ao longo de um delicioso percurso desde a minha boca até ao centro do meu peito. Não consegui suster um gemido enquanto imaginava a sua boca em todos os pedaços da minha pele, todos...

Enrolei as pernas na sua cintura, para que nos levantasse aos dois, como tentara fazer antes.

— Quero...

Calou-me com a sua boca. Sôfrego e intenso.

— Não precisas de me dar as instruções todas. Vamos experimentando e eu prometo que vou estar atento. Sem mais testes. És capaz de fazer isso?

Senti um nervoso miudinho que me deixou os olhos húmidos e talvez me tenha apaixonado mais ao assegurar-lhe que o faria, e mais um pouco quando me levou para o quarto e fez justiça a todas as promessas, as sérias e também as levianas.

Apesar de cumprir o que prometera, não foi uma noite linear. Houve um momento, quando me puxou para cima de si, em que o prazer se misturou com uma lembrança negra.

Só me apercebi de que fechava as minhas mãos com força quando senti os seus dedos a abrirem-nas. Ficámos imóveis, suspensos, e por um instante demasiado longo, deixei-me prender na escuridão, até sentir os seus polegares desenharem padrões lentos nas palmas das minhas mãos, carícias vigorosas, um chamamento autoritário que me forçava a encará-lo. O olhar atento, focado em mim.

Relembrou-me de que era ele quem estava comigo, e queria dar-me prazer.

Relembrou-me de como era o sexo. E o sexo não tinha nada comum, além da sequência de movimentos mecânicos, com aquela noite no Mediterrâneo.

Sexo era prazer. Era tê-lo pendente de mim. Pausado no desejo, no ato e na sua própria voracidade. À minha espera.

Voltei a ser corpo e sentidos e desejo e liberdade.

Feliz por aceder às sensações da minha versão «inquebrada», mesmo que de forma transitória, desfrutava no limbo da inconsciência depois do êxtase, o corpo leve e os sentidos dormentes.

— Estás acordada?

Estava apenas o suficiente para o confirmar. Abdiquei da preguiça e levantei-me.

Quando me questionou o que estava a fazer, respondi trocista enquanto alcançava o sutiã.

— Estou a apanhar a minha roupa que atiraste para o chão. Quero entrar no táxi vestida...

Acendeu a luz e sentou-se contra o espaldar da cama.

— Se queres ir para casa, eu levo-te.

O Pedro em tronco nu era uma visão a que ainda não me habituara, uma peça musical tão boa que nos convida à improvisação. Tinha os ombros largos na proporção certa e o boxe devia ser o responsável pelos peitorais definidos.

— Não vale a pena. Eu apanho um táxi, já estou habituada.

A entoação com que pronunciou o meu nome, solene e íntima, provocou-me uma guinada no peito.

— Se queres ir para casa, não vais chamar nenhum táxi, eu levo-te. Preferia que ficasses. — Levantou o edredão do meu lado num gesto convidativo.

Estava com algum frio e usufruir do edredão era tentador, mas não foi por isso que deslizei pelos lençóis. Foi pela forma como me olhava, plena de uma emoção que queria para mim, queria embrenhar-me nela mais do que no seu peito quente, e ficar ali para sempre.

— Perguntei-te se estavas a acordada porque queria saber se tiveste medo,

ou qualquer coisa parecida.

Revi as minhas reações desde que me trouxera para o quarto.

— Só um pouco, mas depois passou logo.

— E agora, já não tens medo de nada?

Sorri perante a possibilidade de não ter medo de nada, essa forma de viver parecia-me tão longínqua como emigrar para Marte.

— Eu tenho sempre medo de alguma coisa, a minha cabeça é incansável a construir derivações paralelas de cenários catastróficos e possíveis soluções para cada um. É muito engraçado que eu seja a fã número um do João Sem Medo, porque me tornei na sua antítese.

Os seus braços envolviam-me num casulo aconchegante como se desafiassem as minhas afirmações.

— Agora mesmo, neste exato momento, do que é que tens medo?

Era uma lista interminável, mas escolhi o primeiro item que o incluía.

— Agora mesmo, tenho medo de que me tenhas mentido e de que sejas casado, e de que toda a gente no Álibi saiba menos eu, e de que a tua mulher esteja no Canadá a visitar uma tia doente?

Riu alto no seu registo mais grave.

— Tu és maquiavélica num grau que rasa o assustador! Tens de controlar essa tendência, que disparete!

— Não é disparete! É quase um milagre que um homem com as tuas habilidades todas esteja solteiro aos trinta e quatro anos.

— Que habilidades?

— Tu sabes.

— Não queres especificar? — Em troca do meu silêncio desafiador e imerecido, recebi um beijo leve nos cabelos. Fechei os olhos e regressiei ao limbo bom.

Concordamos que discordamos

Retornei-lhe uma chamada não atendida às dez e meia.

— Parece que afinal não sou assim tão habilidoso, para saíres à socapa e não me atenderes o telemóvel. Foi alguma coisa que eu fiz?

— Entrei às dez da manhã, tive de sair cedo para ir a minha casa tomar banho e vestir a farda. Tenho o telemóvel no silêncio e não posso atender. Tive sorte porque agora não temos clientes na loja e vim ao armazém para te ligar.

— Sorte têm os donos da Larabel, por não servirem cafés.

Não reprimi o riso e respondi um pouco mais baixo.

— Para tua informação, aqui às vezes também fico *varada*. Há mulheres indecisas como o carago, desarrumam a loja toda e, depois de namorarem as roupas durante horas, não levam nenhuma, mas já aprendi a ser compreensiva.

Felicitou-me, brincalhão, e sugeriu que lhe fizesse companhia na minha hora de almoço.

Não me deva muito jeito, trouxera um iogurte com cereais de casa e queria aproveitar essa pausa para vender um bilhete para o concerto dos Muse, no entanto, hora e meia depois, estava a entrar no Restaurante Madeirense. Valeu a pena pelo olhar que me destinou, como se os meus passos fossem os primeiros acordes de uma canção favorita que não ouvia há muito tempo.

— Então, mas que história é essa de as manas Genvellier terem desistido de ir ver os Muse? Estou *barado* com isso.

Tinha zero habilidade para imitar o meu sotaque, tão flagrante que era impossível não chegar sozinho a essa conclusão.

— A mana mais nova vai na mesma, com as duas únicas miúdas da escola que não lhe fazem a vida negra. É melhor eu não ir com elas, a Mariana precisa de fazer amizades, e se eu for, corro o risco de ela passar o concerto a fazer-me companhia em vez de se divertir com as amigas.

Pareceu-me descrente dos meus motivos, o que me fez arrepender das minhas anteriores demonstrações de adoração pelo Matt Bellamy e de lhe ter

contado como fiquei contente por comprar os bilhetes seis meses antes. Também acontecera que a minha mãe precisava de ir ao dentista, o que não lhe iria contar, mas que era o verdadeiro motivo pelo qual vendi o bilhete a um rapaz que trabalhava numa agência de viagens.

Já tinha terminado os filetes de peixe-espada com banana e estávamos embrenhados numa discussão acesa sobre a gastronomia portuguesa ser mais rica no Norte.

— Tudo bem, concordamos que discordamos. A que horas saís?

Respondi a pensar na beleza tosca da primeira frase, a antítese de tudo a que eu estava habituada, e como combinava com a sua descontração a apoiar o queixo na mão.

— Às seis, mas estou cheia de sono. Preciso de dormir uma sesta.

Aproximou-se, matreiro e conspirador.

— Podias fazer uma sesta e eu passava na tua casa quando fosse para o Álibi. Amanhã também entras às dez?

Fiz um gesto de negação, no dia seguinte estaria de folga.

— Então, amanhã podemos dormir até tarde e compensas.

Não foi pela alusão às horas de sono que poderia compensar, cedi pela expressão travessa que lhe acentuava as linhas do rosto e me fazia sentir como uma canção predileta.

Não dormi a sesta porque, ao chegar a casa, a minha mãe tinha um longo questionário para me fazer, insatisfeita por eu ter passado a noite em casa de um «homem mais velho e dono da *boîte*».

— Por amor de Deus, mãe, já ninguém diz *boîte*! E da maneira como falas, parece que ele é grisalho e anda de bengala. É um homem muito atraente e bem constituído, com sentido de humor, interessante e...

— Que idade é que ele tem?

Desisti de interceder pelos atributos do Pedro.

— Trinta e quatro.

— Mais nove do que tu. Só quer divertir-se.

Jantei ao som dos gritinhos animados da Mariana sempre que encontrava uma fotografia do Pedro na *internet* (até eu lhe tirar o telemóvel e o esconder na gaveta dos panos de cozinha), alternados com mais perguntas da minha mãe, a quem ofereci um abraço apaziguador antes de sair.

O Pedro apanhou-me à hora combinada e seguimos num clima mais tenso.

Talvez o problema fosse meu, que estava apreensiva desde que a Mariana o pesquisara no Google e depois no Facebook.

Nos tempos em que eu travava longas conversas com desconhecidos interessantes, conheci um neurocientista de Yale no Cruzeiro Rainha D. Amélia. Falei-lhe do estudo em que quarenta por cento da felicidade depende das nossas ações e ele revelou-me os resultados de outro que fizeram sobre redes sociais. Segundo ele, o uso de redes sociais retirava-nos cerca de 1,5 pontos de felicidade numa escala de zero a dez. Esse efeito acontecia devido a dois problemas nos nossos cérebros: um faz com que nos habituemos depressa às coisas boas e que a felicidade que nos proporcionam perca o efeito inicial, a adaptação hedonista; e o outro é que a nossa percepção do que vivemos não é absoluta, mas comparativa, e a exposição a imagens fantásticas de outras pessoas torna-nos menos fantásticos.

Na altura, argumentei com o Robert que os resultados não podiam ser válidos, perdiam-se demasiados pontos de felicidade só por olhar para fotografias. Naquela viagem, percebi que ele tinha razão.

Ao contrário da ladainha protetora da minha mãe, as fotografias minaram-me. Mesmo sabendo que era lógico que aquelas fotografias existissem, cada imagem de uma festa no Álibi acrescentava-me ansiedade e retirava-me confiança, e a Mariana mostrou-me várias.

Perdera mais do que 1,5 pontos de felicidade quando ele me disse que precisava de tratar de uns pagamentos e que não demorava.

Sentei-me no bar do António e, de uma forma masoquista, insisti em fazer perguntas sobre as festas e algumas das pessoas que apareciam nas fotografias. O António não retinha pormenores, lembrava-se do fim das filmagens de uma telenovela, da festa de uma marca de acessórios e de outra de uma competição de vela. A minha sede de informações estava longe de estar saciada quando o senti atrás de mim.

O Pedro apoiou uma mão na minha anca e beijou-me na face.

Relembrei-o de que estávamos no Álibi, e ele afastou-se com uma postura séria.

— Como é que isto funciona?

Senti que o pequeno rio de calor, nascido com o beijo, se contraiu até secar.

Não queria ser recordada da não interferência com o trabalho ou do mal-estar que ele queria evitar.

— Passei nos testes e fiquei aprovado ou tenho de provar todos os dias que não sou um tarado, de te levar a casa, de esperar que me telefones, de fazer

figura de urso quando volto para trás...

Senti uma pontada de vergonha e a percepção dolorosa de ser uma fraude prestes a ser descoberta.

— Foi assim tão mau?

Fez um gesto de negação ao mesmo tempo que me tocava no rosto.

— Não, não foi. Se quiseres, depois da tua atuação, podemos fazer tudo igual, só estou a perguntar para saber quantas voltas vou dar a Lisboa, tenho de saber se a gasolina chega ou se é melhor atestar o depósito.

Não contive uma gargalhada sonora que me fez assumir, de forma oficial e definitiva, que aquela sua capacidade de me provocar risadas inesperadas era um dom maravilhoso. De todas as emoções boas e prazeres partilhados, aquelas gargalhadas súbitas em momentos de tensão ficaram no topo da tabela.

— Que grande begueiro que tu és!

Desviou-se da minha tentativa de lhe acertar uma palmada no peito.

— O que é um begueiro? — Encolhi os ombros e ele perdeu confiança. — É uma coisa boa? Ou estás a aproveitar para me insultar no teu dialeto?

Fiz o meu sorriso mais matreiro e decidi que não iria ensinar-lhe o que era um begueiro, tinha mais graça deixá-lo criar a sua interpretação.

— Estou muito cansada para dar voltas a Lisboa, acho que prefiro ir direta para tua casa.

Acariciou-me a cintura, satisfeito com a afirmação.

— Boa decisão, bicho, a gasolina está pela hora da morte.

Receber carícias ao mesmo tempo que me ria baixinho era uma combinação quase tão deliciosa como tudo o que aconteceu na sua casa, em cima de vários edredões fofos em frente à lareira.

Estava de olhos fechados, semi-inconsciente, a ouvir o lume crepitar e a imaginar reflexos das labaredas no teto.

— Anda, vamos para cama.

Fiz pressão para me manter onde estava e não o deixei levantar-me.

— Daqui a nada o lume apaga-se e ficas com frio, amanhã acendo-te o «fogão de sala» outra vez.

Como representante, com muito orgulho, do meu Norte, senti-me na obrigação de lhe explicar que em teoria me estava a gozar, mas na prática era um palerma que duas horas antes não sabia o que era um fogão de sala. Como resposta, recebi dois açoites, fui rebolada e embrulhada no edredão de cima, com vista à confeção de um prato bracarense chamado burrito de

Francisca, inspirado na cozinha mexicana e com recheio de begueira (o sacana pesquisou no Google), levado para a cama sob protesto.

Instintos de sobrevivência

Quinta-feira, entrei no carro e o Pedro fez-me sinal para abrir um envelope pousado em cima do tabliê.

Não consegui ficar contente com as pulseiras para a *Drones World Tour*, não fazia sentido ele ter gastado dinheiro depois de eu ter vendido o meu bilhete.

— Se te faz sentir melhor, falei com o diretor da promotora e ele ofereceu-me os convites. — Ajustou a tira de papel ao meu pulso e colocou as extremidades. — Vamos lá ouvir o teu adorado Bellamy.

Retribuí o tom malicioso da última frase.

— O tipo é um génio: vocalista, guitarrista e pianista! Posso ir num instante fazer uma cartolina a declarar-me? *Love you Matt*, para ser mais íntimo.

Fitou-me, reprovador, mas pelo brilho no olhar soube que achara graça.

— O que tu podias fazer, em vez da cartolina, era trazeres a tua farda e amanhã saías de minha casa diretamente para as Amoreiras. Dormias mais duas horas e escusavas de andar para a frente e para trás. O que te parece?

Parecia-me que a minha mãe iria martirizar-me o espírito.

— Não é só a farda, para sair da tua casa para a Larabel ia precisar de champô, amaciador, pente para desembaraçar o cabelo, roupa interior, escova de dentes...

Não me deixou acabar a minha enumeração cuja intenção era dissuadi-lo.

— Temos tempo. A não ser que prefiras acordar mais cedo e vestires-te em tua casa?

Não podia argumentar com uma razão tão infantil como não querer ouvir um sermão da minha mãe. Voltei a subir, pus o que precisava em dois sacos de papel e finte as perguntas da minha progenitora, o que me deu reminiscências felizes da minha adolescência.

Estávamos na antessala do recinto e eu tentava adivinhar o alinhamento do concerto, quando uma mulher de cabelo curto e máquina fotográfica ao pescoço nos abordou.

— Pedro Couto! Seja bem aparecido. Acho que nunca o apanhei fora do Álibi com uma companhia feminina! Posso tirar-vos uma fotografia?

Virei a cara de lado e tentei tapar-me com o cabelo, a suplicar-lhe em pensamentos para que recusasse.

Ele acedeu, apoiou uma mão no meu ombro e ficou à espera de que eu me virasse...

— Não queria ser desmancha-prazeres, mas preferia que não me fotografasse. — Franzi o nariz num trejeito descontente ao evidenciar uma madeixas da minha franja. — Tenho o cabelo estranho, cheio de volume e eletricidade, não queria aparecer assim numa revista.

Fui credível. O Pedro manteve o sorriso e aceitou a minha recusa sem hesitar, permitindo-me resolver aquela situação perigosa.

— Desculpe, Joaquinha, afinal vai ficar para outro dia.

O meu entusiasmo a cantar, saltar e absorver cada minuto do concerto destoava da sua apreciação comedida, mas não me pareceu que se importasse, porque no segundo *encore* me levantou às carrachuchas, que para ele eram cavalitas, durante a obra de arte que era a *Uprising*, enquanto eu dava asas à sede de contestação.

Foi só quando estacionou na sua rua que soube que não o enganara.

— Gosto do teu cabelo assim. Há muitas razões para não queres ser fotografada comigo, tenho a certeza de que são válidas e eu aceito-as, só gostava de saber qual, ou quais delas, tinhas em mente.

Não fui capaz de o encarar, e aquele peso nos ombros, que me dera tréguas no concerto, voltou para me afundar no assento.

— Não é por ti, é uma razão minha, um problema meu.

Libertou os meus cabelos presos no casaco e girou o tronco na minha direção.

— E posso saber qual é esse problema?

Ele merecia saber a verdade, mesmo que me envergonhasse mais do que andar a vender presentes da minha avó em *sites* de segunda mão.

— Na verdade, o problema também és tu, porque a jornalista ia fazer referência a seres dono do *Álibi* e era fácil, se alguém visse a fotografia, chegar até mim. Aquela revista é lida por muitas pessoas da minha antiga vida em Braga e eu... — inspirei fundo e preparei-me para convocar os meus demónios — não quero ser encontrada.

Ficou uns segundos em silêncio como que a digerir a informação.

— Não podes andar escondida, Francisca. A quem é que deves dinheiro?

Excluindo a EDP e uma renda ao senhorio, não devia dinheiro a ninguém.

Respirei fundo e entreguei-me.

— O meu pai não é só irresponsável nos gastos, ele também é uma pessoa má e violenta, sobretudo para a minha mãe. Piorou quando as nossas finanças se agravaram. Ele não aguentou a frustração e descarregava nela. Estamos escondidas e a pagar um preço muito alto para nos livrarmos dele. Abdicámos de todos os rendimentos, mudámos de cidade e cortámos contacto com toda a família e amigos, porque ele é um homem «maravilhoso e encantador» para todas as pessoas de fora e ninguém acreditou quando o tentei denunciar. Se alguém soubesse onde estamos, iria ceder à sua personagem de coitadinho charmoso e entregar-nos num instante. Ainda por cima, a minha irmã é menor e não podíamos fazê-la desaparecer. Ele tem «direitos» até ela fazer dezoito anos. E o pior é que se ele aparecesse aqui, perante a sua presença física, tenho dúvidas de que a minha mãe tivesse coragem para o expulsar. Enfim, há muita gente em Braga que pode comprar aquela revista e contar-lhe que me viu, foi por isso que não quis arriscar.

Vi-lhe uma expressão tão estupefacta que me arrependi do excesso de informação.

— Queres passar a cantar no Álibi com outro nome?

Fiz um gesto de negação e deixei que a angústia me escorresse nas palavras.

— Não, ao princípio também pensei nisso, mas não vai mudar nada. Posso ter outro nome qualquer, se alguém da minha vida anterior aparecer no Álibi, vai perceber logo que sou eu, que afinal não estou na Bélgica com primos afastados, conforme a minha avó Angelina nos contou que ele andou a espalhar para justificar a nossa ausência. Além disso, a cantar, é quando me sinto viva neste plano do mundo com as coisas que existem mesmo, e que não existem só na minha cabeça. Se não me chamar Francisca nessa altura, nem sei se eu, a Francisca, existo mesmo. O tempo em que canto é a minha parte mais real.

Avançou a mão em direção ao meu rosto, as pontas dos dedos ao longo do meu maxilar, como se redescobrisse os meus contornos.

— Houve uma altura, noutra vida que tive antes do Álibi, em que também só me sentia assim a jogar. Nada era tão real na minha vida. Era quando me sentia vivo, de verdade. Acho que é por isso que jogar é tão perigoso e viciante. Conheci pessoas que se descontrolaram, perderam fortunas e atiraram chaves de carros para cima do pano verde, só para não saírem do jogo.

Aquilo também era uma novidade, o Pedro Couto a assumir uma fragilidade.

— E tu, também te descontrolaste?

Acenou afirmativamente ao mesmo tempo que esboçava um sorriso travesso.

— Sim, fui bastante estúpido, pelo menos três ou quatro vezes, mas nunca até ao ponto de perder fortunas ou um carro. — Suspirou, como se fosse percorrido por um pensamento que não era feliz. — Fizeste bem em não a deixares fotografar-nos, também vou pedir à Vicky para apagar um vídeo em que apareces a cantar no nosso Facebook. Anda, vamos para cima. Queres que te leve às carrachuchas?

Ao contrário do que imaginei, contar-lhe que estava em modo fugitiva foi libertador. E na sua cama, depois de acordar demasiado cedo e dado que não tinha de ir a casa antes de ir trabalhar, vestida com a camisola dos Pink Floyd que lhe usurpara para pijama, atrevi-me a ir mais além.

Talvez até tenha sido egoísta quando o acordei sabendo que dormia profundamente, mas aquela oportunidade não podia ser desperdiçada.

Enrosquei-me nas suas pernas e respondi ao grunhido ensonado.

— Queria experimentar vires para cima de mim...

Bocejou, esfregou os olhos e encarou-me muito mais sério do que eu desejaria, porque era tudo mais fácil quando ele me fazia rir.

— Queres falar comigo do que te aconteceu? Contar-me quem te fez mal?

Selei-lhe os lábios com o polegar ao mesmo tempo que fazia um gesto de negação.

— Não, não quero falar de nada, só queria que viesses para cima de mim, só isso.

— Só isso? — Lançou-me um olhar desaprovador. — Não. Desculpa, mas não me peças para fazer essas experiências contigo...

Cada recusa diminuía a probabilidade de me soltar dos meus grilhões. E depois de vislumbrar esse futuro, não quis abdicar da sua concretização.

— Então peço a quem? Ao Sr. Nazeed da mercearia, ao Augusto? Quem é que achas que é a melhor opção?

Fez um esgar de repúdio, quase impercetível, à menção do Augusto.

— Tu sabes do Augusto, ou não sabes?

Olhou-me, confuso, ao mesmo tempo que se erguia para se encostar à cabeceira.

— Sei o quê?

Soltei uma exclamação de incredulidade e tentei encerrar o assunto, mas ele insistiu tanto que acabei por ceder.

— O Augusto é *gay*. Foi a Vicky que me disse. É por isso que eu me sentia mais confortável e preferia ir com ele vender o relógio, não por achar que ele seria um guarda-costas melhor do que tu.

Tapou a cara com uma das mãos.

— Não. Não. Diz-me que estás a gozar?

Ajoelhei-me à sua frente, receosa de ter complicado a vida ao meu amigo e preparada para me ir embora se fosse o caso.

— Qual é o problema?! Que grande estupidez é esta?!

Deixou cair os braços ao lado do corpo numa expressão de derrota.

— Não fazia ideia. Se calhar, fui um idiota. Posso ter dito piadas, ou chamei-o à atenção para miúdas que pareciam interessadas nele, nem me lembro. A pessoa faz essas coisas em modo automático, sei lá se fui um imbecil com ele?!

Não reprimi uma gargalhada sonora.

— Ai, que trengo!

Ato contínuo à minha explosão, deitou-me de barriga para cima e atirou-se para cima de mim.

Continuei a gozá-lo, sem sentir nenhuma das farpas afiadas que me levariam para uma noite que só queria esquecer.

— Podes parar de me insultar em dialeto bracarense? Achas bem chamares-me nomes que nem sei o que significam? O que é um trengo?

Respondi-lhe entre risos e com o seu peso sobre a minha caixa torácica, mas sem nenhuma sombra sobre mim.

— Trengo é uma pessoa desajeitada ou um pouco palerma. — Fulminou-me ao mesmo tempo que me dava um açoite e tentei encontrar um sinónimo mais ameno. — Um totó, vá. Pedro, a experiência resultou bem!

Apoiou-se nos cotovelos ao mesmo tempo que me encarava com ternura.

— Eu sei que resultou bem. Quando tens medo, apertas os punhos e, quando te ris, é porque está tudo bem. Posso não ter percebido as orientações sexuais do Augusto, mas a ti percebo-te bem.

Libertei as minhas pernas e entrelacei-as à sua volta.

— Porque sou *berdadeira*! Não sou como tu, que consegues disfarçar tudo por causa dessa porcaria do *poker*. — Senti que algo mudava entre nós e lancei-lhe um olhar maquiavélico. — Mas outras vezes não disfarças assim tão bem...

— Hum-hum, tens razão, mas acho que já chega, bicho. — Tentou sair de cima de mim, mas eu não o permiti e mantive as pernas à sua volta. Em resposta, fixou-me, admoestador. — Vá, já chega. Não vamos abusar.

— Vamos abusar só um bocadinho.

Virei a cara de lado para expor o pescoço e ele falou-me entre beijos, exatamente onde eu os previra.

— Sou um trengo, um urso, e um pau-mandado...

Foi uma das sensações mais estranhas que vivi. Enquanto uma espécie de latejar subtil me percorria, descobri que, apesar de a minha mente se ter marcado para sempre, o meu corpo sarava, e era meu o poder para o libertar.

O que não era meu era o aparente segredo do meu amigo e que eu expusera. Fora tão óbvio para mim quando a Vicky me contou, que não me ocorreu que o Pedro não soubesse. Foi por estar carregada de culpa pela segunda vez em relação ao Augusto, e por temer que ele não me desse uma segunda oportunidade, que demorei dois dias a confessar-lhe a minha indiscrição.

Foi menos complicado do que previ, o Augusto massacrrou-me um pouco durante a minha tentativa desastrada de me justificar, até se apiedar de mim. O Pedro levava-me vinte e quatro horas de avanço e já lhe pedira desculpa caso alguma vez tivesse feito algum comentário inapropriado.

O Augusto não se recordava de nada específico, mas se tivesse ocorrido, a responsabilidade também seria dele, porque tinha tendência para se comportar como hétero na presença de outros homens, sobretudo se fossem mais velhos. Uma espécie de instinto de sobrevivência, só que, em vez de se preparar para fugir de potenciais predadores como eu, fingia apreciação por mulheres.

— Fui criado por um avô que é um «homem muito macho». Passou a minha juventude a mandar-me olhar para o decote, para o cu e para as pernas de tudo o que mexe e, cada vez que me vê, pergunta-me se tenho tido «sorte com gajas» e acusa-me de ser muito esquisito. — Não sei se o meu rosto espelhou o desprezo que senti, mas ele mudou o tom com que falava do avô, e de ressentido passou a respeitador. — Mas também trabalhou na estiva como um condenado para que nunca me faltasse nada, nem a mim nem ao meu irmão. Ao contrário do meu pai, que se pôs a milhas para a Venezuela quando a minha mãe descobriu o problema nos rins e começou a fazer hemodiálise. Não lhe quero dar o desgosto de ter um neto «mariconço». Ainda por cima, ele está doente, tem um tumor no pâncreas e não há nada a fazer. Diz que só está à espera de que eu assente e lhe dê um bisneto para ir em paz. «Quem muito escolhe pouco acerta.»

Senti-me mal pelo Augusto. Na altura, eu já sabia de cor como a nossa

própria família pode ser uma fonte inesgotável de sofrimento, mas custou-me imaginar que ele se sentisse responsável pela «morte em paz» do avô ou fosse obrigado a dissimular a sua orientação sexual com quem deveria sentir-se apoiado.

Era cruel quando aqueles que deveriam ser segurança e paz fossem quem mais nos perseguia.

Ele nunca iria dizer a verdade ao avô, porque não queria que a pessoa que mais se sacrificara por ele, mais o acarinhara e amara a par da mãe, o desprezasse.

— O teu avô não te ia desprezar...

— Tu não o conheces. Uma vez, estávamos a ver um filme em que dois homens se beijam e ele injuriou o ecrã. «Deviam era levar nos cornos, estes paneiros do caralho.» — Fez um sorriso triste ao mesmo tempo que imitava os impropérios do avô. — Não vou puxar o tapete ao velhote, coitadito, depois de uma vida inteira a vergar a mola de sol a sol, em vez de uma reforma tranquila, calhou-lhe uma merda de um cancro que o chupou até aos ossos e lhe dá dores de manhã à noite. O que eu gostava era de lhe dar uma notícia boa antes de ele se ir, preocupado porque me deixa sozinho no mundo, sem mulher e sem filhos. — Encolheu os ombros resignado. — Mas sou diferente, e olha que tentei ser como ele, mas não dá. Por isso, ele vai morrer com essa tristeza e eu também.

Era uma ideia louca, nem tinha a certeza de que o faria, mas todos os cantores encarnavam outra personagem no palco e quis distraí-lo daquele peso na consciência. Era injusto que ele tivesse os olhos a transbordar, ou sentisse tantos remorsos quando não fizera nada de errado. Eu conhecia bem esse lugar de dor e não o queria para ninguém.

— Eu consigo fingir que estou grávida.

Perante a sua descrença, abri o fecho das calças de ganga. Expirei profundamente, a seguir, enchi apenas a parte inferior dos pulmões, empurrei o diafragma para baixo e exibi uma barriga cheia de ar. Eu era exímia em respiração abdominal, uma técnica de canto, que no meu caso também me permitia simular uma gravidez de seis meses, se a pessoa a enganar fosse inexperiente no assunto.

— Como é que consegues fazer isso? Eras capaz de fazer esse truque e enganar um velhinho moribundo a despedir-se da família?

Um velhinho trabalhador, mas preconceituoso, responsável pela infelicidade do meu amigo.

— Sim.

Seria uma boa ação, para ele ir em paz para o céu dos homofóbicos. O Augusto tinha o direito de viver sem remorsos.

Pelo menos à minha beira, desde o dia em que nos conhecemos, ele assumiria sempre o seu verdadeiro eu. Apoiou a mão na minha barriga fingida como se estivesse à espera de sentir o bebé mexer.

— Isto é impressionante. Vou pensar na tua proposta.

Produto

A minha irmã fora recrutada para vender erva na Escola Secundária das Olaias. Segundo ela, os factos foram-se sobrepondo de forma rápida e sem lhe dar tempo para pensar.

Um colega de turma, o Tó, falou-lhe numa forma de arranjar dinheiro.

O primo do Tó vendia «cenas». Ela só tinha de «distribuir essas cenas» e faria dinheiro para comprar coisas de que gostasse ou para me ajudar nas despesas. Ela não mo disse, mas desconfiei de que tinha em mente as sapatilhas da Adidas.

A Mariana mordeu o isco e demonstrou interesse, e, quando caiu em si e quis voltar atrás porque se apercebeu de que lhe iam pedir algo ilegal, o Tó e o primo, o Cláudio, encurralaram-na no quarteirão a seguir à escola e entregaram-lhe um saco com erva, agora escondido no roupeiro do nosso quarto.

Ao todo, eram vinte pequenos sacos que ela devia vender por dezoito euros cada, trezentos euros para o Cláudio e sessenta para ela.

Partiu-me o coração vê-la desesperada com medo de ser apanhada, que o pai fosse contactado pela polícia e nos encontrasse. Supliquei-lhe que parasse de chorar, não só porque a mãe estava na sala e podia ouvir, mas porque cada soluço me magoava por dentro.

Vê-la sofrer fazia com que me sentisse dolorosamente culpada e deixava-me à beira de desmoronar.

Sequei-lhe as lágrimas, garanti-lhe que iríamos resolver o assunto e que a solução não passaria por ela vender erva na escola.

Tentei que ligasse ao colega para explicar a situação especial em que vivíamos, e que, se fosse apanhada pela polícia, poderíamos ser descobertas e perder a paz alcançada com tanto esforço. Ver-lhe os dedos tremerem enquanto procurava o número de telemóvel do Tó fez-me desacreditar que estávamos em paz ou que o esforço valera a pena.

Foi por pouco que não lhe perguntei se queria desistir de tudo e voltar para Braga.

Ela não tivera escolha, eu roubara-a ao conforto, aos amigos e a tudo o que ela gostava, e ela, ao invés de se revoltar e soltar impropérios, como eu muitas vezes fazia, todos os dias entrava em casa com um sorriso e abraçava-me com doçura, mesmo que passasse um dia de cão na escola.

Ela não merecia ter caído de paraquedas numa turma na qual ouvia uma piada sobre o seu sotaque a cada intervalo. A única coisa que nos pedira fora a porcaria das sapatilhas, mas a minha mãe achou que ela precisava de um bom casaco quente e impermeável. Só me apercebi na noite de Natal, ao ver a Mariana agradecer-nos, como se o quispó fosse uma presente espetacular.

Enquanto ela falava com voz trémula, pensei em como eu não era diferente do homem de quem fugíamos.

O que eu fizera, arrastá-la para uma cidade nova que ela detestava, fora também uma forma de imposição e de violência. Afastei-a da natureza que ela prezava acima de tudo, dos amigos e da família, somando-lhe mais sofrimentos aos que ela já tinha passado.

Livre-a de dores antigas e infligi-lhe novas, se as pusesse numa balança, não saberia para que lado ela se inclinaria, nem quem seria pior, eu ou o meu pai.

O Tó foi peremptório, o primo não se ia comover com nenhum argumento, nem aceitar o *produto* de volta, era uma regra que nunca se quebrava. Ela teria de entregar o dinheiro que lhe correspondia.

Na manhã seguinte, liguei ao Gonçalo, irmão gémeo de uma amiga minha que servia às mesas no Rainha D. Amélia. Tanto ele como a irmã eram ex-abastados, no caso deles, os pais tinham perdido o dinheiro na crise de 2008. Depois de o BES cair e de a bolha imobiliária rebentar, os dois irmãos viram-se obrigados a trabalhar para pagar as universidades privadas em que estudavam. A Marta optou pelas vias legais; o Gonçalo, pelas ilegais.

Nos tempos em que eu e a Marta éramos colegas no Rainha D. Amélia, os três corríamos as discotecas de Lisboa nas quais ele conhecia porteiros que não nos cobravam entrada.

O Gonçalo admirou-se com o meu telefonema após meses de silêncio, mas não fez muitas perguntas. Combinámos ao fim do dia. Enquanto ele conduzia, propus-lhe que ficasse com tudo aquilo e me desse o valor que lhe parecesse justo. Ele estava inclinado a aceitar e enchi-me de esperança quando entrámos na sua garagem do prédio do Parque das Nações. Entreguei-lhe os pequenos sacos e ele abriu alguns para examinar o conteúdo. No fim da avaliação, abanou a cabeça com uma expressão descontente.

— Desculpa, eu queria ajudar-te, mas não vai dar para ficar com nada disto.

Tentei que reconsiderasse e expliquei-lhe que estava disposta a perder dinheiro.

— Não é uma questão de dinheiro. É que não posso ficar com esta erva porque não tenho a quem a vender. Eu vou deixar de fazer isto assim que acabar o curso e já só tenho alguns clientes, que comprem pouco, mas pagam bem e estão habituados a uma qualidade melhor. Isto é um produto barato, para miúdos. — Trespassei-o com o olhar e ele recuou. — Ou então para turistas. Uma miúda com boa apresentação como tu despacha isto em duas noites no Bairro Alto ou na Rua Cor-de-Rosa. Só precisas de ter atenção e não tentar vender a um polícia.

Inclinei-me até ao tabliê e soltei um gemido, ao qual se seguiu a sua mão apoiada nas minhas costas, o que me fez rodar para me afastar. Uma reação brusca e sem sentido, tendo em conta que já tinha estado dezenas de vezes naquele carro com o Gonçalo e ele nunca se comportou mal comigo.

Olhou-me como se não me reconhecesse.

— O que se passou contigo para seres despedida do Rainha D. Amélia? Nunca mais falaste connosco e correm rumores...

Voltei à posição em que estava e deixei as lágrimas correrem.

— Agora não consigo falar sobre o que se passou no D. Amélia, mas se voltares a pôr a mão nas minhas costas, não vou ser parva como há bocado. Foi instintivo, chama-se reação de lutar ou fugir e vem do nosso cérebro reptiliano. Já ouviste falar?

Passado pouco tempo, a sua mão voltou a pousar onde estava.

— Não, mas lembro-me de que tu não tinhas este instinto. — Fez uma pausa, durante a qual eu ponderei sair do carro se ele insistisse no assunto. — Posso falar com dois tipos que costumam estar no Bairro Alto, para não apareceres lá do nada e arriscares-te a que corram contigo. Também te posso emprestar algum guito, se precisares. — Levantou a mão e deu-me três palmadas leves, num gesto de companheirismo e consolo. — Tinha saudades tuas, miúda, não te voltes a evaporar.

Prometi que não o faria, ele ofereceu-me um jantar de *fast food* e pusemos a conversa em dia sem tocar no tema proibido. Ligámos à Marta, que estava em casa do namorado novo, e depois também aos dois «rapazes» do Bairro Alto.

Passei o dia seguinte em modo sobressalto. Tremia quando as clientes me abordavam e dei um pulo quando uma colega me alertou para camisolas

desarrumadas na mesa central.

Tinha de haver outra maneira, que passava por pedir um adiantamento à Mónica e deixar a erva no roupeiro.

Tentei ser eu a entregar o dinheiro e a assegurar-me de que a situação acabava ali, mas a Mariana insistiu muito que tinha de ser ela a resolver com o colega e que ele lhe garantiu que podia saltar fora após liquidar o valor daquela «encomenda».

Custou-me horrores imaginar a minha irmãzinha com o «lobo», mas ela obrigou-me a deixá-la encontrar-se sozinha com o Tó na Alameda.

— Vai correr tudo bem. Confia em mim.

Entreguei-lhe o envelope com notas e fingi uma expressão de confiança.

Eu confiava nela, mas não no mundo.

Não me orgulho e jamais lhe irei confessar que pedi ao Gonçalo para a seguir a partir do quarteirão que dava para a Fonte Luminosa.

Fiquei vidrada no telemóvel, com o coração a bater-me seco na garganta, até ler a mensagem dele.

«Tudo ok, a Mariana vai a caminho das Olaias. Estiveram na boa, o puto parece inofensivo, acho que estava mais inclinado para outra coisa do que para fazer negócios ;)»

«A atuação no lar da tua avó para te pagar este trabalho de vigilância acabou de ficar sem efeito.»

Desci e fiquei em frente à mercearia do Sr. Nazeed até ela aparecer.

Caminhou lentamente até chegar à minha beira, embaraçada e pálida. Desejei recuar no tempo, embrulhá-la numa magia e levá-la outra vez para as festas do S. João de Braga. Queria vê-la outra vez com as bochechas muito vermelhas da excitação dos carrinhos de choque, os lábios rosados, brilhantes e pegajosos do algodão-doce cor-de-rosa «das fadas». Envolvi-lhe a mão fria e dediquei-lhe o meu sorriso mais encorajador.

— Já passámos por coisas piores, isto nem foi nada de especial.

Comprei milho na mercearia do Sr. Nazeed. Pedi à mãe para fazer pipocas, porque as minhas ficavam sempre queimadas, e à Mariana para pôr o DVD do seu adorado *Crepúsculo*, que eu já não aguentava mais ver.

Aninhámo-nos as três no sofá debaixo da nossa manta polar, e pouco depois, enquanto o Edward confessava à Bella que lia pensamentos, talvez eu tenha segredado ao ouvido da minha Marianinha que ia arranjar maneira de lhe comprar as sapatilhas.

Defesa em habitats desfavoráveis

Mariana

Não foi pelo dinheiro, nem pelas sapatilhas ou outros bens materiais.

Eu queria pertencer a um clã. A espécie humana, como a maioria dos outros animais, organizava-se em grupos para se defender. Eu precisava de pertencer a um grupo unido e forte, que me visse como membro legítimo e que me protegesse, como o que tinha em Braga.

A Leonor e a Maria eram queridas, mas eram «solitárias» como eu e não podiam ajudar-me quando a Nádia me chamava lixo do Norte.

Eu sabia que a Nádia não o voltaria a repetir se eu pertencesse à «alcateia» do Tó. Estava desesperada, podia ter desatado a chorar ou atirar-me ao pescoço da *vacazola*, mas decidi procurá-lo e pedir-lhe ajuda para ganhar dinheiro.

Eu não era tão inocente como a mãe e a Kika imaginavam.

Por várias vezes, apanhei o Tó a olhar fixamente para mim até eu lhe retribuir o olhar. Eu sabia que ele iria arranjar maneira de me ajudar e depois eu poderia «infiltrar-me».

Ele estranhou e perguntou-me se eu tinha a certeza, pois não achava que vender «cenas» fosse a minha onda.

A minha onda era livrar-me da Nádia e isso implicava proteção de um grupo com indivíduos mais fortes. Era assim que os indivíduos mais fracos sobreviviam em *habitats* desfavoráveis e não havia melhor definição para um *habitat* desfavorável do que a Escola Secundária das Oiaias. Eu não aguentava mais aquele massacre e mais ninguém me podia ajudar.

Pensei que o faria apenas uma vez. Deveria ser o que bastava para poder juntar-me ao Tó e aos amigos em alguns intervalos, isso ia conferir-me estatuto de elemento e proteção.

Foram apenas quinze minutos de estupidez, até que me lembrei de que

podia ser apanhada.

Podia ser expulsa da escola. Ou, pior do que expulsa, podiam chamar a polícia, eu seria identificada e o meu pai encontrava-nos.

Tinha dezenas de áudios da Kika guardados no meu telemóvel. A minha irmã gravava-os para mim desde que eu tinha oito anos e arranhei o carro do pai com a bicicleta. Começou por gravar num gravador com cassetes muito pequenas e foi evoluindo: incluía estratégias para diferentes cenários ameaçadores que ela previa, conselhos e canções. Eram a minha rede de segurança quando me sentia perder o rumo num lar que se desintegrava a cada dia. Depois de fugirmos, tornaram-se ainda mais frequentes. Faziam-me companhia enquanto ela andava no Mediterrâneo e davam-me segurança no meio das incertezas.

A Kika contava histórias engraçadas, enviava teorias interessantes, doidas e mais ou menos credíveis, de pessoas que conhecia nos vários trabalhos e, muito mais importante, previa situações passíveis de me tirarem o sono e dava-me instruções sobre o que fazer em cada uma delas.

Os áudios mais importantes, que reproduzi vezes sem conta, incluíam o pai, como ele poderia fazer queixa à polícia por me terem «raptado» e como me livrar dele, caso me encontrasse.

Nunca me perdoaria se fosse eu a denunciar-nos com uma jogada egoísta.

Não pensei com clareza porque estava cega de raiva pela Nádia e pela Escola Secundária das Olaias. Transtornada pela rotina insuportável e por saudades da minha outra vida na qual ninguém me chamaria lixo, caí naquele erro.

Não o podia dizer à minha irmã, mas não era só da minha antiga vida que sentia saudades.

Não o podia dizer ao pé dela, depois do que fez para vivermos escondidas, mais o que lhe aconteceu quando foi despedida do cruzeiro e nunca nos contou. Não parecia ela quando chegou. Ficou na cama vários dias com um olhar estranho, como se estivesse fora do corpo, parecido com os drogados que arrumam carros por moedas.

Algo mau aconteceu, e eu não podia admitir-lhe que não era só de Braga, dos meus animais, do campo, dos amigos e da escola, também sentia saudades dele.

Saudades do que ele significava, do estatuto e da proteção que me garantia.

E o mais grave era que não era só disso. Também sentia saudades do seu rosto barbeado e perfumado de manhã quando lhe dava um beijo de bons-dias. Saudades de ele me ir buscar à escola, bem-vestido e bonito, os

professores a pararem para o cumprimentar, os pais dos colegas a puxarem conversa e a elogiarem-lhe o carro.

Saudades do riso dele, quando ria das próprias piadas em inglês e me desalinhava os cabelos quando eu não as percebia. Saudades do seu olhar preocupado e ao mesmo tempo orgulhoso, antes de eu aumentar o tamanho da barreira de obstáculos para saltar com a minha água.

Saudades de quando ele me encontrou a chorar na cozinha, porque decidi fazer croquetes de *tofu* para levar à quermesse do nono ano e saíram uns cilindros toscos e esturricados. Saudades de ele me ter abraçado e troçado dos croquetes feios, de me dizer que resolveria o problema e de ter regressado da rua com uma caixa de croquetes *vegan* tão perfeitos que toda a escola quis provar.

Amava-o e precisava dele, só que também o odiava, não tanto como a Kika, mas o suficiente para não querer ser a responsável por ele nos encontrar.

Na última discussão antes de fugirmos, as mãos dele puxavam os cabelos da minha mãe, à altura da nuca, a arrastá-la pela casa, a chamar-lhe nomes horribéis, burra, puta, estúpida, vaca de merda, nomes que ele nunca usava em público, nem para mais ninguém, além da minha mãe e da minha irmã.

A caminho de casa, com o saco de erva na mochila, imaginei-o a voltar a fazê-lo se nos descobrisse, a lançar-lhes sopapos e a responsabilizá-las por terem tornado a «Marianinha, a única que se aproveitava» numa marginal. Imaginei-o a chamar-lhes vacas, putas, inúteis e estúpidas.

As imagens futuras imaginadas misturaram-se com as passadas reais, até a cabeça me doer. As mãos dele a largarem os cabelos da minha mãe para empurrarem a Kika contra a parede, a acertarem-lhe na cara, por se atrever a aparecer, por se ter intrometido, por ser uma estúpida de merda que pensava que lhe fazia frente. Ela já devia saber, se não sabia, ele ia mostrar-lhe como acabavam todas as pessoas que lhe faziam frente.

Só elas é que acabavam marcadas, nada aconteceu a nenhum dos credores, aos funcionários que reclamaram salários atrasados ou aos responsáveis da tesouraria da empresa que lhe fizeram frente. Elas as duas eram as únicas pessoas que acabavam marcadas. Mesmo quando não lhe faziam frente, elas ficavam marcadas e ele não marcava mais ninguém.

A mim também me bateu, mas nunca me marcou, ou, pelo menos, não tanto como a elas. Nada que eu não lhe perdoasse.

Eu era a menina dos olhos dele. A sua menina esperta, a sua menina linda.

A que lhe iria seguir as pegadas no negócio da família quando tirasse o curso de gestão.

Eu não queria gerir nada, nem pensar em lucros ou despesas. Queria biologia, natureza, ecologia, bichos, sustentabilidade, proteger espécies e *habitats*.

«Podes ser ecologista como *hobby*, mas uma cabecinha tão boa como a tua tem de tirar gestão, vais desperdiçar-te em biologia, Marianinha.»

Não o contrariei, disse-lhe que iria para ciências e entraria em gestão com a específica de matemática. Deixei o confronto para mais tarde. Se não tivéssemos fugido de casa, talvez só lhe dissesse no dia da candidatura que pus a cruz na biologia e não na gestão. Ou, se calhar, só no primeiro dia de faculdade, ou quando passasse para o segundo ano, ou na Queima das Fitas. Eu nunca o contrariava, era por isso que eu era a sua menina querida.

Era por isso que eu lhe conhecia a outra face, a que não criava momentos de terror e maldade.

Ele ensinou-me a montar e passava tardes comigo no centro hípico. Assistia às aulas, elogiava-me, dava-me conselhos e prendia o ar sempre que eu saltava. Era a única pessoa que compreendia o quanto eu adorava passear a cavalo. Fazia-me companhia e comprou-me uma égua para eu competir, a *Mimosa*, e mesmo depois de a vender, ele arranjava sempre maneira de alguém nos emprestar cavalos para darmos longos passeio.

Falava-me sobre a sua infância e juventude em Inglaterra, num colégio interno onde alunos mais velhos mascarados lhe fizeram praxes terríveis. Contou-me sobre o pai austero, como eram os pais antigamente, e às vezes pensava que usava essas histórias para se desculpar das coisas terríveis que ele próprio também fazia, apesar de ele nunca as referir, como se as esquecesse no minuto seguinte a tê-las cometido.

Quando me ajudava a matemática, não parecia a mesma pessoa que se exaltava com a minha mãe por coisas banais. Nunca perdia a paciência quando eu errava as equações e encorajava-me quando eu não me julgava capaz. «Tu tens uma cabeça privilegiada, Marianinha, ao contrário da tua mãe, que só percebe de português, e da Kika, que não percebe de nada que seja importante.»

Passou muitos fins de tarde a apanhar-me folhas de amoreira para os bichos-da-seda, ajudou-me a forrar as caixas e consolou-me quando descobri que as borboletas só viviam três dias.

Reclamava dos cães e gatos abandonados que eu trazia para casa, mas ajudava-me a passeá-los e alegava ciúmes de me ver acarinhar o meu rafeiro

zarolho que eu adorava acima de todos os meus outros bichos.

O meu *Lucky*, preocupava-me tanto com o que lhe teria acontecido... Nunca mais tivera notícias dos meus cães, dos meus gatos, das minhas tartarugas e meus dos porquinhos-da-índia. Tinha saudades dos meus animais. E por muito errado que fosse, porque o devia odiar como a Kika, também tinha saudades dele, muitas.

Tinha saudades de quando passeávamos sozinhos no Gerês, quando a mãe e a Kika ficavam em casa a ler, cheias de frio e quase dentro da lareira. «Elas são umas meninas da cidade, anda, filha, calça as galochas e vamos até ao outro lado da montanha.»

Saudades de como só ele compreendia a minha ânsia por verde. Saudades de ele me saber dizer o nome científico das árvores pelas folhas que eu apanhava do chão, e também o nome dos pássaros em latim, conforme ele aprendeu no tal colégio interno e nunca esqueceu.

Talvez ele também só quisesse ser observador de pássaros, e não quisesse ser gestor, nem administrar a empresa da família. Talvez só o tivesse feito para agradar ao pai austero, e tivesse sido tão incompetente por isso.

Talvez ele também não quisesse casar e ter filhos, como eu também não queria. «Fazes bem, Marianinha, se eu soubesse o que sei hoje...»

Eu suspeitava de que a Kika tivesse nascido por acidente, ou que a mãe tivesse engravidado contra a vontade dele. Nunca mo explicou assim, mas foi algo que deduzi em algumas conversas em que ele se deixou levar, nos tempos em que eu montava a *Mimosa* e ele o *Duque* pelo campo em volta do rio Cávado. Quando toda a gente me tratava bem e gostava de mim na escola. E ninguém me chamava lixo.

Às vezes, não sabia o quer era pior, Braga com ele em casa, ou Lisboa com a Nádia na escola.

Foi por isso que me propus a vender erva, não pelo dinheiro, mas para pertencer a um clã, como em Braga, e o único onde me parecia possível entrar era no do Tó. Só que, assim que ele e o primo viraram costas, a primeira coisa que me veio à mente foi a minha mãe com marcas roxas e voz arrastada dos comprimidos para dormir.

Entrei em pânico, desesperei até casa e senti-me a pior irmã quando dei a entender à Kika que o fiz pelo dinheiro. Foi por isso que chorei, pela mentira, pela cobardia, pela fraqueza.

Tentei devolver a erva, mas o Tó não me deu outra hipótese além de entregar o valor daquela encomenda.

Assim que a Kika arranjou o dinheiro e quis encontrar-se com ele, fiz tudo

para a convencer a ser eu a fazê-lo, não fosse ela acusá-los de me terem aliciado e descobrir que fui eu que os procurei. Não a podia magoar mais, precisei de manter a mentira até ao fim.

Encontrei-me com o Tó na Alameda e sentei-me com ele num banco de pedra e azulejo com anjos grafitados. Aceitei uma chiclete, entreguei-lhe o envelope e fiquei a ver os cães correrem na relva enquanto ele o guardava no blusão.

— Diz ao teu primo que foi a última vez. Não posso mesmo arriscar ser identificada pela polícia.

O Tó olhou-me com descrença.

— Não precisas de inventar que andas fugida. Não queres voltar a fazer, não fazes. Há muita gente a querer.

Não lhe respondi, o que lhe atçou a curiosidade.

— É mesmo verdade? Vocês estão escondidas? Porquê?

Se me queria juntar a ele em alguns intervalos, não podia tornar-me numa múmia quando me fazia perguntas.

— Fugimos porque o meu pai batia na minha mãe e ninguém acreditou, porque ele parece ser boa pessoa. Ele era importante, tinha uma empresa grande e muitos amigos, e deve estar à nossa procura, por isso, quanto mais discretas formos, melhor. Por favor, não contes a ninguém, só te disse para poder devolver, e não deu, portanto...

Ele fez um gesto de negação e pareceu-me honesto quando jurou que guardaria segredo.

— Então, se ele tinha uma empresa grande, vocês lá em Braga eram assim, tipo, ricos?

Encolhi os ombros porque os factos que nos levaram à falência não eram claros para mim, custava-me acreditar que alguém que sabia de cor o nome científico de todos os pássaros pudesse ser responsável por todos os erros que a Kika lhe apontava.

— Sim, acho que sim, antes de a empresa começar a dar problemas.

O Tó cruzou os braços e fitou-me cada vez mais atento.

— E mesmo quando eram, tipo, ricos e importantes, o teu pai também arreava na tua mãe? Visto isso acontecer? À tua frente?

Vira, muitas vezes, mas a memória que me invadiu era tão antiga que nem sabia quando se passara. Estava agarrada às pernas da minha mãe, olhava para cima e não compreendia porque é que ela soluçava. «Olha a menina, olha a menina, olha a menina», como se o pai não me estivesse a ver, ali mesmo, no meio das pernas deles. Depois, a Kika a puxar-me, levantar-me

pela cintura e a subir a escada, a apertar-me, com a cara muito vermelha.

— Sim, vi acontecer à minha frente e, noutras vezes, soube que aconteceu porque a minha mãe ficava com nódoas negras na cara e nos braços.

O Tó parecia cada vez mais confuso e remexeu a franja que lhe tapava os olhos.

— Porra, que *ganda* merda. Afinal, não serve de muito ser-se rico, se as mães levam na tromba à mesma. A diferença é só o tamanho da casa, a merda lá dentro é a mesma.

Percebi que era uma declaração de igualdade.

— Sim, acho que sim. A outra diferença é que ninguém me chamava lixo na escola.

Ele compreendeu, e eu nem tentei ocultar o verdadeiro motivo que me levou a meter-me naquilo. Ele podia ter-se sentido usado, mas, talvez por estar habituado a uma vida onde não conseguia proteger ninguém, também se sentiu valorizado.

— “Tás connosco. Ela não mais abre a boca, vais ver.

Vidas passadas

Sentei-me no sofá da sala dele, reclinei-me até amparar o pescoço no tecido aveludado e entreguei-me ao primeiro momento relaxante das últimas setenta e duas horas.

O Pedro olhou-me por cima dos óculos e refreei o impulso de lhe revelar que ficava muito sensual no papel de proprietário a tratar de assuntos importantes.

— Seria muito inapropriado se eu bebesse já a bebida a que terei direito depois de cantar, aqui no sofá?

Saiu de trás da secretária, as sobrancelhas arqueadas em desapontamento.

— De todas as coisas inapropriadas que me passaram pela cabeça que me irias pedir, essa é, sem dúvida, uma das menos interessantes.

Apesar da desilusão, foi buscar-nos bebidas, mas houve um preço a pagar pelo serviço personalizado: contar-lhe tudo o que se passara para andar tão «fugidia» nos últimos dias.

Sentou-se ao meu lado e, apesar de saber que alguém licenciado em direito não iria aprovar alguns dos delitos que ponderei cometer, «desbobinar» tudo com a cabeça encostada no seu peito foi como bonança depois da tempestade, e muito mais satisfatório do que a vodka que não terminei.

— Porque é que não me disseste nada? Eu emprestava-te o dinheiro para pagares ao Cláudio, mas preferiste pedi-lo à tua gerente da Larabel? Isso também explica porque não me contas o que te aconteceu.

Gemi baixinho, ansiando que a sua indignação não arruinasse aquele momento.

— Pedir-te dinheiro ia ser estranho. Gosto de estar contigo de igual para igual. Eu sei que trabalho para ti e me pagas para isso, mas sinto-me em pé de igualdade quando estamos juntos. Posso gozar-te por não saberes coisas básicas, como o que são meias-calças ou um fogão de sala, e chamar-te begueiro sempre que me apetece. Estou à vontade para dizer tudo o que quiser. — Fiz uma pausa, embaraçada pela revelação iminente. — Isso e cantar aqui são das melhores coisas que me aconteceram nos últimos tempos.

Não quis estragar uma delas.

Virou o rosto na minha direção, ainda ressentido por não lhe ter pedido ajuda e sem compreender as minhas razões.

— Nós não estamos em pé de igualdade. — Era algo horrível para se dizer, mas ele fê-lo num tom que não denotava a soberba implícita à declaração. — Tu és uma chefe de família com duas pessoas a teu cargo. És expedita, nas alturas complicadas não fraquejas, nem culpas os outros, e tomas boas decisões. Se eu tivesse de escolher um líder para seguir, escolhia-te a ti.

— Pensas mesmo isso tudo sobre mim? — Assentiu, sério, uma sensação de orgulho que era rara fez-me corar e tive uma ideia que nos iria fazer felizes aos dois.

— Eu também tenho muita consideração por ti, Pedro, de verdade. E já que fazes questão, preciso de cem euros emprestados.

Fitou-me, o descontentamento ainda espelhado no rosto.

— Vamos ao eBay e encomendas umas *Gazelle* com riscas douradas, tamanho 37.

Esboçou um jeito reprovador, sem dizer as palavras que adivinhei.

— Ela merece-as, confia em mim.

Contraí-me ao imaginar todos os motivos pelos quais ela as merecia.

— Se acrescentares o dinheiro que pediste à tua gerente em vez de me pedires a mim, talvez tenhamos uma base para começarmos a negociar.

Comprámos as sapatilhas para a Mariana no dia seguinte. Não me lembro de nada me ter dado tanto prazer a adquirir desde o blusão de cabedal que implorei à minha mãe quando fiz catorze anos.

Estávamos a avaliar a demora na entrega dos parceiros do eBay quando a Andreia entrou para pedir que ele analisasse uns orçamentos. Fitou-nos com surpresa por me ver no cadeirão com rodas a mexer no computador, ele ao meu lado numa das cadeiras da mesa redonda, com uma mão apoiada no queixo e a outra nas minhas costas.

Ele pediu-lhe mais algum tempo e, depois de a Andreia sair, autorizou-me a abrir o *email* dele, para confirmar que recebera o *link* para rastrear a entrega.

Continuava sereno, a mão a desenhar trajetos aleatórios nas minhas costas, nada preocupado com o meu potencial acesso aos segredos da sua caixa de correio.

Fiz um pequeno *scroll* ao acaso e provoqueei-o.

— Não vai começar a aparecer-me aqui pornografia, pois não?

Manteve-se impassível e apontou para o lado esquerdo do ecrã.

— Claro que não, tenho a pornografia bem guardada numa dessas pastas, a que diz «xxx».

Estava tão calmo que só podia estar a mentir. Não resisti e conferi os nomes das pastas: Bilhetes, Bolsa, Contabilidade... Outsourcing, Parcerias e, por fim, xxx. Não contive um arquejo de choque e divertimento. Recordei-me das minhas próprias pastas e de como prolongar aquele momento.

— Queres ver uma coisa?

A sua mão desceu até à minha cintura e as carícias tornaram-se mais vigorosas.

— Quero ver tudo o que tu quiseses ver... — arqueou ligeiramente o sobrolho e continuou num volume mais baixo —, mas se calhar não aqui, como já percebeste, a Andreia entra sem bater.

Era incrível a calma com que ele se referia a sexo e depois era tão enérgico na sua concretização. Ignorei o pequeno fogo que se formou no meu ventre, afastei os pensamentos pecaminosos e insultei-o ao mesmo tempo que me ria.

— Que grande begueiro! Não era nada disso.

Sem que ele me dissesse que estava interessado, entrei no meu próprio *email* e nas minhas pastas, abri a que dizia Recitais e corri os *emails* da Universidade do Minho com *links* para gravações que estavam no YouTube.

Mostrei-lhe o primeiro vídeo e, em troca, fiquei sem computador, porque ele reencaminhou todos os *links* para si próprio, com medo de que eu não voltasse a dar-lhe acesso à minha *persona* lírica. Apesar de já não me identificar com a rapariga que cantava naqueles recitais, ela também não me envergonhava, e a avidez dele para os ver lisonjeava-me.

Desatou a abri-los a todos, e a repetir os que gostava mais, um deles o de uma audição na sala de eventos do *campus* de Gualtar, de uma passagem da Amneris na ópera *Aida*, em que os agudos não me correram bem. Ele não concordou com a minha opinião e estávamos a revê-lo para eu lhe apontar as falhas no momento em que a Andreia voltou a entrar.

— Vocês são muito, muito fofos, mas eu preciso mesmo de dizer aos tipos do ar-condicionado se renovamos os contratos. Hoje.

O Pedro não se deixou contagiar pela urgência, convidou-a para se juntar a nós e perguntou-lhe se reconhecia a cantora no ecrã.

Ela ficou mais impressionada com a minha roupa do que com os meus agudos.

— Esse vestido que estavas a usar é da Ralph Lauren?

A Andreia adorava vestidos e moda. Antes que ela sugerisse que eu o trouxesse num sábado, confirmei-lhe que acertara na marca e acrescentei que

já o tinha vendido.

— Não tens saudades desta vida que tinhas?

O vestido era da minha mãe. Um mês depois daquele recital, seguíamos os quatro no carro, quando, do nada, ele lançou as costas da mão na direção da cara dela. Estávamos a meio de uma conversa em que ambas discordávamos da megafesta de Natal que ele queria fazer na empresa. A minha mãe mencionou as dívidas à Segurança Social e, no instante a seguir, amparava sangue que lhe escorria do nariz, com as mãos em concha. Apesar da reação rápida de quem já estava habituada a fazê-lo, algumas gotas foram parar à saia. Ela sangrava e ele gritava, como se fosse uma vítima. «Nunca nada está bem para vocês», «só sabem criticar», «fazem de propósito para me instigar a ficar fora de mim». «Vejam como me fizeram perder a cabeça. Estão contentes? Era isto que queriam? Estão satisfeitas por me levarem à loucura? Vocês vão ser a minha morte!»

Felizmente, a água oxigenada faz milagres em nódoas de sangue, o que me permitiu despachar o vestido por um valor adequado, pouco depois de nos instalarmos em Lisboa.

— Tenho saudades de algumas coisas, mas não queria esta vida de volta. Estou melhor agora.

A Andreia apertou-me o ombro num gesto discreto de consolo.

Não valia a pena acrescentar que o motivo principal para estar melhor era não ter medo de quem me deveria proteger. Medo na minha casa e debaixo do meu teto, a pior das espécies.

Nenhum dinheiro ou recital compensariam as memórias que trazia em mim.

Tânia

A sua presença na sala já me chamara à atenção, mas só a reconheci quase no fim da atuação.

Olhava-me fixamente, não dançava nem parecia atenta à música, como se apenas estivesse focada na minha imagem e desligada dos sons.

Estive poucas vezes com ela, despedira-se do Rainha D. Amélia pouco depois de eu entrar, foi por isso que estranhei quando me abordou, e mais ainda que viajasse de Castelo Branco só para me ouvir, assim que a irmã do Gonçalo lhe contou que eu cantava ali.

Quando me tocou no antebraço e pediu para falarmos, o alvoroço bom pelo espetáculo que acabara de dar foi corroído por um mau pressentimento.

Levei a Tânia para a zona mais afastada das colunas e desejei que ela me viesse pedir um favor, como cantar num evento ou ajudá-la a arranjar um emprego em Lisboa, qualquer coisa, menos o que o meu íntimo pressagiava.

— Soube que foste despedida porque mordeste o Luís Miguel. Ele também te atacou, não foi?

Ouvir aquele nome em voz alta provocou-me uma tontura instantânea e apoiei-me nela.

A sua pergunta fora respondida pela minha reação.

— Não contaste a ninguém?

Precisava de me sentar, segurei-lhe no braço e fiz sinal para dois bancos vazios.

— E tu? Disseste a alguém?

Claro que ela não dissera, e resolvera aparecer do nada, para me estragar todo o trabalho árduo que eu tivera a afastar essa noite da minha memória e a recuperar as partes de mim que ficaram destruídas.

A Tânia baixou o olhar, não tinha orgulho no que me ia dizer.

— Eu estava noiva. Não quis arriscar-me a perder o Mário. Ele não ia compreender, nem ia perdoar-me, por ter entrado de noite na cabina do Luís Miguel. Achas que ele ia acreditar se lhe dissesse que entrei a más horas na cabina do responsável dos recursos humanos porque queria convencê-lo a

tirar-me da copa e a deixar-me servir às mesas com a Marta?

Percebi que o queixo lhe tremia e arrependi-me da minha brusquidão. Fizera-o porque ela também era uma vítima, a versão de mim que mais me repugnava e recusava aceitar.

— As cozinheiras não gostavam de mim, faziam-me a vida negra e eu estava farta de lavar pratos. Quando a Marta me disse que ia abrir um lugar nas mesas, queria muito ser a escolhida. Foi por isso que entrei pelo meu próprio pé naquela cabina, para conversarmos sobre a minha mudança da copa para o restaurante. Ele não me arrastou até um canto para me atacar. O Luís Miguel sabe o que faz, é muito simpático e arranja sempre um motivo para nos convidar a entrar e a discutir «a situação». Já usou a mesma técnica e vai continuar a usar. Ao menos, tu deixaste-lhe uma marca. Eu nem isso. Somos duas no espaço de um ano e já soube de mais um caso antes de mim.

Senti-me outra vez zonha, quantas mulheres, como ela e como eu, teriam sido desfeitas numa noite? E quantas se seguiriam? O meu estômago revolveu-se ao mesmo tempo que voltei àquela cabina, mas não era eu que estava debaixo do Luís Miguel, era outra mulher, e enquanto a observava a suplicar-lhe que parasse, era eu que sentia o peso do seu corpo e lhe cheirava o hálito.

— Eu também entrei pelo meu pé, tinha feito apostas com clientes depois de me proibirem e estava com medo de que ele me despedisse. Quando me convidou para irmos à sua cabina falar no assunto, também o fiz de livre vontade. — Segurei-lhe a mão entre as minhas, mas a minha vontade era abraçá-la e libertar o choro que guardava, duas sobreviventes da mesma catástrofe. — Temos de parar isto, Tânia. Temos de fazer queixa à polícia.

Ela puxou o braço de imediato.

— Estás doida!? Tu se calhar podes, porque és cantora aqui em Lisboa, mas eu não. Ia dar cabo da minha vida para sempre. O que achas que vão pensar de mim em São Jorge da Beira e em Castelo Branco? Vou perder o Mário e ficar marcada. De cada vez que disserem o meu nome, vai ser a primeira coisa de que as pessoas se vão lembrar. — Imitou um tom descrente e mesquinho ao se referir a si própria. — Aquela que foi trabalhar no cruzeiro, entrou na cabina do chefe, toda lampeira, e depois diz que foi violada. — Abanou a cabeça e olhou-me com desagrado. — É a pior ideia de sempre. Não foi para isso que vim. Só queria falar com alguém que me compreendesse, mas se estás com essas intenções, podes esquecer-me!

Argumentei de forma débil e pouco convincente. Se nem ela acreditava que o Mário, com quem queria partilhar o resto da vida, ficaria do seu lado, quanto mais um juiz, ou uma cidade pequena, onde precisaria de arranjar

emprego e criar os filhos. Era uma lógica perversa, ser punida pelo crime de que se era a vítima, mas as minhas tentativas para a persuadir do contrário esgotaram-se na crença de que ela estava certa.

Assim que a Tânia saiu, contrariada por não ter alcançado o que fosse que procurava ao partilhar o seu segredo comigo, senti uma contração forte no diafragma e corri para a casa de banho. O espectro daquela noite nunca se esgotaria.

Passei pela Andreia, que se tornou desfocada e rodeada de uns pontos brilhantes, entrei no primeiro cubículo e debrucei-me na sanita. O aperto aflitivo no estômago manteve-se, mas não vomitei e a sensação de enjoo agravou-se.

Estava a ponderar levar os dedos na garganta, quando a ouvi perguntar-me se estava bem.

Abri-lhe a porta e sentei-me na sanita, o meu estômago parecia acabado de passar por uma trituradora. Assim que ela entrou, amparei-me nas suas pernas.

Não a ouvi ligar-lhe, mas o Pedro chegou pouco depois, agachou-se até ficar com o rosto ao meu nível e descolou-me os cabelos da testa.

— Vamos lá para fora, precisas de ar fresco.

Percebi pela voz firme que não valia a pena resistir quando me enlaçou para me levantar e tentei não mover a cabeça ao percorrermos o espaço apinhado. Embora menos forte, já tivera aquela reação depois de pesadelos com aquela noite, aquela náusea passaria quando vomitasse, só precisava de chegar a casa.

O ar frio fez-me sentir melhor, mas ele manteve um semblante preocupado, apesar de elogiar uma «cor rosada» que eu não acreditei que tivesse regressado aos meus lábios.

Caminhámos devagar até ao carro e pedi-lhe que me levasse a casa.

— Começaste a sentir-te assim exatamente quando? Parecias tão bem quando estavas a cantar...

Não valia a pena enganá-lo, eu estava exangue e ele era perspicaz. Além disso, tendo em conta o que eu decidira fazer, era adiar o inevitável.

— Foi depois de estar com uma rapariga que trabalhou no mesmo cruzeiro que eu. Ela despediu-se pouco depois de eu ser contratada. Ainda mantém contacto com pessoas que trabalham lá, soube que eu «ataquei» o chefe dos recursos humanos e veio falar comigo para confirmar se... — fechei os olhos à procura de uma frase estupidamente mais amena — o que lhe aconteceu a ela também me aconteceu a mim.

Dei-lhe a entender o que se passara, com palavras escassas e sem detalhes, mas vi a fúria a dominá-lo durante o relato contido. Quando chegámos a minha casa, tinha as mãos crispadas no volante e mordia os lábios com as narinas dilatadas.

— Não imaginas a vontade que tenho de o estrangular.

Concordei com a ideia e perdi algum do filtro criado durante a viagem.

— Quem me dera. Lutei o que pude, mas só lhe consegui morder o queixo. Não parei, nem quando senti o sabor a sangue. Só o larguei quando ele me deu um murro e quase desmaiei.

Arrependi-me da descrição crua quando percebi que ele tinha chegado ao limite e se lançava na minha direção. Só não me alcançou porque eu própria também atingira um limite.

Corri na direção do caixote do lixo de madeira em frente à loja do Sr. Nazeed e livre-me de tudo o que tinha no estômago, incluindo um líquido esverdeado, na quarta vez que me dobrei sobre mim mesma, mas continuei sem me livrar daquela noite, cravada na minha mente.

— Por favor, vai-te embora.

Não queria falar mais, nem que me visse naquele estado deplorável.

Quase seis meses passados, tudo o que tentei esquecer invadiu-me com nitidez absoluta. Voltei a sentir a dor e o hálito do Luís Miguel, a uísque e a podre, antes de ouvir um gemido que só podia ser meu e me dobrar sobre mim própria.

— Respira fundo. Inspira pelo nariz, devagar, e deita o ar fora pela boca, ainda mais devagar. Acho que já não deves ter mais nada para vomitar.

Ele continuava ali, ao meu lado, com uma mão na minha testa, a amparar-me e a ligar-me ao presente. Segui as suas instruções e endireitei-me.

— Já estou melhor, só quero ir para casa e esquecer que esta noite aconteceu.

Não era aquela noite que pretendia esquecer, era a outra, que quanto mais enterrava, mais forte se tornava.

Percebi que ele chorava, um fio aquoso sulcava-lhe as faces enquanto me sustinha pela cintura.

— Sabes o que eu acho que devias fazer?

Fiz um gesto de negação perante a sua pergunta com voz nasalada, com a certeza de que, excetuando mudar o passado, não havia nada que me fizesse bem.

— Vires comigo, tomares duche ou um banho de imersão, o que preferires, enquanto eu acendo a lareira e monto uma cama fofa para adormeceres a ver

o fogo, como tu gostas.

Dentro das opções realizáveis que não exigiam viagens no tempo, aquela parecia-me aceitável.

Optei por um duche demorado e, quando me aninhei na cama improvisada, a sala já estava morna.

— Sentes-te melhor? Queres que te faça um chá ou alguma coisa para comer?

Recusei, a decisão que tomara fechava-me a garganta, mas senti-lo ao meu lado tornava-a menos assustadora.

— Se eu fizesse queixa e fosse para tribunal... — reprimi a primeira continuação que me ocorreu: «Ias sentir vergonha de estar comigo?» — achas que isso podia prejudicar a imagem do Álibi? Há muita gente que a primeira coisa que pensa quando uma mulher acusa um homem de a ter violado é que «ela está a mentir ou também tem culpa» ou que «provocam os homens e depois queixam-se». Achas que podia ser embaraçoso para ti?

Percebi que ele se afligiu ao ouvir-me confessar tudo o que ia na alma da Tânia e na minha. As vítimas de violação eram diferentes, eram vítimas de quarta ou quinta categoria. Até prova em contrário, eram elas que não eram inocentes, também prevaricaram ou partilhavam a responsabilidade no crime cometido.

— Foi por isso que não me contaste antes? — Suspirou longamente e percebi-lhe a desilusão na voz. — Achaste que te ia julgar? Foi por isso que te fechaste em copas e não confiaste em mim para me contares o que aconteceu? Quero saber o que fiz para pensares que sou assim.

Demorei a responder, os meus motivos nem para mim eram claros. Fora instintivo e motivado por autopreservação.

— Não. Achei que podia esquecer aquela noite e enterrá-la para sempre, foi por isso que não te contei. E porque me envergonha e não a queria reviver. Falar torna-a mais real, porque não consigo transmitir por palavras o que aconteceu e há pormenores esbatidos, confusos, mas acho que é comum haver lapsos. Assim que voltei, passei por várias fases. Primeiro, não acreditava que uma coisa daquelas me tinha acontecido a mim. Depois, fiquei obcecada com o porquê e o que poderia ter feito errado ou diferente. Andei a vasculhar na *internet* e acho que encontrei centenas de testemunhos de violação. O que me aconteceu foi igual ao que acontece muitas vezes. Li o que raparigas do Chile, de Espanha, da Índia, da Dinamarca e da Austrália escreveram e voltava para o Rainha D. Amélia, para ser espetadora do que se passou comigo. Acreditar

na falsa simpatia, ser estúpida ao ponto de entrar a sorrir no covil do lobo, aceitar uma bebida, rir-me da piada sem graça porque ele era meu chefe, estava a ser simpático e tinha motivos para me despedir. Aceitar uma segunda bebida. Ser impedida de sair porque nos estávamos a divertir, ser acusada de me estar a fazer de difícil, ser atirada para cima do sofá...

A voz do Luís Miguel a chamar-me puta sobrepôs-se à minha e à do Pedro, que proferia sons que não assimilei. Só ouvia as frases das minhas memórias. *Tu sabes que gostas. Vai ser pior para ti se não ficares quieta. És uma puta.*

Voltei para lá, para a humilhação. Nem me apercebi de que tremia quando regressei daquela cabina trazida pela pressão forte da sua mão, que apertava a minha, ao mesmo tempo que os seus lábios murmuravam sons doces junto dos meus cabelos.

Resgatou-me, trouxe-me de volta até ali e até ele.

Quis ser verdade. Não havia mais a esconder, podia mostrar-lhe o que me devastava por dentro, em vez de me guardar para os pesadelos.

— Naquela noite, fiquei despedaçada. Senti-o a acontecer. Ele rasgou-me até só ficarem pedaços disformes. Deixei de me reconhecer. Foi por isso que me atirei a ele à dentada, como uma selvagem. A pessoa que eu era antes nunca seria má ao ponto de arrancar um pedaço de carne da cara a alguém. Por pouco, não fiz o mesmo ao braço do Augusto, coitado...

Interrompeu-me e emoldurou-me o rosto para o encarar.

— Dava tudo na vida para te poupar ao que ele te fez. Ele é um monstro, um... nem tenho palavras para o definir! Mas tu, Francisca, tu não tens nada de mau em ti. Eu é que não devia ter pedido ao Augusto para te impedir de sair naquela noite. Não imaginei que te assustasses daquela maneira, mas mesmo assim não tinha o direito de o fazer. A dentada no braço do Augusto devia ter sido para mim. E era merecida. — Esticou o antebraço direito à frente da minha boca. — Toma. Ainda vais a tempo, tenta não apanhar uma artéria.

Só ele me poderia fazer sorrir naquele momento. Abanei a cabeça, a rejeitar a proposta ao mesmo tempo que senti uma lágrima a formar-se.

— Nunca te vou julgar, nem me vou sentir prejudicado ou envergonhado. Só tenho vontade de o fazer pagar pelo que te fez. Por mim... — exalou com força, como se pretendesse expulsar um pensamento indizível — ele ficava preso até ao fim da vida. — Fez uma pausa e continuou num registo menos perturbado. — Mas isto não é sobre mim, é sobre ti. Tens direito a justiça.

Já perdera alguma fé na justiça. Desde que o meu pai me torceu o braço à saída do estúdio de *ballet*, depois de eu o desautorizar e dizer que queria

desistir das aulas. Fiz queixa à minha diretora de turma no sexto ano e mostrei-lhe as marcas roxas. Ela deu-lhe razão e disse-me que eu era capaz de fazer perder a paciência a um santo porque não me sabia calar.

O conceito de justiça parecia-me falho, mas faria o que estava ao meu alcance para que mais nenhuma mulher fosse violada no Rainha D. Amélia.

Usaria a minha voz para o acusar e acabaria com aquele silêncio que me envenenava por dentro. Sentia-me pronta para lutar.

Queria que ele pagasse pelo que fez. Que não ficasse impune e nunca mais voltasse a fazê-lo. Que se lembrasse de quem eu era.

O que ele me fizera não podia transformar-se em nada, consequências tinham de ser geradas.

Era isso. Consequências em vez de nada. Castigo em vez de impunidade.

A minha professora tinha razão, eu não sabia calar-me, e não o faria com o Luís Miguel.

Depois de abraçar a decisão, o alívio da finalização tornou-me o peito mais leve, enviei para longe as memórias sombrias e foquei-me na mão terna que subia e descia ao longo das minhas costas. Não foi o fogo, foi aquela carícia familiar que me tornou o corpo macio enquanto adormecia.

Queixa

O prazo legal para apresentar queixa esgotar-se-ia em dias, o que me levou a pensar que o aparecimento da Tânia fora um sinal para que o Luís Miguel não escapasse impune.

Ao entrar na Sede da Polícia Judiciária, encolhi as mãos para dentro das mangas do blusão, como se as minhas unhas roídas denunciassem uma doença mental, me julgassem ali mesmo e me condenassem por atentar contra o bom-nome de um cidadão exemplar.

Pedi para apresentar uma queixa de um crime, a senhora não ouviu porque talvez eu tenha apenas sussurrado. Falei mais alto, confirmei que era a vítima e a senhora levou-me até uma sala com duas secretárias, cheias de pastas e dossiês. Um homem muito moreno e de cabeça quase rapada tirou os pés de cima do tampo de madeira, pousou o dossiê que tinha mão e inquiriu a senhora que eu seguia como um patinho acabado de nascer.

— Diz que quer fazer queixa de um crime. Tu e a Tatiana estão de plantão, certo?

Assentiu e fez-me sinal para me sentar.

Obedeci de forma automática, mas pedi-lhe para ser atendida pela mulher que também estava de plantão.

O agente não via motivos para tal.

As pernas tremiam-me, e os meus joelhos a subir e descer deviam estar a enervá-lo, porque alternava a atenção entre eles e o meu rosto.

— Pedi para falar com a mulher porque o crime é uma violação e me sinto mais confortável. É possível?

Mordi os lábios e ele pareceu apiedar-se do meu desconforto.

— É possível, sim, vou chamar a Tatiana. Posso ficar a ouvir enquanto fala com ela?

Assenti com um encolher os ombros, pelo menos, teria à minha frente uma mulher e seria mais fácil relatar aquela noite a ela do que àquele quase gigante, que não devia ver nada de interessante nos dossiês para fazer questão de ouvir a minha queixa.

Regressou pouco depois com a agente Tatiana, uma mulher magra e alta.

Ela sentou-se na cadeira e ele deslocou-se para a minha direita, de braços cruzados e um ombro apoiado na parede.

A agente pediu-me para começar. Expliquei-lhe como funcionava o Cruzeiro Rainha D. Amélia. Viajávamos durante a noite e atracávamos em cidades do Mediterrâneo durante o dia. Deixámos Barcelona e íamos a caminho de Nice, o que não era importante, mas a localização espacial era o mais fácil e foi por aí que comecei.

Ela deixou-me falar, sem me interromper, nem tentar aclarar nenhum pormenor, apesar das minhas poucas palavras na descrição do crime em si, das minhas hesitações e constantes avanços e recuos no tempo. Até a mim, certa de que a vivera, a descrição da história me pareceu confusa e vaga. Não me lembrava exatamente do local onde a Beatriz, a enfermeira de bordo, me encontrou quando eu corria para a minha cabina, nem das palavras exatas da secretária do Luís Miguel quando me disse para desembarcar em Nice.

Foi ele que tomou a iniciativa de o esclarecer, do seu canto para onde eu não voltara a olhar.

— Não te lembras do motivo para a causa de despedimento? Nada de nada?

Mantive o olhar fixo na agente Tatiana, com esperança de que ela lhe pedisse para não interferir, mas ela repetiu a pergunta.

— Ele já tinha um motivo para me despedir antes, foi por isso que entrei na cabina dele, para conversarmos sobre isso. Ela acusou-me de o ter atacado, deu-me o envelope com dinheiro e mandou-me desembarcar.

Ele voltou a questionar-me onde estava.

— E tu aceitaste isso, sem discutir?

A Tatiana encarou-me, à espera da resposta.

— Sim. Acho que estava em choque e nem pensei, e também não queria continuar ali, no mesmo barco que ele. Não dormi nessa noite, fiquei na casa de banho com o caco de um espelho na mão, a pensar que ele podia ter uma chave mestra e entrar na minha cabina.

O agente avançou na minha direção, mais amigável dentro das suas maneiras inquisidoras.

— Foste vista por algum médico? Em Nice ou em Lisboa?

Fiz um gesto de negação. Não podia dar-me ao luxo de gastar um cêntimo num hospital francês. Encolhi-me num banco da Gare de Thiers, em Nice, até às nove horas da noite e depois passei trinta e seis horas a andar de autocarro. Quando cheguei a Lisboa, estava mais morta do que viva, e nem sabia se

queria continuar viva. Ir a um hospital não fazia parte dos meus planos.

Fui para casa, tomei vários banhos e atirei-me para a cama durante não sei quanto tempo. A única coisa de que me lembrava dos dias que se seguiram era que a minha mãe começou a ficar assustada, exigia saber o que acontecera e sugeriu regressarmos a Braga. Foi por isso que me levantei. Só consegui consulta no centro de saúde dois meses depois, pedi para fazer análises às doenças sexualmente transmissíveis e ouvi um sermão sobre os riscos de ter relações desprotegidas. Fui buscar as análises ao laboratório, vi que estavam bem e não voltei à médica.

Ele aceitou as minhas justificações.

— E porque é que esperaste este tempo todo? O que te deu agora? Quando falta pouco para acabar o prazo para apresentar queixa?

A Tatiana olhava para nós como uma mera espetadora.

— Uma rapariga a quem ele fez o mesmo antes de mim veio ter comigo ao clube onde canto. Soube que mordi o Luís Miguel e calculou que a nossa história fosse semelhante. Ela entrou na cabina dele porque queria pedir-lhe para sair da copa e ocupar uma vaga nas mesas, mas ela vai casar e não quer fazer queixa ou ser mencionada de nenhuma forma. Só quis falar comigo para ter a certeza de que não tinha sido a única a cometer o erro de entrar na cabina dele, precisava de desabafar ou sentir-se apoiada, nem sei bem, mas deu-me a entender que, além de nós as duas, sabia de outro caso, de uma rapariga que emigrou para o Luxemburgo. — Fiz uma pausa porque senti a voz fraquejar e os olhos a arder. — Não quero que ele faça isto a mais a ninguém. Não quero que alguém que era como eu se torne na pessoa que sou. E quero que ele vá para a prisão.

Calei-me assim que me apercebi de que me corriam lágrimas. Não me queria descontrolar. A mulher à minha frente olhava-me com compaixão, o agente tocou-lhe no ombro e agradeceu-lhe algo que não compreendi. No instante a seguir, ele estava sentado à minha frente e ela deixara-nos sozinhos.

— Aquela não é a agente Tatiana, é a secretária de um dos assessores do diretor nacional. Pedi-lhe para se sentar aqui porque querias falar com uma mulher.

Quase me belisquei para ter a certeza de que não estava a ter um pesadelo. Um agente da polícia não podia enganar pessoas que queriam fazer queixa. Perante a minha incredulidade e indignação com aquela farsa, ele agia como se o que acabara de fazer fosse normal.

— Tem calma. Querias falar com uma mulher e falaste com uma mulher. Se quiseses, podes sair e fazer queixa de mim, mas antes, ouve-me um minuto.

A Tatiana, que está hoje de piquete comigo, quer uma promoção, uma secretária e um gabinete grande. A Tatiana não vai ligar nenhuma à tua queixa nem se vai interessar pelo teu caso porque tem outros casos que a vão fazer chegar lá, um homicídio e crimes financeiros. Lamento informar-te, mas violações, violência doméstica e crimes contra as mulheres, no geral, não dão promoções a ninguém. É muito difícil conseguir condenações, menos de dez por cento dos casos acabam em veredicto de culpado, e mesmo quando acabam, as sentenças são quase nulas e até dão vontade de rir: admoestações, multas, doar dinheiro a uma instituição, lavar janelas e merdas do género. Dentro das poucas opções que tens, eu sou a tua melhor hipótese. Apesar de teres metido os pés pelas mãos a contar a história, ou se calhar por isso mesmo, eu acredito em ti e quero apanhar este gajo. Percebo que estejas de pé atrás, mas nem todos os homens estão contra ti ou te querem mal.

Perante o meu silêncio, cheio de dúvidas e perplexidade, voltou a insistir.

— Porque achas que a Etelvina da receção te trouxe para aqui, em vez de te deixar na sala da Tatiana, duas portas antes desta?

Hesitei, confusa quanto aos seus métodos e objetivos.

— E porque quer estes casos que não dão condenações nem promoções?

Pareceu-me ver-lhe uma centelha de vitória no olhar.

— Preferia passar fome a passar todos os meus dias numa secretária, se me conhecesses, ias perceber que isso diz tudo. — Não me convenci, e ele acrescentou, num tom menos neutro. — E também porque tenho uma apetência especial por lixar gajos que maltratam mulheres, assim como esse Luís Miguel, só porque são mais fortes e acham que não lhes vai acontecer nada. Gosto de lhes tirar essa sensação.

Acreditei no que dizia e fiquei com a sensação de que ele partilhava algo comigo, só que era difícil imaginar alguém com aquele físico imponente a ser maltratado. Talvez em criança. Fiquei ávida por mais, sedenta por uma história trágica, porque, como todas as pessoas abusadas, humilhadas ou magoadas, também eu queria ter uma prova de que não era só a mim que as desgraças aconteciam.

— E porque tem essa tendência?

Olhou-me com enfado e levantou-se.

— *Okapa*. Tentei ajudar-te, mas a conversa da treta não nos leva a lado nenhum. Vou apresentar-te a Tatiana, ela vai mostrar-se muito preocupada contigo e, quando saíres, vai atirar o teu caso para a pilha do «caguei». Faz queixa de mim, agente Alexandre Neto, mas poupa a Sandra, que só se sentou aqui porque lhe pedi, não tem culpa nenhuma e só te queria ajudar.

Ao mesmo tempo que racionalmente pensava estava a cometer um erro, pedi-lhe que ficasse com o meu caso, para me arrepender assim que ele desatou a disparar ordens como um militar.

— Recomeça a contar-me tudo desde o dia em que puseste os pés nesse barco até que a outra rapariga te apareceu na discoteca onde cantas, sem omitir nada e por ordem cronológica. Avisa-me se precisares de voltar atrás, e depois não saltes outra vez para a frente, que não se percebe nada. Continuas por ordem a partir dessa parte para onde voltaste. Sem pressas, isto não é um *sprint*, é uma maratona.

Apontou alguns factos num caderno, mas na maior parte das vezes parecia estar a decorar a minha versão, como se procurasse falhas ou pontos fracos. Precisava de todos os pormenores e até me pediu que exemplificasse as «apostas» com os clientes.

Usei uma caneta, fingi que era uma faca e espetei-a nos espaços entre os dedos, primeiro, devagar e, depois, muito depressa, para bater a marca de ir e vir cinco vezes em menos de dez segundos. Apostava com os hóspedes que o conseguiria fazer, depois de os cronometrar a demorarem mais de vinte segundos. No dia em que uma sueca se cortou e precisou de levar três pontos na mão, proibiram-me de fazer qualquer atividade ou jogo com os hóspedes que implicasse risco para a sua integridade física ou em troca de dinheiro. Eu só atentei à primeira parte, e passei a usar a rapidez da minha mão direita para os desafiar a adivinhar debaixo de que copo de plástico estaria uma bola de esponja vermelha que já estava no meu casaco, um truque que o meu amigo ilusionista me ensinou antes de ser despedido por dormir com o marido de uma passageira.

O agente Alexandre não se deteve muito na minha falta de moral a esmifrar os hóspedes ou na legalidade do meu despedimento, a sua fixação era outra e repetiu-me a pergunta pela terceira vez.

— Tens a certeza de que ele ficou com uma cicatriz no queixo?

— Não, não tenho a certeza. Senti que lhe esfacei o queixo, mas só vi sangue a escorrer. — Respirei fundo para afastar a memória do sabor a ferro na minha boca. — A Tânia diz que sim.

Pareceu dececionado com a resposta e fechou o caderno.

— Certo. Mais alguma coisa importante que eu deva saber? Sobre ti ou sobre ele, que não esteja diretamente relacionado com essa noite, mas possa influenciar um juiz na interpretação do que aconteceu. Como, por exemplo: houve alguma relação íntima, consentida, entre ti e o Luís Miguel?

Fiz uma careta enojada só pela suposição.

— Não, claro que não. Mas...

— Mas?

Esbocei um esgar, como se desistisse de acrescentar um pormenor irrelevante.

— Seja o que for que te veio à ideia, os advogados da defesa vão descobri-lo, garanto-te. Se queres avançar, a coisa mais suicida que podes fazer é deixá-los apanhar um procurador desprevenido.

Apercebi-me de que roía as unhas pela dor no meu polegar esquerdo.

— Tive relações consentidas com outros colegas no Rainha D. Amélia, antes...

Abriu os olhos num esgar que me fez acreditar que devia ser difícil enganar o agente Alexandre Neto.

— Relações com outros colegas casados e mais velhos?

Fiz um gesto de negação envergonhado e preendi os dedos debaixo das pernas.

— Não, relações com homens da minha idade, solteiros e que me atraíam. Agora, tenho... uma relação com o dono do Álubi, que é solteiro e tem mais nove anos do que eu.

Assentiu com uma expressão de desinteresse.

— *Okay*. A não ser que sejas muito boa a guardar segredos, esses casos todos vão ser trazidos para a ribalta pelo advogado do Luís Miguel, mas tu já devias saber isso. Agora vou rever contigo tudo desde o início e corriges-me se estiver errado. Não tens um bom caso, de todo, mas também não é dos piores. Trata-me por tu, se quiseses.

Foi estranho ouvir a minha história pelas palavras de outra pessoa, um relato factual, desprovido do meu nojo e da minha dor, mas real.

— A Tânia tem razão. Este gajo sabe como fazer as coisas e já tem o *modus operandi* montado. E digo-te mais, quem vai decidir é o Ministério Público, mas também devíamos ir atrás da empresa. É óbvio que ele tem as costas quentes e tem de haver aqui algum tipo de encobrimento. Agora prepara-te, porque tu vais ser atacada pelo advogado caro a quem a empresa também vai pagar, porque a imagem deles vai ser posta em causa, e para a limparem têm de se atirar a ti. Pensa se queres ir em frente, vai ser duro, mas eu acho que tu te aguentas. Podes ter a teu favor uma prova que fará toda a diferença.

— Que prova?

— A marca da dentada, se ainda existir. O juiz pode acreditar que tiveram relações consentidas. É a tua palavra contra a dele e tu podes estar a mentir, o que lhe daria o benefício da dúvida e a absolvição. É mais difícil fazê-lo

acreditar que, a meio do ato sexual, resolveste arrancar um pedaço da cara ao patrão.

A sua conclusão, que em teoria me pretendia animar, pareceu-me trágica e perturbadora.

— E se eu não o tivesse mordido?

Confirmou as minhas suspeitas. Se eu não tivesse tido aquele surto de violência quase macabra, as minhas hipóteses seriam próximas de nulas. Se eu fosse uma pessoa mais dócil, como a minha querida irmã Mariana, se eu me tivesse submetido...

O meu estômago revolveu-se e imaginei que gritava, um bramido colossal e enraivecido que atravessava as paredes e se lançava até ao Mediterrâneo, rodeava o Rainha D. Amélia como uma névoa maligna, partículas sonoras sedentas de vingança jorravam como veneno em direção a um homem de rosto desfigurado.

— Estás quase despachada por hoje. Vai até ali à janela, apanha ar fresco e distrai-te com a vista enquanto eu escrevo tudo no computador.

Laçou-me um sorriso quase impercetível, e o mesmo instinto que me fez pedir-lhe para ficar com o caso fez-me saber que o agente Alexandre Neto partilhava algo comigo. Dor, diferente da minha, mas igual.

A partir do momento em que assinei a queixa, comecei a reunir coragem para lhes contar. Antecipava que a minha revelação fosse um suplício e não me enganei. Demorei mais de uma semana a ensaiar, para depois as palavras me ficarem entaladas na garganta.

A Mariana adivinhou o que se passara pela minha introdução e desatou em prantos, amaldiçoando o Luís Miguel. A reação da minha mãe angustiou-me muito mais. As lágrimas primeiro corriam-lhe silenciosas e depois gemeu baixinho, como se estivesse gravemente doente e em sofrimento físico. Levou a minha mão aos seus lábios, culpando-se pelas circunstâncias e revelando-me que tivera um pressentimento terrível quando eu cheguei do cruzeiro e que nunca mais a abandonara.

Foi muito duro saber que lhes somava mais mágoas às tantas que elas já tinham, e não se esgotou por ali. Notar a minha mãe de olhos vermelhos e a disfarçar a voz desolada durante dias a fio, enquanto redobrava as carícias e tentava mimar-me de todas as maneiras possíveis, aumentou ainda mais a minha ânsia para que o Luís Miguel recebesse a punição que lhe cabia.

O sangue que me corre nas veias

Desde que o contactei, o Gonçalo tornou-se presença assídua na minha vida e no Álibi. Chegava por volta das onze e fazia-me companhia até seguir para outra discoteca onde a animação começava mais tarde.

Ele compreendeu o meu afastamento e também passava uma fase difícil desde que a ex-namorada ficara noiva de um dos seus amigos do tempo pré- crise.

O mais absurdo era que o fim do namoro não tivera nada que ver com ele, nem com a Leonor, mas com as famílias de ambos.

A mãe do Gonçalo fora proprietária de uma boutique muito cara, onde senhoras com posses compravam roupa e acessórios dispendiosos, muitas das vezes pagos com cheques pré-datados. Quando a crise estourou, as senhoras tiraram o dinheiro das contas, os cheques pré-datados ficaram sem cobertura e as dívidas levaram a loja à falência.

A mãe da Leonor era uma das clientes que pagava em cheques pré-datados, mas garantiu à filha que não foi por sua causa que a Mónaco abrisse falência. Por outro lado, recusava-se a ouvir falar no Gonçalo e sobretudo na mãe dele, que mandou o cobrador de fraque no seu encalce, o maior ultraje da vida da mãe da Leonor.

O Gonçalo não estava certo de que a mãe fosse culpada pela perseguição do cobrador de fraque no Saldanha (ela negou-o e indicou mais três pessoas a quem a mãe da Leonor devia dinheiro) e acreditava que eles poderiam continuar juntos, apesar da instabilidade financeira, da loucura instalada e da inimizade declarada entre as famílias.

Pelo contrário, a Leonor tomou as dores da mãe e decidiu que o melhor era terminarem.

A sua tirada final, antes de o acusar de ser ingénuo, foi: «recuso-me a ser pobre e a ser tratada como tal».

Eu não me recusaria a ser pobre, mas compreendia a sua tentativa de mudar as circunstâncias hostis, seria bom que fosse tão fácil e decisivo.

Recuso-me a que, no dia em que fiz dezoito anos, as minhas amigas estivessem na sala e

tivessem ouvido o meu pai dar-me uma estalada na cozinha. Recuso-me a ter sido violada. Recuso-me a sentir-me como a bruxa má quando vejo a minha irmã triste porque a gozam na escola.

Menos importante, mas muito útil no imediato: *recuso-me a que o Gonçalo não tivesse aparecido no Álibi naquela noite de sexta-feira.*

Mandei-lhe outra mensagem a perguntar onde estava, ele respondeu-me que estava numa festa da universidade e perdi a esperança de ter um motivo para me afastar do Pedro e dos amigos.

Apresentou-me como a Francisca, sem mais nada, e lançou-me aos leões sem uma pista de como me deveria comportar. Não estava à espera de nenhum título em particular, só de saber que tipo de papel deveria desempenhar.

Formávamos um círculo alongado ao pé do segundo bar, e desde que a Vicky se ausentara para cumprir afazeres de relações-públicas, os olhares que os seus amigos me lançavam faziam-me sentir ora uma intrusa, ora um animal de estimação fofo, ora uma atração de circo.

O Pedro conversava com o Tomás, o dono do Egos, e uma mulher de cabelos escuros e olhos verdes, a Alice, interpelou-me.

— És cantora cá, não és?

A minha confirmação fê-la reagir como se comprovasse um facto muito engraçado.

— O Pedro e as cantoras! Ele deve ter um fetiche qualquer com música. Quando estava a montar isto, só se preocupava com a acústica e o som do palco. — Riu alto, como se um empresário preocupado com a qualidade do som só poderia relacionar-se com preferências sexuais. — Nos últimos tempos, parecia que andava mais calmo, afinal...

Fitou-me como se eu fosse a prova viva de que o Pedro afinal não se «acalmara» e eu esbocei um esgar que não chegou a sorriso.

— Desculpa, acho que já bebi de mais, se eu soubesse que ias ficar chateada, não me tinha metido contigo. Assumi que também estavas numa onda mais... — fez um meneio com a cabeça como se procurasse a palavra ideal — *light*.

Disse-lhe que estava tudo bem e tentei finalizar a conversa, mas ela tinha outros planos, que incluíam uma reflexão sobre a minha idade.

— Vinte e cinco anos. Quem me dera voltar a ter vinte e cinco anos. Levei tanta tarefa desde então. Se eu soubesse que essa utopia do «felizes para sempre» só funciona nos filmes, assim como o «comigo vai ser diferente», tinha-me poupado a muita coisa. — Suspirou como se visualizasse uma vida

paralela. — Não alimentes expectativas, tu não vais mudar o Pedro, nem vão ficar «juntos». Ele perdeu essa capacidade. Espero que não te esteja a enganar, seria mau da parte dele, ainda por cima sendo tu uma miúda mais nova e com dificuldades financeiras, mas sabes como é, os homens pensam sempre neles primeiro e depois é que pedem desculpa. «Não sabiam que nos iam magoar.»

De todas as coisas que ela disse que me poderiam perturbar, decidi questioná-la sobre aquela.

— Como é que sabes que eu tenho dificuldades financeiras?

Fez um gemido lento, como que em esforço para se recordar.

— Acho que ele me contou na última vez em que estivemos juntos que a cantora nova tinha falta de dinheiro e andava a vender um relógio na *internet*.

Fiquei quase em choque, e devo tê-lo transparecido. Ouvir da boca dela que pensara desfazer-me daquele relógio foi como se traísse a minha querida avó Angelina.

— Ele não te falou de mim? Claro que não. — Fez um gesto displicente na direção do Pedro e do Tomás. — Eles nunca falam do que não lhes dá jeito. Eu e o Pedro temos um entendimento há alguns anos. Ele passou por uma situação muito chata antes disto, e quando todos os amigos e a própria família lhe viraram costas, eu e o Tomás é que estivemos lá para ele. É por isso que ele não baixa as defesas nem confia em ninguém. Também não ajuda a família dele ser daquelas supostamente tradicionais, mas completamente disfuncionais.

Resisti à curiosidade sobre o que acontecera antes do Álibi, não lhe ia dar o prazer de continuar a rebaixar-me a uma peça sem valor. Em vez disso, fiz sinal em direção ao seu anelar esquerdo e tentei inverter o sentido do rebaixamento.

— E o teu marido? Aprova o entendimento?

— O meu marido e eu temos um outro entendimento. É assim a vida dos adultos, acordos e cedências. Desde que ninguém saiba, está tudo bem. Neste momento, ele deve estar numa festa com várias miúdas em trajes menores, cinco ou seis anos mais velhas do que a nossa filha, mas as minhas infidelidades, ao contrário das dele, têm de ser privadas. Estou com vontade de mudar isso, pelo que se lhe quiseres contar, ou ao mundo, até me fazes um favor.

A cabeça latejava-me a cada frase. Não tinha como continuar aquela conversa.

— Vou ter isso em mente se te quiser fazer um favor.

Dei vários passos em direção indefinida até o Pedro me alcançar. Enlaçou-me pela cintura e perguntou-me se estava tudo bem com os lábios demasiado próximos dos meus cabelos, uma péssima ideia, tendo em conta que eu sentia uma raiva crescente que não estava certa de poder aplacar.

— Está tudo bem, só acabei de descobrir que todas as cantoras do Álibi foram tuas amantes.

Deixei-o sem palavras e, quando as recuperou, proferiu-as, hesitante.

— Todas? Isso é um grande exagero. — Deixou a frase no ar e puxou-me para si.

— E a Alice, a quem falaste de mim? — Repeli-o e ele adotou uma postura condescendente.

— Francisca, eu tive uma vida e tenho um passado, assim como tu também tens o teu, faz parte.

Crispei as mãos numa tentativa infrutífera de me controlar.

— Claro que faz parte. Assim como também faz parte quando estás com a tua amiga-amante contares-lhe as dificuldades financeiras da tua outra amante, a pobretanas que vende coisas na *internet*.

Demorou a responder, embaraçado, depois de esfregar a testa com a mão.

— A última vez que estive com a Alice foi no dia em que pedi para tocarem mais baixo no ensaio e te sentaste no palco, ou nos dias a seguir. Devo ter falado em ti, mas tenho a certeza de que ainda não havia nada entre nós.

Apoiou as mãos nos meus ombros, impedindo-me de me afastar sem fazer uma cena.

— Vá lá, bicho, acalma-te, além disso, tu não és minha amante.

Senti-me menosprezada e encurralada, a pele debaixo das suas mãos a ferver.

— Mais valia que fosse. Uma amante sempre é uma pessoa, é melhor do que ser um bicho miserável, a cantora do momento que andas a foder.

Fez um esgar de contrariedade, mas não me soltou.

— Já percebi que estás furiosa com o que a Alice te disse, mas tu sabes que isso não é verdade.

Senti um arrepio de medo de mim própria e do impulso que me percorria, uma sede de o magoar que me brotava da garganta, amarga e pujante.

— Tu não mandas na minha verdade. Sim, sou o bicho miserável que andas a foder, mas não faz mal. Eu gosto. Tinhas razão, não tenho consideração por ti, faço-o porque me ajuda a passar o tempo até encontrar alguém que valha a pena nesta merda desta cidade.

Retirou as mãos, o rosto a acusar o golpe.

— Ajuda-te a passar o tempo?

A ânsia por feri-lo escorregava-se-me por entre os dedos, aproveitei a última gota.

— Sim. Uma pessoa tem que se entreter com alguma coisa.

Os olhos dele tornaram-se frios e a expressão fechou-se até não sobrar uma brecha.

— Ainda bem que deixaste tudo tão claro.

Já só me sobrava o orgulho de animal ferido a ocultar mazelas.

— Ótimo.

Ele ia dizer algo mais, mas a chegada do amigo Tomás deteve-o.

— Então, Francisca, quando é que voltam ao Egos?

O Tomás quis saber a minha opinião sobre o seu restaurante e se um dia gostaria de lá cantar, mas depois da descarga de adrenalina, não me sobrava nenhuma energia para lhe responder.

Pensei que quando a Andreia apareceu a alertar o Pedro para problemas com clientes VIP, o Tomás me iria dar tréguas, mas ele continuou empenhado em dialogar comigo, revelando-me como o conceito do Álibi nascera num fim de semana em Sagres. Estava em esforço para manter a conversa, quando a Andreia me segurou na mão e me pediu que a acompanhasse.

Só me soltou quando chegámos ao bar mais próximo da entrada. Recusei uma bebida e ela pegou-me no queixo.

— Controla-te. Pareces uma *zombie* alucinada que vai matar alguém. Vi a Alice a meter-se contigo, mas não lhe dês o gozo de fazeres um escândalo. És mais esperta do que isso.

Não era. Ela só acertara na parte de eu me comportar como uma alucinada.

Suspirei, a fúria a ceder aos remorsos.

— Pode ser um *shot* de vodca.

Esboçou um gesto de aprovação, como se notasse a mudança na minha disposição.

— Aquelas pessoas, incluindo o Tomás, que estavas a ignorar, são amigas do Pedro desde sempre. Quando eu o conheci, há nove anos, eles já eram amigos dele. Não vai ser bom, nem para ti, nem para ele, se arranjares problemas com as pessoas com quem ele realmente se importa, e tu devias estar prestes a fazê-lo. O Pedro é uma das pessoas mais focadas que conheço e pediu-me para repetir três vezes o que lhe disse. Não me lembro de ele me ter

feito isso outra vez. Acredita em mim, ele fala com toda a gente que cá vem como se fossem amigalhões, mas garanto-te que importar-se, no verdadeiro sentido da palavra, é algo que ele reserva para muito poucas pessoas e estão quase todas ali. — Apontou na direção do pequeno grupo que incluía o Tomás e a Alice. — Estou a dar-te um conselho de amiga.

Reprimi a vontade de a abraçar e pedir-lhe ajuda para reparar a estupidez que acabara de fazer.

— Como é que consegues ser sempre assim? Tão racional, preocupada com os outros, calma e correta. Querias que a tua amiga Susana ficasse com o meu lugar, e mesmo assim trataste-me sempre tão bem...

Levou o pequeno copo aos lábios com uma expressão travessa.

— Já nem me lembrava de ter falado nela à tua frente, isso não foi muito correto da minha parte. Sim, queria que a Susana ficasse com o teu lugar, mas ela não é minha amiga. A mãe dela é que é, porque fica em minha casa com o meu filho, para eu estar aqui a ganhar dinheiro para pagar a fisioterapia, a cadeira de rodas especial, a cama articulada, a carrinha com a porta de correr lateral para o levar à escola e todas as outras coisas de que ele precisa para ter qualidade de vida apesar da paralisia cerebral. Coisas para as quais o pai dele se está a marimbar, assim como se está a marimbar para ele desde que saiu de casa, apaixonado por uma colega de trabalho que lhe deu atenção. Eu só me preocupava com o nosso filho e deixei de ser «divertida». Enfim, como podes imaginar, sou muito grata à mãe da Susana, queria retribuir um pouco do que ela faz por mim, mas o teu querido Pedro trocou-me as voltas.

Era muito frequente ouvi-la falar sobre o filho. «Levei o Jaime ao cinema para ele ver o *Grou — o Maldisposto*. O Jaime adorou as pizzas daquele restaurante italiano novo. Acho que o Jaime tem um fraquinho por uma menina da sala dele. Amanhã o Jaime tem dentista, espero não apanhar muito trânsito. O Jaime já não tem calças que lhe sirvam, tenho de lhe ir comprar roupa.» O filho era um tema recorrente da Andreia, mas a parte da cadeira de rodas e da paralisia cerebral eu nunca ouvira antes, ou então não prestara atenção suficiente.

Andava tão mergulhada nos meus dramas que não me ocorrera que ela, sempre tão pendente de todos, também vivia os seus.

— Desculpa. Não sabia que o teu filho tinha esse problema e que o pai dele vos tinha deixado.

Ela fez sinal ao Guilherme para nos voltar a encher os copos e encolheu os ombros.

— Deixa, ele é só um homem comum, não lhe posso levar a mal. No centro

de desenvolvimento onde o Jaime é seguido, dos dez meninos com uma situação parecida, só dois dos pais é que se aguentaram. Quando há problemas, regra geral, os filhos ficam por conta das mães. A maioria dos pais arranja outras relações e outras famílias, até que se esquecem de que eles existem. É por isso que eu acho que as mulheres é que têm de pensar muito bem antes de tomar a decisão de engravidar, assim como todas as decisões da gravidez. Se algo correr mal, não é o «casalinho apaixonado» que vai estar a dar comida à boca a um menino de nove anos, nem é o casalinho que lhe vai mudar as fraldas, nem fazer exercícios aos membros, é a mãe, só a mãe, e com sorte, uma vizinha com bom coração, que já tem os filhos criados e um dia a encontra a bater com a cabeça na parede.

Engasguei-me com a última afirmação, pronunciada como se fosse literal.

— Sim. Houve uma altura em que estava muito perdida e sem saber como gerir a minha revolta ou desespero. Já nem sei o que se passava na minha cabeça na altura. — Inspirou fundo, o rosto a espelhar uma angústia que nunca lhe notara. — Recolhia garrafas de vidro no prédio e ia para o vidrão. Não porque fosse obcecada com a reciclagem, mas para as atirar com toda a força contra as paredes do vidrão e ouvi-las estilhaçar. Era o meu escape. A mãe da Susana encontrou-me numa noite em que não arranjei garrafas e precisava de partir qualquer coisa, nem que fosse a minha testa.

Ficámos em silêncio enquanto eu refazia a imagem mental da Andreia, sempre tão amável, o me que fizera julgar que tinha uma vida cor-de-rosa, quando, afinal, era uma mulher numa situação difícil, que fazia o seu melhor para sobreviver aos revezes da vida. Eu sabia como era, ter raiva e lutar para nos mantermos à tona, um dia de cada vez.

— Eu acho que vocês tiveram sorte por o pai do Jaime se ter ido embora. Foi o melhor que podia ter acontecido. Imagina que ele era impaciente com o menino, que se irritava porque achava que ele já devia fazer coisas que não consegue, ou ficava zangado por ter lhe mudar a fralda, e lhe batia quando não estivesse. Assim é mais seguro para ele.

Arrependi-me da tirada sincera no momento em que a Andreia me franziu o sobrolho com estranheza e preparei-me para me retratar da imbecilidade de realçar as vantagens de ser abandonada pelo pai do filho.

— Tu também não tens tido uma vida fácil, pois não?

Noutra noite, contar-lhe-ia porque abandonei Braga, o motivo do estado em que fiquei depois de falar com a Tânia e da minha atitude tresloucada quando despi o vestido. Ela iria ficar com os olhos rasos de lágrimas e rogar pragas de vários tipos (a maioria delas incluindo amputação de genitais) ao

Luís Miguel. Naquela noite, limitei-me a assentir. A Andreia dedicou-me um sorriso triste e tilintámos os copos num brinde.

— Eu calculava. Bem-vinda ao clube.

Deixou-me pouco depois, para procurar os clientes VIP que aguardavam a resolução da tragédia das garrafas de champanhe que não eram as esperadas.

— Quando eles são assim pedantes como estes, eu gosto de me demorar um bocado, deixá-los a marinar e vê-los quase a espumar quando apareço. É a versão 2.0 de partir garrafas no vidrão ou a minha diminuta contribuição para alguma justiça cármica neste universo todo lixado.

Era um ponto de vista interessante e com o qual me identificava.

— Na loja, quando são muito arrogantes a pedir-me um tamanho diferente, digo que já não há, mesmo que o computador à minha frente mostre que tenho em loja. Nunca tinha pensado que podia estar a contribuir para justiça cármica, achava só que tinha mau feitio.

Abanou a cabeça como se a minha afirmação a desiludisse profundamente e a seguir apertou-me a ponta do nariz, divertida e maternal.

— Tenho tanto para te ensinar. A tua primeira lição é regressares para junto do Pedro, responderes ao Tomás e sorriseres muito, sobretudo quando a Alice, que eu sei que é uma cabra porque também já veio para cima de mim, estiver a prestar atenção.

Tarde de mais, foi o que pensei assim que ela me deixou sozinha. Esse conselho deveria ter-me chegado uma hora antes. Encostada ao balcão, absorvi-me em ruminações dolorosas que envolviam a minha impulsividade estúpida, memórias que preferia não ter, genes que queria expulsar dos meus cromossomas e como poderia escapar à hereditariedade.

Após esse penoso caos cerebral, concluí que esgueirar-me para casa pioraria a minha situação e optei por tentar salvar a noite, esperançada de que o tempo decorrido e a boa disposição dos amigos o tivessem amaciado desde que me fulminou com o olhar.

Já faltavam algumas pessoas no grupo, lancei-lhe um sorriso mole que denunciava a minha apreensão e referi algo sobre conversar com a Isabel enquanto ele aproveitava a companhia dos amigos.

— Anda comigo. — A forma como falou fez-me compreender que as esperanças de «maciez» haviam sido vãs.

Encaminhou-me até à sua sala, a mão entre as minhas omoplatas, desaparegada, apenas a guiar-me.

Abriu a segunda gaveta da secretária e tirou um molho de chaves.

— Não precisas de ficar à espera de irmos para minha casa para fodermos.

Posso fechar a porta à chave e tratamos já do assunto. Apetece-te em cima daquela mesa?

Recuei como se ele me tivesse agredido, o ar a faltar-me e o peito contraído.

— Não? E contra a parede? Eu faço durar, para te entreter e te ajudar a passar o tempo.

Esbocei um gesto de negação e pedi-lhe que parasse com aquilo.

— Afinal, parece que não gostas de ser fodida como um bicho miserável. Que pena. — Voltou a atirar as chaves para a gaveta e dirigiu-se para a porta sem me voltar a encarar.

— Pede à Isabel que te chame um táxi. Boa sorte a encontrares alguém que valha a pena nesta merda desta cidade.

Quando cheguei a casa, ela já devia estar a dormir há várias horas. Sabia da dificuldade que ela tinha em voltar a conciliar o sono quando acordava a meio da noite. Mesmo assim, entrei no seu quarto. Precisava dela, uma necessidade imediata, urgente e egoísta, como só temos pelas mães.

Ela acordou sobressaltada e assustou-se com a minha presença improvável na madrugada.

Pedi-lhe espaço ao seu lado.

Fizemos uma conchinha, como quando eu era criança e me esgueirava para o quarto dela a meio da noite. As minhas costas arqueadas no seu peito, os corpos colados, para não ocuparmos demasiado espaço e incomodá-lo.

A salvo pela escuridão e pelos seus braços a envolverem-me, deixei as lágrimas seguirem o seu rumo.

— Foste despedida?

— Não.

— O Pedro portou-se mal contigo?

— Eu é que me portei mal com ele primeiro.

— O que é que fizeste?

— Disse-lhe coisas más, fora de mim. Acho que sou como ele.

— Como quem?

— Como ele. Acho que herdei o descontrolo dele e a tendência para a maldade. Uma grande parte da nossa personalidade tem que ver com os nossos genes, trinta a sessenta por cento. Era uma grande sorte que nenhuma de nós fosse como ele. A Mariana é boa, não é como ele, e era por isso que ela se dava melhor com ele. Ao contrário de mim, que sempre me dei mal. Nós sempre chocámos porque somos parecidos e os pais chocam sempre com os

filhos que são iguais a eles.

— Que grande disparate, e sem nenhuma razão de ser. É normal que te exaltes e digas coisas de que te arrependes, de vez em quando. Ninguém é perfeito. Tu tens um feitio diferente da Mariana, mas nunca foste má, nem violenta para ninguém. Não és nada como ele. Não quero que penses nisso nunca mais. O teu problema é que não tens um modelo saudável para seguires, só o meu com o teu pai, mas as pessoas boas também são injustas e às vezes magoam as pessoas de quem gostam. O Pedro vai aceitar as tuas desculpas e vão ficar bem. Acredita que é normal estas coisas acontecerem, toda a gente diz coisas que não queria e de que se arrepende.

— Não, no meu caso não é normal, porque eu pressinto que estou a perder as estribeiras e quero parar, mas não consigo. É um caminho sem volta, um ímpeto que não consigo reprimir, uma espécie de turbulência mental que me obriga a magoar. E estás enganada, mãe, eu já fui violenta para pessoas.

— Violenta como?

Não lhe quis contar das dentadas, uma delas em legítima defesa, mas a do Augusto não tinha justificação. E as palavras que lancei ao Pedro não eram muito diferentes das que ouvira do meu pai quando ele a rebaixava. Revi-me a dizê-las, e imaginei as minhas veias das têmporas salientes, como as dele ficavam. Eu a ferir o Pedro, como quando ele a rebaixava, vaca, inútil, estúpida, não serves para nada.

Houve um momento em que não aguentei mais, virei-me e coleí o rosto ao seu peito, para abafar os soluços que nos estremeciam, enquanto ela me cingia, garantindo-me que eu era muito diferente dele.

A minha mãe prometeu-o.

Jurou-o por tudo o que era mais sagrado.

Eu fingi que acreditei.

Três dias depois, cerca das três da manhã, estava a ficar dorida e com frio quando ele chegou. O Pedro não disfarçou a surpresa assim que saiu do elevador e pareceu desagradado com a minha presença.

— Estás aí sentada no chão há quanto tempo?

Encolhi as pernas para lhe dar acesso à porta do seu apartamento e talvez me tenha arrependido do conjunto de decisões, entre elas ter decorado o código da entrada do prédio, que culminara naquele desfecho.

Engoli em seco antes de responder, e o desassossego interior em que fiquei desde que vi a sua figura ao fundo do corredor dificultou-me a dicção das palavras.

— Não sei bem. Estive com o Gonçalves e a Marta em Santos, a Marta saiu por volta das duas com o namorado e pedi-lhes para me deixarem aqui.

Ele abriu a porta e fez-me sinal para avançar. Levantei-me, mais lentamente do que seria de esperar e com movimentos pouco harmoniosos. Arrependi-me do excesso de álcool e sobretudo de ter dado ouvidos ao Gonçalves, que me ofereceu senhas que valiam *shots* e me encorajara a vir até ali.

«Se gostas mesmo dele, não deixes nada por dizer.»

Procurei nos bolsos os guardanapos que escrevera no bar, desequilibrei-me, o Pedro amparou-me e a mobília rodopiou à minha volta.

— Desculpa. Eu não queria ter-te dito nenhuma daquelas coisas. Descontrolei-me. A Alice saber que eu ia vender o relógio da minha avó e a forma como ela falou comigo foi como se aticassem um fogo dentro de mim. Queria tê-lo apagado, mas não fui capaz e perdi a cabeça contigo.

Manteve-se sério à minha frente, as mãos nos meus cotovelos, a susterem-me, apesar de a mobília se ter aquietado e o chão se manter plano.

— Explica-me porque é que me dizes tudo o que te vai na cabeça e me insultas em bracarense, mas não me disseste que não gostavas que te chamasse bicho? Era só pedires para não te chamar assim. Não precisavas de nos enxovalhar, nem dizeres que só queres que eu te foda para passares o tempo enquanto não arranjas alguém que te valha a pena. Isso é verdade? — Afastou-me com delicadeza, as suas mãos mal me tocavam e os olhos tornaram-se ávidos, a vasculhar-me sem dó.

Os remorsos do que lhe dissera doeram-me ainda mais ao vê-lo assim, ferido, e não apenas no seu orgulho.

— Eu gosto que me chames bicho.

Olhou-me como que perdido, e não foi fácil explicar-lhe que, apesar de eu gostar que me chamasse bicho, aquela minha parte má e irracional que eu às vezes não controlava, me embebeu em ânsia para o magoar, precisava de um pretexto para o atingir e escolhera esse.

Num laivo de honestidade crua, arregacei a manga do casaco e esfreguei o braço esquerdo com força. Talvez não tenha sido completamente coerente enquanto acusava o sangue que me corre nas veias de ser o culpado, escondido dentro do meu corpo, à espreita de uma oportunidade para me envenenar...

Ele interrompeu os meus devaneios sobre sangue e raiva para me despir o casaco.

— Já chega desta conversa. Isso é a bebedeira a falar e não faz sentido

nenhum. Estás a precisar de descansar. Anda, vamos dormir. — Beijou-me a testa, assumi que me perdoara e deixei-o levar-me para a cama, onde me despiu a camisa e as calças. Para meu descontentamento, cobriu-me logo a seguir com a sua camisola dos Pink Floyd.

Fê-lo ao mesmo tempo que resistia aos meus avanços e se desenhava das minhas pernas que eu pendurava na sua cintura.

Quando se deitou ao meu lado e me deu um beijo casto, provoqueei-o com toda a minha desfaçatez.

— És um menino de uma família tradicional muito bem-comportado. Devias ser acolito na Sé de Braga em vez de dono de uma discoteca.

— E tu és muito *sexy* quando falas assim, mas só hoje vou resistir à tentação. Fiz um esgar melodramático de repúdio pela sua decisão.

— Claro, a mulher está feita com a serpente do paraíso e é a fonte de todo o pecado. A tua educação deu cabo de ti, és mais do que acólito, és um diácono, o diácono Pedro.

As nossas gargalhadas fundiram-se num som complexo, pleno e uníssono, digno da melhor banda sonora do meu Jardim do Éden, doce, quente, intenso e desregrado.

— Já sei como cativar o teu interesse, diácono Pedro.

Pisquei-lhe o olho no que imaginei ser um tique sensual, enchi o peito de ar e preparei-me para chegar aos agudos numa projecção de voz que o impressionasse.

Ave Maria, gratia plena,

Maria, gratia plena,

Maria, gratia plena,

Interrompi o recital para o provocar num tom de gozo.

— Os teus vizinhos vão-se passar. — Perante a sua concordância de que não era expectável ouvir uma versão alcoolizada de Schubert perto das quatro da manhã, tornei-me conspiradora e aproximei-me. Ele cheirava ao *aftershave*, à sua pele e a todas as lembranças boas que me faziam querê-lo colado ao meu corpo.

— Sabes como é que me podias calar? Com um beijo daqueles mesmo bons e depois o resto... — Espernei até me libertar da roupa interior, umas cuecas grandes muito confortáveis, que não contava mostrar a ninguém quando saí de casa. Atirei-as ao ar num movimento pouco gracioso, ignorei a sua gargalhada e esforcei-me por manter a pose maliciosa. — Era tão fácil dar paz

aos seus vizinhos e impedi-los de fazerem queixa na próxima reunião do condomínio.

Manteve-se com a cabeça apoiada no braço, a olhar-me com aquele brilho raro, que me fazia sentir venerada como num palco. Traçou uma linha com o indicador da minha testa até à ponta do meu queixo.

— Os vizinhos vão ter que se aguentar. Podes continuar que eu estou a gostar.

Não me lembro de ter acabado de cantar, só de acordar com o barulho de algo a ser pousado na mesa de cabeceira, cheiro a café e uma pontada no centro da cabeça.

— Oh, meu Deus. Nunca mais bebo, que grande estupidez.

Senti a cama a afundar ao meu lado.

— Não sei se é boa ideia invocares Deus depois de teres cantado a *Ave Maria* com um propósito muito pouco ortodoxo.

E a constatação de que ele não cedera provocou-me um aperto fino no peito.

— A maior partes das religiões só serve para subjugar as mulheres. Além disso, Deus deve estar zangado comigo há muito tempo, nem me deixou fazer o crisma. Apareceu-me o período e sujei o vestido, a minha avó Natália ia tendo um ataque e o meu pai levou-me para casa.

Fora mais um arrastar, uma mão em garra à volta do meu braço apertava-me com mais força quanto mais eu me desculpava por me ter distraído, resultando numa «pulseira» em vários tons arroxeados.

— Não foi Deus, foi a tua avó e o teu pai. Acho que não devias tornar as coisas tão pessoais. Queres que substitua o café por *Guronsan*?

Aceitei, vi-o regressar com um copo de água borbulhante e vislumbrei a minha *lingerie* antiquada em cima da cómoda, no local onde aterrou depois de ser lançada como um disco voador.

Em momentos como aquele, sentia-me uma pequena e anedótica amostra do João Sem Medo, o protagonista de um dos meus livros preferidos de infância, que, ao sair de Chora Que Logo Bebes, foi obrigado a decidir entre dois caminhos. Num deles, seguiria no automóvel de ouro pela estrada ladeada de amendoeiras em flor em direção ao caminho da felicidade, e, no outro, caminharia por um carreiro assustador, cheio de espinhos e pedregulhos com dentes. A única condição para seguir pelo caminho da felicidade era que lhe cortassem a cabeça ou que lhe substituíssem o cérebro por palhinhas. Mais tarde, percebi que era uma alegoria da ditadura em

Portugal, mas continuei a transpô-la para outros contextos.

Até poucos meses antes de vir para Lisboa, eu namorava o Tiago, um rapaz muito querido que me pediu em casamento. Se tivesse ficado com ele, teria uma vida fácil e estável com um homem bom, mas rejeitei o seu pedido, terminei tudo e fugi de Braga com a minha mãe e a minha irmã. E de todas as coisas de que abdicara e das desventuras que me aconteceram por renegar o caminho das amendoeiras em flor, ainda me faltava aquela: ficar à mercê dos sentimentos de um homem que poderia ter perdido a «capacidade» de «ficar junto» de alguém, «traumatizado» por algo que acontecera dez anos antes, de acordo com a sua amiga-amante.

Inclinou-se para aproximar o rosto do meu, os veios de mel junto das pupilas, pequenos fogos que me inquietavam cada vez mais.

— Em que é que estás a pensar?

Era uma lista demasiado grande para enumerar numa manhã de ressaca mostra, mais valia focar-me nos factos recentes.

— Não devia ter bebido tanto e aparecido aqui ontem depois do que se passou. A culpa também foi tua, sabias?

Afastou-se para me encarar com uma expressão trocista.

— A culpa também foi minha? Por ter ousado existir antes de te conhecer?

Fiz um gesto de negação sem elaborar, mas acabei por ceder ao seu questionamento, mais pelos modos ternos do que pela insistência.

— Fiquei num limbo quando me apresentaste aos teus amigos. É a Francisca e já está. Fiquei sem saber como agir, que demonstrações de intimidade seriam adequadas, o que é que eles sabiam sobre mim ou pensavam sobre nós.

Perdeu a pose divertida e tornou-se pensativo, como se avaliasse as minhas declarações.

— Desculpa. Estou destreinado destas coisas. Numa próxima vez, achas que podes dizer-me logo isso, em vez de ficares a interiorizar e depois perderes a cabeça? — Antes que eu pudesse responder, deslizou a mão até debaixo da camisola que me fazia as vezes de pijama. — Por falar nisso, como está a tua dor de cabeça? Posso tentar fazer-te sentir melhor ou precisas de repouso?

O seu esforço em prol do meu bem-estar, e talvez também o *Guronsan*, contribuíram para a minha recuperação e para que aceitasse o convite para almoçar em Belém, para usufruirmos do sol de primavera.

Estacionou ao pé da doca, seguimos até ao rio e ficámos a apreciar os pequenos barcos à vela que salpicavam o rio num padrão desconexo.

— Aprendi a velejar aos oito anos num *optimist* igualzinho a estes. Fazia vela

com o meu pai e andei naquela escola ali atrás. Por incrível que pareça, aos catorze anos, era dentro de um barco e rodeado por água que me sentia menos sozinho. Lembrava-me do meu pai e ouvia-o ao mesmo tempo que o barco deslizava. «Vamos arribar.» «Vamos bordejar.» Imaginava-o a falar comigo. «Um barco está seguro no porto, mas não é para isso que se constroem os barcos.» Nalgumas vezes, também imaginava que ia para mar aberto, correr o mundo como ele fez, e, num destino longínquo, encontrava uma mulher. — Fez uma pausa, virou-me para si e as suas mãos rodeavam-me a cintura. Os olhos chamus de âmbar que me iluminavam até aos recantos mais negros.

— E o que acontecia a seguir?

— Ela vinha comigo, num *Flyer* dos anos oitenta.

Senti-me derreter por dentro.

— E depois?

— Íamos dar a volta ao mundo, não pelo canal do Panamá, como os medrosos, mas pelo cabo Horn, como os velejadores míticos.

O tom era conclusivo, mas eu estava demasiado apegada à história para que ele parasse por ali. Queria continuar a ouvi-lo desfiar memórias da juventude.

— E a seguir?

— Talvez seja melhor não contar o que acontecia a seguir. Porque aos catorze anos já tinha visto alguns filmes xxx e a partir do ponto em que passávamos para dentro do *Flyer*, digamos que a fantasia se tornava gráfica.

Em simultâneo com o meu «grande begueiro que tu eras», as suas mãos acariciaram-me as maçãs do rosto.

— Não quero que te sintas no limbo, quero que te sintas dentro do barco. Podes fazer todas as demonstrações de intimidade que te apetecerem, porque eu vou gostar. E nunca mais voltas a dizer que há algo de venenoso dentro de ti, porque isso não é verdade.

A cicatriz

A Sede da Polícia Judiciária não me pareceu tão agonizante na segunda vez que lá entrei.

Deixei-me guiar até ao mesmo gabinete onde estive da primeira vez e o agente Alex, como a rececionista lhe chamou, chegou pouco depois, com duas sandes enormes embrulhadas em papel e um pacote de batatas fritas.

Queixou-se de uma reunião que se prolongou além da hora e assegurei-lhe de que não me importava que almoçasse enquanto falávamos.

— Mesmo sem me dares a certeza, fiquei com esperança de que o Luís Miguel tivesse uma cicatriz de jeito e fiquei à espera dele assim que o Rainha D. Amélia atracou. Gostei muito de o conhecer e, sobretudo, de lhe tirar várias fotografias às trombas, antes que ele fizesse uma cirurgia plástica e deixasse de ter estas marcas bem visíveis assim que recebesse a carta com a intimação. — Pousou a sande para retirar as fotografias de dentro de uma pasta e expô-las à minha frente. — A cicatriz é crucial e uma prova que poderia ser destruída. Não há a mínima hipótese de o gajo alegar que se cortou a fazer a barba.

Já não o estava a ouvir, porque o meu único sentido ativo, que me toldava todos os outros, era a visão e estava focada nas feições que ainda me apareciam em pesadelos, captadas de frente e de perfil.

— É normal que te sintas nervosa ao vê-lo, mas tens de aprender a lidar com isso. Ele vai estar no julgamento a olhar para ti e a tentar intimidar-te. Não podes quebrar. Pensa nesta «lembrança» que lhe deixaste. Acho que és a primeira vítima de violação que conheço que deixou uma marca permanente no agressor.

Desviei o olhar em vez de lhe pedir que as guardasse, mas ele fê-lo na mesma.

— Vamos recapitular. Quando entraste na cabina dele, havia alguma hipótese de estares disposta a teres relações e depois teres mudado de ideias? Podes dizer-me, porque o processo vai em frente na mesma, mas preciso de saber.

Naquela aparente informalidade, questionou-me de novo sobre os jogos que fiz e o que pensava que ia acontecer quando entrei na cabina, voltava atrás e obrigava-me a repetir coisas que já lhe tinha dito, como se procurasse apanhar-me nalguma incongruência.

Revisitámos o jogo de passar a faca entre os dedos, que teria corrido bem se fosse só eu a cortar-me, e depois o dos três copos de papel com a bolinha vermelha que eu fazia desaparecer. As probabilidades dos hóspedes não eram uma em três, eram zero em três. Sorri para mim própria, porque probabilidades era uma palavra do Pedro, também devia ser uma forma de afeto, apegar-me às palavras que lhe eram queridas.

— Porque querias sacar dinheiro aos turistas? Gastaste-o todo em quê? Drogas? Roupas caras? *Gadgets*?

Pela forma peremptória como afirmou que o gastei, fiquei na dúvida se não estaria a par do meu saldo bancário, mas também não me fazia diferença ele saber o valor de dois dígitos da conta que a Cecília me cedeu. Até me ajudou a explicar que precisava de sacar dinheiro aos turistas para pagar a renda, a água, a luz, as mercearias no Sr. Nazeed e as garrafas de gás para tomarmos banho de água quente.

A seguir, deixei-o espiolhar a minha vida amorosa e contei-lhe tudo o que havia para saber, para não haver nenhuma falha no processo quando ele o levasse ao procurador. Íamos começar pelo Luís Miguel e, depois de uma condenação, o Alex queria ir atrás da VFCruzeiros.

— Mesmo que não ganhemos, vamos dar muita luta, isso vai fazê-los pensar duas vezes antes de apaparem os golpes aos *Luíses Miguéis* deste mundo.

Perante o seu quase entusiasmo, senti-me na obrigação de lhe contar outro facto que omitira, porque ele podia tentar contactá-lo no âmbito da investigação e deitar por terra todos os nossos sacrifícios.

— Eu, a minha mãe e a minha irmã estamos «fugidas» de casa. Saímos de Braga só com roupas e algumas coisas mais importantes que couberam na carrinha de uma prima da minha mãe, a titular da conta na qual eu recebo o ordenado. O meu pai não é boa pessoa, é um homem violento quando é contrariado, ou pensa que é contrariado. É por isso que eu estava tão desesperada por dinheiro, porque não mudámos a morada fiscal e mantivemo-nos no seu agregado familiar, para ele não ter como nos encontrar. Não tivemos direito a abonos, nem subsídios. Vivíamos só do que eu ganhava, e como passei algum tempo sem trabalhar entre o emprego num restaurante e o Rainha D. Amélia, acumulei algumas dívidas. Estava mesmo a precisar de dinheiro quando fiz essas apostas com os turistas. Tive a ideia

depois de os ver a gastar uma data de moedas numa máquina em que pescavam peluches com uma pinça. Nunca apanhavam peluches, mas continuavam a brincar com aquilo, muito divertidos. Pensei que tentarem ser mais rápidos do que eu a espetar a faca entre os dedos não era muito diferente e ajudavam-me a pagar a conta da Vodafone.

Cruzou os braços e pareceu-me muito descontente.

— Estou-me nas tintas para as tuas trapações com os clientes do cruzeiro, não precisas de te justificar. Porque não me contaste isso do teu pai?

Expliquei-lhe que a minha irmã era menor e que tive medo que ele me obrigasse a dar conta do seu paradeiro ao meu pai e também que enfraquecesse a minha história. O facto de ser oriunda de um lar violento poderia tornar-me mais propensa a mentir ou a ser agressiva com os meus parceiros.

Respirou fundo, esfregou a cabeça quase careca e falou-me num tom mais benevolente.

— Não, Francisca, as mulheres vítimas de violência doméstica não maltratam nem se atiram à dentada aos seus parceiros. Pelo contrário, normalmente têm é tendência para aceitar que os parceiros as maltratem. Como viveram num clima de agressões desde cedo, normalizam esses comportamentos e permitem-no porque é o único tipo de relação que conhecem. Espero que não seja o teu caso com o dono da discoteca...

Garanti-lhe que não enquanto ele me analisava, atento a cada palavra que eu pronunciava.

— Ainda bem. Vamos manter o teu pai fora disto. O processo neste momento está em segredo de justiça e quando formos a tribunal não o vamos arrolar, nem a ele, nem a ninguém que ele conheça como testemunha.

Estranho e frio

Assim que o Alex deu por concluída a devassa da minha privacidade, liguei ao Pedro para me ir buscar. Ele tinha uma surpresa para mim, algures no Bairro de Campo de Ourique.

Suspeitei que a surpresa estivesse relacionada com uma conversa dias antes, em que alegou a necessidade de informação sobre estratégias para me mimar ou se redimir em pequenos deslizes.

— Tu nunca pedes nada, nem me dás pistas nenhuma. Roupa? Flores? Outras dessas argolas grandes? Um livro de poemas para te inspirares para as canções que queres compor?

Pela expressão aflita quando lhe falei em bolos, mais parecia que lhe tinha pedido um casaco de pelo de *vizon*, cuja compra, na opinião da minha irmã, devia ser punida com açoitamento público seguido do visionamento coercivo de documentários sobre a crueldade da criação industrial de animais para fabrico de vestuário.

— Queres que te faça um bolo? Eu não tenho jeito, nem sei como fazer.

Fiquei tão alarmada como ele, cuja definição de cozinhar era atirar queijo para dentro de duas fatias de pão.

— Deus me livre! Claro que não! Compra-me bolos de pastelaria com creme de ovos ou *chantilly*.

Ao entrar na pastelaria de Campo de Ourique, o meu íntimo guloso estava em deleite. O stresse e a adrenalina tinham-me afetado o estômago até à reunião na judiciária, mas a visão das vitrinas da *Pâtisserie* reanimou-me o apetite.

— Quero um mil-folhas, um *duchese* e também um brigadeiro.

Quando nos sentámos, ele dispôs os bolos à minha frente com a expressão que antecipava a piadinha de begueiro.

— Já sei o que vai ser a próxima surpresa. Um rastreio da diabetes.

Enquanto ele abafava o riso e inundava o seu mísero pastel de nata em demasiada canela, senti que chegara o momento de investigar a «situação»

que não o deixava «baixar as defesas».

— A Alice contou-me que te apoiou quando tiveste um problema antes de abrires o Álibi. Foi com outra mulher?

Ataquei o meu mil-folhas para disfarçar a curiosidade e ele assentiu, aparentemente tranquilo.

— Quanto tempo estiveram juntos?

Notei-lhe a hesitação e arrependi-me do interrogatório, não era minha intenção estragar a surpresa pasteleira e muito menos torturá-lo, como o Alex me fizera.

— Se calhar, agora não é a melhor altura para tocar nesse assunto. Deixa, falamos depois.

Fez um gesto de negação.

— Não estava a esquivar-me. Só estava a fazer contas de quanto tempo namorei e a achar estranho não me lembrar logo. Foram cinco anos. Podes perguntar o que quiseses, sem problemas.

— O que é que aconteceu?

Encolheu os ombros como se fosse uma história enfadonha.

— Não fomos muito originais, terminámos por um motivo muito comum, a traição. E podes guardar as faíscas desse olhar porque não fui eu, foi ela.

Aquela revelação apanhou-me desprevenida. Não consegui engolir o creme e a massa folhada colou-se ao céu da boca.

— Obrigada, bicho, por esse olhar estupefacto, eu também acho incrível que alguém precise de dar umas por fora quando tem um homem tão altruísta e habilidoso como eu à disposição.

Bloqueei a colher dele, que atacava o meu brigadeiro minúsculo de mais para partilhar, e pedi-lhe que desenvolvesse.

— Como sabes, tirei o curso de direito, como quase toda a gente na minha família. Foi assim que conheci a Mafalda, namorámos desde o segundo ano da faculdade e acabámos o curso ao mesmo tempo. Depois de acabarmos o estágio, o meu tio tinha lugar para os dois na firma da minha família. Trabalhávamos há seis meses na Moura Couto & Associados quando ela me disse que precisava de ficar até mais tarde, e houve qualquer coisa, nem me lembro exatamente o quê, que me fez beber um copo no Chiado e voltar sorrateiro para o escritório. Encontrei-a seminua na sala do meu primo, foi uma visão daquelas que não se esquece.

Reprimi um «cum carago».

— Como é que tu dizes? Ele estava *alapado* na cadeira da secretária e ela... imagina. Enfim, fui uma pessoa civilizada, não fiz nenhum escândalo e até os

deixei à vontade para continuarem. A Mafalda, ao contrário de mim, fez o seu jogo muito bem feito. Alegou, para quem estava interessado em saber, que eu era uma pessoa fria e que não lhe dava carinho nem atenção, que a trocava por jogos de *poker* e outras ofensas semelhantes. E toda a minha família, não só o meu primo, o que seria compreensível visto que estavam a fazer algo que todos os homens apreciam bastante, ficou do lado dela. E eu passei a ser o tipo estranho e frio que não atendia às necessidades emocionais da melhor namorada que podia haver e que se comportou de maneira igualmente estranha e fria quando a encontrou com o primo.

Não o imaginava a ser estranho, mas imaginava-o a ser brutalmente indiferente.

— O que é que lhes disseste quando os apanhaste?

Fez uma expiração forçada, renitente em revisitar as palavras.

— Qualquer coisa como «não precisam de parar por minha causa. Mafalda, acho que afinal não vou aos anos de casados dos teus pais. Fiquem à vontade, estou de saída». — Fez um gesto de negação como se estivesse arrependido do comportamento bizarro. — Foi só fachada. Por dentro, estava na merda, acho mesmo que houve uma parte de mim, aquela inocência típica das boas pessoas, que desapareceu para sempre. Fiquei tão abalado que fui incapaz de lhes dizer o mal que me fizeram, em vez disso, reprimi tudo. E o mais engraçado é que essa minha reação foi apenas mais uma prova da minha frieza. Se a amasse, teria gritado insultos ou ameaças, mas na altura bloqueei, ou então a indiferença foi mais uma forma de a castigar. No fim, forneci mais uma prova do meu desapego à pouco amada e triste Mafalda, que precisava muito de carinho e atenção.

Mostrei a minha incredulidade perante ela o ter traído e ele ter ficado o mau da fita, e ele elucidou-me, num registo meigo, como se a minha reação revelasse a tal ingenuidade que ele perdera.

— Se conviveres tempo suficiente com pessoas da alta sociedade, e se tomares atenção ao que se passa à tua volta, vais perceber que essas regras de moralidade só são aplicáveis «quando convém». Não quando é a filha do proprietário de grande parte do Alto Alentejo e um dos melhores clientes da firma de advogados onde ela estava a estagiar. Até a minha mãe foi incapaz de se impor ao meu tio e ficar do meu lado. A única pessoa que me deu algum apoio foi a minha avó, mas naquela sua maneira desprendida. «Oh, que chatice, que bela peça me saiu esta Mafalda. Não me peça para tomar partidos que isso não é nada o meu género. Já marcou a sua posição ao sair da firma da família. Se precisar de alguma coisa, diga, a avó tenta ajudar.»

Tinha mil perguntas para fazer, se a amava muito, se tinha pensado em casar com ela, se a inocência típica das boas pessoas poderia voltar, mas só me saiu a mais tosca e menos importante. Nisso, éramos parecidos, o choque fazia-nos desfocar do essencial.

— E ajudou-te? A tua avó?

Respondeu, ressentido, muito mais magoado do que quando referiu a visão da Mafalda seminua.

— Sim, e foi a única. Ajudou-me financeiramente e é detentora de uma quota do Álibi. Ao contrário da minha mãe e do meu irmão mais velho, que acharam que eu devia engolir o sapo, manter-me na firma e deixar-me de ideias peregrinas. — A seguir, disfarçou a mágoa com um sorriso matreiro. — Satisfeita? Tudo respondido? Agora deixa de ser egoísta e divide esse brigadeiro com este rapaz maltratado pela vida.

Acedi, apesar de ciente de que a sua declaração era mais verdadeira do que ele a fazia parecer. Só que no departamento de maus-tratos da vida eu ganharia sempre, e por larga vantagem.

Bailando

A minha irmã teria preferido o campo, a natureza e os bichos. Ponderei levá-la a passar o fim de semana com a nossa prima em Castro Laboreiro, para ela matar saudades da serra, brincar com os cães, encher os pulmões de ar puro e deliciar-se com o verde a perder de vista. Só que o medo, a emoção constante da minha existência, não me permitia atrever-me a passar o rio Douro.

Depois de tantos sacrifícios, pareceu-me que dois dias na quinta, mesmo que a Mariana desfrutasse de cada minuto, não compensavam tudo o que podíamos perder. Apesar de, como a minha mãe lembrou, já não estarmos a raptá-la.

Assim que acordou, atirámo-nos ao pescoço dela para lhe cantar os parabéns e a cobrir de beijos, num misto de felicidade por a ver chegar à maioridade e nostalgia pela nossa bebé que deixava de ser criança. Ela ficou contente na «sande de amor», mas o brilho que lhe vi nos olhos quando estendi a caixa das sapatilhas foi o que me acalmou a consciência pesada. Quando chegou da escola, esperava-a um tabuleiro da sua comida predileta, lasanha vegetariana, para a nossa menina-mulher evoluída que considerava bárbaro comer animais.

No sábado, combinou jantar fora com as duas amigas, depois foram ter comigo ao Álibi e seguimos para a discoteca adolescente da moda. A minha irmã ia desfrutar da sua primeira saída noturna, e estava linda, de lábios pintados de vermelho e um vestido preto de veludo que eu nunca mais usaria.

Antes de ela sair, pedi-lhe que me garantisse, pela terceira vez, que estariam sempre as três juntas e que nunca se separariam, do restaurante até ao Álibi.

— Para de ser chata, Kika! És pior do que a mãe...

Desejei torná-la invisível aos olhos dos predadores, para que ela pudesse passear, rir alto, divertir-se e dançar as suas músicas pirosas como bem lhe apetecesse. Viver em liberdade, sem correr os riscos inerentes à condição de ter nascido mulher. Sem correr o risco de lhe acontecer o que me aconteceu.

A minha mãe salvou-me dos meus pensamentos ao pedir-lhe que vestisse

um casaco quente por cima do vestido, e, graças ao Bom Jesus, recuperou o rótulo de pessoa mais chata da casa que eu ainda não estava disposta a assumir.

Vinte minutos antes da minha atuação, a minha irmã chegou e confirmei com as amigas que o plano se mantinha.

A seguir, corri até ao Pedro, com um entusiasmo que não me recordava de sentir há muito tempo.

— Achas que hoje posso fazer uma brincadeira no palco? Não é o género do clube, mas a minha irmã veio cá com as duas amigas porque vamos sair. Sem ela saber, combinei subirem ao palco e dançarem a *Bailando*...

Ele passou da expressão atenta a uma gargalhada sonora.

— Tu queres cantar a *Bailando*? Do Enrique Iglesias?

Querer, não queria, mas se não conseguira mudar os gostos musicais da Mariana nos últimos dezoito anos, não eram naqueles quinze minutos que iria fazê-lo.

— A minha irmã adora. É a maior fã. Sabe a coreografia e a música de cor. Deixa-as cantar e fazer a coreografia no palco, só hoje, que ela está a celebrar os dezoito anos. Por favor. — O sorriso aprovador não era de quem seria desmancha-prazeres. — Vais ver que até vai piada. E achas que a seguir posso cantar-lhe os parabéns? Muito rápido?

Emoldurou-me o rosto nas mãos e beijou-me na boca sem nenhum pudor.

— A pedires assim, até me convencias a cantar o último êxito do Canal Panda. Gosto desta versão pedinchona do meu bicho... Não me queres pedir mais coisas?

Desembaracei-me dele para ir avisar o Paulo e o baterista que se confirmava a *Bailando*. A meio do espetáculo, convoquei a Mariana para me ajudar na canção que se seguiria, ela subiu ao palco a reboque das amigas e ficou numa excitação que a fazia alternar entre chamar-me doida e tapar a cara com as mãos.

Quando ouviu os acordes da sua música latina preferida, ficou num êxtase que não tinha preço, pelo menos para mim.

Deixei-lhes um microfone fixo no suporte para elas cantarem e dançarem à vontade. Estavam muito tímidas e ao início só se ouvia a minha voz.

Yo te miro y se me corta la respiración

Cuando tú me miras, se me sube el corazón

Contudo, ao chegarmos ao refrão, a Mariana e a Leonor, risonhas e

extremamente desafinadas, tomaram conta do palco. A Maria não se ouvia tanto, porque estava apostada em seguir a coreografia ao pormenor a e afastava-se do microfone, mas notava-se que as três se divertiam à grande.

Num momento em que saíram completamente do tom e eu não fui capaz de harmonizar porque estava distraída e deliciada com elas, olhei para o Pedro, na esperança de que ele também lhes achasse graça e não se arrependesse de ter concordado com aquilo. Não me pareceu satisfeito, de braços cruzados, a assistir, sério, enquanto as manas Genvellier abandonavam o seu clube fino.

Decidi que arcaria com a responsabilidade mais tarde, aquele instante era demasiado precioso para ser desperdiçado. Voltei-me outra vez para a Mariana, que se bamboleava muito melhor do que cantava, a dar um espetáculo de alegria e boa disposição do qual eu não queria perder pitada, foi por um triz que não fui buscar o telemóvel para as filmar e registar aquela recordação para sempre.

A *Bailando* acabou depressa de mais, os quatro minutos voaram, mais o tempo de pôr a assistência a cantar-lhe os parabéns, eu a abraçá-la e a limpar uma lágrima que não contive.

Deixei-a ir embora com as amigas e cantei as canções seguintes com o peito a borbulhar de um contentamento que se alastra como um formigueiro próprio de quando assistimos à felicidade dos nossos.

Foi com esse mesmo espírito que fui ter com ele, depois de deixar as meninas a dançarem ao pé do bar do António.

O Pedro recebeu-me com um gesto de negação.

— O teu público nunca mais vai olhar para ti da mesma forma. Acabaste para sempre com a reputação de cantora rebelde. — Fez uma pequena pausa e o sorriso gozão. — Faço anos para a semana que vem e estou ansioso para te ver a dançar U2.

Esbocei uma careta de repúdio, era certo que isso não iria acontecer.

— Se não querias que fizesse esta brincadeira com a minha irmã, podias ter-me dito, não tens de concordar com tudo o que te peço. — Fez uma expressão surpresa com a declaração. — Estavas muito sério a olhar para mim, não estavas a gostar.

Fitou-me inseguro, como que destabilizado da serenidade habitual.

— Reparaste nisso? Estava a olhar muito sério para ti porque talvez estivesse a pensar como seria se o meu irmão, aliás, se qualquer membro da minha família olhasse para mim como tu olhas para a Mariana.

A última frase saiu-lhe de uma golfada, como que amarrada com um nó de

marinheiro que se desatou demasiado depressa. Senti pena dele, mas, naquela altura da minha vida, aquela confissão também me enraiveceu.

A família dele não o olhava com carinho. Eu, na última vez que toquei viola no quarto, depois de desobedecer à minha mãe, que me pediu que parasse, o meu pai entrou de rompante. Partiu-me a viola com um pontapé e abriu-me a cabeça contra a esquina da mesa de cabeceira.

— Queres que olhe para ti como olho para a Mariana? Posso fazer isso. — Fitei-o com toda a intensidade daquela memória que me eletrizava por dentro. — Ai de ti que voltes a comer os canudos de chocolate que compro só para mim e escondo porque não os quero partilhar, queimo-te vivo e atiro as tuas cinzas ao Cávado.

Ele não percebeu que parte daquela ira era verdadeira e fingiu um amedrontamento quase convincente.

— Fazias trezentos e cinquenta quilómetros com cinzas por causa de bolachas?

— São canudos, e se estão num esconderijo, são todos para mim.

Anui e acrescentou num tom de divertimento paradoxal à declaração.

— Tens razão, a família é uma fonte inesgotável de sofrimento.

No meu caso, também fora uma fonte inesgotável de feridas incisas, feridas contusas e uma fratura em ramo verde do braço direito, de acordo com o que espreeitei nas notas de alta de vários hospitais do Grande Porto. Ia sempre a hospitais diferentes, porque podia estar a mesma equipa de urgência, alguém me podia reconhecer e começar a fazer perguntas que o meu pai não queria ver respondidas.

Escorracei a minha raiva de volta para o seu buraco e afastei-me para não denunciar a minha falta de compreensão pelos seus maus-tratos emocionais.

— Vou procurar a ladra de canudos de chocolate e as amigas.

A minha irmã estava numa animação rara, presenciar-lhe aquela faísca no olhar, de antecipação e diversão genuína, era como um bálsamo que me regenerava por dentro e me levou a ser outra quando me despedi dele, livre da amargura anterior.

— Não esperes por mim, esta noite vai acabar tarde, as miúdas estão cheias de energia e vão aproveitar até ao último minuto. — Não reprimi um sorriso perante o seu olhar cabisbaixo. — Garanto-te que não estás mais infeliz do que eu, as amigas da Mariana vão ficar lá em casa e cedi a minha cama, vou dormir no sofá mais velho e achapado da Grande Lisboa.

Não esperava que me quisesse dar uma chave sobresselente e recusei-a, mas

a única alternativa que me deixou foi acordá-lo quando chegasse, e a perspectiva apelativa de uma cama numa divisão onde as persianas funcionavam também me fez capitular.

Se me dissessem que um dia me sentiria idosa aos vinte e cinco anos, não teria acreditado, mas foi exatamente como me senti na discoteca apinhada de adolescentes, prestes a pedir a reforma.

Quando chegaram os amigos, dei-lhes espaço e fiquei a observar as interações encostada ao bar. A minha figura fez-me lembrar um suricata daqueles que apareciam nos episódios da *National Geographic* que a Mariana me obrigava a ver. Pequenos mamíferos estáticos como postos de controlo, preparados para dar o alarme e meter as crias todas na toca ao primeiro sinal de um chagal na savana.

Não encontrei muitas ameaças e os amigos da Mariana pareceram-me queridos, um pouco mal apresentados para o meu gosto, que não apreciava calças a escorregar pela cintura. Sorri internamente ao sentir-me ainda mais idosa. Era provável que nunca achasse ninguém à altura da Mariana, exatamente como a minha avó Angelina antes de conhecer o meu ex-namorado Tiago, o único pretendente que caiu nas suas boas graças. Antes dele, ninguém lhe parecia ao «meu nível».

Ver a Mariana resplandecente, os olhos claros realçados pelo risco fino de *eyeliner* e os cabelos a emoldurarem-lhe o rosto ao ritmo da música, fez-me compreender a minha avó Angelina.

Às cinco da manhã, cedi ao pedido de libertar o meu lugar no táxi para um colega delas que também morava nas Olaias. Pareceu-me bom miúdo e ajudara a Mariana a lidar com a Nádia.

Sosseguei os meus instintos paranoicos, aponteí a matrícula do táxi que os apanhou e segui noutro para Alvalade.

Poker

O Pedro estava na mesa de jantar, com várias cartas de jogar espalhadas à sua frente. Ao vê-lo sozinho na sua sala, percebi como a casa era um reflexo da sua personalidade. A decoração sóbria, os sofás neutros e despretensiosos combinavam com a mesa sólida de madeira escura, mas o que mais me atraía eram os apontamentos coloridos e irreverentes, como um quadro enorme que eu adorava, de uma artista chamada Inês Pargana: uma viúva idosa e as amigas, cheias de pregas de carne e o sorriso malandro de quem chorava lágrimas de crocodilo.

Um pouco arrependida da fúria anterior, interessei-me pelo jogo. Ele reuniu as cartas e começou a separá-las.

— Crapô, uma Paciência que se joga com dois baralhos. Estava a fazer tempo, a ver se chegavas.

Gostei de o ver na pele de jogador, a manusear as cartas com destreza.

— Ensinaste-me as regras do *poker*, mas nunca jogaste comigo. Queres jogar e apostar qualquer coisa, só para ser mais emocionante?

Encarou-me como se eu fosse um pequeno roedor incauto e ele um falcão que aderira ao veganismo.

— Não acho que devas jogar comigo, e muito menos apostar seja o que for.

Revoltei-me com a condescendência e insisti tanto que ele acabou por abrir uma porta do louceiro para retirar uma maleta vermelha de cabedal. Escolheu umas fichas cor de pérola e dividiu-as em partes iguais.

O jogo não era complicado, mas também era, porque nunca me saíam as cartas de que precisava, o melhor que consegui foram dois pares, e ele apercebeu-se porque desistiu imediatamente. Poucas jogadas depois, perdi a minha última ficha e pedi-lhe um conjunto de outra cor.

— Uns dias ganha-se e outros perde-se, mas nunca se aposta mais do que se levou para gastar. — Lançou-me um sorriso de tratante enquanto guardava as fichas. — Tens de saber parar.

Ignorei o pequeno sermão e provoqueei-o, impaciente.

— Vá lá, só mais um jogo, já percebi que não posso dar a entender se tenho

cartas boas ou más.

Franziu o sobrolho, num misto de admoestação e divertimento.

— A sério, Francisca? E não sabias disso antes? Só agora é que chegaste lá?

Ponderei roubar-lhe as fichas azuis, mas limitei-me a fazer-lhe uma careta como se tivesse a idade dos frequentadores da discoteca onde passara a noite. Em resposta, acendeu-se-lhe um brilho no olhar, ardiloso, como se ativasse o modo malfeitor.

— Um jogo, só um, tudo ou nada. Se ganhares, tenho de fazer o que quiseres. Se perderes, tens de fazer o que eu quiser.

Era uma proposta arriscada, e eu deveria ter pensado antes de a aceitar.

— Eu não vou perder.

Assentiu como se acreditasse no que lhe disse, passou-me as cartas para que eu as baralhasse e deixei cair algumas quando as passei entre os polegares. Ele, pelo contrário, tinha a mão mais firme do que nunca quando as distribuiu.

Fiquei com dois pares, e um deles alto, fui a jogo.

Mostrei a minha mão e regozijei ao vê-lo cabisbaixo. Que pena não ter ficado claro se poderíamos pedir um desejo em conjunto. Queria uma semana de pequeno-almoço na cama, como a minha empregada Ana me fazia quando eu não ia à escola. Sumo de laranja natural, um quivi descascado e torradas com manteiga e mel.

Fiquei com aqueles pequenos-almoços na cabeça até ele pousar as suas cartas e mostrar um trio de oitos com expressão neutra. Era a pessoas mais dissimulada que eu conhecia.

Cruzei os braços, frustrada com aquele desfecho.

— Parabéns. Deixa-me adivinhar: queres ir para o quarto?

Levantou-se e afastou-se alguns passos.

— Não, não quero ir para o quarto. — Lançou-me um olhar sombrio que me queimou por dentro. Não lhe identificava emoções na expressão, mas pressentia-lhe uma aura de autoridade e malícia.

— Vais começar por manter essa língua afiada sossegada até eu dizer.

Contraí-me na cadeira, expectante, o rato pretensioso que avançara até à armadilha...

— Levanta-te e despe-te.

— Tudo?

Assentiu, um brilho maquiavélico no olhar.

— Hum-hum.

Tirei a roupa toda. Fiquei tal qual nasci, com ele à minha frente e a mesa

atrás de mim. Recuei instintivamente e arrepiei-me ao sentir o bordo de madeira na parte de trás das coxas.

Ele aproximou-se um pouco, mas não muito, fixou os olhos nos meus e senti que as suas pupilas incendiavam algo no meu interior.

Tirou o blusão e estendeu-o à minha frente.

— Tens frio?

Fiz um gesto de negação, sentia-me quente, quase ofegante, com o coração acelerado e ansiosa pelo rumo que aquelas ordens iriam tomar.

Engoli em seco, sem medo, só um frenesim crescente de antecipação e desejo.

Ele também não devia ter frio, porque atirou o blusão para trás de mim. Aterrou na mesa com um baque surdo, não muito longe de onde estava o meu corpo despido.

Mordi o lábio e mantive-me tão séria como ele.

— Canta para mim. *Dog Days Are Over*. Penso nisto desde que te ouvi cantar essa maldita canção, no dia em que te conheci. Parece que foi escrita para ti, ando deserto de a ouvir outra vez e nunca a incluíste nos concertos do Álibi.

Ao princípio, a voz prendia-se-me na garganta e libertava-se atabalhoada, mas o seu olhar, envolvendo-me em arrebatamento e lascívia, era incentivo, um convite à libertação.

Ficámos a sós no mundo, eu, ele e a canção. É provável que tenha voltado a acordar os vizinhos com o volume alto em que cantei o último refrão.

The dog days are over

The dog days are done

The horses are coming

So you better run

Quando acabei, faltava-me o ar, como se tivesse cantado durante duas horas. Fiquei em silêncio, a tentar recuperar o fôlego, uma tarefa mais difícil à medida que ele se aproximou, sem pressa, até estarmos a um palmo de distância.

— Céus, Francisca. O teu olhar... Podia jurar que és uma deusa pagã que vai incendiar a Terra, reduzir o mundo a cinzas e acabar comigo a qualquer momento.

Soltei uma gargalhada alta e que expulsava a última réstia de decoro. Estava completamente nua, mas nunca me senti tão poderosa.

— O meu olhar? Tu és que me estavas a devorar com os olhos!

Avançou o indicador até aos meus lábios, lembrando-me de que ainda não estava autorizada a falar. Usou a outra mão para me acariciar o pescoço, desceu-a passando pelo meu mamilo e depois pelo meu umbigo, sem hesitar, a um ritmo lento e constante, até tocar na minha zona mais sensível, o destino final. Apoiei as mãos na mesa atrás de mim, não reprimi um suspiro e ele riuse entredentes, trocista e maléfico.

— Por acaso, estava, não nego, mas acabo de constatar que não era só eu que estava a usufruir do momento.

Acariciou-me longamente, ao mesmo tempo que me beijava na boca, no pescoço e no lóbulo da orelha, exatamente como eu gostava. Quando achei que não aguentaria mais, fez uma almofada com o casaco, deitou-me em cima da mesa e das cartas que continuavam espalhadas. E a seguir, com tudo o que aconteceu, e a forma enérgica como aconteceu, não sei como é que a mesa se aguentou, só podia ser mesmo de madeira maciça de alta qualidade.

Estava precisamente a pensar nisso, deitada em cima da mesa e com ele ao meu lado, num prazeroso estado de inércia latente, quando senti os seus dedos nos meus cabelos. Ele ia aos extremos em minutos, era capaz de um ímpeto que eu apostaria que a mesa iria ceder, como logo a seguir fazia a carícia mais leve, um pequeno sopro terno a passar por mim.

— Destruíste-me o incentivo para progredir no *poker*. Não consigo imaginar nada melhor do que perder às cartas contigo.

Não precisei de abrir os olhos para saber que fazia uma expressão gabarola ao tocar-me na face com a ponta do nariz.

— A sério, não consegues imaginar nada melhor?

— Huuummm... Talvez Wembley. Duzentas mil pessoas a cantarem em coro uma canção da minha autoria e depois aplaudirem em delírio.

— Wembley? É o teu sonho?

Desisti de preguiçar e abri os olhos. O seu rosto era uma imagem notável, as feições equilibradas, o sorriso de abrigo e caloroso, o olhar que me incitava à confiança pura, à sinceridade sem filtro, nua, como o meu corpo.

— Já foi. Agora não. Wembley fazia parte de um pacote de sonhos ingênuos antigos. Até me parece que esses sonhos grandiosos nem eram meus, mas de outra pessoa. Agora sou a Francisca da vida real, um dia de cada vez e sonhos potencialmente alcançáveis. — Perante a sua expressão interessada, elucidei-o sobre os meus objetivos a médio prazo. — Agora sonho que a Mariana vai entrar em biologia e que eu nunca mais vou precisar de vender nada para pagar contas. Vou sustentar-nos só a cantar e ser como aquelas pessoas que têm tudo em débito direto, porque têm sempre saldo suficiente

para pagar as despesas e nem têm de se preocupar com banalidades como a conta da luz e da água. E tu, sonhas com o quê?

Comprimiu os lábios, como que contrariado pela minha resposta.

— Eu nunca tive grandes sonhos. Lembro-me de idealizar o Álibi como um espaço inovador e com música de qualidade, talvez esse tenha sido o meu maior projeto. — Fez uma pausa e provocou-me num acento benevolente. — Agora só consigo pensar que gostava que voltasses a ter sonhos ingênuos e grandiosos, Wembley, Rock in Rio, Carnegie Hall?

Apesar de agradada pela sua confiança nas minhas capacidades artísticas, resignei-me à minha *persona* pragmática. — Já pus isso de parte. O importante é cantar. Transferi as minhas fichas para a Mariana, que vai ser a bióloga mais brilhante do mundo, lutar contra o aquecimento global e restaurar a biodiversidade no planeta. Juro-te que ela sabe tanto sobre o assunto como qualquer sumidade da área.

Fez-me um gesto subtil de recriminação, mas o meu orgulho ao pô-lo a par de como a Mariana conhecia todos os projetos para proteger as espécies que estavam ameaçadas de extinção em Portugal, incluindo dois morcegos estranhos de que eu não me lembrava dos nomes, encerrou a questão.

Ajudou-me a levantar enquanto retirava cartas que se haviam pegado ao meu corpo e levou aos lábios o seis de espadas, acabado de descolar do meu baixo ventre.

— Este baralho vai passar a ser o meu preferido.

O avô Quim Beto

O avô do Augusto estava internado no Serviço de Cuidados Paliativos do IPO, a doença progredira e não havia esperança de que voltasse para casa.

O Augusto, que se julgava preparado para o temido desfecho, descobriu que nada o poderia preparar e secava lágrimas com as costas das mãos, enquanto me confidenciava que considerava aceitar a minha oferta.

Fui apanhada de surpresa, não esperava que ele ponderasse a proposta que lhe fiz, mas jamais lhe falharia depois de me ter oferecido.

Ele próprio nunca mais se lembrara da nossa conversa, até que a avó lhe deu a notícia de que o avô estava em sofrimento devido ao líquido nos pulmões, só conseguia alívio sedado com morfina, os órgãos estavam a falhar e os médicos prediziam poucos dias. Ao perceber o tempo subitamente curto, o Augusto ficou em pânico, sem saber o que fazer.

Apanhou-me nas Amoreiras, desorientado e com olheiras fundas, para me levar ao IPO. Depois, logo decidiria se me apresentava.

Pelo caminho, pôs-me ao corrente dos feitos aleatórios do seu avô Quim Beto da Ajuda, castiço, pilantra, mulhereengo e protetor da família.

— Havia um puto mais velho, ruim como as cobras, o Bolacha, que passava a vida a massacrar-me pela calada. Eu nunca me arrisquei a fazer a queixa dele e o sacana abusava, até que me fez uma rasteira num domingo. O meu avô não estava na estiva, vinha a passar depois de comprar cigarros e topou-o.

«Volta a ser cabrão para o meu Augusto, eu que sonhe com isso, caralho, que te parto essas duas pernas e te afogo na doca sem ninguém ver. E vai fazer queixa ao sacana do teu pai, que não te põe na ordem, que eu também lhe desfaço a tromba com uma pedra da calçada, vocês são uma cambada de filhos da puta.»

Fiquei horrorizada.

— Funcionou! — O Augusto sorria orgulhoso, como se evocar o avô e as suas façanhas o segurasse a este mundo e o impedisse de partir.

— Era tudo garganta, mas o meu avô era assim, muito vigoroso em todas

as suas opiniões, noventa por cento das vezes em minha defesa. De cada vez que um professor me dava negativa, ameaçava ir à escola para lhe dizer que eu era muito inteligente, ele é que era um calhau com olhos que não sabia ensinar.

Chegados ao IPO, o Augusto deixou-me no carro e combinámos que voltaria para me vir buscar, se decidisse apresentar-me. Regressou passada uma hora, pálido e com as mãos trémulas, não disse uma palavra e derrubou a cabeça no volante, antes de desatar num choro convulso.

Só no funeral do avô, quatro dias depois, é que me contou o que se passara.

O avô respirava com dificuldade quando ele entrou no quarto, notou-lhe a pele ainda mais macilenta, os lábios ressequidos e o olhar perdido no mundo da morfina. Ao notar a sua presença, ganhou consciência, e apesar de lento pela sedação e pela falta de força, quis saber do seu trabalho, se continuava no boxe e se o carro dera mais problemas.

O Augusto agonizava sem saber o que fazer, queria dar-lhe uma última alegria antes que a vida se lhe extinguísse, mas estava desconfortável com a mentira. Preparou-se para revelar a minha existência, atabalhado e pouco confiante. O avô pensou que ele ia revelar o oposto e impediu-o. Pousou-lhe a mão chupada pela doença no braço e disse-lhe que deixasse estar.

Queria ter-lhe mostrado Folgosa, onde nasceu. Ele era bom rapaz, tomaria conta da avó. Gostava de tê-lo levado mais vezes ao futebol. A pessoa acha que dura para sempre, mas depois...

— Ele sabia, Francisca. Sempre desconfiei, o meu avô não era parvo. Ele sabia, mas nem ali, a morrer, me permitiu que eu me assumisse. A seguir, cansou-se de falar, dormiu um bocadito e antes de eu me vir embora perguntou-me pelo Benfica. Bem, uma coisa temos de admitir, o filho da mãe manteve a coerência até ao fim, não recuou nem um milímetro.

Amor nos tempos de cólera

À meia-noite, o Pedro faria 35 anos. Até ao meu aniversário, em outubro, a nossa diferença de idades seria de dez anos, mas não era isso que me ocupava os pensamentos quando o António abriu a garrafa de champanhe e a Andreia o distribuiu em copos altos no Álibi.

Preparara um pequeno espetáculo. O meu amigo Santiago, o ilusionista também despedido do Rainha D. Amélia, ensinou-me tudo sobre o *flash paper* e a Mariana aprovou os ensaios gerais, mas eu receava que algo corresse mal ou ele achasse infantil.

Na viagem de elevador até ao seu apartamento, confirmei que a minha mãe e a Mariana viriam ao jantar de aniversário na noite seguinte. Neguei que estivesse pensativa e revi os passos a seguir.

Pedi-lhe que me esperasse na sala e preparei-me. Despi-me, prendi os *fire shooters* nos pulsos com o velcro e tapei-os com as mangas do blazer preto da minha mãe, que deixei aberto.

— Feliz aniversário, o teu presente vai ser uma canção.

Fixou-me, malicioso, e o calor que me percorreu compensou a falta de vestuário.

— Vais cantar-me uma canção? Nua e só com esse casaco? Tens a certeza de que o presente é para mim? Não será para ti?

Ignorei a insinuação.

— Posso decidir eu?

Incitou-me a começar com os olhos a faiscar na penumbra.

— Sim. Decide tu, tenho a certeza de que vou gostar muito.

We, we don't have to worry 'bout nothing

'Cause we got the fire, and we're burning one hell of a something

Enquanto avançava, pareceu-me notar-lhe uma espécie de adoração que me encorajava a ser cada vez mais teatral.

And we gonna let it burn burn burn burn

We gonna let it burn burn burn burn

Quando estendi o braço na sua direção, pequenos fogos voaram dos meus em cada *burn* e ele manteve-se imóvel, compenetrado, como se me estivesse a gravar em pensamentos pecaminosos.

No fim, manteve a mesma expressão enquanto batia umas palmas lentas e eu caminhei sensual em direção ao quarto. Ele alcançou-me e encostou-me à parede, uma mão na minha cintura e a outra mão a pressionar-me a barriga, por cima do monte de vénus. Falou num tom baixo e grave, os lábios a tocarem-me a orelha.

— Já acabou o meu presente, Francisca?

Respondi com um sorriso que ele não podia ver, aquela mão sabia como me provocar e fazer-me desejar mais.

— Sim, já acabou. Feliz aniversário.

Deslizou a mão mais para baixo e abafei um gemido.

— Meu Deus, Francisca. Quero muito saber se ficas sempre tão excitada quando cantas. Isso pode explicar muita coisa na genialidade das tuas atuações.

Elaborei a resposta com dificuldade e a respiração acelerada.

— Fico excitada de entusiasmo sempre que canto, mas daquele tipo de entusiasmo com adrenalina, em que não se dá pelo tempo passar. A sós contigo é muito diferente, fico excitada por te ver tão sério a olhar para mim, quase nem pestanejas, parece que estás a gravar-me no cérebro ou a planear devorar-me.

Não parou de me acariciar até ao limiar da tortura, fê-lo durante uma porção de tempo impossível de contabilizar enquanto que me beijava.

— Parece-te bem. É isso mesmo que acontece...

Voltou a colar a boca à minha enquanto desapertava o cinto. Encarou-me carregado de uma ardência lasciva e perdi-me na forma como me olhava ao entrar em mim. Fechei os olhos para absorver todo aquele prazer e só os voltei a abrir quando ouvi as suas perguntas, a voz distorcida pelas expirações forçadas e a energia do momento.

— Estás bem? Não tens frio? Queres ir para a cama?

Respondi negativamente em monossílabos, impressionada pela capacidade que ele possuía de produzir palavras e frases sem alterar a cadência nem o vigor.

— Este é o melhor aniversário de minha vida, Francisca. Espero que

também estejas a gostar.

Estava demasiado próxima daquele instante em que me renderia para conseguir elaborar uma frase.

— Sim. Muito.

Fomos para a cama algum tempo depois, a rirmo-nos da minha peculiar veia de ilusionista.

— Agradece ao teu amigo e diz-lhe que quero comprar dois desses para os meus espetáculos privados.

Ouvi-lo falar em adquirir produtos lembrou-me do segundo presente e corri até à minha mala abandonada.

— Também te comprei isto, para a tua biblioteca demasiado económica e com falta de sentimentos.

Estendi-lhe o embrulho da livraria e esperei que ele descobrisse *O Amor nos Tempos de Cólera*.

— Andava a escolher um livro na prateleira dos romances e achei que o título tinha que ver connosco. — Fiz uma pausa, a explicação verbalizada já não me parecia tão simples como em pensamentos. — Se calhar, mais comigo do que contigo. Por causa da palavra cólera, pensei que a história tinha que ver com relações em tempos em que as pessoas estavam revoltadas. Depois, descobri que cólera não era fúria, mas sim aquela doença que dá febre e diarreia. Ia desistir de o comprar, mas o livreiro disse-me que era muito bom e... — era a pior justificação de sempre, e o mais embaraçoso de tudo era a palavra «amor» em grande destaque — se calhar, não faz sentido nenhum, o melhor é trocares, tens o talão lá dentro.

A surpresa transformou-se numa expressão aprovadora.

— Claro que não vou trocar.

As velas do bolo já estavam acesas, mas ele olhou em volta e pediu que não começassem a cantar.

— Falta a Francisca.

Abandonei o meu cantinho ao lado da minha mãe e fui para o seu lado, demasiado corada para quem estava habituada a atuar em público, naquele mesmo espaço, duas vezes por semana.

Enquanto cantávamos que ele tivesse muitas felicidades e muitos anos de vida, o Pedro manteve a mão no meu ombro, e os seus dedos, que na noite anterior me arrancaram suspiros antes de me fazer vir na clandestinidade da sua casa, seguravam-me junto a si, num gesto casto de afeto que toda a gente

podia ver.

Quando apagou as velas com um sopro, pensei que os meus tempos de cólera pudessem ter chegado ao fim.

Talvez tivesse chegado a vez de viver tempos de paz.

Cantei a *Dog Days Are Over* em pensamento enquanto o abraçava, mas, dessa vez, num tom despojado da revolta e com um timbre novo, de esperança.

Como o cancro

Chegou de mansinho. Como o cancro, um nódulo pequeno que cresce devagar ou uma tosse que não incomoda assim tanto, até que cuspinos sangue e sabemos que estamos perdidos. Foi assim que o carrasco se infiltrou de novo nas nossas vidas.

Não aconteceu porque me expunha duas vezes por semana a cantar, tive a benesse de não me sentir culpada por isso, nem porque a minha mãe fraquejou, o que me magoaria demasiado.

Aconteceu porque a dona de um restaurante que costumávamos frequentar em Braga veio passar um fim de semana a Lisboa. Em vez de subir ao Castelo de S. Jorge ou ir visitar o Mosteiro dos Jerónimos, a D. Glória quis ver lojas no Centro Comercial das Amoreiras. Viu-me a arrumar roupa, mas nem sequer entrou para me cumprimentar e dar-me a oportunidade de lhe pedir que não contasse a ninguém que me encontrara. Em vez disso, ficou a ver-me da montra, a certificar-se de que era eu, de farda da Larabel, para depois divulgar em Braga a sua descoberta.

Ele foi esperto e não me confrontou. Seguiu-me até às Olaias e, no dia seguinte, voltou para perguntar por nós ao Sr. Nazeed, que ficou muito feliz com a chegada do chefe da família incompleta que morava ao seu lado, no primeiro direito.

Quando cheguei a casa, encontrei-o lacrimajante, arrependido, até ao seu âmago mais podre, por tudo o que nos fizera passar antes de partirmos, muito grato por ter encontrado a mulher e filhas adoradas, incluindo a filha menor, que lhe fora sonogada, algo pelo qual ele jamais faria queixa. Só nos queria bem, porque vivera num suplício de remorsos e desgosto que o transformara num novo homem, incapaz de repetir os mesmos erros.

A minha mãe nem se apercebeu da ameaça velada, acreditou nele, mais uma vez, o que era absolutamente inconcebível, pelo que, para proteção da minha lucidez, decidi pensar que ela fingia que acreditava naquele teatro.

— Não imaginas o que passei, Teresa, ao imaginar que não voltaria a verte. Sabes como te adoro e como só tenho olhos para ti desde que te conheci.

A última parte era verdade, felizmente para as outras mulheres e lamentavelmente para a minha mãe, hesitante em aceitar as declarações de amor e súplicas de perdão, feitas pelo homem que quase a matou quando fez o seu crânio rascar em queda livre o primeiro degrau da escada. O mesmo homem que lhe beijava as costas das mãos. Um pesadelo tornado realidade.

— Se não vos encontrasse e soubesse que estavam bem, mais cedo ou mais tarde, iria desistir de viver e acabar com o meu sofrimento.

Perante a passividade retraída da minha mãe, uma fúria intensa consumiu-me inteira até que o desejei morto. Foi tão natural como respirar, perguntar-me se seria verdade e quanto tempo mais da nossa ausência seria necessário para que ele se matasse. Porque a sua morte parecia-me a única forma de o afastar de nós. Cada mentira sua abria-me uma ferida ancestral e profunda, destruía-me por dentro. Olhei-o em silêncio e desejei-lhe a morte.

Mais tarde, nos dias que se seguiram e em que ele voltou à nossa casa cada vez mais confiante, com um ramo de flores ou um chocolate para a minha mãe, soube a razão pela qual ela permitiu que o carrasco voltasse para nós.

Uma razão tão desprovida de lógica e devastadora como a morte ou uma calamidade natural.

Amor.

Se é que se poderia chamar amor àquele distúrbio, que incluía violência física, manipulação, dependência e subjugação. Um sentimento doença, debilitante e terminal.

O coração da minha mãe traiu-nos, via-se no modo como o olhava enquanto ele lhe descascava uma peça de fruta e como reagia quando ele lhe acariciava os ombros. Nunca me apercebera daquela reação antes, talvez porque quando eles passaram fases boas eu estava demasiado absorvida nos meus dilemas de adolescente, e, depois, os problemas financeiros chegaram e não havia carícias, só gritos, destempero e violência.

Ele foi metódico e inteligente. Apesar de saber que fui a orquestradora do nosso desaparecimento, nunca me recriminou.

Encantador como só os vilões sabem ser, infiltrou-se com o seu lado sol, amoroso, bem-disposto e afetuoso, como se o simples passar do tempo o ilibasse, ou modificasse a pessoa desprezível que era.

Eu revia vezes sem conta o que poderia fazer para interromper aquele processo maligno, mas elas pareciam felizes por abrir a porta ao lobo. Quando a minha mãe me abordou sobre o preço absurdo do hotel em que ele se hospedara e de como esse dinheiro ajudaria a vivermos mais desafogadas porque ele iria contribuir para as despesas, senti que caía no vazio.

— Só por algum tempo, filha. A Mariana quer ir para biologia na Universidade do Minho. Nem sei como faremos para o ano... — O meu rosto deve ter espelhado como me senti afundar, porque ela me procurou as mãos, ansiosa, como se quisesse salvar-me, ou a si própria. — Eu acho mesmo que ele mudou. Vamos dar-lhe esta última oportunidade.

E eu soube que era uma luta inglória e com um desfecho adverso inevitável.

Naquela primeira tarde, em que nos encontrou, destroçado por ter sido abandonado e disposto a recomeçar de novo apesar de tudo o que sofrera, foi o fim de uma era.

Quando ele me tocou nos cabelos num gesto supostamente paternal, tive a nítida impressão de que o melhor período da minha vida fora breve e acabava ali. Aquela foi a barra final, uma coda que termina a sinfonia de forma abrupta e lhe retira todo o valor.

Afastei-me dele assim que pude e recuei quase sem força nas pernas, como se estivesse num pesadelo tenebroso no qual era ora espetadora, ora participante. Só parei quando toquei na mesa de pé de galo e deixei-me ali ficar, como um despojo de uma guerra perdida, a contemplar a inutilidade de tudo o que nos fizera passar.

Elas magoaram-me quase tanto como ele. Dois anos antes, não saímos de casa num impulso mal pensado após uma discussão. Foi planeado. As dívidas e a situação caótica da fábrica deixaram-no à beira da loucura, e era a minha mãe que pagava.

Nunca sabíamos quando era dia de pagar, era como atravessar uma ponte de tábuas suspensa que iria ceder, só não sabíamos quando, ou sermos forçadas a jogar à roleta russa. Em vez de uma bala no tambor, podiam calhar-nos gritos e agressões horas a fio.

No dia em que ele fez a minha mãe percorrer o andar de baixo puxada pelos cabelos, obrigando-a a enumerar todos os objetos que ela tinha comprado para enfeitar a casa com o «seu dinheiro» e a Mariana os seguia em prantos, foi o dia em que tomei a decisão.

Fui à garagem e peguei num martelo. Voltei a entrar em casa e dirigi-me ao trio, aponte para a jarra adornada com o escudo e as quinas de Portugal de que ele falava e despedacei-a em cacos. Foi estúpido, porque podia tê-la levado nos sacos do lixo e rendido dinheiro, mas serviu o propósito.

«Como é que te atreves a fazer-me frente? Sua estúpida de merda, inútil, sabes o que acontece a quem me faz frente?»

No dia seguinte, acordei com marcas na cara, mas também com um plano.

Duas semanas depois, estávamos a chegar a Castro Laboreiro, no mês seguinte, eu trabalhava no *call center* dos alarmes, cujo zunido de fundo me dava dores de cabeça constantes. Seguiu-se o restaurante do Júnior e o Rainha D. Amélia, onde *aquilo* me aconteceu.

Fora tudo em vão, porque ali estava ele. O lobo castigador na pele de cordeiro, dentro da casa que fora o nosso refúgio, a dizer à minha mãe que preferia morrer a viver sem ela.

Por um instante, inspirada pelas suas palavras e pelo meu desejo de o ver desaparecer em definitivo, imaginei que poderia ter usado o martelo de outra forma, eficaz e permanente. Assustei-me com a monstruosidade dos meus pensamentos e saí de casa.

O regresso do meu pai humilhava-me e enraivecia-me de tal forma, que receei enlouquecer assim que me vi sozinha na rua. Caminhava sem rumo e imaginei-me a pontapear montras, a derrubar as mesas das esplanadas e a arremessar cadeiras plásticas a desconhecidos.

Liguei à Andreia.

— Estou a enlouquecer. Preciso de garrafas para partir num vidrão.

Ela deixou o Jaime com a vizinha e encontrou-se comigo num café no Mercado de Arroios, de onde teve de me levar porque eu desatei a soluçar alto e as pessoas das outras mesas lançavam-lhe olhares acusatórios. Saiu comigo agarrada ao seu pescoço, como uma criança pequena que se perdera dos pais.

Acredito que seja verdade. Lembro-me de que foi assim que me senti quando o vi bater na minha mãe pela primeira vez: perdida, traída e desesperada. E essa sensação ficou mais ou menos à tona conforme eu a conseguia amordaçar, mas sempre lá, no meu íntimo, a perda, o desgosto profundo a par com a ameaça latente.

Sem Medo

Depois do colapso com a Andreia, tentei minorizar a catástrofe inerente ao regresso do meu pai. Mantive o assunto longe, esquivei-me de todas as tentativas de o Pedro o analisar, levantar questões e alternativas à minha convivência com alguém de quem fugi.

Os meus motivos eram dolorosos e irracionais.

Recusei-me a que o meu progenitor envenenasse o que de melhor me acontecera nos últimos tempos, não lhe quis dar esse poder, nem quis justificar a minha mãe, que me envergonhava ao aceitar as desculpas do carrasco. E também não queria evocar o medo fino e visceral que se me colava à pele sempre que o meu pai invadia os meus pensamentos ou o meu espaço.

Voltei a fugir, uma evicção crónica, mantendo distância e livrando-me da convivência. Salvaguardava-me da sua presença e bloqueava as conversas sobre ele. Apesar de o meu silêncio o magoar, o Pedro permitiu-o, tornando-se o porto seguro onde eu podia esquecer que ele nos encontrara.

No entanto, a minha autossegregação era incompatível com a natureza do meu pai, com o seu egocentrismo, artes de manipulação e desprezo pelos outros, sobretudo pela minha mãe, que, contra tudo o que seria expectável, o amava.

Naquela quinta-feira, sentia-me demasiado exausta para jantar fora com o Pedro, sempre empenhado em manter-me «longe do lar» a todo o custo. Cumprimentei-as com um beijo, saudei o meu pai de longe e refugiei-me no quarto com *O Papalagui*, o último livro que me faltava ler dos que trouxera do Álibi.

A minha mãe bateu à porta, sentou-se na minha cama e tentou convencer-me a jantar com eles.

Recusei com a desculpa de que comera antes de sair das Amoreiras e precisava de dormir. Enquanto insistia, ela pareceu-me diferente em algo que não soube definir. Avaliei o cabelo, o batom de um cor-de-rosa discreto e a camisa azul que ela usava regularmente, numa espécie de jogo de diferenças com a minha imagem mental que não coincidia com aquela à minha frente.

Encontrei a resposta no seu decote. Faltava-lhe o fio de ouro e a medalha da Nossa Senhora da Conceição.

Bastou-me pressioná-la um pouco e confirmei as minhas suspeitas.

O fio e a medalha, bem como quase todo o dinheiro que lhe fui dando desde que ganhava a dobrar para ela ter um fundo de maneiio confortável, estavam nas mãos do meu pai, prestes a montar um negócio que nos levaria de volta para o nível de vida a que a nossa família estava habituada.

Ela mostrou-se esperançada, e eu nunca soube se acreditou naquela ilusão ou se ele a pressionou tanto que não teve capacidade para o contrariar. Lancei-lhe um olhar reprovador e saí do quarto, disposta a salvar o que ainda pudesse ser salvo.

Expliquei ao meu pai que o dinheiro era meu, entregara-o à mãe para despesas da casa e do supermercado, não para nenhum outro fim, por isso, ela não tinha o direito de lho dar e eu queria-o de volta.

Respondeu magnânimo, como se eu devesse estar grata por ele ter juntado o meu dinheiro ao seu bolo de investimento.

— Não te preocupes, filha. Em breve, vou devolver-te tudo, com todos os juros que quiseses, e ainda te vou dar muito mais, vais poder deixar de trabalhar naquela loja e vamos viver muito bem. Até podes ir para Londres, fazer a segunda parte daquele curso de que gostaste tanto. Este negócio vai ser uma mina de ouro. Vou renascer das cinzas e tornar-me no empresário de sucesso que nasci para ser. A fábrica não era para mim, mas isto, carros, tu vais ver...

A revolta assolou-me da cabeça aos pés. O mundo girava à volta das suas ideias egoístas e dos seus delírios de grandeza, mesmo depois de ter perdido tudo o que herdara. Todas as pessoas da sua vida, incluindo nós, eram meros instrumentos para manter o seu ego inflamado, recipientes de onde ele tirava tudo o que pudesse. E ele era mestre nessa arte. Fê-lo de novo, com pose de abnegado, orgulhoso por estar a parasitar o pouco que eu havia conseguido, para entregar a um *web designer* que lhe iria fazer um *site*, no qual ele venderia carros de luxo que um outro amigo traria da Alemanha.

A fúria desnorteou-me e abandonei o plano de fuga crónica.

— Tu deste cabo de tudo o que tinhas! Fizeste péssimos investimentos e vendas ao desbarato, até acabares com um património que durava há cinco gerações. Transformaste uma empresa sólida em crédito malparado, dívidas a fornecedores, à Segurança Social e às Finanças. O que é que te levou a meteres-te nisto? Gastaste muito dinheiro em carros, mas não percebes nada de vendas *online*, nem de gestão. Vais enterrar o meu dinheiro e o fio de ouro

da mãe num buraco que nunca vai dar nada! Tu nunca te vais tornar num empresário de sucesso!

A minha impetuosidade contagiou-o, perdeu o falso sorriso e encarou-me, ameaçador, revelando que Alberto Cunha Duarte, afinal, não era um homem novo transformado pela perspetiva de nos perder.

— Baixa o tom de voz! Sou teu pai, paguei-te tudo a vida inteira e tu não me afrontas assim. És uma pirralha! Não és ninguém para me dizer no que me vou tornar! Só porque te acomodaste a esta vida medíocre, a tua mãe e a tua irmã não têm de o fazer. Ias ser uma cantora disto e daquilo, mas agora cantas numa discoteca e porque dormes com o dono! E tu? Em que é que te tornaste, conta lá?

Eu tornara-me na dona do dinheiro que ele iria fazer desaparecer e na guardiã da pessoa a quem ele tinha compelido a desfazer-se de uma herança valiosa, e também numa criatura envenenada pela injustiça daquele cenário.

— Devolve-nos o dinheiro e o fio.

Perante a sua resposta negativa e condescendente, quebrou-se o ténue fio que me prendia à racionalidade. Não me recordo das palavras exatas porque a sensação de impotência me levou numa espécie de transe. Devo ter-lhe dito o que pensava sobre a sua falta de respeito e narcisismo, mas foi quando aponte a sua incompetência e a alta probabilidade de o *web designer* lhe ficar com o dinheiro e não fazer *site* nenhum que ele avançou na minha direção. Gelei ao ver o seu rosto desfigurado pela cólera aproximar-se. Num gesto instintivo, curvei-me e protegi a cara.

Alegando que eu estava doida e que não me permitia aqueles comportamentos, agarrou-me nos braços e arrastou-me até à porta. Fiquei sem reação e não ofereci resistência enquanto ele me expulsava de minha casa, que eu arrendara e pagara rendas com mais ou menos dificuldades.

Despertei daquele estado anérgico depois de a porta se fechar e chamei pela minha mãe.

Ouvi-lhes as vozes abafadas pela porta que nos separava, até que a minha mãe, num tom alto e choroso, me pediu que fosse ter com o Pedro e voltasse quando «todos» estivéssemos mais calmos.

A Mariana exigiu que me deixassem entrar. Estava frio, eu nem sequer tinha casaco e tinha o direito de estar na minha casa. Temi pela Mariana e pela sua tomada de posição tão firme. Cedi de imediato antes que ela se pusesse em risco, assegurei-lhe de que preferia ir embora e pedi-lhe um casaco para a deixar descansada.

Recebi-o, assim como ao seu abraço, carregado de uma angústia que

nenhuma miúda de dezoito anos deveria sentir, garanti-lhe que ficaria bem com o Pedro e pedi-lhe que fosse para o quarto até a tempestade passar.

Assim que ela fechou a porta, caminhei a bater com os tacões das botas até à escada. Pouco depois, voltei para trás, ao de leve, para que ela não me ouvisse.

Encostei-me à parede no fim do nosso corredor e deixei-me escorregar, a cabeça a raspar na parede rugosa até o couro cabeludo me doer. Desejava por alguma dor física que me aplacasse a outra, mais insuportável.

Foi assim que o Sr. Nazeed me encontrou, com o casaco a fazer de manta nas minhas pernas fletidas. Franziu o sobrolho com uma expressão reprovadora e não me dirigiu o seu sorriso de vendedor, que nunca perdia mesmo quando eu lhe devia mais de cinquenta euros em mercearias.

— Que passa contigo?

Encolhi os ombros e mal o encarei, absorta no meu estado de derrota.

— Problemas.

— Vais dormir aí? No frio?

Sentia-me tão revoltada que perdera a capacidade de sentir frio. Pelo contrário, o meu corpo queimava em lume brando até aos ossos, e depois o medo. O medo cobria-me inteira, por mim e por elas.

O Sr. Nazeed continuava a olhar para mim, menos severo, mas alheio à minha autocomiseração.

— Chão duro.

Encolhi os ombros, numa constatação das verdades da minha existência.

— É mesmo assim, Sr. Nazeed. É duro, o chão, a vida...

O Sr. Nazeed abanou a cabeça num gesto desconcertado e seguiu para o seu apartamento, poupando-me a mais perguntas. No entanto, a minha solidão só durou o tempo de a mulher dele sair.

A Zaya parecia muito mais jovem do que o Sr. Nazeed, ou então eram os quilos a mais que lhe tornavam a face redonda como a de uma criança. Agachou-se à minha frente, com uma flexibilidade notável para alguém tão robusto, juntou as pontas dos dedos e levou-as aos lábios.

— *Food. Eat?* — Fiz um gesto de negação e agradeci em inglês, mas ela parecia determinada a levar-me dali. — *Sleep. Come with me.*

Voltei a recusar, e ela insistiu que não me deixaria a passar a noite no corredor. Se eu não fosse para sua casa, ela iria falar com a minha mãe.

Levantei-me e aceitei a sua hospitalidade, e depois o *haleem* com pão, só para não fazer a desfeita.

Passei a noite no quarto das duas filhas do Sr. Nazeed, no colchão

tripartido do filho mais novo, que ficou a dormir no sofá da sala.

Passei a noite em claro no quarto das filhas do Sr. Nazeed.

Não sei se é um mito o que o Pedro me disse, sobre os artistas precisarem de ter a alma torturada para criar, mas foi nessa noite que nasceu o esboço da minha primeira canção original. Escrevi-a ao pequeno-almoço, num quadrado de rolo de papel de cozinha, com um lápis que a Zaya me emprestou, ao mesmo tempo que me incitava a comer mais um *halwa poori* porque estava *very pale*.

Dediquei a canção ao meu pai e intitulei-a *Sem Medo*, porque acreditava no poder dos paradoxos.

Armistício podre

No dia seguinte, toquei à campainha e passei em silêncio pela minha mãe. Tomei banho e vesti a farda da Larabel em tempo recorde, e preparava-me para sair em passo de corrida quando ele me intercetou.

— Filha, eu agi mal, é certo, mas tu quebraste todas as regras do que se diz a um pai. E não foi só o conteúdo, mas a forma tresloucada como o disseste. A falta de respeito e consideração. Não sei com que tipo de pessoas andas a conviver, mas tens de te lembrar de que não foram esses os modos com que te criámos e controlar o teu mau génio. Qualquer outra pessoa teria tido uma reação como a minha, ou pior ainda.

Recuei três passos num sinal para que parasse.

— Não queres ouvir o pai?

Voltara ao modo herdeiro com educação britânica, protótipo da gentiliza e boa educação. Eu podia relembrá-lo dos «bons modos» em que me criara, mas era provável que o verniz do seu berço de ouro estalasse outra vez. Limitei-me a negar a intenção de o ouvir.

Ele olhou para a minha mãe, para que ela comprovasse a minha falta de educação e fez um trejeito de desalento, um pai inocente e rejeitado.

— Está bem, tu é que sabes.

Assenti, silenciosa, a inércia da minha mãe a magoar-me ainda mais do que as suas jogadas sórdidas.

A partir daí, demos início a um armistício podre. Se partilhávamos o mesmo espaço, o ar tornava-se viciado, mas ele nunca mais se aproximou de mim ou tentou estabelecer um diálogo. Eu também fiz a minha parte, silenciosa, esquivada e ausente. Uma estratégia temporária até que o eliminasse das nossas vidas.

Apesar de eu nunca a ter verbalizado, foi como se o Pedro depreendesse a minha decisão. Tornou-se ainda vez mais absorvente, multiplicou jantares, esvaziou gavetas e seções do roupeiro para eu guardar o que me apetecesse e saía mais cedo do Álibi quando eu trabalhava no dia seguinte.

Eu, ferida no meu orgulho de sem-abrigo funcional, repreendia-o por estar

a alterar os seus hábitos por minha causa, e pelo gracejo «é por mim, bicho, acabei de fazer 35 anos, estou a chegar àquela idade em que a partir da meia-noite só penso na minha cama», que não me fazia sentir melhor.

Também resisti quando ele me convidou para ir ao Algarve, de quinta-feira a domingo, no fim de semana do 1.º de Maio. Ia encontrar-se com uns investidores que ponderavam abrir um segundo Álibi em Vilamoura e insistiu para que eu o acompanhasse. Embora não me apetecesse passar um fim de semana em minha casa, aleguei que tinha a Larabel e a minha atuação de sábado.

— Essa questão nem se põe. — Puxou-me mais para si e encostou os lábios ao meu pescoço. — Tens uma data de folgas para gozar na Larabel. Vai estar bom tempo e eu estou a precisar de relaxar e apanhar sol. — Deu-me um beijo leve, e depois outro. — E tu também, que estás muito branquela. As pessoas de Braga nunca vão à praia? Aquele lugar um pouco longínquo com areia e mar? Gostava tanto que viesses comigo, eu ensinava-te a nadar.

Pedido assim, begueiro e suplicante, foi impossível recusar.

Informei a minha mãe na terça-feira ao fim da tarde e pedi-lhe para me emprestar uma camisa de seda, antevendo que o jantar de negócios poderia ser num restaurante demasiado chique para o meu guarda-roupa.

Ela alinhou três camisas para eu escolher em cima da minha cama e sentou-se, gabando a iniciativa do Pedro num tom comprometido.

Escolhi a camisa com o padrão de zebra e continuei a arranjar-me para irmos jantar ao restaurante do Tomás, que, assim como a Vicky, também viria connosco para Vilamoura.

— O teu pai vai devolver-te o dinheiro. Ele já tem um comprador para um dos carros, um senhor conhecido dele de Braga, que é dono de uma imobiliária.

Respondi com o desentusiasmo de quem pretende matar a conversa.

— Ótimo.

Não fui bem-sucedida, porque ela continuou, ao mesmo tempo que alisava os vincos na minha colcha.

— Só que ainda vai demorar uns dias a trazerem o carro da Alemanha.

Talvez tenha passado a escova no cabelo com uma intensidade superior ao normal, mas mantive a neutralidade.

— *Okay.*

— Até lá, estou assim um pouco apertada. Não temos nada em casa, ainda ontem a tua irmã se queixou...

Aconteceu antes do que eu previra. Não estava contente, mas não consegui

impedir-me de pensar que era bem feito que estivesse apertada, para aprender a não entregar o dinheiro que lhe confiei, dois meses de comida, de mão beijada ao esbanjador do seu marido pródigo.

— A Mariana passou na loja depois da escola. Dei-lhe dinheiro para almoçar fora com as amigas no feriado e no fim de semana, e também mais algum para ela comprar bolachas e aquelas barritas de cereais de que ela gosta.

Dera-lhe para muito mais do que isso. Esperava que a minha irmã fosse esperta e escondesse bem o dinheiro e os mantimentos.

— Ela também tem de comer comida normal, não pode andar só a alimentar-se a porcarias.

Cruzei os braços à sua frente, falsamente despreocupada.

— É só uns dias, até ele te devolver o dinheiro.

Ela assentiu, preparou-se para se levantar e eu desisti do cinismo. Por muito que me apetecesse castigá-la, não podia fazê-la passar fome.

— Como é que ele se sustentava antes de nos encontrar? Ele não tem dinheiro nenhum dele? Porque é que já não estava a fazer este negócio antes?

Ela mordeu os lábios, hesitante, em busca das palavras.

— Ele ficou devastado quando o deixámos. Tentou algumas coisas, mas tudo lhe correu mal porque não se conseguia focar e foi viver com a tua avó Natália. Ele disse-me que agora é tudo diferente, está motivado e completamente dedicado.

Fazia sentido, o duende ruim ter ido viver à custa da bruxa má. Apostaria o meu blusão de estimação em como a minha avó Natália só lhe dera comida e ele não tinha um tostão no bolso.

Vesti o casaco e dei-lhe um beijo de despedida.

— Amanhã dou-te dinheiro para ires ao supermercado. Espero que vás mesmo ao supermercado e não o desperdices outra vez.

A minha mãe levantou-se, a sua essência digna corrompida pelo nervosismo e a atrapalhação.

— Não me podes dar já hoje? Ainda descia até ao Sr. Nazeed e comprava legumes e queijo para fazer com macarrão. A Mariana adora.

Não podia, passara todo o conteúdo da minha carteira para a da Mariana e o resto estava na mesa da cabeceira do meu lado da cama do Pedro.

— Não. Já não tenho o meu dinheiro cá em casa. Agora guardo-o noutro sítio.

Arquejou como se tivesse sido atingida fisicamente e eu limitei-me a abrir as mãos ao lado do corpo, numa demonstração não verbal de como era óbvio

que aquela casa, outrora refúgio, deixara de ser um local seguro.

Vicky

Passar o fim de semana com a Vicky e o Tomás foram as tréguas de que eu precisava. Sobretudo pela Vicky, que eu adorava e me abraçou assim que chegámos ao hotel da praia da Falésia. «Meu amor! Foi tão bom conseguires vir.»

A Vicky usava «meu amor» como cumprimento habitual, e misturado com as maneiras engraçadas e o sorriso travesso de quem estava sempre preparada para festejar, nunca parecia forçado ou despropositado. A Vicky fez-me notar a falta que me faziam as minhas amigas, com quem cortara relações a fim de não ser encontrada.

Na primeira noite, antes de sairmos para jantar, levou-me ao seu quarto com uma desculpa esfarrapada, com o único intuito de me desenhar um esfumado perfeito nas pálpebras e de organizar o meu cabelo com uma escova eléctrica.

Foi muito bom receber os seus mimos, até que me perguntou pelos meus cuidados capilares e levou a mão ao peito, aterrorizada, como se Satanás tivesse saído do espelho, após me ouvir dizer a marca branca do meu champô.

— Ai, meu Deus, Francisca, não quero saber se gostas do cheiro! És uma criminosa e estás a assassinar o teu cabelo. Hoje já não estou em condições, mas vamos ter uma conversa muito séria sobre o sulfato laureto de sódio antes de este fim de semana acabar.

Pensei que o fosse fazer dois dias depois, no sábado à tarde, quando recusámos um passeio de barco com eles e os investidores para ficarmos na piscina.

Ela ao sol, uma deusa esguia e cheia de classe, de biquíni branco a contrastar com a pele morena e reluzente de um óleo com partículas douradas, o rosto protegido por um chapéu de abas largas de onde saíam os seus cabelos castanhos perfeitamente hidratados. Eu na espreguiçadeira do lado, mas à sombra, uma lula com manchas brancas do protetor solar fator 50, de carrapito e um boné da Mariana.

Levou o *mojito* até aos lábios e fitou-me, impaciente.

— Seja o que for que me queres dizer, avança. Já não aguento essa tua cara de «caso», prefiro uma daquelas corridas que me obrigavas a fazer até à paragem do metro.

Aproximei-me, conspiradora. Jamais estaria à altura de ocultar informação à astuciosa Vicky.

— Não sabia de ti e do Tomás. Nunca me apercebi de nada.

Apesar de não ter sido apanhada de surpresa pela pergunta, franziu o rosto como se o assunto fosse aborrecido.

— Não existe muito para saberes, somos amigos desde sempre e agora estamos numa fase colorida. O Tomás é muito divertido e as suas qualidades na cama são um bom motivo para vir dar um passeio ao Algarve. Não é a primeira vez que passamos por esta fase nos últimos tempos, nunca é nada sério, nem duradouro.

A sua constatação, tão pragmática, esfriou-me o entusiasmo com que a abordara.

— Vá lá, Francisca. Não sejas assim, que carinha de desilusão é essa? Já tens idade para saber que isso do romantismo acaba sempre num grande desastre e nunca corre bem. É uma tragédia à espera de acontecer. Quanto mais cedo aprenderes, melhor.

Tentei esconder o meu embaraço da implacável Vicky, reprovadora perante a minha ingenuidade.

— Pode ser que outras pessoas tenham uma ideia diferente, mas eu não tenho motivos para pensar de outra maneira. O Pedro já te deve ter contado a minha história. Olha para mim e para a Alice, o que os nossos amados nos fizeram. — Alterei a expressão perante a menção da Alice, porque ela se apressou a defendê-la. — A Alice pode ter sido «demasiado frontal» contigo porque estava com os copos, mas ela no fundo é boa pessoa. Era uma miúda superinteligente, tirava as melhores notas do curso na faculdade e depois casou com um príncipe encantado que se transformou num sapo merdoso. E o pior é que ela não o consegue deixar, apesar da vergonha e dos desgostos todos que ele lhe causa, e à filha também. Ninguém a compreende, nem o Pedro.

Eu também não compreendia, mas solidarizei-me um pouco com a Alice e acima de tudo com a filha, ao imaginar que talvez a minha mãe sofresse do mesmo mal que ela.

A «história» da Vicky era diferente. Apaixonou-se por um antigo colega de faculdade do Pedro, um jovem advogado com uma carreira em ascensão, cheio de energia e a quem toda a gente gabava a retórica e presença

carismática.

Estavam casados há dois anos e a Vicky vivia no modo *felizes para sempre*, quando, três dias depois do Natal, ele ficou em casa a rever um processo e ela aceitou fazer companhia à mãe, que precisava de trocar alguns presentes. As lojas estavam cheias e a Vicky só regressou a casa quase à hora de jantar, ligeiramente ressentida por ele não ter atendido o telemóvel e preparada para lhe dar um sermão sobre ele trabalhar aos fins de semana.

Encontrou-o onde o deixara, no escritório, tombado em cima das folhas do tal processo e de uma caixa de comprimidos para dormir. O marido morreu com uma *overdose* de uns comprimidos que ela nunca o vira tomar. Da mesma forma que nunca suspeitara que ele pudesse estar triste, ou deprimido, ou ansioso, ou frustrado. Aquele suicídio não só fora uma surpresa chocante e avassaladora, como uma traição, um abandono, uma prova de que ele nunca tivera consideração por ela, nem a via como alguém em quem pudesse confiar. Culpou-se por não ter visto os indícios que deveria ter visto, nunca o conhecera e jamais o entenderia. O marido fizera alguns investimentos que não resultaram bem, mas fora sugerido para *junior partner* na firma e as suas finanças estavam de boa saúde, ou pelo menos assim ele lho dissera, mas como também lhe assegurara que era muito feliz ao seu lado e jamais a deixaria, era difícil destrinçar o que fora real do que fora artifício.

A sogra lançou algumas luzes sobre o acontecido no velório, lembrando como o filho, durante a adolescência, passava longos períodos de cama durante as férias, numas crises de melancolia que os pais nunca valorizaram. A um primo, médico em Coimbra, também lhe custava a acreditar na tragédia ocorrida. Sentia-se culpado, ao confirmar que ele o enganara ao dizer-lhe que era seguido por um psiquiatra e lhe pedia renovações de receitas de medicamentos psiquiátricos. Ele não fizera nenhuma pergunta e limitara-se a passar-lhe os ansiolíticos, cuja ingestão exagerada e deliberada acabaria por ser a causa de morte que constava no resultado da autópsia.

Seis anos e dois grupos de «sobreviventes de trauma» depois, a Vicky recompusera-se do desgosto insuportável que recebeu nunca ultrapassar. Perdoara o marido e lamentava o sofrimento que sempre lhe ocultara, mas assumia-se morta para o amor romântico. Nunca mais voltaria a confiar o coração a nenhum homem.

— Achas que eu sou romântica?

Fitou-me com uma expressão matreira.

— Não sei, meu amor. Conta-me tu, és romântica?

Deixei-me contaminar pela sua franqueza e confessei-lhe os meus dilemas.

— O rapaz com quem perdi a virgindade disse-me que eu era o tipo de miúda que gosta de se divertir, mas não de assentar. E também me disse que eu devia aceitar isso, em vez de me zangar porque ele namorava há um ano e não me contou. Acho que depois tentei provar o contrário, e foi por isso que mantive uma relação longa com um rapaz muito querido de Braga, por quem já não me sentia muito apaixonada. Só quando ele quis casar comigo é que acabei o namoro. A seguir, quando vim para Lisboa, tive vários casos e nunca fiquei muito tempo com ninguém. Por isso, acho que se calhar não sou do tipo de assentar. Se o Pedro me tivesse conhecido há um ano, eu era uma pessoa muito diferente.

A Vicky ouviu-me atentamente e suspirou com um meneio teatral.

— Céus! Esse *traidorzeco* miserável não era ninguém para te pôr numa caixa. Tu és do tipo que te apetece. Há um ano, podias querer correr os tipos todos da tua rua e agora podes querer usar um cinto de castidade, tu é que decides! — Era impossível não a amar, com o seu discurso maternal pouco ortodoxo e sua mão no meu pulso, disposta a lutar até à morte pelo meu direito de ser uma púdica ou uma devassa. — Mas confia em mim, isso do amor e do assentar é um caminho que só traz sofrimento. É muito mais seguro ter relações abertas e sem compromissos, usufruis da companhia e de todos os prazeres, mas não dás poder para te desfazerem por dentro. Além disso, tens mais tempo e energia para te dedicares a outras coisas. Olha para mim, não perco tempo com romances e dedico-me a cem por cento à minha empresa de relações-públicas, Vicky Serra Martins Comunicação.

Felicitei-a pelo sucesso muito merecido, sentei-me na sua espreguiçadeira e desafiei-a.

— Achas que poderíamos fazer uma coisa só nós as duas? Melhor do que irmos àquele jantar deles na Quinta do Lago?

Tirou os óculos escuros e juntou os lábios num trejeito maroto.

— Hummm, que fofa. A Francisca quer desmarcar-se para fazer um programinha de meninas, mesmo acreditando no amor. Gosto desse espírito independente. Alinho, deixa-me beber outro *mojito* e a seguir vamos até à marina correr umas lojas.

Ir comprar roupa nas lojas da marina, ou noutras quaisquer, estava fora dos meus planos financeiros e de lazer.

— Tenho uma ideia muito melhor, tu bebes outro *mojito* e depois vamos as duas para Portimão ver o concerto de uma fadista nova de Barcelos, a Gisela João, que vai cantar no teatro municipal. Eu levo o carro do Pedro, que tem seguro contra todos.

Fez uma careta de aborrecimento e deduzi que jamais a convenceria, mas, meio *mojito* depois, ela acabou por ceder .

— Aiii, por favor. Ganhaste. Para com a pedinchice! Que mal terei eu feito a Deus?! Era tudo o que não me faltava, uma amiguinha chata, artista e anticonsumista. Eu vou, mas aviso-te já de que uma pessoa que acha que eu não tenho falta de mais biquínis é alguém de quem eu não preciso na minha vida.

Quando nos reencontrámos os quatro ao fim da noite num bar em Vilamoura, o Tomás também estava incrédulo com a minha façanha.

— Explica-me, Francisca, como é que convenceste esta peça a trocar um jantar no Gigi por um concerto de fado em Portimão? Drogaste-a com quê?

Declarei que jamais revelaria as minhas táticas e ela apontou para mim, o indicador macio com um anel de *design* e manicura francesa.

— Não se deixem enganar ao pensar que ela é tenrinha, esta miúda sabe-a toda e é cheia de recursos. Põe-se tipo cão fofo com olhinhos suplicantes, «vamos ouvir a Gisela João, é uma experiência que vai ficar contigo para sempre, a roupa estraga-se». — Fez uma pequena pausa para um revirar de olhos subtil. — Como se roupa de qualidade também não durasse para sempre. Enfim, fui uma presa ainda mais fácil do que os turistas que ela endrominava com a sua *mise en scène* de facas no cruzeiro. Por falar nisso, prometeste que me mostravas.

Perante o olhar intrigado do Pedro e do Tomás, pediu uma faca e passou-a para a mão. Expliquei-lhes a aposta e deixei-os boquiabertos com a rapidez com que a espetava entre os dedos, do polegar ao mindinho, em cima de um pequeno monte de guardanapos que usei para abafar o ruído.

O Tomás tentou imitar-me, mas na segunda volta, ainda que a uma velocidade muito mais lenta do que a minha, acertou em cheio no anelar. A Vicky gozou-o sem piedade e senti-me na obrigação de o defender.

— Até estavas a ir muito bem. Eu fartei-me de treinar e, mesmo assim, cortei-me algumas vezes. — Mostrei-lhes as pequenas cicatrizes brancas, uma entre o polegar e o indicador, outra no dedo médio e outra abaixo da unha no indicador. — Fui proibida porque uma cliente sueca fez um golpe entre o médio e o anelar. A coitada teve de levar pontos e ficou com as férias estragadas.

Perguntei-lhes se mais alguém queria experimentar, a Vicky lançou um «Deus me livre, minhas queridas mãozinhas» e o Pedro tirou-me a faca, pousou-a do seu lado, dando o assunto por encerrado, muito mais

circunspecto do que seria expectável, dado o clima de brincadeira.

Nessa mesma noite, estava quase a adormecer depois de usufruir da sua energia e habilidade, ele voltou ao mesmo registo sério.

Pegou na minha mão esquerda e examinou-a com minúcia à luz do candeeiro da sua mesa de cabeceira. Resisti, sonolenta, enquanto ele me rodava o indicador.

— Só fiquei com essas três marcas. Escusas de procurar mais.

Não me libertou a mão e encarou-me, reprovador.

— Não ficaste «só» com estas três marcas. Ficaste com todas estas três marcas.

Aproximou o rosto do meu e continuou num registo mais terno.

— Nunca mais faças nada assim, arriscares a magoar-te por dinheiro. Imagina que cortavas um nervo ou um tendão ou ficavas com alguma sequele?

Encolhi os ombros, ansiando para que ele desistisse do sermão.

— Se precisares de ajuda, vem ter comigo, independentemente do teu orgulho e de ahares que dás sempre conta de tudo sozinha. Eu quero-te bem, Francisca, de verdade. Também te quero, mas não é o mais importante, o mais importante é que estejas feliz. Adoro ouvir-te rir, mesmo que seja das piadas da Vicky em vez das minhas. — Fez uma pausa longa e concluiu no mesmo tom seguro. — Sim, acho que é isto o amor.

Beijou-me a testa ao de leve em jeito de conclusão, e eu queria ter-lhe dito que, ao contrário da Vicky, ainda acreditava no amor e que também o amava.

Braga

Assim que regressei a Lisboa, fui ao caderno onde tinha os números da minha vida anterior e liguei para a minha amiga Vera. Gritámos, chorámos e rimos à medida que recapitulávamos os últimos dois anos afastadas, a minha parte com algumas omissões dos momentos mais terríficos, a parte dela com um entusiasmo redobrado porque faltavam poucos meses para o seu casamento com o Vicente, meu primo em terceiro grau.

Passados seis dias, o Pedro deixou-me na Estação do Oriente para eu seguir em direção a Braga e aos meus velhos amigos, de quem eu me apartara de forma abrupta e sem nenhuma explicação, mas que me receberam com alegria e cumplicidade, como se na véspera tivéssemos dançado na Sardinha Biba até às seis da manhã.

Todos me pouparam a justificações, a Vera tinha preparado o terreno e explicado que aqueles atos de agressão *minor* que todos haviam presenciado de forma irregular eram uma ponta ínfima de um icebergue cada vez mais violento, até ao ponto insuportável em que a única alternativa foi desaparecermos sem deixar rasto.

Ninguém me fez perguntas difíceis, exceto o meu ex-namorado Tiago.

— Porque foste despedida do cruzeiro? O teu trabalho era só cantar, não era? Imagino que tivesse tudo para te correr bem?

Expliquei-lhe que a empresa era exploradora, não me pagavam horas extra e despediram-me devido a umas apostas com clientes.

O Tiago pestanejou, como sempre que não se sentia confortável ou algo não o convencia, mas deixou-me enterrar o assunto.

— A minha irmã Matilde está em engenharia do ambiente na Universidade do Minho, pode enturmar a Mariana quando ela entrar. Tu e a tu mãe também estão a pensar voltar?

Também era um assunto difícil, não me recordava de o Tiago ter aquele talento para inquéritos desconfortáveis.

— Não, eu não volto para Braga. — Percebi-lhe alguma decepção, mas não tanta como a minha, quando acrescentei. — A minha mãe ainda está a

decidir o que quer fazer.

Ele assentiu, com um sorriso resignado.

— Que pena, estava com esperança de que a Kikinha Genvellier regressasse para animar esta cidade.

Recordei as noites de euforia, regadas a muito álcool e com direito a várias loucuras. A Kikinha Genvellier era a alma das festas, especialista a mascarar mágoas e a trancá-las a sete chaves. Escondia-as com tamanha perfeição, que, durante algumas horas, até ela própria acreditava que não existiam.

— Se mudares de ideias, posso ajudar-te a conseguir algum emprego do género dos que tens em Lisboa ou noutra coisa que tu queiras. Nem tudo é mau por trabalhar na empresa do meu pai, fiz contactos e tenho alguns conhecimentos.

A empresa de consultadoria do pai do Tiago continuava de boa saúde apesar da crise, ao contrário da nossa, que implodira de vez sob o peso de dívidas. Não devia haver um único bem que pertencesse aos meus pais que estivesse livre de hipotecas ou sem data para ir a leilão.

O Tiago suspirou perante o meu silêncio e avançou a mão até ao meu ombro. A tatuagem tribal no braço esquerdo, que levava a sua mãe à beira de um colapso nervoso e condizia com a minha, ficava-lhe ainda melhor com a aparência menos pueril, o nariz reto e os olhos verdes compreensivos.

— Ainda tens a casa da tua avó Angelina, já lá passaste?

Sorri por um breve instante, grata por ele manter a capacidade de me ler os estados de espírito.

— Vou para lá amanhã de manhã. Ligávamos-lhe todas as semanas de um número privado. Ela nunca compreendeu a gravidade do que o meu pai nos fazia, nem aceitou o nosso desaparecimento. Estava sempre a perguntar-nos onde estávamos e a pedir-nos para voltarmos, nem sei como me irá receber.

Lançou-me um olhar encorajador, igual aos que me fazia para me convencer de que eu sobreviveria se fizesse *bungee jumping*, canoagem nos rápidos do rio Vez, escalada em rocha e todas as atividades radicais em que o acompanhei.

— Eu sei como é que ela te vai receber, feliz da vida e de braços abertos. Deve estar a contar os minutos e não pensa noutra coisa desde que lhe disseste que vinhas. E de certeza que fez aquele bolo de chocolate com calda de caramelo. Epá, tenho tantas saudades desse bolo! Posso ir contigo?

Assenti, porque a minha avó Angelina era grande admiradora do Tiago. Iria ser bom tê-lo presente para quebrar o gelo, e para eu não pensar em todas as vezes que lhe dei entender o que se passava na nossa casa e ela me acusou

de estar a ser exagerada e dramática. «Tens uma vida boa, Kika. Devias parar de te armar em artista sofredora porque isso não leva a lado nenhum.» Ela não acreditava que o genro fizesse coisas tão atroz, pelo que me aconselhou a deixar de minar a relação longa e estável, como já havia poucas, entre os meus queridos pais, que me faziam as vontades todas, incluindo estudar música moderna, uma coisa que estava destinada a gente pouco séria.

A minha avó Natália, que me deu duas bofetadas como castigo por eu me atrever a fazer insinuações sobre o carácter do seu filho mais novo, um homem honrado e um pouco temperamental, como todos os homens que se prezam, eu nunca mais queria ver.

Não sei quanto tempo a minha avó Angelina esteve no passeio à minha espera, porque o Tiago entrou na rua dez minutos antes da hora combinada e já ela lhe acenava, qual sentinela que não podia esperar o tempo que eu demoraria a subir ao segundo andar.

— Kikinha da avó, não posso acreditar! Obrigada, meu Bom Jesus e Minha Nossa Senhora da Conceição!

Deu-me tantos abraços quantos cabiam num dia inteiro, até o Tiago me levar ao comboio. Pelo meio, ligámos à Mariana e à minha mãe, que prometeram vir no fim de semana seguinte, e eu senti-me traidora por ter planeado uma fuga fracassada responsável pelos dois anos de afastamento. Pedi-lhe perdão, mas ela não queria saber de perdões, queria garantias, juradas e prometidas, seladas com cuspido de beijos repetidos, de que não voltaríamos a desaparecer.

Regressei a Lisboa carregada de bolos, doces, salgados, roupa para as três e dinheiro para a minha mãe, que provavelmente foi parar diretamente ao bolso do meu pai.

No entanto, em vez de as oferendas o deixarem feliz, ele mostrou-se ofendido. As notícias correram depressa e a minha avó Natália ligara, a vomitar insultos à lambisgoia da neta que não a foi ver, o que já provocara falatório em Braga e também poderia provocar um enfarte ao seu coração fraco.

Não justifiquei os meus motivos para ignorar a sua mãezinha que já não devia durar muito mais tempo.

— Já não te basta? Já não te basta? Queres o quê? Matar a minha mãe? O que é que a coitada da tua avó Natália, uma pobre viúva, fez de tão grave?

A minha mente desfazia-se em respostas silenciosas, e uma delas era que a própria filha não lhe falava desde que vivia em Angola. Acusava-a de ser uma

mãe cruel, com uma mente retorcida e mesquinha, que lhe batia com um cinto por coisas imprevisíveis, como comer um chocolate destinado aos irmãos. Os meus lábios mantiveram-se selados, a postura que mantinha desde o dia em que ele me expulsou da minha própria casa.

— Vais parar como isso de não falares? Queres que eu te ajude a falar?

Vi-o encaminhar-se na minha direção. A minha mãe gritou. O medo paralisou-me e preparei-me para o embate que não aconteceu. Ele parou abruptamente e virou-se para a parede. Bateu-lhe com a mão aberta, enquanto gritava.

— Tu não estás bem! És louca! E queres pôr-me louco a mim, à tua mãe e à tua irmã, mas eu não vou deixar! Ouviste bem?! Eu não vou deixar!

Recuperei o controlo dos movimentos, mas ainda tinha as mãos e as pernas a tremer quando me encaminhei para o quarto, as batidas desesperadas do coração a socarem-me a garganta.

Sentei-me na cama e entoei frases, repetidas como uma oração, a única coisa que me separou do choro incoercível e do desabamento.

Vou arranjar maneira de nos livrar dele. Já o fiz, vou voltar a fazê-lo. Vou arranjar maneira de nos livrar dele. Já o fiz, vou voltar a fazê-lo. Vou arranjar maneira de nos livrar dele.

Melita

Nos dias que se seguiram, trocava mensagens com a Mariana antes de entrar em casa, perguntava-lhe se ele estava e, em caso afirmativo, passava diretamente da porta da rua para o nosso quarto, onde a minha mãe aparecia com discursos sobre esforços de paz em que só ela acreditava.

Nesse dia, o Pedro insistira em levar-me a um jantar na casa de um tio e eu queria causar boa impressão.

— Não estejas nervosa, filha. Estás linda.

— Não estou nervosa — respondi enquanto tentava criar ordem na minha cabeleira.

Em parte, era verdade, eu não estava mais nervosa do que o meu estado habitual, porque não havia nenhum sítio onde estivesse mais em tensão do que dentro de uma casa onde o meu pai também estivesse. Sentia-me em perigo. Uma sensação que me acompanhava desde tenra idade, de base constante e pico de intensidade variável de acordo com o tempo passado desde o incidente mais recente.

Ela também se deveria sentir da mesma forma, por muito que tentasse acreditar que as «coisas estavam diferentes» e se recusasse a admitir que lhe estavam destinados maus-tratos, se continuasse por aquele caminho.

Ajeitei o corpete do vestido comprido e saí de casa a correr para evitar cruzar-me com o meu pai.

Depois de ele voltar, quando fechava a porta da minha casa e me libertava das suas quatro paredes, obrigava-me a esquecer a disfunção doentia que nelas habitava, como se as diferentes esferas da minha vida fossem compartimentos estanques e impermeáveis.

Aprendera a fazê-lo na adolescência e não lhe perdera o jeito, era tão fácil como andar numa bicicleta com o guiador desalinhado por uma encosta pedregosa que acabava numa ribanceira.

— Vieste de vestido, bicho?

Fechei a porta do carro. Inspirei fundo e saboreei o cheiro familiar do seu *aftershave*. O beijo terno nos lábios trouxe-me definitivamente para aquela

dimensão.

Eu podia viver assim durante mais algum tempo, e, apesar de não ser a primeira vez que o fazia, na minha mente esperançada, seria a última. Expeli a ideia para o seu território mental e evidenciei o tecido sedoso cor de beringela.

— Achei adequado para o jantar do teu tio. É da Vicky, um amigo colorido dela tem um fetiche com o Dia dos Mortos do México e ofereceu-lhe. Ela não é fã deste modelo inspirado na Catrina, mas achou que era a minha cara.

Fez uma expressão trocista.

— Não quero saber das taras dos amigos da Vicky. Por favor, poupa-me. Pensei que não gostavas de vestidos.

— Tu és como as calças.

Soltou uma gargalhada alta, um som que tornava o ar ainda mais prazeroso de respirar.

— Para uma cantora que anseia escrever as suas próprias letras, essa foi a frase menos inspirada de sempre, tens de melhorar muito as tuas figuras de estilo. Pede ajuda à tua mãe.

Ele ainda se ria baixinho quando me justifiquei.

— Eram regras minhas e posso mudá-las. Convenci-me de que, se estivesse de calças, seria mais difícil alguém despir-me contra minha vontade. O que é estúpido. As violações acontecem por causa dos violadores, não acontecem por se usar vestidos, mas todas as sobreviventes têm tendência a assumir uma parte da responsabilidade, foi o Alex que me disse. As calças faziam-me sentir em segurança, mas, como hoje vou estar contigo e já sei estas coisas todas, posso usar um vestido comprido.

Retirou a mão das mudanças, entrelaçou-a na minha e pousou-a no meu colo. Pela forma como mordida o lábio inferior, soube que a minha explicação o satisfizera.

— Retiro tudo o que disse. É uma frase linda. — Fez pressão com as nossas mãos no meio das minhas pernas antes de continuar, provocador e boémio. — E se for possível acumular funções, também queria ser como esta outra pequena peça de vestuário triangular. — Foi a minha vez de rir. Antes que os meus pensamentos se prendessem em areias pantanosas, ele resgatava-os com o seu talento para gargalhadas inesperadas. — Gosto muito desse lugar.

Foi subtil, mas a disposição do Pedro alterou-se assim que transpusemos a entrada do apartamento no sexto andar da Rua Castilho. Ele disfarçava-o, mas para mim era evidente a tensão nas suas feições e a falta de

espontaneidade no som das palavras.

Os tios dele foram muito simpáticos e a mãe também se mostrou sempre atenciosa comigo, mas aquela apreensão latente do Pedro contaminou-me.

A mãe dele também a parecia sentir, porque interagiam de uma forma pouco familiar, quase forçada, como se houvesse um acordo frágil entre os dois, uma barreira que receavam atravessar.

A forma como ele perdeu a disposição que lhe era tão característica deu-me a certeza de que aquelas pessoas deviam tê-lo magoado muito, o que me levou a pensar se não me teria levado com o intuito de as desagradar.

Vê-lo afastar-se do seu registo confiante, apesar da aparente tranquilidade, deixou-me num estado de alerta que me fez recusar todas as bebidas que me foram oferecidas. Não podia correr o risco de perder o controlo e atacar a família dele. O problema era que, mesmo sóbria, a minha capacidade para asneirar era infinita.

Uma senhora mais velha aproximou-se, estendeu a face para que o Pedro a beijassem e fez sinal na minha direção, como se a minha presença lhe devesse explicações.

— Amélia, apresento-lhe a Francisca, a minha namorada.

A senhora pareceu-me uma personificação de charme, de sapatos altos, cabelo grisalho sem um fio fora do lugar, a saia branca abaixo do joelho e a camisa com padrão floral. Contudo, o estilo irrepreensível não a impedia de me olhar com uma expressão avaliadora e fazer perguntas que os defensores das boas maneiras poderiam considerar indiscretas.

— Que idade tem, Francisca? Vinte aninhos?

O Pedro engoliu em seco e ocultou o desconforto que a pergunta lhe causou. Ele já me parecia enervado antes, mas ela ainda conseguira tocar num dos raros assuntos que o incomodavam. Sempre que eu mencionava a nossa diferença de idades, ele desviava o assunto, mas nunca ficara tão tenso como com a insinuação daquela idosa, a irradiar pretensão por todos os poros.

Na minha falta de discernimento, decidi fazer-lhe o mesmo que ele me fazia a mim, arrancar-lhe uma gargalhada perante o mais intenso nervosismo.

— Ainda não, mas já tenho o período há dois anos e deixei de brincar com bonecas há três.

Funcionou, porque ele riu alto e a senhora Amélia franziu os lábios, para logo a seguir se entusiasmar com um convidado acabado de chegar e nos deixar em paz.

O Pedro passou-me o braço à volta da cintura e fomos até ao terraço, onde começavam a servir as entradas.

— Deixaste a Melita sem palavras, algo raro de acontecer.

Fiz uma careta maléfica e justifiquei o feito, do qual ingenuamente ainda me orgulhava.

— Sete meses num cruzeiro, reconheço em segundos uma cabra chique e endinheirada que se acha no direito de dizer tudo o que lhe apetece.

Ele voltou a rir, mas quase em segredo, assim como o comentário seguinte.

— Pois consegues, essa é a definição perfeita da minha avó.

Gemi e engasguei-me, fazendo com que uma parte da tosta que tinha na boca acabasse no chão.

— Que grande trengo! Era a tua avó e não me dizes nada? Tratas a tua avó pelo nome? Isso é assim aqui em Lisboa, não lhes chamas avó?

Fiquei em ânsias e com vontade de o estrangular, o que lhe provocou a reação inversa, tornou-se calmo e muito divertido.

— Não, do que me lembro, os meus amigos tratavam as avós por avó. A Amélia é que não se sentia preparada para ser tratada por avó aos cinquenta anos e decidiu que eu tinha de lhe chamar Amélia ou Melita. Ser chamada de avó poderia fazer com que futuros maridos se afastassem e poderia perder boas oportunidades para se tornar ainda mais endinheirada.

Não reprimi um sorriso aprovador e ele questionou-me com o olhar.

— Isto é bom, porque eu pensava que só a minha família é que era disfuncional. Ainda te ganho por muitos pontos, mas saber estes pormenores é engraçado, o que não teve graça nenhuma foi teres-me deixado armar-me em chica-esperta com a tua avó! — Ainda por cima, ela fora a única pessoa que o apoiara, ainda que apenas financeiramente. — Vou ter de resolver isso!

Tentei reparar as minhas ações a seguir ao jantar. Deixei o Pedro na sala a explicar os investimentos que fazia na bolsa e persegui a avó Amélia até ao terraço. Aproximei-me, hesitante, a amiga com quem ela ia fumar depreendeu que eu desejava um momento a sós e deu-nos privacidade.

— Tenho 25 anos, vou fazer 26 em outubro. Desculpe aquela resposta tonta quando nos conhecemos. Foi uma brincadeira, não sabia que era a avó do Pedro, ele não me disse.

Ela abriu a sua lata de cigarrilhas, tirou uma para si num gesto elegante e perguntou-me se lhe fazia companhia. Esbocei um gesto de negação tosco, ansiosa pela sua reação.

— Não se preocupe com isso, até é refrescante conhecer alguém que não me quer agradar, além do meu neto Pedro, claro, que gosta de me chamar Amélia para me castigar dos tempos em que não o deixava gritar «avó» de dois em dois minutos quando estávamos de férias na Quinta do Lago. Aposto

que ele lhe disse que eu tinha medo de afastar pretendentes, mas não era, eu marimbava-me para os pretendentes, até os tinha a mais. Era por mim, estava demasiado apegada à minha *persona* de jovem e beldade, não estava preparada para abdicar dela e não combinava com ser «avó». O passar do tempo é cruel para as mulheres e ninguém nos oprime tanto como nós próprias. Naquela altura, ser avó era equivalente a ser uma velhinha de cabelos brancos, abdicar de determinadas peças de roupa e usar mocassins. Enfim, envelhecer é péssimo, não sei se já lhe disseram, se não, fica a saber por mim.

— Claro. E não é que eu não lhe queira agradar. Eu quero agradar-lhe. Só achei que estava a ser um pouco intrusiva. — Expirei, enervada com a minha falta de habilidade verbal e acrescenteí depressa. — Mas agora que sei que é avó dele, claro que está no seu direito de perguntar. Só respondi assim porque o Pedro fica desconfortável quando se menciona a nossa diferença de idades.

Expirou o fumo da cigarrilha e perscrutou-me com um olhar estudioso, muito semelhante ao do neto.

— De verdade? O meu neto fica desconfortável e estava a protegê-lo? É uma protetora, portanto. Por acaso tem ar disso, e a si? Quem é que a vai proteger?

Encolhi os ombros, melhor ou pior, sempre dependera de mim para me defender e nunca imaginei que mais ninguém me protegeria.

— Talvez não precise, tendo em conta que é a primeira mulher que ele traz a um encontro familiar pós-Mafalda. Já ouviu falar na Mafalda? — Perante o meu discreto assentir, notei-lhe uma faísca de regozijo que lhe dava um toque juvenil às maneiras requintadas. — Ela deve estar toda roída e a tirar-lhe as medidas de cima abaixo, consta que ela sempre achou que tinha o meu Pedro de reserva e parece que o casamento dela com o Sebastião não anda na melhor fase. Cá se fazem, cá se pagam...

Enquanto ela voltava a levar a cigarrilha aos lábios, repeti três vezes para mim própria: *não perguntas, não perguntas, não perguntas*.

— Pode dizer-me onde é que ela está? A Mafalda?

Franziu o sobrolho, mas não me pareceu zangada com a pergunta.

— Então? Passei de intrusiva a informadora? Assim tão depressa?

Evitei o gesto de levar o polegar à boca, aquele não era o momento de roer peles.

— Tem razão. Deixe estar, era só por curiosidade e não é importante.

Fez-me sinal para que a seguisse até um recanto do terraço onde tínhamos mais privacidade e a maioria das pessoas na sala não nos podia ver.

— Uma informação em troca de outra informação. Primeiro, conte-me

como conheceu o meu neto e porque é que ele fica nervoso quando se menciona a diferença de idades. Nove anos não me parece nada de especial. Eu tinha onze anos a menos do que o meu segundo marido. Não correu muito bem, mas correu ainda pior com os outros dois, que eram mais próximos da minha idade, daí que não me pareça um fator importante.

À sua maneira, desencorajadora e cética, a avó Amélia também era uma lufada de ar fresco para mim. Apeguei-me a ela por instinto, de segurança e afinidade.

— Conhecemo-nos porque sou cantora e ele me contratou para atuar no Álibi. Ele nunca me disse porque fica nervoso quando se menciona a nossa diferença de idades, sempre que lhe pergunto, muda de assunto, talvez seja porque tem medo de que me julguem ou achem que estou com ele por interesse.

Ri-me perante a possibilidade e também de nervosismo, a avó Amélia era uma interlocutora que me intimidava.

— Porque se ri? É cantora no bar dele, mesmo que fossem da mesma idade, qualquer pessoa poderia pensar que é uma interesseira.

Virei o olhar para o apreciar através das vidraças do terraço, provavelmente dissertava sobre jogar na bolsa e eu imaginei-o a jogar outros jogos, cheio daquela sua energia vibrante que parecia inesgotável. Não reprimi um pequeno suspiro de antecipação e elucidei-a num registo conspiratório.

— Porque o seu neto é.... Enfim, basta olhar para ele e vê-se. Não sei se já lhe disseram, se não, fica a saber por mim.

A Melita expirou o fumo e esboçou um esgar de tédio.

— Estou a ver. Aproveitem, que esse entusiasmo todo só dura uns dois anos, três, no máximo, se tiverem muita sorte. — Fez uma pequena pausa e voltou ao registo inquisidor. Ela iria cobrar-me caro pela informação de quem era a Mafalda, que, entretanto, para mim, se tornara secundária. A avó Melita parecia-me muito mais interessante. — Que tipo de cantora é que é? Sempre quis ser cantora? É um *part-time*? Andou nalgum conservatório?

Desejei que também ela se apegasse a mim e talvez tenha trocado a minha diva de infância. A Elis Regina iria perdoar-me.

— Andei no Conservatório de Braga e tirei a licenciatura em música na Universidade do Minho. Quero ser cantora desde que ouvia a Edith Piaf a cantar na aparelhagem da minha avó.

Sobrestimei-me muito, ao julgar que a podia enganar.

— Não seja mentirosa. Está a dizer isso só para me agradar, porque eu

tenho idade e classe para gostar da Edith Piaf.

Sublinhou «classe» e eu não a pude desmentir por palavras faladas, mas dei o meu melhor nas palavras francesas cantadas, confiante de que uma breve interpretação a conquistasse.

— Apaixonei-me pela música por causa da Elis Regina, mas também gosto muito da Edith Piaf.

Non, rien de rien

Non, je ne regrette rien

Ni le bien qu'on m'a fait

Ni le mal, tout ça m'est bien égal!

Ela deu uma pequena gargalhada, surpreendida por eu desatar a cantar a meio da conversa, mas o nervosismo dificultava-me a fala e facilitava-me o canto.

— Certo, agora é a minha vez. A Mafalda tem o cabelo apanhado e um vestido verde-água. Está de pé em frente à cunhada, a morena de cabelos curtos com o vestido azul.

Fiquei em silêncio a apreciar a Mafalda, detentora de uma figura digna de uma modelo.

— Na verdade, tirando a parte de se fazer de vítima e de o acusar de ser frio e insensível, e de toda a gente da família ter ficado do lado dela, a Mafalda fez um favor ao meu neto. Eles não tinham nada que ver um com o outro, o meu Pedro é um sonhador que não ia ser feliz como advogado e ela é uma aristocrata desinteressante.

Era-me impossível não sorrir perante a última constatação, mas a avó Amélia não me respondeu.

— A menina ainda não sabe ao que veio, mas parece-me uma força da natureza, vamos ver se desta vez o meu neto se sai melhor. Demorou dez anos a escolher, não se pode dizer que se tenha precipitado.

Encolheu os ombros, satisfeita com a sua piada, enfiou o braço no meu e voltámos para a festa.

Quando chegámos a casa do Pedro, libertei-me das sandálias e imitei a pose interrogadora da Melita.

— Porque querias tanto levar-me a este jantar? Querias irritar a tua mãe, por eu ser mais nova e cantora no teu clube?

Não me importava se ele o tivesse feito com esse objetivo. Pensei no meu

próprio pai, em como também teria vontade de o castigar e, acima de tudo, de o envergonhar em frente a todos os seus amigos que ele tanto prezava e que não faziam ideia da pessoa que ele era. As famílias eram organismos complexos e impuros, fonte de ressentimento e desejo de vingança. Eu podia compreender se fora esse o objetivo, só queria saber a verdade.

— Claro que não foi para irritar a minha família! — Lançou-me um olhar incrédulo, como se a minha veia perversa acabasse de ultrapassar mais um limite. — Lembras-te de cada coisa! Quis levar-te porque não queria passar esta noite sem ti, mesmo que o programa não fosse muito apetecível. Desde que me lembro, sempre gostei de estar sozinho: velejar, ler, jogar, ir a este tipo de convívios sem acompanhante. Acho que tu me deste cabo disso.

Fiquei muito mais feliz do que demonstrei, tudo indicava que, afinal, eu não estava à mercê de um homem traumatizado e que perdera «capacidades».

— Ainda bem que não os querias irritar, porque acho que a tua família gostou de mim, até a tua avó Amélia, mesmo depois do meu grande disparate quando nos apresentaste.

Puxou-me para si, brincalhão e meigo na proporção perfeita.

— Eu reparei, vi-vos a entrar na sala de braço dado. Um bicho reconhece logo outro bicho.

A inevitabilidade

Quebrei a minha promessa interna de o evitar a qualquer custo.

Sabia que ele estava na sala, ouvira-o entrar enquanto me preparava para ir jantar com o Pedro, a Vicky e o Tomás.

Recebi a mensagem do Pedro a dizer que estacionara e saí do quarto em passo de corrida, mas a forma bizarra como os três se aglomeravam no sofá fez-me abrandar.

O meu pai bufava, irritado, e elas mantinham-se em silêncio, atentas ao telemóvel da Mariana.

A primeira coisa que me ocorreu foi que alguém da escola tivesse feito um vídeo maldoso a humilhá-la, foi por isso que parei atrás deles e tentei perceber o que estavam a ver. Não era um vídeo, era uma página na *internet*, muito básica, sem mais nada além de três imagens de carros.

O meu pai insistia num botão que devia abrir as características de um carro e, de todas as vezes que clicava nele, aparecia «*error, page not found*». A página do Stand Cunha Duarte era o trabalho de alguém que não sabia, ou não quisera, inserir *links*.

A minha mãe tentou camuflar o que era óbvio.

— Se calhar, ainda não está terminado. Fala com ele e diz-lhe que tem de o acabar.

O meu pai levantou-se de rompante, ao mesmo tempo que sacudia a tentativa de apaziguamento.

— Estou farto de lhe ligar! Tem o telemóvel desligado há mais de uma semana.

A Mariana continuava no telemóvel, a andar para cima e para baixo naquele *site* primário e incompleto, o que fez com que o meu olhar se mantivesse atento ao ecrã do seu telemóvel, cometendo o erro de não me aperceber de que o meu pai contornara o sofá.

— O que é que foi? Para onde é que estás a olhar? Agora os meus assuntos já te interessam, é?

Não havia resposta certa. Ele estava prestes a dar largas à sua raiva e nada

do que eu pudesse dizer a aplacaria. A minha mãe também o sabia, pela expressão sofrida ao posicionar-se atrás dele.

Fui tomada pela reação primitiva ao medo, senti o suor formar-se na nuca e a pulsação descontrolada, mas não fugi nem lutei. Talvez porque, quando somos ameaçados pela pessoa que nos devia proteger, algo contra natura, o nosso cérebro entra em curto-circuito.

Paralisei, como a gazela que cai como morta, em vez de correr à frente do leão.

Vários puxões fortes na gola da minha camisa.

— Estás contente agora? Era o que querias, não era? Que tudo me corresse mal?

Também não havia resposta certa, mas ouvi a minha mãe suplicar-lhe que parasse porque eu não estava contente e a Mariana a garantir-lhe que eu não queria que nada lhe corresse mal.

Fiz pressão no seu pulso para que me soltasse e pedi à Mariana que se fosse embora.

Ele soltou-me a gola da camisa para se agarrar ao meu pescoço.

— A Mariana não se vai embora porque o meu problema não é com a Mariana, é contigo! Tu agoiraste-me este negócio! Foste tu! Tu é que me agoiraste!

Não fora agoiro. Eu apenas previra o mesmo padrão desastroso de sempre. O meu pai acreditava em toda a classe de vigaristas, esperando que dinheiro fácil lhe caísse do céu, e era tão preguiçoso que nem sequer se dera ao trabalho de confirmar a autoria dos *sites* que o tipo lhe mostrara. Aquele era o primeiro *site* que o *web designer* fazia, a não ser que já tivesse enganado mais alguém.

A pressão da mão no meu pescoço magoava-me, mas a humilhação e a revolta causavam-me uma aflição maior, que me consumia e me provocava uma dor interna aguda. Foi mesmo daí, da minha mágoa interior, que me saiu um urro mudo devido à compressão na traqueia.

Talvez tenha sido por isso, ou porque a minha mãe lhe segurava na mão e repetia que ele lhe jurara que mudara, que ele me soltou.

Corri até à porta e desci os degraus dois a dois, mas parei assim que cheguei à entrada. Enchi o peito de ar e tentei controlar-me a partir do momento em que o Pedro me poderia ver.

Não fui bem-sucedida a trocar de esfera de realidade, porque, em vez de me esperar dentro do carro como habitual, o Pedro saiu ao meu encontro.

— O que é que aconteceu?

Balbuciei um «nada», esquivei-me dos seus braços e sentei-me de forma atabalhoada no lugar do passageiro.

Ele não ligou o carro, ignorou as minhas confirmações de que estava bem e os meus avisos de que iríamos chegar atrasados. Olhou-me como se me trespassasse, ou como se adivinhasse o que acabara de acontecer.

— Estás a sangrar do pescoço.

Levei a mão direita ao decote, senti a humidade e confirmei o que já sabia ao ver os dedos tingidos de vermelho. Puxei a pala do assento ao lado do condutor para baixo e dirigi o espelho para mim.

Não percebera que, quando a mão do meu pai passou da gola para o meu pescoço, arrastara a peça de metal em forma de quarto crescente do meu colar. Devia ter-me perfurado a pele e apanhado um vaso sanguíneo, tendo em conta a linha escarlate que se transformava numa mancha na minha camisa.

Tirei um lenço de papel da mala, comprimi a ferida e pedi-lhe para irmos embora.

Ele telefonou ao Tomás para lhe dizer que surgira um imprevisto e não poderíamos ir. A seguir, encarou-me com uma expressão fechada, que me desgostava muito, porque a última coisa que pretendia era ser objeto da sua pena.

— Vamos embora daqui, sim, mas para o Hospital de São José, e depois para a esquadra. Tens de fazer queixa.

Assegurei-lhe de que não iria a nenhum desses lugares e que ele não me podia obrigar. Assim que parasse o carro em S. José, eu começaria a correr até ele deixar de me ver. Foi um longo braço de ferro, sobretudo para alguém que estava em pós-crise, como eu, mas ele acabou por ceder, sob protesto e muito contrariado. No caminho para sua casa, não aguentei mais tanta reprovação.

— Sabes quantos processos de violência doméstica acabam em condenação em Portugal? Não? Eu digo-te: sete por cento.

Fez uma careta de desconfiança e um gesto de negação.

— É impossível que sejam tão poucos. Onde é que foste buscar essa ideia?

— Disse-me o agente Alex. São os números oficiais. É a realidade de Portugal, milhares de casos, raras condenações.

Encheu o peito de ar e expirou lentamente, como se procurasse acalmar-se, porque me falou numa cadência demasiado lenta.

— Não podes viver assim.

— Eu sei. Não te preocupes, eu vou resolver isto.

Não acrescentei mais nada porque ainda não decidira o que fazer e ele também se remeteu ao silêncio.

As tréguas só duraram o tempo de chegarmos a casa e o Pedro fazer-me um penso. A sua insistência cansava-me e angustiava-me, porque eu não lhe podia apresentar um plano que ainda não estava elaborado.

— Até julho, a minha irmã precisa de estabilidade para acabar o décimo segundo ano e repetir a específica de biologia. O objetivo é ela entrar na Universidade do Minho em setembro e ir para casa da avó Angelina ou para uma residência universitária. Ela já sabe os valores e eu consigo pagar. Preciso que ela mantenha a nota a todas as disciplinas e tire catorze a biologia. Não lhe vou tirar o tapete, não vou armar confusão, deixar de pagar a renda ou a comida e deixá-lo irritado. Ele vai fazer mais do mesmo e desgastrar a miúda. Depois de a situação da Mariana estar resolvida, vou arranjar maneira de nos livrarmos dele, a mim e à minha mãe. Não queria voltar a desaparecer, é primeira saída que me ocorre e a que usei antes, porque gosto da minha vida aqui em Lisboa, mas até lá tenho tempo para pensar numa solução.

Lancei-lhe um sorriso triste, na esperança de que se contentasse que a vida que eu gostava em Lisboa o incluía e parasse de me atormentar.

— Então, e se ficasses cá em casa enquanto pensas nessa solução? Continuas a pagar-lhes a renda e a comida, mas vens viver comigo. Não podemos arriscar que ele te bata outra vez.

O uso do verbo bater atingiu-me como um balde de água fria. Tal como a ex do Gonçalo, que menosprezei em pensamentos, se recusava a ser pobre, eu recusava-me a ser uma vítima de violência doméstica. E apesar de ser exatamente o eu que era, lutaria com todas as minhas forças contra quem se referisse a mim como tal. O meu orgulho tosco jamais aceitaria que eu me tornasse oficialmente numa refugiada em sua casa.

— Não. Eu preciso de me manter lá em casa. — Além disso, sentia que as nossas relações haviam mudado e que a minha mãe estaria mais protegida se eu fizesse parte do agregado. Eu passara a ser a primeira pessoa contra quem ele se virava no destempero. Se eu saísse, voltaria a ser a minha mãe. Relembrei-me da sua cabeça a passar a dez centímetros do primeiro degrau da escada, o meu corpo contraiu-se e imaginei-a sem vida. Branca e fria num caixão, como o meu avô. A Mariana um espectro de preto, inconsolável. A culpa seria minha se as abandonasse naquele momento.

Era preferível ficar e suportá-lo o tempo que demorasse a elaborar outro plano a correr o risco de viver num arrependimento insuportável para o resto da vida. Não teria cara para olhar para a minha irmã, se, depois de tudo o

que ela suportara, eu me escapasse na primeira adversidade e deixasse a nossa mãe à mercê do que ele lhe poderia fazer.

A mão do meu pai no meu pescoço não era tão assustadora como as minhas recordações, ela a ser arrastada pelos cabelos e aquela queda que me acelerava o pulso de cada vez que a evocava.

— Não te sei explicar bem, Pedro, é muito complicado, mas não vou fugir e deixá-lo ficar com elas na minha casa.

O Pedro perdeu toda a compostura de uma vez só. Falou-me enervado e com as mãos a segurarem-me os ombros.

— Por favor, Francisca. O que é que interessa se ele fica com a casa até setembro! Isto que aconteceu hoje é inadmissível! Não vou deixar que te sujeites a maus-tratos! Eu vou falar com o teu pai. Vou dizer-lhe que vens para cá e, se ele se atrever a tocar na tua mãe ou na tua irmã, é a mim que vai ter de prestar contas e sou eu quem vai apresentar queixa!

Esforçava-me para me manter razoavelmente calma, até aquela atitude súbita de salvador me desnortear. Passei de um estado de ebulição interna para o descontrolo total.

Eu não precisava que ninguém me salvasse, eu salvar-me-ia a mim própria, à minha irmã e à minha mãe. Eu ia levar o Luís Miguel para a cadeia. Eu lutaria contra tudo e todos, menos contra a vergonha e o estigma de ser maltratada pelo meu próprio pai.

Levantei-me ao mesmo tempo que sentia a parte racional do meu cérebro a desligar-se, deixando-me a braços com a minha parte desvairada, fúria e repugnância, pela minha situação, por mim e por ele. Cuspi-lhe as palavras como se fosse ele o culpado.

— Vais falar com o meu pai?! O que é que te deu?! Decidiste armar-te em cavaleiro-salvador? E depois de me salvares dele, como é que vai ser? Quem é que me vai salvar de ti, quando eu ficar à tua guarda? Quem? Quem é que vai ser o meu próximo salvador? E o outro a seguir? Avisa-me já para eu saber!

Ele também se levantou, recomposto, a antítese do meu descontrolo.

— Sabes muito bem que não vais precisar de te salvar de mim.

Fingi uma gargalhada, supostamente sarcástica, mas que soou malvada.

— AHAHA! Claro que agora não preciso. Achas que o meu pai começou a bater na minha mãe enquanto namoravam? Claro que não! Só quando já eram casados e ela estava grávida de mim, empurrou-a para cima da cama e a seguir garantiu-lhe que não voltaria a acontecer! Agora ainda estamos numa fase boa, mas e mais à frente, quando eu te contrariar?

Cruzou os braços num gesto descontente e respondeu-me num tom a

condizer.

— Tu contrarias-me sempre que te apetece. Inclusive neste momento, em que te estou a pedir que venhas viver comigo e não voltes para casa com o teu pai.

A casa era minha, era eu que a pagava com o meu trabalho. Recusava-me a deixar o meu pai destruir o pouco que eu construíra e recusava-me a que o Pedro insistisse em fazer de mim uma miserável sem-abrigo.

Aproximei-me mais, ávida por confronto e erupção.

— E se eu te desrespeitar? Ou se me encontrares na cama com outro?

— Já me aconteceu, não foi exatamente na cama, mas para o efeito é igual. Que eu me lembre, não bati em ninguém. Até fui considerado uma pessoa fria e sem sentimentos por causa disso.

As suas respostas diretas e racionais atiçavam-me ainda mais aquela parte sedenta de destruição. Avancei em direção ao louceiro.

— Porque tu és um calculista e só gostas de jogar. — Empurrei a maleta de onde ele tirara as fichas na nossa noite de *poker*, fazendo cair uma bússola que fora do pai. — E agora? Se calhar agora já achas que mereço levar uma chapada!?

Puxou-me pelos braços e eu deixei-me levar, ofegante e destruída por dentro, as lágrimas percorriam-me a cara, gordas, carregadas de revolta e destempero.

— já chega.

Gritou-me como nunca o ouvira gritar antes, num tom alto e autoritário que reverberou nas paredes.

Não me ameaçou, nem insultou, mas as suas mãos cingiam-me os pulsos ao ponto de me fazer ter a certeza que não as libertaria enquanto eu não me controlasse.

— vais parar com isto. agora.

Parei. A minha fúria cega, motor de todo aquele destempero, recolheu-se ao esconderijo, só sobrava a outra parte de mim, a braços com a justificação.

— Tu não percebes.

— Não percebo, e provavelmente nunca vou perceber porque não passei por nada assim, mas não é a partires-me a casa que me vais fazer entender. Estás a testar-me? Ou queres virar-te a mim? Achas que isso me vai fazer perceber?

Senti que o sangue me gelava no corpo e recuei, horrorizada perante a imagem e o significado.

— Paraste?

Assenti em silêncio, ele libertou-me os pulsos, estremei e um soluço brotou do meu peito, e depois outro e mais outro, até que tomaram conta de mim e eu me tornei numa amálgama de tremores, soluços, lágrimas, dor e arrependimento. Na minha sede para não ser alvo da sua caridade, transformara-me numa criatura odiosa.

Não me lembro de quanto tempo chorei, de quantas vezes lhe pedi desculpa ou prometi que nunca mais faria nada assim, mas sei que, quando acordei e me vesti para ir para a Larabel, me sentia oca. Uma sensação estranha e doentia, como se o meu interior se esvaísse até me deixar drenada da minha essência.

Dois dias depois de me ter apertado o pescoço, o meu pai comprou um bolo de bolacha. Foi o seu ato de contrição, uma merda de um bolo, para nos compensar por ter perdido a cabeça. Fora a última vez que tal iria acontecer, ele voltou a jurar pelo pai, que ele achava que Deus o tinha, mas que de certeza estaria no Inferno.

Ficara demasiado transtornado com o golpe do burlão do *site*, parecia-lhe que havia um complô contra ele que fazia com que, por muito que se esforçasse, nada lhe corria bem. Foi como se justificou à minha mãe, supostamente arrependido.

Não disse nada quando ela me contou do seu desconsolo e me mostrou o bolo em cima da mesa da cozinha. Só me senti ainda mais vazia. Em vez de um desejo de vingança e vontade de atirar o bolo pela janela, deixei-me submergir na onda de apatia, extenuada e consumida por aquele sentimento vazio.

Consequências da inevitabilidade

Li num dos livros da biblioteca do Rainha D. Amélia que só sabemos que alguém nos ama se, depois de essa pessoa conhecer o nosso lado lunar, continuar ao nosso lado.

Preferia não o ter lido, porque de cada vez que notava o Pedro um pouco mais distante, era só nisso que pensava, e já não sabia se era a minha imaginação ou se, de forma subtil e irreversível, ele se desprendia de mim e eu o deixava ir.

Só pensava em como deveria ter mantido o meu monstro escondido para todo o sempre ou durante o período mais longo que conseguisse. Assim, tão cedo, não havia bons momentos suficientes para contrabalançar a minha fúria louca e despropositada. Ele quisera ajudar-me, em troca, eu deixara-lhe o chão coberto das suas fichas de estimação, e ainda lhe partira o visor da bússola.

Repeti-lhe as desculpas e perguntei onde poderia reparar a bússola, mas ele pediu-me para não me preocupar.

Garanti-lhe que iria procurar ajuda para me controlar e marquei consulta no centro de saúde. A médica que me atendeu foi muito compreensiva, receitou-me uns calmantes para usar em SOS e encaminhou-me para consulta de psicologia, avisando-me de que eu poderia ter de esperar muito tempo.

Apesar de o Pedro me encorajar a consultar um psicólogo, assim como se mostrou impressionado quando lhe contei que uma agente musical se propusera a agenciar-me em troca de uma percentagem dos contratos que me conseguisse (até já me arranjara uma audição em Madrid, que eu rejeitara por ser demasiado longe), o seu afastamento crescente tornava-se cada vez mais nítido.

Não sei dizer quantos dias exatos se passaram até ele me levar a jantar para me dizer que não tínhamos futuro como casal, mas poderíamos ficar amigos.

Eu queria amor, não queria amizade, nem aceitar o castigo pela noite em que perdera a cabeça.

— Francisca, esquece essa noite. Não tem que ver com isso.

— Então tem que ver com quê?

— Nós não temos nada comum, a começar pela idade, e eu não te quero iludir com uma relação a longo prazo.

Ele podia ter sido honesto e admitir que não queria ficar com alguém que se deixava dominar pelo seu demónio.

Por um instante, até o admirei e desejei que a minha mãe tivesse feito o mesmo, vinte e seis anos antes. Sair do filme na primeira cena de terror. Só que não era o meu pai, era eu que estava a ser abandonada.

Naquele momento, soube quanto o queria para mim, ele era o *core* da minha canção, a frequência harmónica que conferia riqueza e plenitude à minha frequência fundamental. Uma plenitude da qual eu não queria abdicar.

— Então e aquilo que me disste no Algarve, que só me querias ver bem? O que é feito disso? E de gostares de estar comigo em vez de estares sozinho?

Abriu os olhos no trejeito contrariado de quem não estava inclinado a dar-me muitas justificações.

— Francisca, às vezes dizem-se frases bonitas como as dos livros, mas depois, à luz do dia, as coisas nunca são tão cor-de-rosa. Por favor, não tornes isto mais difícil, nem queiras esmiuçar tudo o que disse e que não disse.

Imaginei que o motivo pelo qual escolhera aquele restaurante cheio de gente fora salvaguardar-se das minhas impulsividades.

— Foi por eu ter perdido as estribeiras e ter partido as tuas coisas? Claro que foi.

Suspirou, cansado pela minha insistência.

— Foram várias coisas, isso também influenciou. Eu não lido bem com feitos explosivos e também sinto falta da minha liberdade.

Não queria aceitar aquela decisão, o meu peito estrebuchava, frenético, como um peixe a morrer contra as paredes de um balde.

— Queres liberdade? Podes fazer tudo o que te apetecer.

Fixou o olhar, decidido, sem irritação, sem desgosto.

— Isto, nós, foi um erro. — O golpe de misericórdia, a trespassar-me, a emudecer-me.

Levantei-me e saí do restaurante. Fui a pé até à Lapa, sem casaco, porque nem sequer passei no bengaleiro, apesar de estar uma noite fria para fim de maio.

As minhas memórias seguintes são em casa da Vicky. Eu a mirar-me com estranheza no espelho da sua casa de banho, como se aquela cara com olhos inflamados não fosse a minha, a tiritar, embrulhada num roupão.

Quando a Vicky se chegou à minha beira, percebi que aquela mulher era eu, porque o reflexo da Vicky a reproduzia na perfeição. Passou um toalhete desmaquilhante nos meus olhos e falava tanto para mim como para ela.

— Eu avisei-te. As pessoas têm a mania de dizer que o amor resiste a tudo, mas isso não é verdade. O amor dos homens é frágil, como uma flor, sensível ao frio, ao excesso de água ou à falta dela. — Suspendeu a limpeza do meu rosto para me encarar com solenidade. — Nós não, o nosso amor é resistente, como uma árvore. Nós também somos como as árvores. Morremos por dentro, mas continuamos de pé. Tu vais ultrapassar isto, confia em mim.

Três dias depois, quarta-feira, o dia em que o veria pela primeira vez no registo «amizade», recebi um telefonema da Andreia para nos encontrarmos no Jardim da Estrela.

O Jaime adorava ver os patos no lago, ela costumava lá ir depois de o apanhar na escola de ensino especial e eu já passara várias tardes com eles.

Encontrei-os facilmente, a cadeira do Jaime junto ao lago maior e à sombra do castanheiro. Ele fez o seu sorriso radioso quando me viu e deu-me o abraço mais reconfortante dos últimos dias. A Andreia também me abraçou, mas a forma como me sugeriu que nos fôssemos sentar denotava mais embaraço do que uma tentativa de consolo.

— O Pedro decidiu substituir-te. Hoje vai ser a tua última atuação. Ia dizer-te no Álibi, quando terminasses de cantar. Pediu-me para te dar o dinheiro que guardavas em casa dele e o teu ordenado deste mês. — Tirou um envelope da mala e passou-mo para as mãos. — Não penses nem por um minuto que concordo com isto, não tive voto na matéria. — Encolheu os ombros num gesto de resignação. — Não o reconheço, nem sequer ter a dignidade de te despedir cara a cara, e mandar-me a mim! Se já não quiseses ir hoje, não vás. Eu digo-lhe que decidi falar contigo antes, porque tive medo de que armasses um escândalo. — Esboçou um sorriso triste e piscou-me o olho. — Era bem feito!

Contei-lhe do meu desvario, ela foi buscar um gelado para o Jaime e, enquanto a via dar-lho à boca, acabei por também lhe confessar que, se calhar, o Pedro até tomara uma boa decisão, quem sabe para me proteger, porque eu era uma pessoa emocionalmente instável e vê-lo duas vezes por semana, a tratar-me como um mera funcionária em vez de me chamar «bicho», ia dificultar que eu «seguisse» em frente.

O grande contra era que rejeitara uma audição que a tal agente me arranjava para o Wha, em Madrid, e, sem aquele valor extra do Álibi, iria ser

complicado cobrir as despesas da Mariana na universidade.

Eu haveria de resolver, dentro de um dia ou dois. Quando não me sentisse tão destroçada, pensaria nisso.

A Andreia terminou de dar o gelado ao filho, limpou-lhe a boca e encarou-me, pensativa.

— Sabes que desde que te conheço que te ouço falar sobre a tua irmã. Não sei se te apercebes, mas és um pouco repetitiva. «O trengo do professor de matemática da Mariana deu-lhe uma nota baixa no teste. Se a Mariana subir a média do secundário para quinze, basta-lhe treze e meio na específica e entra no curso. Amanhã vou aos saldos da *Bershka* ver se encontro as calças com bolsos de lado, como a Mariana queria. Se vocês vissem a Mariana a dançar esta música, nem acreditavam no jeito que ela tem.»

Era tudo verdade, mas fiz-lhe notar que era uma cobardia trocar de alguém atolado na lama até ao pescoço.

— Não estou a gozar-te. Tenho pensado muito em ter outro filho. Por um lado, seria uma grande sobrecarga para mim, mas imagino-me a passar pela experiência de ter um filho ou uma filha que andasse nos escorregas, que jogasse às escondidas e que se tornasse independente. Não que fosse gostar mais dele do que do Jaime, isso é impossível, mas poderia gostar igual. E sermos três era outra segurança para o futuro do Jaime. Quando um dia eu precisasse de ajuda ou desaparecesse, ele teria o irmão, assim como a Mariana te tem a ti.

Concordei, orgulhosa por inspirar aquele seu pensamento, mas a sua confiança esmoreceu.

— Por outro lado, não sei se é boa ideia. Este bebé, que teria de ser concebido com doação de esperma, porque eu não tenho tempo para romances e também não imagino que haja muitos homens dispostos a querer uma companheira com uma criança que absorve tanta atenção e cuidados, já ia nascer cheio de responsabilidades futuras. Acho que é um bocado egoísta, não achas? De certeza que as pessoas iam pensar que era egoísta da minha parte, trazer uma criança ao mundo para «partilhar um fardo».

Apesar da minha dor, ou por causa dela, senti-me na obrigação de a contrariar.

— És uma mãe maravilhosa e tens todo o direito de decidir o que queres para tua vida e para o teu filho, este ou outro que venhas a ter. Ninguém faz ideia do que tu passas, ninguém tem de pensar nada e muito menos julgar-te. Eu acho uma ideia excelente.

Levantei-me, dei a mão ao Jaime e perguntei-lhe se queria um irmão para

brincar, ao mesmo tempo que lhe fazia cócegas leves no pescoço. O seu sorriso rasgado contagiou a mãe e fez-me o peito mais leve.

— E aí de quem venha opinar! Sou menina para me descontrolar e arranjar um escândalo como nunca antes visto! Isso é que vai ser bem feito!

Quando saímos juntas, porque o Jaime queria que fosse eu a empurrar-lhe a cadeira até ao carro, um casal com um carrinho de bebé passou por nós. Eles muito amorosos a conversar e o bebé a dormir, bochechas rechonchudas e a chucha presa numa corrente de bolas coloridas, um quadro digno de um anúncio de papas.

Dei uma pequena cotovelada na Andreia e provoqueei-a.

— Podes ser tu, daqui a uns tempos.

Percebi que o objetivo de a animar não fora cumprido quando a ouvi suspirar.

— Claro. Agora tira-lhe o homem e acrescenta-lhe mais esta cadeira. Não sei. É muita logística, é complicado.

Não argumentei. Ela tinha razão, era complicado. Virei-me para contemplar outra vez o casal de anúncio, ela a empurrar o carrinho e ele com o braço nos seus ombros.

Porque seria que para algumas pessoas a vida parecia fadada para o caminho das amendoeiras em flor e para outras, como eu e a Andreia, tudo era complicado e esforçado?

Ela adivinhou os meus pensamentos.

— Sim, eu também me pergunto o mesmo muitas vezes. Tirando a teoria de que vens colher o que plantaste em vidas passadas, acho que ninguém sabe a resposta a essa pergunta.

Desisti de espiar o casal, voltei-me para a Andreia e passei-lhe também o braço à volta dos ombros.

— Amo-te muito, *mor*, até às estrelas e de volta, *mor*. Vamos para casa fazer outro bebé, *mor*.

O meu objetivo ficou cumprido quando ela soltou uma pequena gargalhada.

— Para com isso. Se me voltares a chamar *mor*, vou vomitar para cima do carrinho do miúdo.

Retribuí com um riso pequeno e tristonho, quase inaudível, mas que me fez acreditar que eu acabaria por ficar bem. No dia seguinte, começaria a pensar numa maneira de compensar o abalo financeiro decorrente do Pedro ter dispensado os meus serviços.

Não me esquevi da minha última atuação. Assim que cheguei, falei com os músicos para trocar o alinhamento. Apesar de já a termos ensaiado para um futuro próximo, ainda não estava a cem por cento, mas não negaram o pedido de alguém que se está a despedir.

Recriei-me naquela noite, qual fénix renascida das cinzas, dei e recebi do público como nunca, até à última canção. Estava exausta, próxima de esgotar a voz e tomada pelo espírito da insurreição.

— Hoje é a última vez que canto aqui. — Deixei-os assobiar e revoltarem-se contra a minha partida. — Deixo-vos com esta última música, dedicada a todos os que estão à espera de dias melhores. — Fiz uma pequena pausa dramática e depois levantei a voz ao máximo. — Eles vêm aí!

Num momento de raiva e de fraqueza, olhei para ele. Esperava ver-lhe apreensão, reprovação ou remorsos, qualquer coisa além daquela quietude exasperante que me enfureceu ainda mais. Encolizei-me pelos dois em cima do palco, num frenesim tão caótico que foi um milagre ter aguentado o ritmo durante os três minutos e quarenta da *Dog Days Are Over*.

Vale do Lobo

Não foi o meu pai que me fez sair de casa. Foi a matemática, mais precisamente as contas para pagar. Se eu acreditasse em vidas passadas, o carma que me calhara cumprir.

Precisava de outro emprego que me permitisse cobrir as despesas e as propinas da Mariana na universidade quando ela fosse viver na residência ou com a avó Angelina, mas não era fácil encontrar um horário passível de conciliar com o da Larabel.

Às escondidas da Mariana, partilhei o dilema financeiro com a minha mãe, que deve ter contado ao meu pai, porque no dia seguinte ele rumou a Braga, para se encontrar com um amigo dos tempos de abundância que poderia querer um carro importado. A meu ver, um negócio com uma ínfima probabilidade de acontecer.

A minha mãe também tentou ajudar, conseguiu duas entrevistas de trabalho, mas foi recusada porque procuravam alguém mais jovem e menos qualificado.

Não me restavam outras saídas quando a agente musical me telefonou, propondo-me integrar a equipa de cantores num hotel em Vale do Lobo por um valor que dobrava o que ganhava na loja. Para ajudar à decisão, a Daniela lembrou-me de que eu recusara o Wha e que era provável que não surgisse outra oportunidade tão cedo, pelo que só demorei o tempo de ligar à minha mãe até aceitar o emprego no Algarve.

O contrato foi feito através da Daniela. Eu tornei-me funcionária da sua empresa, que por sua vez prestava serviços ao grande hotel. O salário permitia-me cobrir as despesas da casa das Olaias, a faculdade da Mariana, tinha direito a alojamento e refeições, e a melhor parte era o meu trabalho consistir em cantar: doze atuações por semana, quatro noites no salão principal, quatro *sunsets* no bar da piscina e quatro *matinéés* no Kids Club.

Iria sustentar-nos apenas com a música, era um objetivo concretizado, mesmo que, por vezes, incluísse uma peruca loura e uma fatiota de princesa, o que até me dava gozo.

No entanto, com exceção do tempo em que tinha um microfone nas mãos ou preso no vestido de Elsa do *Frozen*, a minha mente desertava.

Participava nas conversas e no planeamento dos espetáculos, mas assim que o assunto fugia ao que era essencial e imediato, perdia-me. Quando dava por mim, todos se riam de alguma piada paralela que me ultrapassava.

O meu corpo estava no grande hotel de Vale do Lobo mas os meus pensamentos evadiam-se, contra a minha vontade, para a capital.

Apesar de eu não ser uma companhia muito animada, fiz amizade com uma cantora de Aljustrel que me fazia lembrar a Mariah Carey pelos agudos que alcançava na perfeição. Era cinco anos mais velha do que eu, pintava o cabelo de louro platinado e fazia um risco grosso de *eyeliner* por cima dos olhos azuis. Uma Mariah Carey estilosa e em registo alentejano, fã de abraços e gargalhadas fáceis, que me recriminou por me faltar entusiasmo na discoteca para onde me levou depois da nossa atuação no salão principal.

— Ai, mocinha, anima-te. — Fez um gesto que abarcava as pessoas que dançavam à nossa volta. — Uma festas destas e tu com a burra amarrada.

Concordei com ela que me tornara enfadonha e tentei redimir-me, acompanhando-a na pista de dança, mas, quando os seus amigos nos convidaram para uma última bebida numa casa em Quarteira, chamei um táxi para o hotel.

Há hábitos que se entranham. O motorista perguntou-me se queria fatura e eu comecei a enunciar o número de contribuinte do Álibi. Interrompi-me ao quinto algarismo e saí do táxi perplexa com o meu disparate.

Eu não queria ser assim, queria ser uma pessoa que segue em frente, ou para algum outro sítio que não fosse Alvalade. E apesar de a bagagem que iria reviver em breve numa sala de tribunal não o facilitasse, seria nessa direção que encontraria o meu caminho das amendoeiras em flor.

No dia seguinte, estava no vestiário a livrar-me das sandálias de salto alto, quando a Sandra, uma das empregadas de mesa do *rooftop*, me telefonou porque um cliente perguntava por mim.

— Eu sei que nunca confraternizas com os clientes do hotel. Disse-lhe que tinhas de ir para casa tomar conta do teu filho, como combinámos. Mas ele desatou a rir quando falei no teu filho e pediu-me para te dizer que tinha trazido uma caixa de ossos da perna da S. Vicente. — Ouvi um som de nojo. — O tipo até parecia normal e depois sai-se com uma cena destas. Ossos da perna!

Dei um grito e avisei-a de que ia a caminho. Poucos minutos depois, o

Tiago abanou a caixa da Doçaria S. Vicente assim que me viu aparecer. As saudades que eu tinha de uma tibia de Braga...

— Um advogado apareceu na empresa para falar comigo. Queria saber se eu tinha terminado a nossa relação devido às tuas tendências promíscuas e se tenho conhecimento do teu comportamento moralmente reprovável enquanto trabalhavas no Cruzeiro Rainha D. Amélia.

É advogado de um tal de Luís Miguel, que acusas de violação porque ele te despediu. Liguei à Vera, a perguntar a tua morada. Depois de muitas lamúrias por não ires ao casamento dela, contou-me que agora trabalhavas aqui.

Comecei pelo assunto menos doloroso.

— Eu ainda não lhe dei a certeza. Queria muito, mas um casamento envolve gastos. — Suspirei e abri a caixa de papel que ele pousara em cima da mesa, era menos confrangedor olhar para as tibias. — Não sei como é que esse advogado chegou a ti. Talvez eu tenha falado no teu nome e na empresa do teu pai a alguém enquanto trabalhei no Rainha D. Amélia. Não queria que isto chegasse a Braga.

Tirando a minha mãe e irmã, e o meu pai, a quem a minha mãe contara quando soubemos a data do julgamento e nunca me dirigira a palavra sobre o assunto, queria ter mantido essa parte da minha vida incólume da carnificina que seria o julgamento. Quando a procuradora me pediu testemunhas que atestassem o meu carácter, só tinha indicado a Marta, o Júnior e a Andreia.

Ele fez uma careta de desacordo e evidenciou a minha tatuagem tribal a meio do braço, a pequena bracelete inspirada nos símbolos maori que combinava com a dele. Aproximou-se e posicionou-as lado a lado.

— Ainda bem que chegou a Braga. Agora sei a verdade sobre o teu «despedimento» e estou pronto para a «guerra». Vim avisar-te da estratégia que vão usar e oferecer-te «armas», quero testemunhar a teu favor ou o que precisares.

Aquele gesto lembrou-me porque o amei e porque tínhamos ficado juntos três anos, apesar de a minha paixão ter esmorecido e de a mãe dele ser uma bruxa má que nos dificultava a vida de todas as maneiras possíveis. Tinha saudades do Tiago, do seu sotaque igual ao meu, da forma como levava tudo a peito e como contraía o rosto quando se emocionava.

— Desculpa ter-te mentido. Estava a ser um fim de semana intenso e não quis sacar mais essa desgraça da cartola.

Aceitou a minha justificação, perguntou-me se havia data para o julgamento e como poderia ajudar.

Peguei numa tábua e, apesar de ir contra todos os bons modos que a minha mãe me ensinara de não cheirar alimentos, nem nenhuma outra coisa, em público, encostei-a ao nariz e inspirei fundo. Cheirava a Braga, a fartura de comida, noites longas e despreocupação com contas.

— Isto foi um ótimo começo. — Retirei o excesso de açúcar em pó e dei uma pequena dentada. Estava perfeita, fresca e macia, a contrastar com a dura prova que me esperava. — Acho que ainda te posso acrescentar como testemunha, vais dizer que tivemos uma relação monogâmica durante três anos e não comentas nada sobre os casos todos de que te vão falar da altura em que trabalhei no cruzeiro.

Perante o seu olhar desconcertado, talvez incerto se os casos eram reais ou uma estratégia dos advogados para me denegrir, não resisti a imitar a deixa do Jack Nicholson em tribunal, num dos seus filmes preferidos. Foi a minha vingança por ele me ter obrigado a ver *Uma Questão de Honra* várias vezes, numa altura em que estava a ponderar voluntariar-se para a Marinha, para irritar o pai.

— *You want answers? You can't handle the true!*

O Tiago riu alto e a Sandra fez-me sinais, intrigada com a nossa interação.

— O que é que queres? Sentia-me sozinha no Mediterrâneo e tinha muitas opções. — Abandonei o tom de troça e concluí num lamento. — Agora vão atirar-me com tudo à cara.

Fitou-me com os olhos muito abertos, falou-me num tom ameaçador e cerrou os punhos em cima da mesa.

— Fica descansada, eu sei muito bem o que posso e o que não posso dizer. O mais difícil vai ser eu não me atirar a esse Luís Miguel.

Vê-lo tão revoltado deu-me esperança no julgamento. O Alex calculava as probabilidades de condenação abaixo de cinquenta por cento, sem nunca me referir o quão abaixo seriam. Aquela previsão desconcertava-me. Como é que algo que eu sabia ser verdade era o menos provável de ficar provado?

— Sabes uma coisa? Também me lembrei de outra forma de me ajudares. Preciso de comprar roupa para ir à audiência daqui a três meses. Alguma coisa do género daqueles conjuntos que a tua mãe usa, saias de fazenda a combinar com *blazer*. Podias ir comigo a um *outlet* que há aqui perto e ajudar-me a escolher.

Fez uma careta com os lábios contraídos e abanou a cabeça.

— A Kikinha de saia de fazenda? Não sei se quero contribuir para tal. Não me digas que também vais substituir as tuas argolas grandes por umas pérolas muito discretas? Prefiro matá-lo e atirar o corpo da ponte do Diabo.

Garanti-lhe que era só para a audiência, era triste pensar que a minha roupa podia ter peso no veredicto, mas o Alex frisara-me esse ponto.

— Está bem. Se é só para ir a tribunal, posso fazer o papel de conselheiro de moda, se tivermos dúvidas, fazemos videochamada para a minha mãe.

Ameacei-o de que eu é que o mataria se fizesse tal coisa, ele reconsiderou com um revirar do canto da boca, o seu tique malandro por excelência.

— Pois, se calhar não é boa ideia. Ela nunca te vai perdoar por não teres aceitado casar comigo.

O Tiago não prestava atenção à mãe ou então ela enganava-o bem.

— O quê?! A tua mãe não me podia ver à frente, deve é ter deitado foguetes por se ter visto livre de mim!

Arrependi-me da minha franqueza logo a seguir. As nossas opiniões divergentes sobre a sua mãe haviam sido um ponto fraturante na nossa relação. Eu estava muito contente com a sua visita e era escusado voltar àquele tema.

— Ninguém deitou foguetes. A minha mãe só não lidava bem com a tua... — fez uma pequena pausa enquanto procurava a palavra — intensidade, mas gostou ainda menos que me rejeitasses. Ninguém conseguiu perceber o que te passou pela cabeça, eu era um excelente partido.

Por um instante, imaginei a minha vida alternativa se tivesse aceitado a sua proposta: o caminho fácil. Vislumbrei o que poderia ter acontecido, mas sobretudo o que não me teria acontecido e que seria dissecado numa sala presidida por um juiz passível de ser influenciado pela minha roupa.

Por outro lado, teria deixado a minha mãe e e a minha irmã à mercê do meu pai, cada vez mais descontrolado pelos revezes financeiros. A cabeça da minha mãe a rasar o degrau da escada...

Os meus olhos humedeceram, encarei-o e soube que também ele fazia alguma retrospectiva. Enchi o peito de ar para contrariar a opressão súbita e antecipei-me com a verdade menos dolorosa.

— Éramos os dois muito imaturos. Não iria funcionar.

— Fala por ti, Kikinha. Eu era o elemento ajuizado da nossa relação. Se bem me lembro, se não te tivesse sacado de dentro do chafariz da Praça da República quando resolveste dar um concerto de *rock* aquático às cinco da manhã, tinhas sido apanhada pelos polícias que as pessoas que vieram à janela chamaram. — Ato contínuo, assim que acabou de falar, tirou-me a tibia que me estava a saber tão bem. Quando a tentei recuperar, deu-me uma palmada na mão e falou-me com rispidez.

— Tens aí mais quatro na caixa! Ainda bem que não casámos, continuas

uma grande egoísta.

Soltei um pequeno gemido e senti-me muito injustiçada.

— Só com bolos e aqueles canudos de chocolate.

Dois espectros do mesmo mal

Depois de um mês de ausência, a alegria de rever a minha mãe e a Mariana, animada porque o exame de biologia lhe correria bem, foi abafada pela presença do meu pai e a descoberta de uma nódoa negra na minha mãe.

Sentada na mesa da sala, não pensava noutra coisa senão naquela marca arroxçada e quebrei o meu voto de silêncio. Chamei-o à atenção com o olhar, jurara a mim própria que nunca mais lhe chamaria pai.

— Sabes como é que a mãe se magoou no braço?

Ele virou o rosto na direção dela, que desceu a manga no instante em que o inquiri. Em vez de lhe pedir para mostrar a equimose a que eu me referia, ele preferiu encarnar a surpresa e a condescendência: o cavalheiro com fleuma britânica, a alma da festa que ele tão bem sabia representar.

— Não faço ideia. Calculo que tenha batido nalgum móvel. Teresa, tens de ter mais cuidado.

Retorci a toalha debaixo da mesa.

— Se calhar, escorregou e caiu. Acontecia-lhe muito, não era?

As minhas últimas palavras confundiram-se com as da minha mãe, que pediu os pratos para servir o bacalhau espiritual.

Ele ignorou-me e eu senti-me condenada a imitá-lo. Olhei para o prato como se estivesse infestado por vermes e, obrigada pelos olhares suplicantes da minha irmã, usei os talheres para levar parte do seu conteúdo à boca, que empurrei com água garganta abaixo.

Mantive-me num silêncio que abafava um rugido interior, segui a minha mãe para a cozinha e aguentei-me enquanto ele e a Mariana traziam a loiça, mas, assim que o ouvi ligar a televisão na sala e a Mariana saiu para casa da Leonor, atirei-me à minha mãe, sôfrega e desesperada.

— Mãe, por favor, volta comigo. A Mariana já fez o exame, acabou, não nos resta nada aqui em Lisboa. Entregamos esta casa e eu arranjo outra para nós no Algarve. Se não for perto da praia, até consigo uma renda melhor. A Mariana passa o resto do verão connosco e depois vai para a universidade.

Ela manteve a cabeça baixa para o prato que envolvia no pano enquanto

sussurrava.

— Não vale a pena arrendares uma casa para mim, filha. Eu e o pai vamos com a mana para casa da tua avó Natália, que tem quatro quartos. Se calhar, ao início, precisamos de ajuda para algumas despesas, mas o teu pai acha que, se morar em Braga, consegue levar avante o negócio de trazer carros da Alemanha.

O meu peito contraíu-se e os ouvidos latejavam-me ao ritmo desenfreado da pulsação.

— Não, mãe, não cedas a isso. A avó Natália é uma psicopata igual a ele. A Mariana não vai para casa dela, é maior de idade e ninguém a pode obrigar. Ela pode ir para casa da avó Angelina e tu vens comigo para o Algarve. Se ele vier atrás de ti, vamos para fora. Tive uma proposta em Madrid que recusei, mas na próxima posso aceitar. Se sairmos de Portugal, livras-te dele para sempre.

Fez-me um trejeito como se a minha reação fosse despropositada.

— Isto foi uma coisa sem importância. Nem foi uma discussão a sério. Eu tenho a pele muito sensível, o teu pai mal me tocou e logo a seguir ficou muito triste. As coisas estão diferentes, acredita em mim.

Peguei-lhe no braço e delimittei-lhe a marca roxa com os meus polegares, dois centímetros que me levavam para um lugar de raiva e impotência.

— Não foi uma discussão a sério porque só ficaste com esta nódoa negra, mas acredita: vai haver mais discussões e vais ficar com mais marcas destas, nos braços, nas pernas e na cara. Quando é que vai ser a sério? Quando tiveres de pôr base para disfarçar o negro por baixo dos olhos? Quando for preciso lebares pontos? Quando tiveres de tomar comprimidos para passares os dias a dormir, até não saberes se é de dia ou de noite? Isto é uma doença, mãe. Ele é doente, tem uma doença. Deixa-o e vem comigo, peço-te por tudo.

Tentou recolher o braço, mas, como não a deixei, desviou o rosto, envergonhada pela confrontação.

— Eu não vou deixar o teu pai. Não sou capaz, não sou.

Libertei-lhe o braço, para a abraçar e lhe falar ao ouvido.

— Claro que és capaz, claro que és. Já conseguimos uma vez. Não tem de ser agora. Pode ser amanhã ou depois. Quando ele não estiver em casa, só tens de ir até à Estação de Sete Rios. Apanha o autocarro para Albufeira e eu trato de tudo. Promete-me que vens. Por favor. Ele nunca mais te vai fazer mal.

Afastou-me com firmeza e levou-me até ao canto da cozinha.

— Não me estás a prestar atenção. Ouve-me, Francisca. Eu não tenho

coragem para deixar o teu pai, não tenho. É uma questão de tempo até ele voltar a encontrar-me. Tens razão, filha, é uma doença, mas não é só dele, também é minha e não sei curar-me. Desculpa se não te faço a vontade, mas não insistas, estás a dar cabo de mim. Não imaginas como me sinto culpada por não conseguir deixá-lo. Odeio-me por ele vos ter feito mal e por tu e a tua irmã terem presenciado todas as barbaridades que aconteceram, mas está acima das minhas forças. Eu não consigo. Vocês podem seguir as vossas vidas. A tua irmã pode ir para a residência ou para a avó Angelina, e tu, filha, vai para fora. Segue os teus sonhos. — Os olhos dela ficaram marejados de lágrimas e fungou antes de continuar. — Tens a vida toda pela frente, vai ser feliz e não te preocupes comigo. Já fizeste muito mais do que devias, chegou o momento de me deixares, eu fico bem.

Interrompeu-se assim que o vimos na entrada da cozinha.

— Teresa, tens de ver isto, o Augusto Gil está na televisão.

A minha mãe seguiu-o e eu também, para assistirmos à entrevista do presidente da Associação Florestal do Vale do Douro.

Foi uma tortura vê-lo tocar na minha mãe, sorridente, a comentar o homem que mexia os lábios no ecrã da televisão, mas que eu não ouvia.

Os meus sentidos estavam focados no meu pai, a visão e a audição, ao mesmo tempo que uma ânsia irreprimível tomava conta de mim.

Devia ser exatamente aquilo que era «estar a pedi-las».

Todo o meu ser clamava por drama, discórdia, uma erupção que desmascarasse aquela hipocrisia asfíxiante.

Quando o Augusto Gil desapareceu do ecrã, a fúria devorava-me, consumia-me até às entranhas. Sentia-as fervilhar, como que rodeadas de um químico corrosivo.

— Fiz um vídeo com uma música minha. Queres ver?

Ele assentiu com uma expressão desconfiada. Passei-lhe o telemóvel para a mão e ele ficou a ver-me no cadeirão do quarto do Tiago, com uma acústica muito razoável, a dedilhar uma viola manhosa que vivia há dois anos nos Perdidos e Achados do hotel. Não era tão boa como a minha viola de mogno brasileiro, que vendi depois de ser despedida do Rainha D. Amélia, mas foi com ela que mostrei ao mundo a minha primeira canção: *Sem Medo*.

A sua respiração tornou-se irregular e cada vez mais ruidosa.

— Sabes sobre quem é?

As suas narinas dilatavam-se, as mãos e a mandíbula tremiam-lhe. A minha mãe pôs o vídeo em pausa e lançou um «Não é o que estás a pensar.» e depois um «Não é, pois não, filha?», tensa e alarmada. Senti muita pena dela, mas

era tarde para recuar e não podia roubar verdade à minha música.

— Duas mil e quinhentas visualizações. O Tiago partilhou nas redes e está a pedir aos amigos que façam o mesmo. Duvido que vendas carros ou seja o que for em Braga. Acho que o melhor é emigrares, se queres fugir à vergonha. Eu vou levar a mãe comigo para o Algarve.

Eu sabia que haveria fogo e destruição, mas não me importei. Eu precisava disso, de arder nas chamas da violência, era preferível a sufocar.

Empurrou o telemóvel com força contra mim.

— Apaga já isto! JÁ! Queres acabar comigo?! Vais dar cabo desta família!

Finalmente, o incêndio que eu atizara tomava forma, juntei-me ao festim de destempero.

— Que família? A que tu maltrataste? A que fugiu de ti? Esta família está destruída há muito tempo e foste tu que te encarregaste disso.

Agarrou-me nos dois braços e sacudiu-me, fazendo-me recuar até à mesa de pé de galo.

— Eu?! Tu é que andavas a fazer sabe-se lá o quê num barco e vais emporcalhar-te em tribunal. Querias fazer-te de coitadinha? Porque é não fizeste uma música sobre o tipo que te violou?!

Ignorei as dores nos braços e o seu tom de voz em crescendo, que me levava aos terrores do meu passado.

— Porque vou levá-lo a tribunal. Ao contrário de ti, que nos maltrataste anos a fio e continuas impune.

Levantou a mão e atingiu-me de lado com um baque que me deixou quase surda, mas eu não precisava de ouvir para gritar.

— Foste tu que me puseste naquele barco e foste tu que me fizeste entrar naquele quarto. Fi-lo para não ser despedida à conta dos esquemas que inventei. Sabes porque fazia esquemas? Porque depois de fugirmos do inferno que era viver contigo, passámos fome. Porque mesmo sem ter certeza de que nos conseguia sustentar às três, preferi vir para Lisboa a arriscar que nos encontrasses.

Não fui capaz de manter o equilíbrio na segunda vez que me bateu. Ele urrava para que eu me calasse e eu caí desamparada, mas desviei-me do primeiro pontapé que me lançou.

— Houve dias em que não havia nada para comermos, além de pão e atum em lata, mas era melhor do que correr o risco de nos encontrares. Foi por isso que não pedimos subsídios nenhuns. Elas continuaram no teu agregado familiar e com a mesma morada nas finanças. Quando matriculei a Mariana e dei esta morada, perguntei dez vezes se era possível alguém pesquisar o nome

dela e saber que estudava nas Olaias, só para veres o pânico que tinha de nos encontrares. Tu e o Luís Miguel são dois espectros do mesmo mal.

Desferiu mais pontapés na direção da minha cara, escudei-me com os antebraços, virei-me de lado e senti que me acertava nas pernas, depois, uma dor no meio das costas fez-me tombar. Deixei-me ficar de barriga para cima, à espera de que aliviasse. Notei que o seu pé se voltava a levantar, mas não tive forças para me desviar. Aterrou no meu peito, ouvi um estalido e uma dor lancinante percorreu-me o lado direito do corpo.

Parecia que um ferro em brasa me tinha perfurado. Respirar tornou-se cada vez mais difícil, cada golfada, por mínima que fosse, era mais dolorosa do que a anterior. Abri a boca para pedir ajuda, mas não tive fôlego para formar palavras.

Ouvi a minha mãe gritar e quis chamá-la, mas foi um esforço em vão.

Era uma forma poética para uma cantora morrer, por uma canção chamada *Sem Medo*, aos pés do homem a quem ela era dedicada.

Um arquétipo. O último paradoxo.

A minha música, verdade que veria a luz do dia.

Duas faixas pretas apareceram de cada lado da minha visão e galgaram até ao centro. As cortinas de um palco a fecharem-se.

Deixada para trás

Mariana

Ouvi o barulho das sirenes de casa da Leonor. Despedi-me dela com um mau pressentimento e comecei a correr assim que vi a confusão à porta do nosso prédio.

O senhor Nazeed e a mulher estavam no passeio, a lamentarem-se em panjabi. Corri para a ambulância, mas ninguém me respondeu às perguntas que gritei. Os paramédicos forçaram-me a abrir a mão que agarrava a trave da maca e mandaram-me falar com os polícias.

A mulher do Sr. Nazeed veio ter comigo, ouvi a sua versão dos acontecimentos em inglês e fui sorrateira para sua casa enquanto os polícias recolhiam provas no nosso apartamento.

Pedi-lhe para ir à casa de banho e sentei-me no tapete, tirei o telemóvel e desbloqueei-o à terceira tentativa, quando os meus dedos pararam de tremer.

Não confiava na polícia e não queria precipitar-me. Havia uma solução e ela estava no meu telemóvel. Se ouvisse as instruções dela, saberia o que fazer.

Iria culpar-me para sempre por ter aceitado o regresso do meu pai e acreditado que ele mudara. Nunca saberia dizer se foi felicidade o que senti com o regresso dele, quando ele me abraçou. Sentia falta de uma parte da pessoa que ele era, que me fazia companhia no campo, conversador e brincalhão.

Também sabia que as gargalhadas partilhadas a trote não lhe anulavam a outra parte. Sabia-o, mas não me atrevi a renegá-lo sem lhe dar uma segunda oportunidade.

A passividade ia custar-me caro. Nem podia imaginar quanto.

Quando descobri que ele não podia mudar, faltava pouco para eu ir para a universidade e pensei que a Kika viria pela mãe. Ela não nos abandonaria. Era uma certeza que eu tinha na vida. Até os paramédicos me obrigarem a

largar a maca.

Aos meus oito anos, num domingo de manhã, entrei no quarto dela a chorar, depois de raspar o carro novo do pai ao cair da bicicleta. Ela foi confirmar o risco na pintura e que o pai ainda estava a dormir, mandou-me lavar a cara e pedir à mãe que me lesse um livro.

Enquanto isso, pintou o risco que o travão da minha bicicleta desenhara na porta do passageiro com o verniz das unhas preto da nossa mãe e avisou-me de que não contasse a ninguém, nem voltasse a olhar para o sítio do remendo.

No dia seguinte, ouvi o pai a gritar durante o jantar, porque alguém na empresa lhe tinha riscado a porta do carro e só podia ter sido um invejoso, de propósito. Nessa noite, como em muitas outras, esgueirei-me para a cama dela e perguntei-lhe o que acontecera. A Kika tinha saído do conservatório, apanhado o autocarro até à paragem mais próxima da empresa e usado acetona para tirar o verniz. Iam ligar do conservatório para avisar os pais da falta dela, e se fosse o pai a atender, era certo que ia apanhar. Sempre que eu ouvisse o telefone, o meu papel era correr para o atender e só o passar à mãe.

— E se a mãe não estiver?

— Finges que a vais chamar, depois voltas, e dizes que a mãe está a tomar banho e pediu para ligarem mais tarde.

Era uma grande responsabilidade e eu senti-me confusa, por isso, a minha irmã fez-me um áudio num pequeno gravador com uma minicassete, com todas as instruções. No fim, a minha canção preferida. «Estava na floresta um cuco a cantar...» Ainda na cama dela, aprendi a mexer no gravador e reproduzi as instruções até adormecer, descobrimos que a gravação me acalmava e me fazia sentir confiante. A partir daí, ela nunca mais parou de as fazer.

Dez anos depois, continuava a enviar-me áudios com conselhos e instruções para os cenários mais prováveis e também para os mais rebuscados. Depois de muitas minicassetes, a partir do dia em que me compraram um telemóvel, recebia-os por WhatsApp e guardava-os nas notas do telemóvel com os títulos adequados.

A minha irmã não ia deixar-me para trás sem um plano.

Aos treze anos, o pai proibiu-me de ir ao Marés Vivas ouvir o João Pedro Pais. A Kika despediu-se de mim com uma piscadela de olho malévola.

— Deixa estar. Para o ano vens.

Assim que saíu, subi para o quarto a ocultar a revolta para o pai não me castigar e chorei baixinho na cama, até a ouvir chamar-me. Abri a persiana e encontrei-a agachada na minha varanda. Pediu-me que não fazer barulho,

apontou para umas cordas presas nas grades e disse-me que o Tiago as segurava lá em baixo.

Tive medo de descer, não por receio de que o Tiago não me segurasse, mas porque era uma infração que daria direito a um castigo severo se fosse apanhada.

— As tuas amigas vão lá estar todas. Não podes perder a oportunidade de ver o teu apaixonado ao vivo. — E cantou-me ao ouvido o meu excerto preferido da *Mentira*, que me fazia suspirar pelo João Pedro Pais.

Sozinho tocando uma guitarra

Junto ao mar

— Ainda demoramos quarenta e cinco minutos a chegar a Gaia. Temos de nos despachar. Se ele descobrir, eu fico com as culpas. Digo que te obriguei e que só vieste porque estavas cheia de medo de mim.

Era verdade, daquela vez não fomos descobertas, mas ela já me salvara à custa de se prejudicar.

Ela jamais nos abandonaria, a mim e à mãe. Apesar de ela sempre o ter negado, sei que foi por isso que não casou com o Tiago.

Ela estava sempre lá quando precisei dela, mesmo que a bordo de um barco no Mediterrâneo, a passar uma faca entre os dedos para fazer dinheiro e me pagar a mensalidade do telemóvel.

Não podia ficar sem falar com ela, nem sem os seus áudios que previam todos os cenários que podiam acontecer e os planos para cada um deles.

Ela deixava-me sempre uma solução.

Só precisava de a encontrar.

Abri as notas. O último áudio era uma compilação de técnicas de relaxamento que os desportistas usavam antes de provas importantes e que me ajudariam a relaxar antes do exame de biologia. Passei esse e todos os que eram sobre escola e saídas à noite.

Recuei demasiado, até dezembro de 2011.

SE O PAI TE ENCONTRAR NA RUA

Se o pai te encontrar na rua, corres o mais depressa que puderes. Não vás para casa. Não entres em nenhuma loja, nem em nenhum sítio fechado onde ele te possa encurralar, alegar que é teu pai e pedir para chamarem a polícia. Não entres em pânico, não grites, não chores, nem peças ajuda a ninguém. Simplesmente corres, corres como se estivesses atrasada para as

aulas ou para chegar a casa, sem dar nas vistas. Tu ganhaste duas medalhas no corta-mato, tenho a certeza de que, se correres sem parar, ele não vai conseguir acompanhar-te e vai acabar por desistir. Vira à direita e à esquerda ao calhas todas as vezes que conseguires, mas sem andar em círculos e sempre em ruas largas que tenham saída. Não faz mal se te perderes. O importante é que ele não consiga acompanhar-te. Quando achares que já o despistaste, corres na direção para onde te parecer que há mais movimento durante mais dez minutos. Só depois é que podes parar, telefonar-me e eu vou encontrar-te onde estiveres. Não demonstres a ninguém que não sabes onde estás...

Era muito longo e não se aplicava. Andei para a frente para ouvir os mais recentes que se poderiam aplicar.

SE EU FOR PRESA POR VENDER A ERVA

Se eu for presa por tráfico de droga, não contactas ninguém em Braga, ninguém, muito menos a avó Angelina. Avisas o Pedro, o dono do Álibi, já te mandei o número dele. Ele estudou direito, é inteligente e é boa pessoa. Podes confiar nele. Ele vai ajudar-me, não te preocupes que vai correr tudo bem. A mãe vai ficar em stresse, tens de a acalmar e não a deixes ligar a ninguém do nosso passado, se for preciso, tira-lhe o telemóvel. É a primeira vez que cometo um crime, só devo ficar com pena suspensa.

Terminou a cantar, como continuava a fazer na maior parte dos áudios que me mandava, daquela vez meio a gozar, uma música horrível dos feiosos dos Guns N' Roses que ela adorava.

*They're out to get me
They won't catch me
I'm fuckin' innocent
They won't break me*

Voltei a 2011, os dedos demasiado impacientes para fazerem movimentos leves.

SE POR ALGUM MOTIVO NÃO ME TIVERES A MIM NEM À MÃE

Pode acontecer que ele faça queixa de mim e da mãe, porque és menor e te «raptámos», por isso, talvez a polícia nos encontre e nos leve às duas. Não te preocupes que a polícia não nos vai fazer mal, mas podemos demorar algum tempo a esclarecer a situação e explicar porque fugimos.

Não acredites em nada do que o pai te disser, nada. Assim que arranjares maneira de estar sozinha, telefonas à nossa prima Cecília e dizes-lhe o que aconteceu. Se ele te tiver tirado o telemóvel e não tiveres dinheiro, não faz mal.

Se estiveres em nossa casa, estão cinquenta euros colados com fita-cola atrás daquele quadro da senhora com o cão que está no nosso quarto. Só para uma emergência, Marianinha, comprar roupa nunca será considerado uma emergência.

Se o pai te tiver levado para algum outro lado e não estiveres em nossa casa, também não faz mal. Assim que puderes, foges, já sabes como é, corres, corres, corres até ele não te conseguir acompanhar.

Vais até ao restaurante do Júnior, se não te lembrares, podes perguntar, Sabor Mineiro, na Calçada da Picheleira. Pedes para falar com uma ajudante de cozinha chamada Jussineide. Ela tem quarenta euros meus para te dar em caso de emergência. Perguntas-lhe como vais para a Gare do Oriente e compras um bilhete de autocarro Expresso para Monção. Quando chegares lá, falas com alguma senhora que trabalhe na estação e te pareça simpática, dizes que perdeste o telemóvel e pedes-lhe para ligar à nossa prima. Esta parte é muito importante, tens de saber o telefone da Cecília de cor, são só nove números, para quem sabe os nomes científicos das árvores, não tem nada que saber.

Se a Cecília não te atender porque passa dias sem ligar o telemóvel, telefonas para o café do Armandino, são só mais nove números, canja para ti. Pedes para chamar a D. Leontina, explicas que estás em Monção e pedes-lhe que mande alguém à quinta da Cecília e a avise de que ficou de te ir buscar. A nossa prima não vai estranhar porque tenho este plano combinado com ela desde que nos viemos embora. Eu confio que consegues lá chegar sozinha porque és a miúda mais esperta que conheço. Não te esqueças de que não podes contar este plano de emergência a ninguém, nem sequer à mãe, porque, quando desapareceres, o pai pode convencê-la a dizer-lhe onde estás, para a tua segurança.

Ficas escondida na casa da Cecília o tempo que for preciso. Vais ficar bem porque adoras o campo, os cavalos selvagens, os cães e toda a bicharada que para lá há.

Nem tu, nem a Cecília, telefonem para mim ou para a mãe. A polícia pode ter confiscado os nossos telemóveis.

Eu ligo para a Cecília assim que conseguir. Podes ficar descansada e entretida a verificar o bem-estar das galinhas e das cabras, os sapos, as cobras e as ovelhas. Assim que os despistar, eu vou buscar-te, podes ter a certeza.

No fim, a tirada musical, desta vez dos Rolling Stones.

Wild horses couldn't drag me away

Wild, wild horses couldn't drag me away

Voltei para os mais recentes e encontrei um áudio enviado depois de o pai lhe apertar o pescoço porque pensou que a Kika lhe agoirou o *site* do stand de carros.

SE O PAI ME MATAR

Não vai acontecer, ele não é assim tão mau, mas numa hipótese muito, muito remota de isso acontecer, tu e a mãe vão ficar bem.

Ele vai ser preso ou vai ter de fugir e vocês livram-se dele.

Ligas para a Sede da Polícia Judiciária e pedes para falar com o agente Alexandre Neto, ele é um bocado brutamontes, não te assustes, mas vai ajudar-vos em todas as questões legais. Telefona também ao Tiago para ele vir ter convosco. Ele pode ajudar-vos a refazerem a vossa vida em Braga, tem bons contactos, e a irmã anda na Universidade do Minho, em engenharia do ambiente. Tu e a mãe podem ir viver com a avó Angelina. Tenham muita atenção aos abonos e subsídios que podem pedir e não se esqueçam de que os nossos bens que estão em leilão podem ser vendidos por um valor maior do que as dívidas e o restante fica para vocês. Pede ajuda ao Tiago para vos orientar nessas questões e para ver se tens critérios para pedir uma bolsa na universidade.

Por falar nisso, vais adorar as festas na universidade, vai a todas que te apetecer, sempre com amigas e sem beber mais do que a conta.

Os rapazes vão meter-se contigo. Por favor, tem muito cuidado, mas não deixes que os meus traumas te impeçam de viver.

Promete-me só uma última coisa. No primeiro momento em que algum rapaz for agressivo para ti, nem que seja só uma palavra, vais deixá-lo nesse dia, sem direito a explicações, nem segundas oportunidades. Promete para o telemóvel e tenho a certeza de que o farás.

Adoro-te, Mariana, és o meu grande amor e a pessoa predileta da minha vida. Sem ti, o mundo estaria perdido e nada valeria a pena. Tenho a certeza de que vais arranjar maneira de salvar a biodiversidade e impedir a humanidade de se autodestruir no desastre ambiental que te preocupa tanto. Se na luta pelo planeta e pelos bichos arranjares tempo para ter uma filha, podes chamar-lhe Francisca, vou gostar disso.

I was born to love you

With every single beat of my heart

Yes, I was born to take care of you

Every single day of my life

Pessoas como nós

Ouvia-o ao longe, um tinido agudo, compasso inconstante sem harmonia. Conforme as dores aumentavam, tornou-se cada vez sonoro.

Abri os olhos, vi cortinas brancas e o ecrã que emitia aquele som. Tentei levantar a mão direita e percebi que estava presa.

Gritei por ajuda, a garganta doeu-me e apareceu uma senhora vestida de azul.

Explicou-me que eu estava nos Cuidados Intermédios do Hospital de Santa Maria e eu pedi-lhe que me soltasse os pulsos.

— Esteve muito agitada durante a noite. Tivemos de a prender para não arrancar os soros e saltar da cama. Foi difícil, parecia uma fera.

Garanti que não me recordava de ter tentado arrancar os tubos das mãos ou saltar da cama e ela acedeu a soltar-me, sem responder às minhas perguntas, e depois de me acrescentar uma «coisinha» no soro, para eu descansar mais um pouco.

Estava outra vez naquele limbo mau, a ouvir o tinido agudo ao longe, quando senti toques na mão.

— Estás a ouvir-me?

Pedi-lhe que me explicasse como me tinha encontrado.

— A tua irmã ligou-me, apareço como pessoa a contactar em caso de emergência num dos áudios que lhe mandaste. Criaste um grupo de apoio muito diverso, um agente da PJ, o dono de um clube noturno em Lisboa, um consultor de Braga e a dona de uma quinta em Castro Laboreiro. Estão todos lá fora, à espera de que um médico autorize que recebas visitas. Eu entrei porque tenho distintivo. Achei que, se tinhas acordado, devias querer saber da tua mãe. — Ele tinha muita razão, só me assustou falar apenas da minha mãe e não da Mariana. Eu queria saber das duas, mas não me pronunciei para que ele continuasse. — Já estive com ela, vai correr tudo bem, espero que ela não vacile.

Fiz força para levantar o tronco, mas não fui bem-sucedida porque uma pontada forte no lado direito me imobilizou.

— Deixa-a estar, Alex, se ela não quiser fazer queixa, não faz. Podes usar o teu distintivo e pedir para ela entrar, por favor? Quero a minha mãe.

Esboçou um esgar de desconcerto, mas recuperou-se logo a seguir.

— A tua mãe agora não está aqui, mas está bem. O que achas de eu pedir para deixarem entrar a tua irmã?

Preferia a minha mãe, para me entregar e desabar. Com a Mariana, teria de me fazer de forte. Além disso, ia assustá-la com os apetrechos médicos e a minha cara, que me doía, assim como a garganta.

Ele aproximou-se um pouco mais para me inspecionar e falou-me num tom contemporizador.

— A tua irmã é adulta, e é mais forte do que tu pensas. Já pediu mil vezes para entrar e ficar a ver-te dormir. Dói-te a garganta porque te puseram um tubo para respirares. O teu pai partiu-te duas costelas e tiveste um pneumotórax hipertensivo. Quando os paramédicos chegaram, estavas em paragem cardiorrespiratória, tiveram de te entubar e tirar-te o ar da pleura. Os teus problemas mais graves foram todos internos. A tua cara está mais ou menos, só tens sangue pisado por baixo do olho e o lábio com umas crostas. Fala com ela, ela aguenta, vais ver. Eu vou tentar passar por aqui à tarde, para saber como estás.

A minha irmã só entrou depois de a médica conversar comigo e confirmar o quadro clínico que o Alex já me revelara.

A Mariana reagiu bem à minha cara, havia algo que ficava impresso na estrutura mental de pessoas como nós, criadas em ambientes violentos, que nos tornava menos sensíveis às mazelas, nossas e alheias. Talvez esse mecanismo fosse responsável por nos mantermos junto dos agressores, como que anestesiados, por ausência de alternativa ou decisão própria.

Era assim que coziavam as rãs. Elas habituavam-se à temperatura crescente da água da panela e deixavam-se morrer sem tentarem fugir.

Deixei-a fazer perguntas sobre o meu estado de saúde enquanto me fazia festas nos braços, e depois questionei-a sobre a nossa mãe.

— Não viste? — Os seus olhos marejaram-se de lágrimas e contagiaram os meus.

Fiz um gesto de negação, ela deixou escapar um soluço e inclinou-se para me rodear com os braços.

O ar e as palavras e as lágrimas saíam-me aos solavancos, torpes e dolorosos.

— A mãe, Mariana? A mãe? — Senti que não aguentava. Lembrei-me do degrau. O degrau que via nos meus pesadelos. Não aguentava. Não queria

viver aquela vida. Recusava-me. — Eu quero a mãe. Vai buscá-la, Mariana. Diz-lhe que preciso dela e que ela tem de vir já. Eu quero a mãe.

A minha irmã limpou-me as lágrimas e suplicou-me que falasse baixo para não a expulsarem.

— Kika, por favor, tem calma. — Os nossos papéis invertidos, equilibrados no desequilíbrio. — A mãe está bem de saúde, não está aqui porque não pode vir.

— Está onde? Porque é que não pode vir?

A Mariana respirou fundo antes de me libertar, os olhos inchados, o rosto contraído.

— A polícia levou a mãe depois de ela chamar o 112. Quando estavas no chão, ela espetou o abridor de cartas do bisavô Genvellier no peito do pai, para te salvar. Perfurou-lhe um pulmão e uma veia importante. Ele também veio para aqui e foi operado, mas o prognóstico é reservado. — Tapou a cara com as mãos e gemia baixinho enquanto continuava. — Ele podia ter-te matado.... E eu não consigo não me preocupar com ele, desculpa, Francisca. Ele é mau, mas às vezes também era bom para mim. E eu acreditei que ele ia mudar, queria acreditar que podíamos voltar a ser uma família normal, e tinha saudades dele, de passearmos. A culpa disto não foi só da mãe, também foi minha, estou arrependida, desculpa, mas não quero que ele morra.

Puxei-a para mim, o peito ondulante a fazer-me estremecer.

Não encontrei nada para lhe dizer, além de que não queria que ela sofresse e, por isso, também não queria que ele morresse. Acariciei-a ao de leve até notar que estremecia cada vez menos e tentei distraí-la com perguntas acerca do curso dos acontecimentos depois de ela chegar a nossa casa.

Explicou-me que não falou com a polícia, preferiu adaptar as instruções dos meus áudios e contactar as pessoas que recomendei. O Pedro fora o primeiro a aparecer. Trouxe-a para o hospital, onde se encontraram com o Alex, que foi ao estabelecimento da Rua Gomes Freire e depois os informou de que a nossa mãe estava bem. Seria presente a um juiz no dia seguinte.

O Pedro levou a Mariana a jantar num restaurante ali perto, regressaram para a sala de espera e o Tiago já lá estava. Receberam informações médicas de que eu estava estável, ainda não podia receber visitas e o melhor eram irem dormir e voltarem de manhã.

O Tiago levou-a para casa, dormiu no nosso sofá e comeram *halwa poori* ao pequeno-almoço, feito pela mulher do Sr. Nazeed. Voltaram para o hospital, ela ficou muito preocupada porque lhe disseram que ainda não me podia ver e não sabia como agir em relação à mãe. Só ficou mais tranquila quando o

Pedro apareceu e lhe disse que seria libertada antes do fim do dia.

Estávamos abraçadas em silêncio quando a enfermeira lembrou a Mariana que ultrapassara em muito o combinado dos quinze minutos para cada visita. Ela fez um aceno de boa menina, enfiou a mão na mochila e escondeu um telemóvel debaixo da minha almofada.

O Tiago entrou a seguir. No pouco tempo que a enfermeira Alcina nos deu, só consegui agradecer-lhe pela ajuda com a Mariana e garantir-lhe que as consequências do vídeo no YouTube não eram da sua responsabilidade, apenas minha e de mais ninguém. Se ele não me gravasse no seu quarto, eu teria equilibrado o telemóvel em qualquer sítio e filmado a minha canção no vestiário ou na arrecadação do hotel.

Assim que ele saiu, a enfermeira avaliou os parâmetros que apareciam no aparelho e avisou-me de que receberia a última visita antes de descansar. Foi o Pedro, que me fitou com uma expressão consternada.

— Como é que estás? Tens dores?

Doía-me a metade direita do tronco de cada vez que respirava, mas a essa dor juntava-se outra, que voltara com a sua presença, a visão dos seus lábios finos, as linhas do maxilar que eu gostava de contornar, as íris daquela mistura de cores entre o mogno e o mel.

Mesmo debaixo da opressão da tragédia, tão esmagadora, aquela dor continuava lá, individualizada das outras, inalterada pelo tempo e pela distância, a revolta por ele me ter abandonado, a fazer-me sentir patética e fraca.

Apontei para os vários sacos pendurados por cima de mim.

— Não muitas, estou medicada.

Ele leu os rótulos e verificou que o frasco do analgésico já tinha acabado.

— Queres que pergunte a uma enfermeira se pode trazer mais?

Perante a minha resposta negativa, deixou-se ficar algum tempo em silêncio e sem se mover, só o peito se movia de uma maneira mais ampla do que o normal, como se também estivesse em esforço para respirar, ou então não soubesse o que dizer.

— Já tratei de um advogado para representar a tua mãe, ele enviou-me uma mensagem há pouco, ela deve sair ainda hoje.

Um advogado, claro que a minha mãe precisava de um bom advogado para não ficar com um oficioso. As drogas deviam ter-me impedido de raciocinar sobre isso. Recriminei-me e tomei nota mental de perguntar à Daniela se me poderia adiantar algum dinheiro para lhe pagar. Dependendo

do calibre do advogado, poderia ser um adiantamento considerável, mas eu haveria de me arranjar.

— Ele é bom?

— É muito bom, só faz criminal e tem muita experiência.

Fez um esgar de hesitação que me deixou em alarme imediato.

— O que foi? Ele acha que ela pode ir para a cadeia?

Fez um gesto de negação ao mesmo tempo que se aproximava um pouco mais, sentir o seu cheiro lembrou-me de como era acordar na sua cama. Ele conseguia adivinhar o momento em que eu despertava, puxava-me para o seu peito mesmo que eu continuasse de olhos fechados e fingisse que dormia, embalada no seu calor e naquele cheiro. Nunca me senti tão em paz como naquelas manhãs, dentro daquele abraço que era aventura de noite e porto seguro de dia.

— Não, não acha. Só te queria dizer que é irmão da Alice. Sei que não gostas dela, mas é o irmão, não ela, que vai defender a tua mãe. Somos amigos há muitos anos, conheço o trabalho dele e não imagino outra pessoa em quem confiasse e me desse uma resposta tão rápida. Se quiseses, depois podes trocar, mas esta primeira fase ficou assegurada.

Agradei a sua ajuda na situação da minha mãe.

O que me magoava era aquela expressão carregada de pena perante a minha cara com equimoses. No passado recente, desejei ser objeto do seu amor, naquele momento, preferia provocar-lhe qualquer outro sentimento, mesmo que mau, do que aquela compaixão.

Fez um pequeno sorriso, forçado e apreensivo, e eu só pensei em castigá-lo: por se ter visto livre de mim, por não me amar, pela figura triste que fiz no restaurante e, acima de tudo, por me tratar como uma pobre coitada.

Menti, porque, estupidamente, julguei que estar numa relação tornaria menos miserável a forma como me comportei quando ele terminou a nossa, e também a minha cara cheia de mazelas.

— Conheceste o Tiago? Parece que afinal encontrei alguém que não me acha um erro.

Passou a mão ao de leve nos meus cabelos desgrenhados e percebi que fora ingénua e infantil. Ele manteve o mesmo registo, de pesar e tristeza. Nem por um instante lhe notei irritação ou ciúme.

— Fizeste bem. Já passaste por muito, mereces ser feliz.

A médica recomendou-me dormir um pouco, mas o máximo que consegui foi perder a consciência por breves instantes e recuperá-la logo a seguir,

taquicárdica e com uma sensação de perigo iminente. Mesmo para alguém que convivia com maus-tratos desde que se lembrava de existir, seria necessária uma medicação mais forte para impedir o meu cérebro de reviver as últimas vinte e quatro horas num círculo masoquista.

Ouvir a voz de militar do Alex a garantir à enfermeira que não demoraria foi um alívio.

— Estive com a tua mãe, vai ser constituída arguida com termo de identidade e residência e vai voltar para casa hoje. Tive de ser um pouco duro, porque ela estava cheia de remorsos, a pensar que «se calhar» ele ia parar quando percebesse que não podias respirar. Não sei se ia ou não ia, nem interessa. Ela não pode dizer isso, tem de dizer que ele ia matar-te, e que não faltou muito.

O Alex era a pessoa ideal para me dizer sem rodeios tudo o que se passava comigo, nesse aspeto, confiava mais nele do que nas outras três outras pessoas que a Mariana convocara.

— Sabes se vou ter alguma sequela definitiva?

— Acho que não, tinhas costelas partidas e ar na pleura, que te comprimiu o coração. Estás a pensar em quê?

Estava a pensar no que mais amava fazer, o meu propósito, que aos onze anos me fez julgar que não sobreviveria se fosse rejeitada nas audições do conservatório.

— Não te preocupes, tanto o pulmão como as costelas vão cicatrizar. Conheci um tipo que teve um problema parecido por causa de um estilhaço de uma granada quando estávamos no Afeganistão. Está impecável e tu também vais ficar.

Podia ser dos analgésicos fortes, mas o Alex parecia-me alguém que qualquer pessoa gostaria de ter na sua vida, confiável e com bom carácter. A sorte esteve do meu lado no dia em que fiz a queixa.

Ele encolheu os ombros quando o mencionei, atrapalhado pelo acesso de emoção.

— Ah, pois, e tu a dares-lhe com a Tatiana. Bem, ponto de situação: a tua mãe estava insegura do que fez, e, para ser ilibada pelo artigo n.º 32 do Código Penal, legítima defesa de terceiros, ela tinha de estar certa de que precisavas de ser defendida. Tive de lhe explicar isso para ela não dizer nada que a venha a prejudicar.

Aquela conversa só podia ter sido um martírio para a minha mãe, que já devia estar destroçada.

— Ela pode ir parar à cadeia se não disser as coisas certas. Era importante

ela estar bem instruída. Ainda não se sabe se o teu pai se safa, disseram-me que as probabilidades são 50-50. Está cá. — Fez um sinal a apontar para o teto da enfermaria antes de continuar e a sua expressão ganhou um trejeito malvado. — Piso três, nos Cuidados Intensivos, ligado a um ventilador.

Suspirei, ao lembrar-me do sofrimento da minha irmã, que não queria que ele morresse.

— Não te arrependas do que fizeste. Eu compreendo-te. Há pessoas que conseguem fingir que está tudo bem, enfiam a cabeça na areia e seguem adiante. Depois há pessoas como nós. Precisamos de fazer alguma coisa, de uma maneira ou de outra. Espero que continues a escolher maneiras boas, gostei da tua canção, a Mariana mostrou-ma. E vais voltar a cantar, podes agradecê-lo à tua mãe e ao seu abridor de cartas. Ela contou-me que o tentaste vender várias vezes. Ainda bem que ela te impediu, valeu cada cêntimo que não recebeste.

Ele saiu e eu fiquei a pensar na minha mãe e em como aquele objeto, que eu menosprezei e tentei trocar por liquidez inúmeras vezes, acabara por me salvar a vida. Assim como a minha mãe, que durante toda a minha vida adulta eu julgara que precisava da minha proteção, também ela se revelara a minha guardiã naquele momento decisivo.

Tentei lembrar-me da última vez em que ela insistiu que queria manter o abridor na mesa da entrada porque era uma herança de família, em busca de algum indício de planeamento da sua parte, uma estratégia de último recurso, uma espécie de seguro ou premonição.

Seria possível que antecipasse que precisaria de o usar daquela forma? Seria possível que o tivesse ensaiado mentalmente centenas de vezes, ao lembrar-se dos gritos, dos insultos, de ser agredida, de ver a filha ser insultada e agredida? Teria sido premeditado? Mantê-lo sempre ali, quieto espetador, até ao dia em que o usaria?

Essa tarde fatídica seria um capítulo encerrado que ela nunca mais me permitiria visitar. Se eu adivinhasse, tê-la-ia obrigado a abrir-se mais na hora da visita no dia seguinte.

Encarou-me desolada, olheiras fundas e as rugas da testa marcadas, mas, assim que a sua mão acariciou o meu rosto, foi como chegar a casa depois de uma dura batalha.

— Como é que foi na polícia, mãe? Foi muito mau?

Fez um trejeito de águas passadas, a professora paciente de uma turma trabalhosa que não havia meio de aprender os tempos verbais.

— Os polícias foram muito corretos comigo. Só o teu amigo agente é que foi mais... pragmático, mas compreendi onde ele queria chegar.

Um suspiro meu, outro dela, outro onde quase cabíamos as duas e as nossas mágoas juntas.

— Como é que foste capaz?

O olhar sereno, dorido.

— Como é que não seria capaz? — Uma pausa, uma carícia, um quase-sorriso, triste e acolhedor. — Não existe nada que eu não sacrificasse para salvar a minha bebé.

O meu monstro

Teresa Genvellier

Queimo por dentro.

Sofro por ele e sofro porque não devia sofrer por ele.

Ele era um monstro, o meu monstro, o monstro das minhas filhas.

E também não o era. O único homem que amei, o meu marido, o pai das nossas meninas.

Nunca imaginei ver-lhe o sangue a lavrar o chão, fruto de um golpe desferido por mim. Pensei fazê-lo durante anos e décadas. Não sei como, nunca o imaginei.

Como também nunca saberei explicar porque fiquei, ou porque, depois de o deixar várias vezes, regressei outras tantas, com mais ou menos reservas, juras e promessas que ficariam por cumprir.

Porque o acolhi de novo depois de dois anos de liberdade, fingindo que não via o terror espelhado na minha Francisca, como uma premonição de morte.

Também eu deixei este mundo, fui morta durante todo o tempo que decorreu desde que os paramédicos anunciaram a ausência de pulso, lhe colaram autocolantes ligados ao aparelho e lhe pressionaram o peito ao ritmo de uma contagem.

Fui morta, pronta para ser enterrada, até voltar a ouvir o som do coração da minha filha. De todos os benditos sons maravilhosos com que ela me agraciou ao longo dos seus vinte e cinco anos, nenhum me tornou mais grata do que aquele.

Não foi Síndrome de Estocolmo, como a Cecília me diagnosticou e me mandou tratar, os modos impacientes para com a minha fraqueza.

Não fui capturada à força, ou pelos menos física.

Apaixonei-me.

Submeti-me a um jovem encantador, que me cortejava com flores e citações de Shakespeare na versão original.

Amoroso, meigo e gentil, até ao dia em que o desgostei com um comentário brincalhão acerca da hora tardia a que acordara. De forma quase instantânea, uma dor pungente no braço e o meu corpo derramado em cima da cama.

Estava grávida de seis meses da minha Francisca. A minha mente esvaziou-se, talvez para sempre, talvez por um mecanismo protetor da sanidade, talvez por um instinto arcaico de submissão. Não soube o que pensar enquanto ele me pedia perdão. Permaneci incrédula e em choque.

Assim me mantive, numa vida semiperdida, ou semivivida, em choque contínuo e persistente. Salvaguardando a dormência temporária dos comprimidos e a trégua da nossa vida em Lisboa, talvez nunca mais tenha deixado de o sentir. O choque, o luto pela vida que não seria minha, a sensação trágica da perda que nos recusamos a aceitar, a incongruência de acreditar num fundo bom que não se manifesta ou numa mudança que jamais acontecerá.

Será frequente, perder mais de duas décadas de uma vida, paralisada e em choque, crente numa mentira que nos degrada por fora e por dentro, ou serei um caso de estudo?

Muito mais do que o resto, foram as palavras que me domaram, ou não fosse eu de letras. Por tanto ouvir quão inútil era, como não prestava para nada, que nunca iria valer nada, nem fazer nada de jeito, fi-lo acontecer. Boicotei-me antes de fracassar, e um dos meus maiores receios fez-se verdade, tornando-me num fardo para a minha própria filha.

O meu outro receio, ainda maior, só não se consumou porque o transe da insuportabilidade me fez recuar à minha promessa, tão antiga que julgava apagada, do tempo em que ainda acreditava em promessas e me conotava valor.

As minhas duas mãos no ventre ainda plano, emoldurando o ser oculto em mim, jurei que o amaria e o defenderia com todas as minhas forças, as boas e más. Foi tarde, mas cumpri.

Dia I

Lisboa, 9 de janeiro de 2015

Só me interessava o julgamento e o seu desfecho.

O Alex explicara-me os procedimentos. Era um direito do réu, assim como meu, a queixosa, chamar qualquer pessoa para depor até um limite de dez, pelo que era compreensível que o Pedro aparecesse como testemunha arrolada pela defesa.

Retribuí a forma distante como ele me cumprimentou na sala de espera das testemunhas. Educado, polido e levemente incomodado, talvez por estar ali a perder tempo em vez de analisar as últimas tendências da bolsa.

Foquei-me no que era importante. Entrei na sala de audiências, ocupei o meu lugar e o juiz deu início ao julgamento lendo a acusação.

A procuradora do ministério público, a Dra. Juliana, sentada ao meu lado, expôs os factos a serem provados. O Sr. Luís Miguel Garcia, aproveitando-se dos poderes de ser meu superior hierárquico, aliciou-me para entrar na sua cabina sob o pretexto de conversarmos, com o intuito de cometer o crime de violação que fora por ele consumado. Durante o estupro, eu tentara defender-me e mordera-o no queixo, provocando uma ferida e depois uma cicatriz que era visível e fora fotografada pela polícia judiciária, representada pelo agente Alexandre Neto, naquele momento sentado atrás de mim.

Os advogados do Luís Miguel declararam que o réu era inocente. Houvera relações sexuais, mas consentidas. Como parte da estratégia para manter o emprego, eu entrara na cabina do Sr. Luís Miguel para o seduzir e o convencer a não me despedir. Depois de termos relações, quando ele me explicou que eram os seus superiores que iriam tomar a decisão de renovar o meu contrato na VFCruzeiros, eu enlouquecera e mordera-o, num ato de despeito e selvajaria.

Os seus advogados, ele tinha dois, estavam ambos muito confiantes após as

declarações iniciais.

A Dra. Juliana, nem tanto. O juiz era um homem de meia-idade, cujas tendências conservadoras eram conhecidas, e propenso a considerar existência de dúvida razoável quando o meu histórico amoroso fosse devassado.

A primeira pessoa a ser interrogada, o arguido, respondeu à Dra. Juliana e ao juiz com deferência, negando todas as acusações com uma expressão incrédula e ofendida, personificando um homem injustiçado, e não o monstro que me violara. Quando foi o seu advogado a pedir-lhe a versão dos acontecimentos, relatou a forma como o abordei, desinibida e cativante, para depois me introduzir na sua cabina, praticamente contra a sua vontade, e o instigar a termos relações. Eu era uma jovem ousada e sensual, e ele, apesar de amar a sua esposa e estar arrependido da traição, não me resistiu. Tinha conhecimento de que eu acumulara amantes durante o tempo em que trabalhei sob a sua alçada, por isso, não se surpreendeu com a minha mestria e ceder a termos relações sexuais.

Ao longo das suas declarações com a «versão real dos factos», a minha visão tornou-se cada vez mais desfocada, ouvia-o com menos nitidez e a náusea dos meus pesadelos instalou-se. Tentei aguentar-me, até que uma sensação de taquicardia tomou conta de mim, cada vez sentia batidas mais frenéticas, a cavalgar por mim numa exaltação crescente.

Não sabia quanto tempo os meus órgãos aguentariam aquela pulsação e passou-me pela cabeça que poderia morrer com um enfarte. E questioneimei-me, caso morresse na sala de audiências, o que aconteceria. O caso cairia por terra dado que não havia queixosa ou a procuradora continuaria a acusação e aumentariam as chances de condenação do Luís Miguel?

Uma mão pousou-se no meu ombro em sintonia com a voz do agente Alex no meu ouvido.

— Francisca, levanta a cabeça. O juiz já olhou para ti mais de três vezes. Se baixas outra vez a cabeça quando este gajo falar na tua direção, dás a ideia de estares a mentir ou comprometida com alguma coisa.

Espreitei o juiz de expressão fechada e imaginei com que ideia ele ficaria se eu caísse para o lado.

— Estou a ficar maldisposta e com o coração a bater depressa de mais. Estou a um segundo de vomitar...

O Alex interrompeu os meus lamentos sussurrados e passou-me um guardanapo para a mão.

— Limpa o suor da testa, sem o juiz ver. Se ele notar essas gotas, vai interpretar como um sinal de nervosismo próprio de quem não está a dizer a

verdade.

Não lhe perguntei que bolo aquele guardanapo teria embrulhado, mas, quando fingi baixar-me para apanhar o elástico do cabelo, senti migalhas a roçarem-me a pele.

— O Luís Miguel é que tem motivos para estar maldisposto e com o coração a bater depressa, porque está em risco de ir para a prisão como um violador. E na prisão, os violadores são a base da pirâmide e acontecem-lhes coisas muito más. Ele sabe disso e está borrado de medo. Mesmo quando olha para ti a contradizer-te, disfarça-o muito mal, sabes porquê? Porque é uma hiena covarde e sabe que o lugar dele é na jaula... — enchi os pulmões de ar e talvez tenha melhorado um pouco das náuseas — e tu, Francisca, és uma leoa que o vai meter lá dentro. É por isso que vais olhá-lo de frente.

O juiz apercebeu-se do bichanar atrás de mim, lançou-nos um olhar reprovador e o Alex recuou.

Eu, em vez de presa prestes a fraquejar, uma leoa. Da forma como o Alex falou, era possível acreditar que, mesmo que perdesse aquele julgamento, o Luís Miguel não me podia fazer mal. Só a sua lembrança na minha cabeça tinha esse poder, não aquele homem do presente, sentado no banco dos réus, a ocultar o medo de ir para a cadeia com uma expressão babosa para o juiz.

Melhorei, mas ainda não estava bem quando fui chamada para ser ouvida.

O juiz perguntou-me se precisava de uma pausa ou de um copo de água. Aceitei o segundo e a Dra. Juliana pediu-me que narrasse ao tribunal os eventos ocorridos na noite de 12 de agosto de 2013. Não foi tão difícil como esperava, relatar como o réu me subjugara à força, as frases horrendas que me dissera e a brutalidade com que me atacara, até os meus dentes se cravarem no seu queixo num acesso de desespero. O juiz e a Dra. Juliana interromperam-me algumas vezes, para que me explicasse melhor sobre algum pormenor que lhes parecia menos claro. Como o local onde ele me acertara com um soco, como me conseguira evadir, a distância que percorrera até à minha cabina e quem encontrara no caminho.

Seguiu-se o interrogatório do advogado principal do Luís Miguel, que perguntou se eu confirmava ter mantido relações sexuais com um «italiano de cabelo comprido», de maio a agosto de 2013, sempre que atracávamos em Roma. Se confirmava ter mantidos relações sexuais com um passageiro americano, Robert Stutton, em abril de 2013. Se confirmava ter mantido relações com o Sr. Diogo Baptista, o nadador-salvador do Rainha D. Amélia, em março de 2013. Se confirmava ter mantido relações com Bruno Gonçalves, o *sous chef*...

Só na terceira vez que a Dra. Juliana alertou o juiz para a irrelevância das perguntas é que ele instruiu o advogado de defesa para que se cingisse aos factos que eram matéria do julgamento. Perante a argumentação do advogado de defesa, alegando que a sua linha de interrogatório visava demonstrar a desinibição sexual da alegada vítima, o juiz considerou que ficara demonstrado e que poderia prosseguir.

Eu preferiria que ele tivesse continuado a questionar-me sobre esses homens com quem me envolvi e não me fizeram nenhum mal, em vez de insinuar, uma e outra e outra vez, com princípios de frases diferentes, que eu entrara na cabina do Luís Miguel para o convencer a termos relações sexuais. Foi um esforço quase sobre-humano, manter-me calma. O Alex fazia-me sinais de apaziguamento da primeira fila da assistência, mas à quarta vez que o advogado do Luís Miguel me perguntou se eu tinha a certeza de que não fora eu a iniciar o ato sexual, virei os olhos para o teto em busca de apaziguamento mental.

Quando encarei o juiz, receosa de que a minha reação lhe desagradasse, também ele demonstrava alguma impaciência ao notar ao advogado que já fizera inúmeras variações daquela pergunta.

O advogado pareceu surpreendido pela atitude do juiz e deu por terminado o interrogatório. Talvez não fosse esperado, depois de apresentado o meu rol de amantes, o juiz apiedar-se da repetição de perguntas a uma meretriz do meu calibre.

Terminadas as declarações do réu e da queixosa, seriam ouvidas as testemunhas da acusação.

A Dra. Juliana ponderou arrolar a minha mãe, para me humanizar como «filha» e contar como não me levantei da cama quando regresssei de Nice, mas desistiu depois de ponderar sobre o outro processo em que a minha mãe fora arguida, arquivado após o meu pai ter desaparecido do hospital aos quarenta dias de internamento. Eu suspeitava que a sua fuga se relacionava com uma visita do Alex, a informá-lo de que iria indiciá-lo por tentativa de homicídio e que estava a fazer grandes progressos no levantamento de fichas de atendimento nas urgências da nossa família em múltiplos hospitais do Norte do país.

A Dra. Juliana sugeriu convocar a Mariana, mas a contrapartida de ela me humanizar como «irmã» era submetê-la ao stresse de ser contrainterrogada e sentir-se culpada se eu perdesse, e não quis correr o risco.

O Tiago foi a minha primeira testemunha, enalteceu-me como se eu fosse a donzela mais casta de Braga e barricou-se sempre que o advogado de defesa o

tentava pressionar sobre as minhas tendências boémias.

— Não vale a pena insistir. Só tenho conhecimento da relação que a Francisca manteve comigo. Desde que ela veio para Lisboa com a mãe e a irmã, não soube de nenhum outro relacionamento da Francisca com ninguém.

Também não tiveram sorte com a Andreia, que referiu o meu pavor a vestidos, nem com a Marta, nem com o Júnior, que, como meu empregador no seu restaurante, gabou a minha atitude correta no trabalho e relações respeitosas com clientes e colegas.

Depois do seu depoimento, cerca das seis da tarde, o juiz interrompeu o julgamento. O perito forense e as nossas duas últimas testemunhas, a Filipa, assessora do Luís Miguel, e a Beatriz, a enfermeira que me vira correr em prantos com a boca ensanguentada, bem como as testemunhas da defesa, seriam ouvidas posteriormente.

A Dra. Juliana elogiava-me a estoicidade nas respostas quando um braço terno me rodeou por trás e me beijou os cabelos. A Dra. Juliana levantou a face e encarou-a com uma expressão contrita.

— Eu avisei de que não seria fácil.

A minha mãe assentiu, um gesto confiante que combinava com a carícia firme que me fazia nos ombros.

— Não faz mal, nós estamos habituadas. — Baixou um pouco a cabeça e o tom. — Espero que tenhas uma fotografia desse italiano de quem toda a gente fala. Quando eu chegar a Braga, vou ter a Mariana e a avó Angelina à minha espera para um relatório detalhado. Assim que lhes contar essa parte, a Mariana vai rogar-te pragas se não existir um registo visual sobre o qual elas possam opinar.

Tinha algo muito melhor do que uma fotografia, tinha um vídeo de ambos a cantarmos a *Creep*, dos Radiohead, na Piazza Mastai, onde eu sabia que o encontraria assim que o Rainha D. Amélia atracou em Civitavecchia. Ouvi os primeiros acordes assim que saí do autocarro e juntei-me à sua voz grave sem pedir licença. Os turistas à nossa volta adoraram o improvisado e que ele me desse um beijo na boca enquanto o público cantava o refrão sozinho, o que se notou no influxo de euros no seu chapéu para recolha de donativos.

«Un giro di applausi per il mio tesoro portoghese!»

Dia II

Lisboa, 23 de janeiro de 2015

O perito forense foi peremptório. A análise das fotografias que o Alex tirara ao Luís Miguel, de frente e perfil, com a cicatriz do queixo em grande plano, evidenciava que ambos teríamos de estar num plano horizontal. A nossa diferença de alturas e a forma como o ferimento se iniciava por baixo do lábio inferior, apontava para um ferimento defensivo, de alguém deitado de barriga para cima e com as mãos manietadas, o que fora exatamente o que acontecera.

O advogado do Luís Miguel deu voltas e voltas, até que o perito cedeu à sua pretensão, de que não era possível excluir, com cem por cento de certeza, um ferimento de ataque por alguém que estivesse com as mãos livres e deitado por cima do arguido, o que ficou registado nos autos.

A Filipa foi uma testemunha dúbia. Se por um lado revelou à Dra. Juliana que considerou bizarro ter de me obrigar a desembarcar em Nice com um envelope de dinheiro nas mãos, por outro, foi a primeira vez que tomou conhecimento de uma agressão de um empregado a um superior, pelo que se limitou a acatar as ordens do seu chefe.

Ela não notara nada de suspeito na atitude do Luís Miguel. Em relação a mim, pareci-lhe alterada e trémula, o que atribuiu ao meu despedimento tão abrupto.

As perguntas da defesa basearam-se sobretudo no seu conhecimento de homens com quem eu dormira. Eu devia ter sido mais discreta. Na altura, não imaginava que a veracidade das minhas alegações num tribunal seria considerada inversamente proporcional ao meu número de parceiros sexuais.

A enfermeira Beatriz foi um desastre. Não se recordava de me ter visto nessa noite a correr para a minha cabina, desvairada e a gritar que fora

atacada. Era possível que tivesse passado por mim, porque as nossas cabanas eram perto, mas nada lhe chamara à atenção nessa noite específica.

A Dra. Juliana não encontrou nenhuma contradição no seu depoimento e os advogados de defesa tornaram-na numa testemunha abonatória.

Conhecia o Luís Miguel há mais de vinte anos e podia atestar que ele era um marido carinhoso e um pai exemplar.

Imaginei que caminhava até à mesa do juiz, pegava numa das canetas e a espetava na mão que a Beatriz apoiava no braço da cadeira. Deixava a caneta ali cravada, até que ela se lembrasse do que tinha visto na noite em que fui violada. Quando dei por mim, eram as minhas mãos que estavam cravadas na mesa à minha frente, retirei-as para o meu colo e controlei-me até o juiz a dispensar.

As duas primeiras testemunhas da defesa eram homens teoricamente idóneos e respeitáveis, que garantiram que o seu colega de universidade e amigo de longa data possuía um moral irrepreensível e jamais cometeria o crime de que eu o acusava.

A terceira testemunha da defesa foi o informático dos sistemas do Rainha D. Amélia, o que até foi irónico. Em vez de chamarem um homem do Rainha D. Amélia com quem passei a noite, trouxeram um que o tentou várias vezes, sem sucesso.

O Sr. Engenheiro relatou factos de uma noite em que pernoitámos em Civitavecchia devido a um aviso de tempestade. O Sr. Engenheiro acompanhou-me a Roma depois das minhas atuações, a um bar de aspeto duvidoso, onde me viu em atitudes íntimas com o vocalista da banda que tocava ao vivo. Disse-lhe que voltasse sozinho e saí do bar com esse músico com quem provavelmente dormi.

Lembrei-me daquela noite e do querido Mattia, que, ao contrário do que fora dito, conhecera meses antes. Já tinha combinado ir ter com ele ao Sfortuna, um *pub*, assim que soube da tempestade, mas o informático colou-se a mim como uma sanguessuga, mesmo depois de o avisar que ia encontrar-me com um «amigo».

O Mattia parecia-se ao Eddie Vedder no tom de voz e nos cabelos compridos ondulados. Tocava-me canções italianas acompanhado com a sua viola, morava numa cave em Trastevere que cheirava a humidade e fazia uma *pasta al denti* de chorar por mais às quatro da manhã. Estivemos várias vezes juntos depois dessa vez, momentos bons e uma pausa na ansiedade constante da minha vida. Se voltasse atrás, não teria feito diferente. As horas passadas

na cave do Mattia compensavam o estrago na minha reputação.

O advogado de defesa perguntou ao informático se tinha conhecimento de mais alguma situação parecida, usou a expressão «um homem em cada porto» e a Dra. Juliana pediu a palavra.

— Se a estratégia da defesa constituía apenas em denegrir e desacreditar a queixosa, dado o facto de o réu ser culpado, seria melhor pouparem-se os presentes a mais interrogatórios irrelevantes para a matéria em causa. O réu ainda está a tempo de se declarar culpado e o ministério público pode considerar um acordo, poupando tempo ao meritíssimo juiz e recursos do erário público.

Não valia a pena eu acrescentar que não ficara no «porto» do Mattia porque tinha uma família para cuidar.

Numa das últimas vezes em que estivemos juntos, ele queria que eu me despedisse, ficasse a viver com ele em Roma e nos desse uma oportunidade.

Se eu não tivesse as duas pessoas mais importantes da minha vida a meu cargo em Lisboa, talvez tivesse aceitado a proposta do Mattia. E em vez de estar naquele tribunal, onde dissecavam a minha vida amorosa, estaria em Roma. Não teria sido violada. Eu e o Mattia iríamos editar um álbum de originais e fazer uma digressão...

Segredei à Dra. Juliana, no caso de ela o querer usar, que aquele informático não gostava de mim porque o rejeitei.

— Não te preocupes. Podia tê-los calado há mais tempo, mas resolvi dar-lhes corda para se enforcarem. O juiz é conservador, não é burro.

A seguir, dirigiu-se ao informático numa expressão afável.

— Senhor Engenheiro, consegue dizer-me a idade aproximada desse italiano com quem a vítima abandonou o bar em Roma?

— Não sei ao certo. Vinte, vinte e cinco anos.

— Sabe se ele era casado? Esse italiano? — O informático encolheu os ombros e a Dra. Juliana acrescentou. — Se tivesse de arriscar? Tendo em conta que ele se mostrou em poses amorosas com a queixosa no bar onde cantou. Poderiam lá estar pessoas amigas, conhecidas e até uma possível esposa? — Perante o silêncio da testemunha, ela ajudou-o a decidir-se. — Provavelmente não, não lhe parece? — Assim que ele concordou, voltou à carga. — E que idades têm o nadador-salvador Diogo, o *sous chef* Bruno, o Vasco, oficial radiotécnico, e o turista americano?

— Creio que também têm à volta dessa idade.

— Sabe se são casados?

— Penso que não.

A seguir, apontou para o Luís Miguel, ao lado dos seus advogados.

— E o réu? Sabe que idade é que ele tem? — Perante o seu gesto de negação, a Dra. Juliana ajudou-o, benevolente. — Quarenta e seis anos. Sabia que ele é casado?

— Sim.

— Portanto, se pensasse em todos os homens que a defesa tão diligentemente compilou para nós, com quem a vítima teve atitudes amorosas, algum deles tinha mais vinte anos do que ela? Ou era casado? Que se tenha conhecimento? Diga alto, por favor, para ficar nos autos.

— Não.

— Do seu conhecimento de causa, que parece ser bastante, algum desses homens com quem ela se relacionou, de alguma forma, direta ou indireta, podia trazer-lhe algum benefício, material ou de outro tipo? — Fez-lhe um pequeno sorriso, como se estivesse solidária com o seu embaraço. — Dizer-nos que ela seria a pessoa que mais depressa receberia respiração boca a boca em caso de afogamento na piscina do Cruzeiro D. Amélia não conta como o tipo de benefício em que estamos a pensar.

Perante o seu gesto de negação, a Dra. Juliana repetiu a ordem.

— Responda alto, por favor.

Eu olhava tão embevecida para a Dra. Juliana, que nem me apercebi de o juiz ter anunciado uma pausa de meia hora.

Encaminhei-me para a sala de espera, onde a Beatriz se despediu do Luís Miguel e dos seus advogados, para depois ter a audácia de se dirigir a mim.

— Espero que não fiques com ressentimentos pelo meu testemunho. Não te quero mal, aliás, desejo-te tudo de bom, mas isto é uma acusação muito grave e não podia deixar o Luís ir para a cadeia. A mulher dele é uma das minhas melhores amigas e madrinha da minha filha. Isto iria dar cabo dela e dos miúdos.

Se aquela era a sua tentativa desastrada de sair daquele tribunal a sentir-se bem consigo própria, eu não iria cooperar.

— Não sabia que tinhas uma filha. Como é que ela se chama?

A voz dela ficou muito menos firme, quase em falsete.

— Madalena.

— Espero que nunca lhe aconteça o que me aconteceu, mas, se acontecer, espero que esteja lá alguém como tu, a atestar que não viu nada.

As suas narinas dilataram-se e a postura mudou, já não era a mesma mulher que pedia concórdia e ausência de ressentimentos.

— Estás a desejar mal à minha filha?

Eu também não desejava concórdia, nunca a perdoaria.

— Claro que não, porque não me aconteceu nada, eu estava ótima quando passei por ti. Foi o que acabaste de jurar em tribunal, não foi?

O Alex apareceu ao meu lado, pediu licença à Beatriz e levou-me.

— És uma vítima, comporta-te com tal, a última coisa que podes fazer é arranjar escândalo no tribunal. A Beatriz não é uma testemunha-chave. Aquele tipo é, tenho a certeza. Os advogados e o próprio Luís Miguel tratam-no nas palminhas, como se ele fosse um salvador de porcelana. Ele é perigoso, deixaram-no para última testemunha e eu não consigo perceber o porquê. Fala-me dele.

Detestei ver o Pedro à beira do Luís Miguel, como se a proximidade entre os dois o manchasse não só a ele, mas também a tudo o que vivêramos juntos. Eram a antítese um do outro, por dentro e por fora. O Pedro tinha uma postura reta, quase altiva. O Luís Miguel tinha os ombros descaídos, a coluna curvada e um tom de pele macilento.

No meu imaginário, eles nunca coincidiriam como parceiros da mesma equipa, nunca se cumprimentariam com um aperto de mão como os vira fazer, nem nunca estariam do mesmo lado. A nuvem de nojo que emanava do Luís Miguel conspurcava todos os nossos momentos juntos, os ternos, os divertidos e os maliciosos. Interrompi os meus pensamentos perante o olhar impaciente do Alex.

— Não sei o que te diga. Achas que ele é perigoso porquê?

— Porque ando a observá-lo, quando te cumprimenta, conversa com as nossas testemunhas ou com as do Luís Miguel. Já ando cá há uns anos e é raro ver alguém assim. Não mudou as feições com nada do que lhe foi dito, por ninguém, uma única vez. Parece que está a assistir a um documentário sobre o cultivo de batatas.

— Sim, isso pode ser muito irritante nele. — Encolhi os ombros, porque não era só isso que era irritante, estar próximo do meu violador ainda era mais. — O Pedro é jogador de *poker*, deve ser por isso.

O Alex bufou perante a minha explicação simplista e sussurrou-me impaciente.

— Não pode ser só isso. Este gajo tem uma agenda. Fizeste-lhe alguma coisa de mal depois de ele acabar contigo?

Neguei todas as hipóteses que me apresentou. Não lhe fiquei com dinheiro, não o traí, não falei especialmente mal dele a ninguém, só à Vicky e à Andreia, e com razão, por me ter descartado num restaurante, e a cobardia ao despedir-me. Não diminuí o tamanho do meu membro sexual, não critiquei

a sua virilidade. As insinuações do Alex começaram a enervar-me demasiado e resolvi acabar com aquela conversa perturbadora.

— O Pedro também tirou o curso de direito e exerceu durante algum tempo. Se calhar, é por isso que o tratam bem, ele e o advogado podem conhecer-se da universidade ou desses tempos. Para de ser paranoico. Eu e o Pedro namorámos durante uns meses. Foi bom, até ao dia em que o meu pai me magoou no pescoço e eu fiquei tresloucada. Gritei-lhe como se fosse ele o culpado e parti-lhe coisas. Destruí-lhe uma mala de *poker* e uma bússola que era do pai. Uns dias depois, acabou comigo, mas não me pediu o dinheiro das coisas que lhe parti, nem me descontou do ordenado quando me despediu. Só o voltei a ver no hospital e não me pareceu que estivesse zangado, só com pena.

— Só lhe partiste coisas? Não o atacaste, nem o mordeste? Pensa bem, Francisca, não queremos ser apanhados de surpresa.

Contraí o rosto numa careta de arrependimento e o Alex exalou ruidosamente.

— Mordeste-o, claro que mordeste. É isso. Estamos lixados. Achei que tínhamos uma hipótese de condenação. Contra tudo o que seria expectável, o juiz gosta de ti. Quando estavas a demonstrar as apostas, ele tentou imitar-te com a caneta e ficou impressionado com a tua rapidez.

— Não o mordi a ele. — Resumi-lhe a história da dentada ao Augusto e o Alex recuperou algum ânimo, o seu instinto não pressentia que o problema fosse por aí.

— Se calhar, estamos fodidos; se calhar, não estamos. Vamos ver.

O Alex estava certo. Assim que entrámos, o advogado de defesa chamou o Dr. Pedro Couto a depor como se ele fosse a personalidade do ano e, enquanto ele percorria a sala, o Luís Miguel olhava-o com uma expressão grata.

Todo o meu corpo se contraiu perante aquela interação não verbal. Senti-me fraca e traída, por ele e por mim própria, porque não me impedi de pensar em como o Pedro, assim que afastado do Luís Miguel, recuperava a sua aura.

Estava impecável, de fato azul-escuro e camisa branca, a imagem acabada de um homem distinto. Eu, que me imaginara uma leoa, não passava de uma idiota ao contemplá-lo.

Matei as lágrimas e lembrei-me da querida Vicky. O nosso amor era como as árvores. O amor deles era como as flores.

— Pode dizer-nos quando é que a alegada vítima, Maria Francisca Cunha Duarte, começou a trabalhar para si?

— Contratei a Maria Francisca Cunha Duarte para cantar às quartas-feiras e aos sábados, de novembro de 2013 a junho de 2014.

Eu odiava o Cunha Duarte que herdara do meu pai, só usava o Genvellier. Ele já o soubera, mas esquecera-se, ou, mais plausível dada a cadeira onde estava sentado, era-lhe indiferente o que me magoava.

— Era, portanto, o seu empregador.

— Sim, era.

— E mantiveram relações sexuais durante esse tempo em que ela trabalhou para si?

O Pedro apoiou os cotovelos nos braços da cadeira e juntou os dedos à frente do peito, neutro e desprendido, tal qual o Alex o descrevera, a ver o documentário das batatas.

— Não me parece que essa expressão seja correta. Eu diria que algum tempo depois de nos conhecermos, eu e a Francisca começámos a namorar.

O advogado ficou surpreso, como se não fosse a resposta que, esperava, mas recuperou a compostura de imediato.

— E porque é que terminou a relação?

— Terminámos ambos, de comum acordo. Pretendíamos seguir caminhos diferentes.

Outro momento de desconcerto.

— Essa sua decisão, de querer seguir um caminho diferente, terá sido influenciada ao tomar conhecimento da natureza... — fez uma pausa calculada em que todas as pessoas na sala ouviram a palavra promíscua — boémia e despreocupada, por assim dizer, da alegada vítima.

O Pedro encarou o advogado de defesa com a cumplicidade dos amigos de longa data. Senti que um pedaço de mim agonizava e percia.

— Não, de todo. Foi porque eu sentia falta da minha liberdade.

A Francisca que eu conheci não era boémia nem despreocupada, pelo contrário, era extremamente medrosa e arisca. Uma vez vi-a roer as unhas até fazer sangue, cheia de medo, antes de se encontrar com um homem a quem queria vender um relógio. Saía do clube logo a seguir a atuar, e, quando chegava à esquina, desatava a correr até ao metro como se estivesse a ser perseguida por cães selvagens. Um dos meus seguranças chamou-me à atenção para esse facto e na noite seguinte fui vê-la. Depois de assistir ao *sprint* que ela fazia em direção à estação de metro, tão desautinada que até corria o risco de ser atropelada, tentei convencê-la a ir para casa de táxi, mas foi difícil,

porque ela tinha medo de se meter num carro com um desconhecido. Só aceitou quando lhe garanti que a nossa rececionista apontaria a matrícula do táxi que a vinha buscar, e a Francisca não saía do clube sem confirmar que ela tinha a matrícula apontada, às duas e três vezes.

O advogado interrompeu-o com brusquidão, a camaradagem desvanecida.

— No entanto, isso não impediu que «namorassem»?

— Não, não impediu, mas dificultou bastante e foi muito complicado, sobretudo ao início. — Virou o rosto na direção do juiz, que o instigou a continuar. — Às vezes ainda me pergunto como tive paciência para lidar com todos os testes absurdos que ela me fez, como se até prova em contrário eu lhe fosse fazer mal. Chegou a pedir-me que a deixasse em casa e depois telefonou-me para regressar, só para ter a certeza de que eu não a atacaria se me rejeitasse.

O advogado fervia por dentro, aproveitou a pausa do Pedro e mudou a linha do interrogatório de forma radical.

— Pode falar-nos de atitudes agressivas da queixosa? Dentadas, para ser mais específico?

A resposta ia ser péssima para o meu caso, porque o Augusto não me tinha tentado violar ou fazer mal, mas talvez as respostas anteriores equilibrassem aquela.

— Não sei a que se refere, a Francisca nunca me mordeu. Nem nunca demonstrou nenhuma tendência para a agressividade.

— Não exatamente a si, mas a alguém que conheça ou com quem ela trabalhasse? Teve conhecimento de algo assim?

Alguém me tinha denunciado, ou então o advogado era especialista em comportamento humano e na repetição dos padrões de defesa. O meu padrão era morder. Sustive a respiração enquanto esperava que o Pedro mencionasse a marca roxa no braço do Augusto.

A visão das suas feições a olhar-me continuava a atravessar-me até à medula da minha pessoa pateta. Fez um pequeno trejeito de repúdio antes de responder.

— Não tenho conhecimento de que a Francisca andasse à dentada a ninguém. Como já referi, nunca assisti a nenhum comportamento agressivo da parte dela, só a comportamentos amedrontados.

Era impossível que se tivesse esquecido do incidente com o Augusto e com o Martim, ambos no mesmo dia.

— E uma dentada num funcionário seu? Num impulso de fúria porque ele a contrariou?

— Não me recordo de nada assim.

Enquanto mentia, o Pedro era a personificação da calma e da honestidade. Falara verdade quando assumiu que era imbatível no *bluff* e nunca demonstrava as cartas que tinha.

O advogado voltou a repetir a pergunta, o juiz indicou que a testemunha já respondera e a Dra. Juliana levantou-se.

— A obsessão com esta segunda linha de interrogatório só demonstra que a defesa agora quer forçar a ideia de que a acusante era agressiva, para mascarar que a dentada no réu se tratou de legítima defesa de uma jovem em sofrimento, vítima de um crime hediondo. Não foi apresentada nenhuma prova de que a vítima alguma vez tenha usado a sedução para conseguir qualquer benefício ou violência quando contrariada. Foi despedida do restaurante do Sr. Júnior dos Santos e também do clube do Sr. Pedro Couto e nenhum dos dois mencionou nem um ato de violência.

A seguir, sentou-se e apertou-me o ombro, fingindo consolar-me.

— Isto foi muito bom. Nunca vi um advogado dar um tiro no pé tão grande com uma testemunha.

Os astros alinharam-se para a Dra. Juliana no contrainterrogatório. Tomados por uma força síncrone, ela e o Pedro dançavam com as frases. Uma dança onde nenhum dos dois hesitava ou mostrava emoção. Ele adivinhara tudo o que o se dissera sobre mim e relatava a antítese da minha *persona* no Rainha D. Amélia.

— Tivemos várias testemunhas antes de si que, apesar da irrelevância para o crime em si, não mostraram essa faceta medrosa da Maria Francisca. Pelo contrário, relataram vários encontros amorosos, incluindo desconhecidos no estrangeiro, durante o período em que ela trabalhava no Rainha D. Amélia. Tem alguma declaração a fazer sobre isso?

Reprimi o impulso de me levantar e ser eu a protestar que a pergunta não era relevante. Se ele ficara na sala das testemunhas para não ouvir o que se dissera sobre os meus amantes, não havia necessidade de a Dra. Juliana lhe contar.

— Gostava de ter conhecido essa mulher de que falaram aqui. Consigo imaginar que a Francisca tivesse essa personalidade, destemida e confiante, mas a mulher com quem estive era outra pessoa, muito diferente. Conheci-a sempre alerta, esquiva, receosa de que eu ou de que outro homem lhe fizesse mal. Talvez um dia ela volte a ser assim, despreocupada e tranquila, ou talvez já não seja possível. Há males que depois de feitos não podem ser desfeitos.

A Dra. Juliana ficou em silêncio um longo momento, em aparente reflexão na sua última frase.

— A Maria Francisca alguma vez lhe contou que foi vítima de um crime de violação?

Ele assentiu, ligeiramente contrito, mas não demasiado.

— Sim, contou-me algum tempo depois de estarmos juntos. Uma rapariga que também trabalhou no mesmo cruzeiro apareceu no Álibi e estiveram algum tempo a conversar. Depois, chamaram-me à casa de banho e encontrei-a sentada num cubículo, tão pálida que parecia que ia desmaiar. Convenci-a a apanhar ar e levei-a para casa. Ela contou-me durante a viagem e assim que chegámos vomitou.

A Dra. Juliana não fez mais nenhuma pergunta, o julgamento acabou e eu senti que não podia ser.

Era demasiado cedo. Não podia ser.

Ao mesmo tempo que era uma bênção aquele massacre sobre a minha pessoa chegar ao fim, não ter de relembrar mais pormenores daquela noite nem olhar para o Luís Miguel, a disseção daquele momento avassalador, que me alterara em definitivo e me faria diferente para o resto da vida, não poderia ter acontecido em apenas dois dias.

Entrei em pânico. Era impossível ter sido só aquilo. Inaceitável. Algo ficara por dizer, algo crucial. Era só o que eu pensava. Faltava algo. Precisava de algo. Algo que nunca iria alcançar.

A sentença foi proferida duas semanas depois. Contrariamente ao que lhe pedi, a Mariana faltou às aulas da faculdade e veio de comboio com a minha mãe. A parte má foi resignar-me a que a minha irmãzinha já não acatava as minhas decisões; a parte boa foi entrar no tribunal com elas.

Uma muralha, três corpos tornados num, que avançou sem quebrar passo até à sala onde seria proferida a sentença. Uma muralha com fraquezas, que se reerguia e se defenderia sempre.

Elas nunca me faltariam e isso era algo que nenhuma sentença me poderia tirar, foi o que pensei quando o juiz começou a folhear a pilha de papéis onde constava a decisão.

Culpado.

A Dra. Juliana apertou-me o braço numa celebração discreta da vitória. Queria ter retribuído, agradecido a sua eficiência e dedicação, mas continuei estática, na dúvida, reticente.

Continuei atenta, à espera de que nas frases seguintes se desse o dito por não dito, que o meu comportamento fosse causa de reavaliação, ou a boa conduta do réu para com a comunidade reparasse o que ele me fizera.

Não aconteceu. Condenado a pena de prisão efetiva.

O Luís Miguel iria para a cadeia, consideravam-se provados os crimes de que eu o acusava, ocorridos na noite de 12 de agosto de 2013 no Cruzeiro Rainha D. Amélia. A noite e o local onde morreu a pessoa que eu fora e não voltaria a ser.

Foi nesse momento que fiz o luto por essa Francisca sofrida pelo passado, mas ao mesmo tempo inocente, que entrara numa cabina a pensar que, se bebesse um copo, poderia evitar um despedimento.

Perdoei-a e despedi-me dela. Nunca a iria esquecer e o que lhe aconteceu iria assombrar-me para a vida, mas deixei-a ir. A culpa não foi dela, nem dos seus vestidos curtos.

Eu sobreviveria. Tinha-as comigo, uma entrelaçava os dedos nos meus e a outra acariciava-me o ombro, encarando-me, apreensiva, estranhando a minha quietude inapropriada, ainda sentada quando toda a gente abandonava a sala.

— Eu estou bem, mãe.

Um dia seria verdade.

Até já, Alex

O Alex recostou-se na cadeira com os braços atrás da cabeça.

— Condenado a três anos de cadeia. Nada mau. Confesso que não esperava este desfecho. Foi do melhor que tenho visto. Claro que eles vão pôr um recurso atrás do outro. É possível que consigam diminuir a sentença e vai demorar tempo, mas duvido que ele se safe sem conhecer uma cela no Linhó.

O Alex escusava de a repetir, sabia aquela sentença de cor. Escrevera-a à saída do tribunal, com medo de mais tarde me confundir.

Quatro dias depois de a transmitir à Tânia, chegou à receção do grande hotel um pequeno embrulho para mim. Continha um saco de alfavaca e um cartão de papel com uma fotografia dos noivos, e, no verso, escrito a esferográfica dourada: «Justiça. O melhor presente de casamento que eu podia desejar. Nunca imaginei que fosse possível. Obrigada.»

Tirei o cartão da minha mala e mostrei-o ao Alex, porque os louros também lhe pertenciam.

— Eu tenho um sexto sentido, aprendi-o no jiu-jítsu. E como te disse, o dono da discoteca foi a testemunha-chave. Tive a certeza disso, só não sabia se o golpe seria a nosso favor. O gajo dava um bom infiltrado, só não percebo porque o fez. Um advogado cometer o crime de perjúrio, que pode ser apanhado se esse Augusto abrir a boca, sem ser para se beneficiar, só por pena? — Passou a mão pela cabeça quase rapada, como se lhe faltasse a última peça do *puzzle*. — Bem, o que interessa é que o Luís Miguel vai para a cadeia e a seguir não te esqueças de que vamos atrás da VFCruzeiros.

Assenti e ficámos num silêncio confortável. Já não éramos a queixosa e o agente, tornámo-nos próximos. «Pessoas como nós», que não enfiavam a cabeça na areia.

— O que é que andas a fazer aqui pelo Algarve?

Estranhara o seu pedido para nos encontrarmos, quando ele sabia que dentro de poucos dias eu estaria de férias. Antes de ir para Braga, ficaria uns dias em Lisboa, na casa da Andreia, iria encontrar-me com um produtor musical e prestar declarações para o Alex instruir o processo contra a

VFCruzeiros. A empresa que durante a investigação do meu processo dificultou o fornecimento dos dados das mulheres despedidas durante o período em que o Luís Miguel foi responsável pelos recursos humanos.

— Estou em trabalho, ando atrás de uma rede de leste que traz mulheres para «trabalhar em bares» e lhes fica com o passaporte. Já ouviste falar deste clube de *striptease*?

Peguei no cartão de visita que me estendeu, com a palavra Vamp em letras cor de vinho e uma figura feminina estilizada. Pensei que talvez ele precisasse da minha ajuda e senti que estava disposta a fazê-lo. Obter justiça era uma sensação demasiado boa, poderia tornar-se viciante.

— Nunca ouvi falar, mas posso ir pedir emprego como cantora e tentar descobrir alguma coisa.

Retirou-me o cartão e voltou a guardá-lo.

— Esquece, eles não precisam de cantoras, o negócio deles é outro. Não quero que lá vás, pelo contrário. Quero que memorizes bem este nome para nunca te aproximes deste lugar. Se alguém te falar neste sítio, desconversas, afastas-te dessa pessoa e ligas-me a contar. E se alguma vez precisares de ajuda por algum motivo e não me conseguires contactar, porque é possível que em breve faça um trabalho infiltrado em África, vais a uma escola de jiu-jítsu em Benfica e pedes para falar com o Evandro. Podes confiar tanto nele como em mim. — Fiquei confusa com tantas diretrizes, mas antes que lhe perguntasse se ficaria muito tempo em África, ele concluiu. — Mantém-te sossegada neste hotel e rodeia-te de pessoas que te tratem bem. Já te chega tudo o que te aconteceu, percebes isso?

Tive a certeza de que não era só a mim, a ele também já lhe chegava o que fosse que lhe tivesse acontecido.

— Porque é que fazes isto, Alex? O que é que te aconteceu?

Tirou uma nota da carteira, pousou-a em cima da mesa e levantou-se.

— Tive uma irmã, mas agora já não tenho. Cuida da Mariana e da tua mãe, e já agora, de ti também.

Mentiras

Estava a passar uns dias em casa da Andreia. O Jaime estava a ver um filme de desenhos animados e nós estávamos na mesa de jantar. Eu e a Vicky debatíamos as características do dador de esperma que a Andreia deveria escolher caso avançasse para o tratamento de inseminação. A Vicky era a favor de um dador com genes nórdicos, um metro e noventa, atlético, olhos azuis e cabelos louros. Eu era contra, argumentando que, apesar de o pai do Jaime ser um traste, a Andreia deveria escolher um dador com as mesmas características latinas para os irmãos serem parecidos.

Como os meus argumentos convenciam a hipotética futura mãe, a Vicky provocou-me só para não assumir a derrota.

— Pois é, meu amor, já me esquecia que preferes latinos. O teu atual também é moreno? Quando é que nos apresentas esse Tiago?

Depois de um momento de estupefação, questionei-a sobre quem lhe falara no Tiago, apesar de no meu íntimo já o saber.

Ela tentou evadir-se, mas a Andreia ajudou-me, nós é que éramos as suas amigas e era de nós que ela não podia guardar segredos.

— Está bem! Sim, foi o Pedro. E para que conste, o Pedro também é meu amigo, uns amigos não excluem outros. Vocês hoje estão terríveis...

Ela ainda não tinha visto nada, porque pouco depois estava a ceder novamente.

— Estávamos numa festa, e que festão! O encerramento do Náutilos na praia da Falésia. Tudo em altas, um jantar magnífico, *shots*, champanhe à discrição.... Enfim, a loucura. E no meio disto, vi o Pedro, que já tinha passado o jantar com cara de mono, sozinho de copo na mão, assim mais afastado e a olhar para o mar. Fui ter com ele. Somos amigos, percebem isso?

— Abriu os olhos no fim da interrogação retórica, justificando a sua aproximação ao homem que me fizera chegar a sua casa a chorar. — Além disso, aquilo era numa «falésia», daquelas mesmo altas. De repente, do nada, ele estava ali sozinho. Fiquei com medo de que ele se atirasse e se me matasse ali, como o outro. Vocês sabem que estes homens não dão sinais nenhuns,

num momento estão bem e no outro... — Fez uma pausa e suspirou ao de leve antes de continuar. — Adiante. Perguntei-lhe se ele estava bem, disse-me que sim, não acreditei e perguntei se estava com problemas financeiros. O Álibi está sempre composto, mas ele passa a vida a jogar e a investir na bolsa e, às vezes, basta um pequeno revés, perder algum dinheiro, os homens são muito frágeis e não aguentam. Só queria ficar descansada e voltar para a animação toda que estava ali a acontecer mesmo atrás de nós. Ele estava com os copos, porque me abraçou todo trapalhão, até me entornou metade do *gin* em cima daquele meu vestido de seda cor de salmão. Não me largava, a dizer que estava bem de finanças, que me adorava e que eu tinha um coração de ouro. — Revirou os olhos como se de uma ofensa se tratasse. — Estava mesmo bêbedo! Eu, um coração de ouro...

— E onde é que entra o Tiago nessa história?

— Ah, sim, depois de eu me desembaraçar dele e de lhe pedir para não me entornar mais *gin* para cima, perguntou-me se eu tinha estado contigo nos últimos tempos e se já conhecia o teu namorado Tiago. Respondi que não, e talvez ele me tenha pedido... assim, mais ou menos... Para eu tentar saber se vocês estavam bem, se eras feliz com ele, essas coisas... — Fez uma pequena pausa acompanhada de um pequeno encolher de ombros. — Algo que eu não fiz, até hoje, para descobrir que lhe mentiste...

Enquanto eu tentava justificar a minha infantilidade com as drogas muito fortes para as dores, a Andreia continuava a pressioná-la, alegando que a conhecia bem e ela não nos tinha contado tudo.

Ocorreu-me que o Pedro poderia ter uma doença grave e incurável, estar de casamento marcado ou ter decidido vender tudo o que possuía e ir dar a volta ao mundo num barco à vela, passando pelo tal cabo Horn, que era muito perigoso...

— Foi ele que contratou a agente Daniela, pronto, estás feliz?! Tinha-lhe prometido que guardava segredo! — A seguir, encarou-me, menos hostil. — Contratou-a porque queria tirar-te de Lisboa. Como não aceitaste aquela proposta fora do país, ele acabou o namoro e despediu-te, para te forçar a ir para o Algarve. A ideia dele era ir ter contigo pouco tempo depois e contar-te, mas as coisas precipitaram-se com a tua família.

Quase instantaneamente a ouvi-la, antes sequer de o meu cérebro apreender a informação, as lágrimas já me corriam pelas faces, mais rápidas do que qualquer raciocínio. Voltei para o restaurante onde ele me magoara tanto. Mentira-me, com tanta frieza e tanto desapego. Não era possível alguém ser assim, de pedra, em vez de carne e sangue a pulsar.

«Apesar de tudo, isso faz mais sentido para mim do que a despedir à cobarde», dizia a Andreia. «O Pedro não existe, só ele», acrescentava a Vicky. «Até estou arrependida de o ter andado a tratar mal nos últimos tempos, se fosse outro já me tinha despedido a mim também», um pequeno silvo da Andreia. Ouvia-as ao longe, até que me insurji.

— Ele é um mentiroso. Um mentiroso mau e insensível. Desrespeitou-me e fez-me sofrer. Tratou-me como se eu não fosse capaz de decidir o que era o melhor para mim.

Não me ligavam e mantinham conversas paralelas. A Andreia recriminava a Vicky por não nos ter contado mais cedo e ela defendia-se com a promessa de guardar segredo que fizera ao amigo. Como se o mais importante não fosse condenarem-no pela dor que me causou.

— O que é que interessa se a Vicky não contou antes? O que ele fez foi desprezível, e magoou-me muito. Ele é um mentiroso! Não se pode acreditar em nada do que ele diz! — A Andreia deu-me razão. «Tu também lhe mentiste», acusou-me a Vicky. «Foi diferente, já não estávamos juntos», defendi-me e acrescentei, dramática e apelativa. — No meu julgamento, ouvi-o jurar pela sua honra que só contaria a verdade e ele fartou-se de mentir!

Finalmente, a expressão da Vicky tornou-se bastante reprovadora.

— A sério? Prejudicou-te?

— Não.

As suas vozes voltaram a mesclar-se. «Os advogados não têm honra, toda a gente sabe isso. Por acaso, o irmão da Alice parece ser boa pessoa, e tem charme. Vicky, tu não precisas de outro amigo colorido. Era de loucos se o Pedro te fosse prejudicar em tribunal, enquanto anda a pagar à Daniela. Para onde é que era a oferta no estrangeiro que recusaste? Quanto é que uma agente musical ganhará? Os homens fazem todo o tipo de coisas loucas e repentinas, é de os instigarem a reprimir as emoções na infância, depois não funcionam bem da cabeça. Uma agente não deve ganhar muito com cada músico. Para onde é que não quiseste ir? Diz lá, para onde é que era?»

— Madrid.

«Madrid de avião é mais rápido do que o Algarve de carro», dizia a Vicky. «Estás a esquecer-te das duas horas que passas no aeroporto», replicava a Andreia.

Tapei a cara com as mãos. Aquela conversa teria de ficar por ali, elas não davam valor aos meus sentimentos, nem eram razoáveis, nem o acusavam com o fervor que seria adequado.

Iria acabar por me zangar com as minhas amigas. E precisava de as calar

para também calar a minha angústia prestes a atingir níveis insuportáveis.

Usei o meu treino de compartimentação mental e fechei o assunto Pedro num canto da minha mente.

— Chega, por favor, não aguento continuar esta conversa. Querem ouvir uma ideia que eu tive? Eu sei que é ingénuo da minha parte achar que a poderei realizar só porque tenho um encontro com um produtor musical, ao qual já nem sei se vou, porque a minha agente afinal me andou a enganar, mas ouçam isto.

Era utópico, como um sonho deve ser.

Um sonho de pessoas que não enfiam a cabeça na areia.

Verdades?

Estava a dar o lanche ao Jaime. Ele preferia que fosse eu a dar-lhe as refeições, porque se divertia a adivinhar se seria ele ou eu a comer o que estava na colher. Podia já estar quase na sua boca e entrar na minha, ou vice-versa. Aquela maçã assada com mel e canela estava deliciosa, parecia-me demasiada quantidade para o miúdo e estava a ficar-lhe com uma em cada três viagens, mas o Jaime era tão generoso que continuava a achar-me graça.

Ouvi o intercomunicador e a seguir a Andreia.

— O Pedro está lá em baixo, a dizer que não lhe atendes o telemóvel, nem respondes às mensagens, desde ontem. Pergunta se podes descer e falar com ele.

Traidora da Vicky. Duas horas depois de nos ter deixado, o meu telemóvel começara a tocar.

— Disseste que eu estava aqui?

Olhou para mim como se fosse óbvio que o dissera, porque eu estava.

— Ele agiu mal e magoou-te? Sim. Podes não o desculpar? Podes. Podes recusar-te a ouvir o que ele tem para dizer? Também podes, mas não devias, porque tu não és assim. Muito mais importante do que tudo isto: podes despedir a Daniela amanhã, mas hoje vais ao jantar com ela e o tipo da editora. Se há alturas em que o orgulho poderia passar a chamar-se estupidez, esta era uma delas.

Queria tê-la contrariado, mas era muito difícil fazê-lo quando ela usava aqueles modos sensatos e lógicos de quem tinha razão.

— Tenho de acabar de dar o lanche ao Jaime. Ele vai ficar sentido comigo se me for embora a meio.

Deixou-nos para regressar logo a seguir.

— Disse ao Pedro para esperar quinze minutos. Deve ser o tempo que tu demoras a acabar de lanchar a comida do meu filho.

Senti-me uma abusadora, mas não pude explicar-lhe que era uma brincadeira e só estava a exceder-me naquela maçã porque me parecia muita quantidade.

— Não te preocupes, eu já faço a contar com vocês os dois. Ele adora-te, sua comilona.

Virei-me para o Jaime, muito orgulhosa por ser objeto da sua afeição. Eu adorava-o mais.

— Ouviste bem, meu lindo? A tua mãe faz comida para nós os dois. Somos praticamente irmãos. É bom ires aprendendo a partilhar, para quando chegar o bebé. — Terminei com uma piscadela de olho que o fez sorrir.

— Por amor de Deus! Que história maluca é essa!? Eu tenho trinta e oito anos, na melhor das hipóteses, podias ser minha sobrinha, filha de uma irmã muito mais velha!

Dei mais uma colherada ao Jaime e certifiquei-me de que ele engolia tudo antes de pronunciar a sua palavra favorita.

— Tretas!

Ele riu-se, tal como eu previra, e eu prolonguei-lhe a gargalhada com umas cócegas infalíveis entre as costelas.

— Tu sabes que eu sou a tua irmãzinha mais velha, não sabes? Eu sei que tu sabes.

Desci antes de passarem os quinze minutos, assim que o Jaime se deu por satisfeito.

Mesmo não me sentindo preparada, teria de ouvi-lo, quanto mais rápido, menos doloroso, como quando se descola um adesivo agarrado à pele. Era-me indiferente que ele o quisesse fazer em sua casa e acedi a que me levasse. A escolha do lugar não alterava o mal que ele me fizera.

Começou com rodeios. Não queria que eu tivesse descoberto por outras pessoas. Queria ter sido ele a contar-me, fora esse o objetivo desde o início, a Vicky atraíçooara-o.

Afastou uma cadeira para eu me sentar, passei a mão pelo tampo de madeira da mesa da sala e ignorei a contração no meu peito.

— Ia decidido a contar-te no hospital, mas depois olhei para ti e perdi a coragem. Bloqueei ao ver-te. Nunca me senti tão impotente. Disfarcei a mexer nos medicamentos e a falar sobre o advogado para a tua mãe, e depois tu contaste-me do Tiago. Que tipo de pessoa seria eu se te dissesse a verdade naquele momento e te puxasse o tapete outra vez? Alguém que não valia nada, mas acredita em mim, bicho, não havia nada que eu quisesse mais.

Iria ouvi-lo, mas havia um limite para o que eu podia tolerar.

— Não me voltes a chamar bicho.

Assentiu, fechou os olhos e contraiu a face, como se uma dor interna o afligisse, o que era justo, tendo em conta tudo o que me fizera sofrer.

— Não imaginas o que me custou. Não queiras saber a falta que me fazias.

Queria ter falado mais baixo, serena e lógica como a Andreia, mas não estava ao meu alcance.

— E agora deveria acreditar no que dizes? Depois de seres um falso e um manipulador, agora transformaste-te numa pessoa que diz a verdade? Já não dizes mentiras? Não respondas, é indiferente, não vou acreditar.

A sua expressão contrita transformou-se e o tom de voz grave também se tornou mais enérgico e firme.

— Eu digo-te no que podes acreditar: fiquei apavorado quando te vi a sangrar do pescoço. Voltei a ter doze anos e ao dia em que o diretor da escola me foi chamar à sala, porque a minha mãe estava no seu gabinete e tinha uma notícia triste para me dar. Há vinte e três anos, era uma criança, não pude impedir o meu pai de ir velejar sem colete numa tempestade, mas contigo...

— interrompeu-se para morder os lábios enquanto me fixava. Depois, continuou, cada vez mais confiante, como se me pudesse imputar responsabilidade pelos seus enganos. — Tu recusaste-te terminantemente a viver comigo. Ias voltar para casa com ele até a Mariana ir para faculdade ou sabe-se lá quando, porque depois não ias deixar a tua mãe. Convençi a Daniela a recomendar-te para o Wha em Madrid e tu rejeitaste! — Abrandou o ritmo antes de concluir. — Só te irias embora se precisasses de dinheiro para garantir a ida da Mariana para a faculdade.

Saber como usara os meus pontos fracos agravou-me a sensação de fúria e de desgosto.

— Tu és teimosa de mais! Não podia aceitar que corresses perigo. Não podia aceitar que ele te fizesse mal, bicho.

Ouvi-lo dizer bicho outra vez, com aquele acento íntimo e terno, foi como se o tempo não tivesse passado. Abriu de rompante todas as feridas que eu julgara ter começado a sarar, deixando-me a sangrar por dentro.

— Nunca mais me chames isso, perdeste esse direito quando me manipulaste.

Respirou fundo, comprimiu os lábios numa linha fina e voltou àquele seu modo de choque, ou impotência, eu já não sabia, porque também me sentia em sobrecarga, o pensamento revoltado e desorganizado.

— Desculpa, Francisca. O meu plano era ir ter contigo ao Algarve e contar-te. Demorei a decidir-me porque tive medo de que voltasses logo para casa assim que descobrisses, e, no meio da minha hesitação, aquela tragédia aconteceu. Apesar de nunca ter deixado de pensar que ficarias melhor com alguém mais novo, porque daqui a uns anos posso ser demasiado velho para

tí, desde que te conheço, nada me importa como tu.

A sua respiração tornou-se agitada e superficial, caótica como a minha. Não sei quanto tempo demorou até que os movimentos do seu peito se tornaram mais regulares e se voltou a dirigir a mim.

— Francisca, estou a dizer a verdade, juro que não há nada que eu queira mais na vida do que ver-te feliz. A Daniela contou-me que tens uma proposta para editar a *Sem Medo*. Podias voltar para Lisboa e para o Álibi.

Inspirei e expirei várias vezes para me acalmar. Funcionou em parte, porque consegui impedir-me de agarrar nos seus óculos pousados na mesa e atirá-los para longe. Controlei-me com a técnica de contar mentalmente que uma terapeuta ensinava no YouTube: Um, dois, três, quatro, cinco...

— Não, isso não vai acontecer.

— Não estou a falar de voltares para mim, apesar de o querer, mais do que tudo. Estou a falar de voltares para Lisboa e para o teu lugar no Álibi.

Sete, oito, nove...

— Claro que sim, venho amanhã, para correres comigo quando te der na gana por causa de outro plano que te lembraste de fazer.

Um olhar recriminador, como se eu o estivesse a injustiçar.

— Não me deu na «gana». Demorei tanto tempo a encontrar-te... Não podes imaginar. Não podia arriscar que o teu pai te fizesse mal. Mas certo, mereço essa resposta.

Merecia essa e muitas outras, mas temi que, se as comesse a verbalizar, não houvesse contagem que me fizesse parar.

— Eu aprendo com os erros, acabaram-se os planos e as mentiras, para sempre. Podes confiar em mim. E o mais importante: não é só para o Álibi. É para as tuas amigas. Para a boca de trapos da Vicky, que eu pensei que era minha amiga, mas afinal é mais tua. E para a Andreia, que não me dirige a palavra além do essencial. Acho que ela só não se despediu porque é difícil arranjar outro emprego onde consiga ir buscar o Jaime às três da tarde e ficar com ele até à hora de dormir. Para o Jaime, que faz uma festa de cada vez que te vê. Para o António e para o Augusto, que nunca me disseram nada, mas arrasam com qualquer cantora que venha atuar no teu horário. Sobretudo o António, está a ficar velho e um rabugento insuportável. Já paguei bastante pelo que te fiz.

Enquanto ele continuava, fixei-me nas veias de mel das suas íris e uma vontade avassaladora de me atirar ao seu peito tomou conta de mim. Era real, aquele sentimento demolidor. Uma combustão interna, paralisante, que me cobria de ânsias e plenitude e mágoa e prazer, até se libertar pelos poros.

Amor, o mesmo sentimento aditivo que arruinara a vida da minha mãe.

Amor.

Fui incapaz de lidar com aquela nova espécie de medo.

Levantei-me e fui-me embora.

Paredes-mestras da minha existência

Não interessava que fosse apenas durante o resto das férias. Estava de volta.

A minha mãe e a Mariana recuperaram a nossa cidade e, mais importante, recuperaram a avó Angelina.

Nós as quatro juntas no seu apartamento na Avenida Central era um sonho tornado realidade.

A minha Avó Natália, tornara-se numa reclusa desde o escândalo do filho predileto. A minha mãe e a Mariana foram visitá-la uma vez, pouco depois de chegarem. Primeiro, gabei-lhes a bondade, depois, fiquei a saber que nunca mais lá voltariam porque ela destratara a minha mãe de traidora, cobra, maligna e provavelmente outros impropérios que elas não quiseram repetir.

A Mariana também recuperou o seu cão zarolho no canil municipal. Aos outros, perdeu-lhes o rasto. Convencemo-la de que foram adotados porque eram bonitos e recebiam carinho noutras famílias. O que até era vantajoso, tendo em conta que a energia do cão zarolho a correr pelo soalho de madeira em intervalos aleatórios dava conta dos nervos da avó Angelina, somando a um gato coxo que a Mariana encontrou na rua e se assanhava contra o cão zarolho durante os episódios de corrida.

Depois do almoço, deixámos a avó Angelina a dormir a sua sesta.

«Lá estão vocês! Eu não durmo, só descanso um bocadito os olhos enquanto ouço a Júlia Pinheiro», levámos o cão zarolho para ele gastar energias e sentámo-nos na nossa esplanada preferida da Praça da República.

A Mariana foi buscar os três cafés, desenvolta e emancipada, uma entre iguais. Nunca mais lhe ocultaríamos conversas ou evitaríamos assuntos para a proteger.

A minha mãe cumprimentou uma conhecida que passava, olhou em volta, vigilante, e enfiou a mão na mala, como se estivesse a traficar um artefacto proibido.

Deixei-me hipnotizar pela visão, mesmo que não conhecesse o seu porta-chaves de pele com letras douradas, reconheceria as chaves, a comprida do portão, a espalmada com pequenos furos da porta da frente, duas mais

vulgares para a lavandaria e entrada das traseiras.

— Querem lá ir? — Perguntou baixo, embaraçada por expressar aquela vontade ou por tê-las guardado durante todo aquele tempo.

A Mariana pegou-lhes, eu respondi.

— A casa agora é do banco e está para leilão. Não deve restar nada das nossas coisas. Só lá estão as paredes.

A Mariana levantou-se ao mesmo tempo que guardava as chaves no bolso de trás das calças.

— Vamos. Nós vemos as paredes e o *Lucky* mata saudades de escavar nos canteiros.

Eu e a minha mãe trocámos olhares enquanto a seguíamos. A nossa Marianinha, a mandar em nós.

Atravessámos o jardim, o cão desatrelado a cheirar todos os recantos que outrora lhe pertenceram. A Mariana abriu a porta, a casa devolveu-nos um cheiro que não era nosso, pó, humidade e abandono. Abri o quadro elétrico e carreguei no disjuntor, mas a luz não funcionava e fomos abrindo portadas. Se os vizinhos reparassem, pensariam que algum consultor imobiliário andava por ali.

O salão parecia ainda maior, sem as vitrines das pistolas antigas, a mesa comprida e as cadeiras de espaldar. Só sobrava o lustre no teto, abandonado pelo restante mobiliário.

— Quando a Francisca era pequenina, também tirámos as mobílias todas, para fazer uma festa inspirada no ano novo chinês. O vosso pai mandou forrar os tetos com lanternas vermelhas, encomendou os nossos trajes numa loja em Londres e até veio um grupo de dançarinos que moviam um dragão de tecido que deslizou pela casa toda.

As excentricidades do meu pai haveriam de ter sido engraçadas, até que o deixaram de ser.

Subimos ao 1.º andar. A Mariana entrou no quarto e abriu as persianas para a varanda.

— Lembras-te quando o Tiago montou aqui uns cabos para me levarem ao concerto do João Pedro Pais?

Deixei-a a apreciar a antiga vista e fui encontrar a minha mãe no seu antigo quarto, com uma chave de parafusos que pelo visto também trouxera na mala, a desmontar um dos candeeiros de parede que outrora iluminavam a cómoda.

— Estava com esperança de que eles ainda aqui estivessem. Estes apliques eram da minha avó, vou levar um para mim e o outro para a Cecília.

Segurei nos apliques em bronze até ela cortar os fios com uma tesoura de unhas e ajudei-a a acomodá-los num saco de compras com que também se preparara para aquela incursão mais do que premeditada. Deixei-a a inspecionar as restantes divisões e entrei no meu quarto, vazio, além das prateleiras com papéis mal semeados, provavelmente partituras que não me apeteciam revisitar.

Nada me suscitou interesse. Talvez o meu apego não se aplicasse a espaços físicos, ou, pelo menos, não àquele específico.

Desci a escada e atrevi-me a olhá-lo diretamente, o degrau dos meus pesadelos. Também não senti nada.

Quis certificar-me de que aquela mudança era real e fiz a experiência. Podia ser apenas uma ilusão por o ângulo não ser o mesmo. Caminhei até à entrada que dava para a sala de estar e posicionei-me no ponto onde eu estava quando a cabeça da minha mãe o rasou. Nada.

Aquele degrau voltara a ser apenas um degrau, uma parte da escada.

Foi libertador rodeá-lo de longe e demorei-me naquele estranho prazer.

Aquela transgressão valera a pena. Felizes aqueles para quem um degrau é apenas um degrau.

Ouvi barulhos no jardim e receei que alguém tivesse entrado, um vizinho zeloso ou alguém da imobiliária. Afinal, era o cão, a arrastar uma raiz seca dos arbustos ao pé da garagem. Lembrei-me da Mariana, com seis anos, a enfaixar-se neles e ficar embebida nas folhas, no dia em que herdou a minha bicicleta sem rodinhas.

Começámos na ponta, junto ao portão, eu a segurar no selim e ela aos gritos.

«Não largues, Kika. Não largues. Ainda não laaarrrgues!» Ela pedalou sozinha um metro ou dois, até guinar e se enfiar canteiro adentro. Não demorou a levantar-se, as calças de fato treino cor-de-rosa tingidas com óleo de corrente, o sorriso sem os incisivos de cima. «Viste, Kika?! Viste mesmo?! Já sei andar na tua *bicileta* sem rodinhas!»

A porta de correr da garagem não cedia, mas eu insisti, animada pela probabilidade de aquela relíquia mútua ainda estar por ali. Usei o peso do corpo, sujei-me toda, mas consegui entrar. Passei pelos caixotes dos enfeites de Natal e tralhas várias, até que a encontrei, coberta de teias de aranha e atrás do cortador de relva avariado.

Resgatei-a com a ajuda da Mariana, a minha mãe não conseguiu entrar na garagem, depois ter visto uma sombra que poderia corresponder a um roedor.

Reagrupámo-nos no alpendre, coladas umas às outras, os corpos delas

paredes-mestras da minha existência. Nunca mais regressaríamos, sabíamos disso, mas não sobravam lágrimas para derramar.

Chegámos a casa da avó Angelina cada uma com o seu espólio. A Mariana com o cão zarolho pela trela, a minha mãe de saco de compras com os apliques para ela e para a prima Cecília, eu, de mãos cinzentas, a empurrar a pequena bicicleta que chiava enquanto derramava ferrugem pelo soalho.

A avó Angelina fazia perguntas. A Mariana troçava do grito da mãe e do salto que ela dera a seguir. A minha mãe negava a rir.

Só aquilo.

Não precisávamos de mais nada.

Nós.

Livres.

Sem medo.

Como só me atrevi a imaginar numa canção.

Epílogo

Não sei qual será o meu carma numa próxima vida. Nesta, é definitivo que são contas, pagamentos, movimentos e saldos.

Fiz uma festa ao *Zarolho* velhote, que já não faz corridas aleatórias porque passa os dias a dormir. Estiquei-me no sofá com o portátil, entrei no *site* do banco e revi as doações que recebi na última semana. A saúde financeira do abrigo que fundei com a Vicky não está por aí além, mas tínhamos o suficiente para nos mantermos a funcionar.

Realizei o meu sonho utópico e, além de cofundadora, a Vicky é também uma generosa contribuidora, apesar de me dizer que se fez de boa samaritana porque gostava de aparecer nas revistas e tinha bom retorno com clientes para a empresa de comunicação. Tudo teatro só para me atormentar, porque ela passa ainda mais tempo do que eu com as mulheres que nos pedem apoio.

Tínhamos onze residentes, metade delas com filhos menores, dos dezanove aos sessenta e sete anos. Nunca é tarde para «nos cansarmos de ser saco de pancada e disfarçar olhos negros» dissera-nos a dona Isilda, quando chegou com um saco de plástico com duas mudas de roupa, a única coisa que trouxera da casa onde sofreu abusos durante mais de quarenta anos.

Entre apoios a fundo perdido, doadores beneméritos (a maior fatia) e uma percentagem do caché das minhas atuações ao vivo, a última no Theatro Circo, em Braga, a mais bonita sala de espetáculos do país, e quase ao nível de Wembley, possuía liquidez suficiente para não me preocupar com as despesas fixas nos cinco meses seguintes.

O Abrigo Sem Medo foi a minha maneira de não enfiar a cabeça na areia, como o Alex dissera, e ajudava a fazer-me feliz nos quarenta por cento que eu podia mudar, esperava que a sua, em Portugal ou em África, um dia também o fizesse feliz.

Não via o Alex há algum tempo, desde que andava infiltrado em África numa operação em parceria com a Interpol, mas cada vez me fazia mais sentido o que ele me disse no hospital. «Pessoas como nós precisam de fazer alguma coisa, de uma maneira ou de outra.»

Não conseguimos provar uma política de encobrimento da VFCruzeiros e os advogados do Luís Miguel interpuseram três recursos para o tribunal da relação. A sentença acabou por ficar reduzida a três meses efetivos de cadeia e o restante em pena suspensa. «Este país é uma anedota», foi o comentário do Alex quando a decisão transitou em julgado.

Esperava um dia voltar e encontrá-lo e dizer-lhe que seguira os seus conselhos.

«Em tempos, tive uma irmã, mas agora já não tenho. Cuida da Mariana e da tua mãe.»

Desde que a avó Angelina fora para junto do seu adorado Francisco enquanto dormia uma sesta da qual não acordou, a minha mãe morava comigo e, finalmente, arranjava um emprego. Era minha funcionária e a melhor angariadora de patrocinadores endinheirados que eu poderia desejar. O seu apelido, maneiras finas, discursos estruturados e gramaticalmente perfeitos eram um conjunto matador que levava os empresários mais empedernidos a passarem-nos cheques que descontavam nos seus impostos.

De momento estava no Porto em trabalho, também ela uma espécie de agente infiltrada, só que numa convenção de construtores imobiliários. A organização, em troca de uma pequena participação minha noutro evento, cedera-nos meia hora para ela apresentar o nosso projeto e angariar o máximo de euros que conseguisse. Teresa Genvellier tornara-se numa Robin dos Bosques de saltos altos, com a sua retórica exemplar a fazerem as vezes de arco e flecha. Também se divorciara, litígio por cônjuge ausente, porque o meu pai, fazendo jus à sua natureza covarde, nunca mais aparecera. O Alex seguiu-lhe o rasto até Espanha e desconfiava de que ele apanhara um barco para a Argentina, mas desistiu porque precisava de autorização superior para acionar mais meios. O desaparecimento do meu pai negou-nos justiça contra ele, mas também ilibou a minha mãe, poupando-a à prova de resistência que é um julgamento.

A minha irmã, pelo contrário, só usava roupas velhas para não estimular a indústria poluidora da moda, o seu paradeiro era incerto e o telemóvel quase sempre incontactável.

O «campo» de Portugal não lhe chegou, trocou as *Gazelle* por umas botifarras impermeáveis e passa os dias e as noites no interior dos bosques da Nortúmbria, a trabalhar para uma organização ambiental do Reino Unido.

Está decidida a cumprir o seu propósito de vida — salvar a vida selvagem e a biodiversidade, a começar pelo esquilo-vermelho, em risco de extinção. Eu

não podia estar mais feliz por ela, continuava a mandar-lhe áudios e recebia outros em troca, onde a ouvia falar horas a fio sobre como usaram câmaras e balanças camufladas para descobrir que os esquilos-vermelhos eram mais leves do que os esquilos-cinzentos, e que isso iria permitir fazerem uns comedouros seletivos para os esquilos-cinzentos e dar-lhes pílulas contraceptivas, o que diminuiria a competição e a pressão no *habitat* que eles faziam aos esquilos-vermelhos.

Quando vinha para minha casa, a Mariana também passava tempos sem-fim a pregar a importância da biodiversidade, radiante com o projeto da pílula para os esquilos-cinzentos fêmeos. Eu não ouvia tudo em relação aos esquilos, mas não perdia pitada do seu entusiasmo a falar nos comedouros, as faces tão afogueadas como quando devorava algodão-doce na festa do S. João de Braga.

Paguei o ordenado da cozinheira e senti-o passar atrás do sofá. Desalojou o gato coxo, que batizei de *Slash*, de cima das minhas pernas e levantou os meus pés para se sentar.

Demorei vários meses a perdoá-lo. Ele manteve-se sempre presente, em telefonemas e aparições, para saber como eu estava, e eu não o afastei.

Pedi-lhe que me analisasse o contrato da editora discográfica antes de começar a gravar a *Sem Medo* (só porque ele era licenciado em direito e não me ia cobrar), voltei para o *Álibi* com um contrato de trabalho sem-termo, elaborado pela Andreia, arranjei um estúdio na rua dela e deixei-o ajudar-me com a montagem de alguns móveis que comprei. Via-o a fazer caretas engraçadas enquanto rodava os manuais de instruções, e o medo daquela sensação avassaladora obrigava-me a reprimi-la. Tanto a mutilava como a procurava vezes sem conta para me afogar naquela carência, um náufrago que recorda terra firme.

Atuei seis vezes até que ele se dirigiu a mim, quando me preparava para sair.

— Já chega.

Pelo olhar fixo, não tive dúvidas a que se referia.

— Como assim?

O seu braço rodeou-me a cintura puxou-me para si.

— Não aguento mais isto. Eu sei que errei, mas, por favor, bicho, chega. Já me castigaste muito estes meses todos.

Não consegui dizer-lhe que não me chamasse bicho, nem que não estava a castigá-lo. Ele já tocava com os lábios no meu pescoço, senti-lhe a voz e os

beijos no corpo todo e o meu coração disparou, ávido e descontrolado, como se aquela voz no meu ouvido fosse a sonoridade que lhe faltava aos batimentos, um ritmo integrante da sua vibração.

— Volta para mim, Francisca. — Senti-o reverberar antes de ouvir as palavras, como se o som também partisse de mim.

A sua boca estava na minha e colou-me ao seu corpo até não existir mais nada. Os meus passos seguiram-lhe os lábios até à sua sala, e, daquela vez, ele usou mesmo a chave para a trancar.

Suspendeu as juras de amor e as carícias para me emoldurar o rosto, o olhar de âmbar reluzente.

— Vais voltar para mim?

— Não podemos só ficar juntos esta noite e depois logo se...

A sua expressão tornou-se solene e os olhos labaredas que me queimavam por dentro.

— Não, não podemos.

O tempo parou, suspenso do fogo que me ardia no peito.

— Sem mentiras.

«Sim. Prometo-te.» E a sofreguidão que ele continha libertou-se. Sedento e urgente, amor e desejo, aventura e abrigo. Enquanto me beijava, enquanto caminhava, enquanto me deitava no sofá.

Senti-o acariciar-me as pernas por baixo da manta.

— Bicho, ela herdou a tua energia.

Cinco dias depois de a minha filha Mariana nascer, sentei-me na sanita com o intercomunicador que estava ligado ao seu berço e não parei de chorar durante uma hora. Todos os pensamentos que tentara afugentar durante nove meses a sugarem-me por dentro.

Como é que me atrevera, eu, a filha do meu pai, a pôr um ser humano no mundo? Pobre bebé Mariana, talvez fosse por saber a verdade sobre os seus antepassados que chorara até às duas da manhã na noite anterior. Como é que eu me atrevera a gerar um ser que ia depender de mim, da minha capacidade de amar e de me controlar?

O intercomunicador acendeu a luz vermelha e comecei a ouvir os gorgolejos que ela fazia antes de despertar completamente, reprimi um novo soluço e liguei à psicóloga que me acompanhava desde que regresssei a Lisboa.

Precisava de uma consulta urgente, mas a Dra. Sílvia estava de férias, assim que chegasse passariam o meu recado.

Voltei a ouvir os mesmos barulhinhos no pequeno aparelho que segurava na mão direita e senti uma onda de bem-querença invadir-me, um néctar que me devolvia a razão. Eu tinha o meu pai dentro de mim, mas também tinha a minha mãe, a minha doce e corajosa mãe, que sacrificara o homem que amava para me salvar.

Ela prevalecera sobre ele, e também prevaleceria dentro mim. Soube-o ao retirar a minha filha do berço e ao deliciar-me com o seu cheiro bom, a leite, a pele e a amor incondicional.

Voltei de novo ao presente, ele sinalizou a minha barriga grande e acrescentou num tom decidido.

— Depois deste, ficamos por aqui. A Mariana obrigou-me a contar-lhe três vezes a história do rato *Fiquico* antes de dormir.

Ela fazia o que queria dele, bastava-lhe um pequeno beicinho e tinha-o aos seus pés, era delicioso vê-lo sucumbir. Respondi-lhe com o sotaque carregado que já quase perdera, mas que gostava de visitar só para o provocar.

— Logo se *bê*.

Tirou-me o computador, puxou-me para si e tentou um sotaque igual ao meu, que nunca conseguiria replicar.

— Não se *bê* nada. Eu estou a ficar *belho*.

As palavras tomavam-me por inteiro. Soava a amor, a palavra que já não me amedronta. O nosso não é doença, nem guerra, é paixão, caminho e futuro.

Mostrei-me compreensiva e retirei-lhe os óculos que ele usara para ler o rato *Frederico*.

— Coitadinho, o meu *velhote* já não consegue fazer bebés.

Não me deixou continuar a gozá-lo e, com cuidado para não me esmagar a barriga de sete meses, encaixou-me uma perna de cada lado da sua cintura.

Houve algo no modo cauteloso como me tocou que me lembrou uma noite vários anos atrás, ambos exatamente naquela posição.

Lançou-me o seu olhar que dissolvia matéria ao percorrer-me a pele com as pontas dos dedos.

— Agora, sou obrigado a mostrar tudo o que o velhote é capaz. Não vai adiantar dizeres que estás grávida e que precisas de descansar. — Ameaçou-me baixinho, grave e irresistível, na curva do meu pescoço. — Quando a Mariana acordar a pedir o biberão, ainda vou estar a devorar-te.

A sua voz plena de sentimentos bons, alguns platónicos e outros opostos.

— Lembras-te da primeira vez que vim para casa contigo e estivemos aqui?

Eu a querer mandar em tudo?

Uma névoa ensombrou-lhe o rosto.

— Claro que me lembro. Só pensei que queria impedir o que tivesse acontecido para te deixar tão medrosa. Ainda hoje...

Cobri-lhe a boca com os dedos. Só nos queria ali a nós, ao nosso passado e ao futuro.

— Nessa noite, escolhi o caminho das amendoeiras em flor.

Ouve no Spotify
as músicas de

O
som
em
mim

Contents

1. [Descolagem](#)
 1. [Braga, 23 de outubro de 2011](#)
2. [Uma pequena luz interior](#)
 1. [Lisboa, 13 de novembro de 2013](#)
3. [Regras de gramática](#)
4. [Contrato](#)
5. [Meios de transporte](#)
6. [Avó Angelina](#)
 1. [14 de dezembro de 2013](#)
7. [Demissão](#)
8. [Torturar a alma](#)
9. [Revoltada até à medula](#)
10. [12 de agosto de 2013](#)
11. [Uma pedra contida por elásticos de alta tensão](#)
12. [Bicho](#)
13. [Alea jacta est](#)
14. [Teste](#)
15. [Concordamos que discordamos](#)
16. [Instintos de sobrevivência](#)
17. [Produto](#)
18. [Defesa em habitats desfavoráveis](#)
 1. [Mariana](#)
19. [Vidas passadas](#)
20. [Tânia](#)
21. [Queixa](#)
22. [O sangue que me corre nas veias](#)
23. [A cicatriz](#)
24. [Estranho e frio](#)
25. [Bailando](#)
26. [Poker](#)
27. [O avô Quim Beto](#)
28. [Amor nos tempos de cólera](#)
29. [Como o cancro](#)
30. [Sem Medo](#)
31. [Armistício podre](#)
32. [Vicky](#)
33. [Braga](#)
34. [Melita](#)
35. [A inevitabilidade](#)

- 36. [Consequências da inevitabilidade](#)
- 37. [Vale do Lobo](#)
- 38. [Dois espectros do mesmo mal](#)
- 39. [Deixada para trás](#)
 - 1. [Mariana](#)
- 40. [Pessoas como nós](#)
- 41. [O meu monstro](#)
 - 1. [Teresa Genvellier](#)
- 42. [Dia I](#)
 - 1. [Lisboa, 9 de janeiro de 2015](#)
- 43. [Dia II](#)
 - 1. [Lisboa, 23 de janeiro de 2015](#)
- 44. [Até já, Alex](#)
- 45. [Mentiras](#)
- 46. [Verdades?](#)
- 47. [Paredes-mestras da minha existência](#)
- 48. [Epílogo](#)

Landmarks

- 1. [Cover](#)